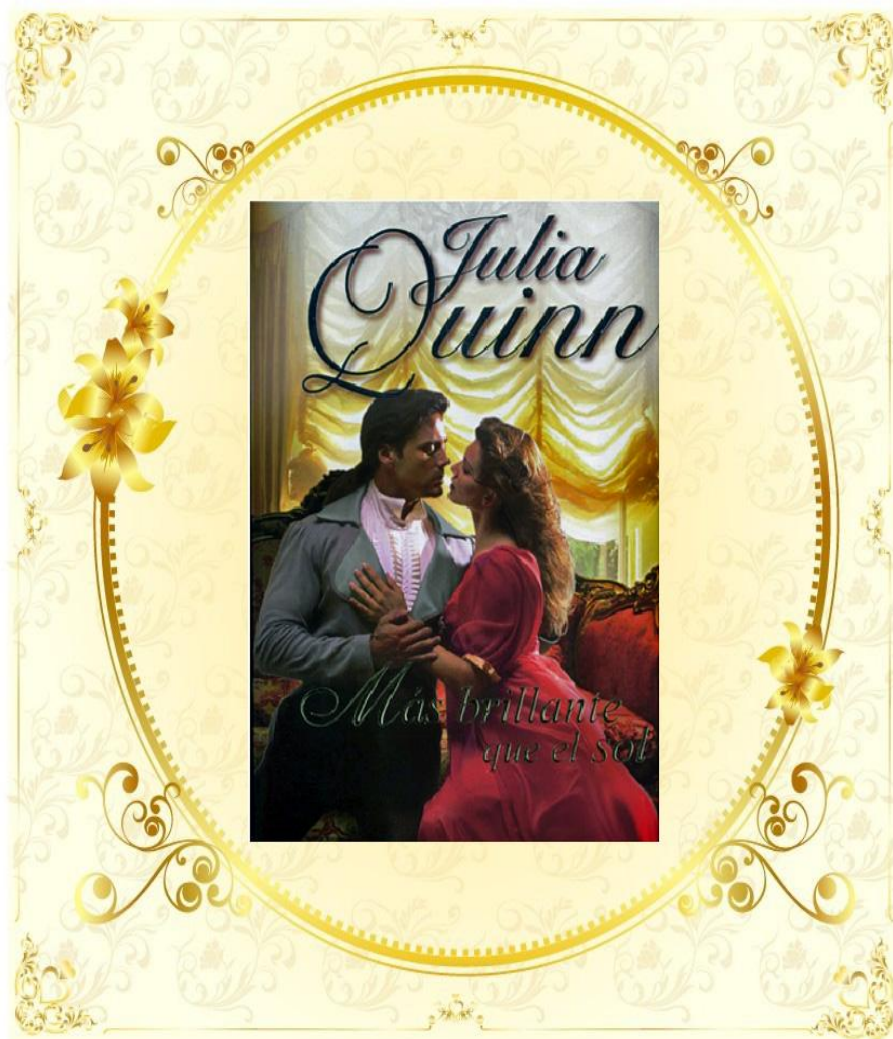




JULIA QUINN

CAPÍTULO 01



*Kent, Inglaterra.
Outubro de 1817.*

Eleonor Lyndon estava pensando em suas coisas quando Charles Wycombe, conde de Billington, caiu, literalmente, em sua vida.

Ela ia caminhando, assobiando uma alegre melodia e tentando calcular mentalmente os benefícios anuais de East & West Sugar Company (da qual tinha algumas ações) quando, para sua maior surpresa, um homem caiu do céu e aterrissou a seus pés ou, para ser mais preciso, em cima de seus pés. Quando prestou um pouco mais de atenção, descobriu que não tinha caído do céu, mas sim de um enorme carvalho. Ellie, cuja vida tinha sido bastante monótona durante o último ano, quase tinha preferido que tivesse caído do céu. Teria sido muito mais emocionante que o fato de que tivesse caído de uma árvore.

Tirou o pé esquerdo de debaixo do ombro do cavalheiro, arregaçou o vestido por cima dos tornozelos para não manchar a saia e se agachou.

-Senhor? Perguntou. Encontra-se bem?

Ele só grunhiu:

-Au.

-Minha mãe.. murmurou ela. Não quebrou nenhum osso, não é?

Ele não respondeu, só esvaziou todo o ar dos pulmões. Ellie retrocedeu quando sentiu seu hálito.

-Por todos os Santos, disse entre dentes. Cheira como se tivesse bebido uma destilaria inteira.

-Uísque, respondeu ele, arrastando as letras. Um cavalheiro bebe uísque.

-Sim, mas nem tanto, disse ela. Só um bêbado bebe tanto do que seja.

Ele se levantou, com muita dificuldade, e meneou a cabeça para limpar-se.

-Exato respondeu ele, agitando a mão no ar, embora logo fez uma careta quando comprovou que enjoava com o movimento. Temo que estou um pouco bêbado.

Ellie decidiu não fazer mais comentários sobre o assunto.

-Está seguro de que não está ferido?

Ele coçou o cabelo marrom avermelhado e piscou.

-Dói muito a cabeça.

-Suspeito que não seja só pela queda.

Ele tentou levantar-se, cambaleou e tornou a sentar-se.

-É respondeu ela com um sorriso irônico. Por isso sou uma solteirona.

Mas não posso lhe curar as feridas se não souber onde estão.

-E muito eficaz murmurou ele. E como está tão certa de que estou feri... ferido?

Ellie elevou o olhar para a árvore. O galho mais próximo que teria suportado seu peso estava a uns cinco metros.

-Se tiver caído de lá de cima, não pode sair ileso. Ele tornou a agitar a mão no ar para ignorar suas palavras e tentou levantar-se outra vez.

-Ah bom, os Wycombe são duros de cortar. Seria necessário mais que uma... Santo Deus! gritou.

Ellie fez um esforço para não soar petulante quando disse:

-Uma dor? Um puxão? Uma torção, possivelmente? Ele entrecerrou os olhos castanhos enquanto se apoiava no tronco da árvore.

-É uma mulher dura e cruel, senhorita como se chame, por desfrutar tanto de minha agonia.

Ellie tossiu para camuflar uma gargalhada.

-Senhor Anônimo, devo protestar e assinalar que tentei lhe curar as feridas, mas você insistiu em que não estava ferido.

Ele franziu o cenho como um menino pequeno e sentou. É lorde Anônimo, murmurou.

-Está bem, milord disse ela, pensando que oxalá não o tivesse irritado muito. Um lorde tinha muito mais poder que a filha de um vigário e, se quisesse, poderia tornar sua vida impossível. Ellie abandonou qualquer esperança de não manchar o vestido e sentou no chão. Que tornozelo dói, milord?

Ele assinalou o direito e fez uma careta quando ela o segurou com as mãos.

Depois de uns instantes de observação, ela o olhou e, com sua voz mais educada,disse:

-Vou ter que lhe tirar a bota, milord. Tenho sua permissão?

-Eu gostava mais quando tirava fogo pela boca disse ele entre dentes.

Ellie também gostava mais assim. Sorriu.

-Tem uma navalha?

Ele riu.

-Se acredita que vou lhe dar uma arma...

-Muito bem. Então, suponho que terei que esticar inclinou a cabeça e fingiu analisar a situação. Pode ser que doa um pouco quando ficar presa no tornozelo terrivelmente inchado mas,como você mesmo disse, vem de boa casta e um homem deveria poder suportar um pouco de dor.

-De que diabos está falando?

Ellie começou a tirar a bota, embora não puxou muito forte, porque nunca poderia ser tão cruel. Enquanto puxava o suficiente para demonstrar que a bota não sairia de forma normal, conteve a respiração.

Ele gritou e Ellie desejou que oxalá não tivesse tentado lhe dar uma lição, porque acabou com o rosto cheio de seu fôlego fedendo a uísque.

-Quanto bebeu? perguntou enquanto tentava respirar.

-Não o suficiente grunhiu ele. Ainda não inventaram uma bebida forte o suficiente para...

-Venha já, interrompeu Ellie. Não sou tão má.

Para sua surpresa, ele riu.

-Querida disse, em um tom que deixou claro que se dedicava a ser um Don Juan,você é o menor dos males que me aconteceu nos últimos meses.

Ellie sentiu um estranho comichão na nuca diante daquela tosca adulação. Agradeceu que o chapéu lhe cobrisse o rosto ruborizado e se centrou no tornozelo.

-Mudou de ideia a respeito da navalha?

A resposta foi lhe entregar a navalha sem pigarrear.

-Sempre soube que havia um motivo para levar uma, embora nunca o tenha descoberto até hoje.

A navalha estava um pouco cega e, após algumas tentativas, Ellie teve que apertar os dentes pelo esforço que era cortar a bota. Levantou o olhar um segundo.

-Se o machucar...

-Au!

-Me diga terminou de dizer. Sinto muito.

-É surpreendente comentou ele com a voz carregada de ironia o pouco arrependimento que percebo em sua voz.

Ela conteve outra gargalhada na garganta.

-Pelo amor de Deus disse ele entre dentes, ria. Até o Senhor sabe que minha vida é uma piada.

Ellie, cuja vida também tinha caído na melancolia desde que seu pai viúvo tinha anunciado sua intenção de casar-se com a maior intrómetida de Bellfield, sentiu-se identificada com ele. Não sabia o que podia ter levado esse bonito e rico lorde a sair e embebedar-se daquela maneira, mas, fosse o que fosse, dava pena.

Deixou de cortar a bota um segundo, olhou-o com os olhos azul escuros e disse:

-Meu nome é Eleanor Lyndon.

Ele suavizou o olhar.

-Muito obrigado por compartilhar esse dado tão importante comigo, senhorita Lyndon. Não estou acostumado a permitir que mulheres estranhas me cortem a bota.

-Tampouco eu com homens caindo de árvores. Homens estranhos acrescentou com ênfase.

-Ah, sim, deveria me apresentar, creio inclinou a cabeça de forma que Ellie recordou que estava bastante ébrio. Charles Wycombe, para servi-la, senhorita Lyndon. Conde de Billington acrescentou, embora para o que me serve.

Ellie o olhou sem piscar. Billington? Era um dos solteiros mais desejados do país. Tanto que até ela tinha ouvido falar dele, e Ellie não aparecia na lista de garotas casadouras de ninguém. Dizia-se que era um Don Juan contumaz. Tinha ouvido falar dele nas reuniões do povoado, embora, como garota solteira, não tinha acesso a essas fofocas.

Pensava que sua reputação teria que ser muito escura se fazia coisas que não se podiam nem comentar diante dela.

Também tinha ouvido que era incrivelmente rico, inclusive mais que o recém marido de sua irmã Vitória, o conde de Macclesfield.

Ellie não podia dar fé disso, posto que não tivesse visto seus livros de contabilidade e nunca se dedicou a especular sobre assuntos financeiros sem provas. Entretanto, sabia que a mansão dos Billington era enorme e antiga.

E estava a uns vinte quilômetros.

-O que faz em Bellfield? perguntou.

-Visitando os lugares prediletos de minha infância.

Ellie moveu a cabeça para as copas que tinham em cima.

-Sua árvore preferida?

-Estava acostumado a subir aí com Macclesfield.

Ellie terminou de cortar a bota e deixou a navalha.

-Com Robert? perguntou.

Charles a olhou desconfiado e um tanto protetor.

-Conhece-o pelo nome de batismo? Faz pouco que se casou.

-Sim. Com minha irmã.

-Vá, o mundo é um lenço murmurou ele.

-É um prazer conhecê-la.

-Possivelmente não pense o mesmo dentro de uns segundos respondeu ela. Com suavidade, tirou-lhe o pé inchado da bota.

Charles olhou a bota destroçada com expressão de pena.

-Imagino que o tornozelo é mais importante disse, pensativo, embora não souo como se o dissesse a sério.

Ellie estudou o tornozelo com mãos peritas.

-Parece-me que não quebrou nenhum osso, mas fez um bom entorse.

-Parece uma perita nestas coisas.

-Resgato todo tipo de animais feridos respondeu ela com as sobrancelhas arqueadas. Cães, gatos, pássaros...

-Homens - terminou ele.

-Não, respondeu ela com descaramento. Você é o primeiro. Embora imagine que não deve ser tão distinto a um cão.

-Se vêem as presas, senhorita Lyndon.

-Seriamente? perguntou ela ao tempo que levava as mãos ao rosto. Terei que me lembrar de tirar isso.

Charles se pôs a rir.

-Senhorita Lyndon, você é um tesouro.

-É o que eu sempre digo a todo mundo respondeu ela encolhendo de ombros e com um sorriso irônico, mas parece que ninguém acredita. Bom, temo que vai ter que usar bengala por alguns dias. Certamente, uma semana. Tem alguma?

-Aqui?

-Não, refiro-me em sua casa, mas... deixou as palavras no ar enquanto olhava a seu redor. Viu um pau comprido a uns metros e se levantou.

-Isto lhe servirá disse, quando o recolheu e o ofereceu.

-Necessita ajuda para ficar de pé?

Ele desenhou um selvagem sorriso quando se aproximou dela.

-Qualquer desculpa para estar em seus braços, querida senhorita Lyndon.

Ellie sabia que teria que ter se ofendido, mas o conde estava se esforçando muito em ser encantador e, embora custasse reconhecer, estava conseguindo. E facilmente.

Ellie supôs que por isso era um Don Juan com tanto êxito. Colocou-se atrás dele e o segurou por debaixo dos braços.

-Advirto-lhe que não sou muito delicada.

-Por que não me surpreende?

-No três. Está preparado?

-Creio que isso depende de...

-Um dois... três! Com um grunhido e um puxão, Ellie levantou o conde. Não foi nada fácil. Pesava vinte e cinco quilogramas mais que ela e, ainda por cima, estava ébrio. Os joelhos do conde falharam e ela esteve a ponto de amaldiçoar em voz alta quando teve que segurá-lo com suas pernas. Então o conde começou a cambalear para o outro lado, e Ellie teve que colocar-se diante dele para evitar que caísse.

-Este é um grande momento - murmurou ele quando teve seu peito junto ao dela.

-Lorde Billington, devo insistir em que utilize a bengala.

-Contra você? Parecia intrigado por aquela petição.

-Para andar! exclamou ela.

Ele fez uma careta diante do ruído agudo e meneou a cabeça. É algo muito estranho murmurou, mas sinto a urgente necessidade de beijá-la.

Pela primeira vez, Ellie não soube o que dizer.

Ele mordeu o lábio inferior de forma pensativa.

-Acho que devo fazê-lo.

Aquilo bastou para fazê-la reagir; saltou um lado e o conde caiu ao chão outra vez.

-Pelo amor de Deus, mulher! gritou ele. por que fez isso?

-la me beijar.

Ele esfregou a cabeça, onde tinha golpeado o tronco de uma árvore.

-Tão terrível era a idéia?

Ellie piscou.

-Exatamente terrível, não.

-Por favor, não diga que era repulsiva resmungou. Não poderia suportá-lo.

Ela exalou e lhe ofereceu uma conciliadora mão.

-Sinto muito por tê-lo soltado, milord.

-Uma vez mais, seu rosto é a viva imagem do arrependimento.

Ellie conteve o impulso de golpear o chão com os pés.

-Desta vez dizia de verdade. Aceita minhas desculpas?

Ele arqueou as sobrancelhas e disse:

-Parece que, se não o fizer, vai me fazer mal.

-OH, vamos disse ela entre dentes. Tento me desculpar.

-E eu tento aceitar suas desculpas.

Levantou o braço e aceitou a mão enluvada. Ela o ajudou a levantar-se e, quando o conde se estabilizou com a ajuda do pau, Ellie se separou dele.

-O acompanharei a Bellfield disse ela. Não está muito longe. Poderá chegar a sua casa de lá?

-Deixei a carruagem no Bee and Thistle -respondeu ele.

Ela esclareceu garganta.

-Agradeceria que se comportasse com amabilidade e discrição. Posso ser solteira, mas devo proteger minha reputação.

Ele a olhou de esguelha.

-Temo que há quem me considera um canalha.

-Sei.

-Sua reputação ficou danificada assim que caí em cima de você.

-Por todos os Santos, se caiu de uma árvore!

-Sim, claro, mas você me tocou o tornozelo com as mãos.

-Foi pelo mais nobre dos motivos.

-Francamente, pareceu-me que beijá-la também parecia bastante nobre, mas você não pensava o mesmo.

Ela apertou os lábios.

-Refiro-me exatamente a esse tipo de comentários frívolos. Sei que não deveria, mas me preocupa o que as pessoas pensem de mim, e tenho que viver aqui o resto de minha vida.

-Seriamente? perguntou ele. Que pena.

-Não é gracioso.

-Não pretendia sê-lo.

Ela suspirou com impaciência.

-Tente comportar-se quando chegarmos a Bellfield. Por favor...

Ele se apoiou no pau e realizou uma educada reverência.

-Tento não decepcionar nunca uma dama.

-Quer ficar quieto! exclamou ela enquanto o agarrava pelo cotovelo e o levantava. Voltará a cair.

-Vá, senhorita Lyndon, creio que está começando a preocupar-se comigo.

Sua resposta foi um grunhido pouco feminino. Com os punhos fechados, começou a caminhar para o povoado. Charles a seguiu coxeando e sem deixar de sorrir. Entretanto, ela caminhava muito mais depressa que ele e a distância entre eles aumentou até que se viu obrigado a gritar seu nome.

Ellie se virou.

Charles lhe ofereceu o que esperava que fosse um atraente sorriso.

-Temo que não posso manter seu ritmo - alargou as mãos a modo de súplica e perdeu o equilíbrio.

Ellie correu a seu lado para ajudá-lo a levantar-se.

-É um desastre ambulante - disse ela enquanto o segurava por um cotovelo.

-Um desastre capengante - corrigiu ele-. E não posso... levou a mão livre à boca para sufocar um ébrio arto.

-Não posso mancar depressa.

Ela suspirou.

-Venha. Pode apoiar-se em meu ombro. Juntos, devemos ser capazes de chegar ao povoado.

Charles sorriu e a rodeou com o braço. Era miúda, mas tenaz, de modo que decidiu sondar as águas e apoiar-se um pouco mais nela.

Ellie se esticou e soltou outro sonoro suspiro.

Dirigiram-se devagar para o povoado. Charles se apoiava cada vez mais nela, mas não sabia se sua incompetência se devia ao entorse ou à embriaguez. Notava-a cálida, forte e suave a seu lado, tudo de uma vez, e não se importava muito como tinha terminado naquela situação; estava decidido a desfrutá-la enquanto durasse. Cada passo pressionava mais o seio de Ellie contra suas costelas e descobriu que era uma sensação da mais agradável.

-Faz um dia precioso, não lhe parece? -perguntou ele quando se disse que possivelmente teria que conversar.

-Sim - concordou Ellie, que caminhava a tropicções sob o peso do conde. Mas está ficando tarde. Seria possível que fosse um pouco mais depressa?

Charles agitou a mão em um gesto exagerado e disse:

-Nem sequer eu sou tão canalha de fingir uma claudicação só para desfrutar dos cuidados de uma bela dama.

-Quer deixar de mover o braço! Vamos perder o equilíbrio.

Charles não sabia por que, possivelmente só era porque ainda estava ébrio, mas gostava de como falava deles em primeira pessoa do plural. Havia algo nessa senhorita Lyndon que o fazia alegrar-se de tê-la ao lado.

E não porque acreditava que pudesse ser uma inimizada temível, mas sim porque parecia leal sensata e justa. E tinha um senso de humor muito retorcido. O tipo de pessoa que um homem iria querer a seu lado quando necessitava apoio.

Virou o rosto para ela.

-Cheira bem - disse.

-O que? - gritou ela.

E, mais, importuná-la era muito divertido. Havia combinado de acrescentá-lo à lista de qualidades? Sempre era bom se rodear de pessoas da quais poder rir. Adquiriu uma expressão inocente.

-Você. Que cheira bem - repetiu.

-Um cavalheiro não diz essas coisas a uma dama - respondeu ela com melindre.

-Estou bêbado - respondeu ele enquanto se encolhia os ombros sem arrependimento-. Não sei o que digo.

Ela entreceerrou os olhos cheios de suspeita.

-Tenho a sensação de que sabe exatamente o que diz.

-Senhorita Lyndon, está me acusando de tentar seduzi-la?

Parecia-lhe impossível, mas ela se ruborizou ainda um pouco mais. Charles se disse que oxalá pudesse ver a cor de seu cabelo, que estava escondido debaixo daquele horrível chapéu. Tinha as sobrancelhas loiras, e destacavam ainda mais com o rosto rubro.

-Deixe de deturpar minhas palavras.

-Mas se você mesma as deturpa de maravilha, senhorita Lyndon -quando ela não respondeu, Charles acrescentou-: Era um elogio.

Ela acelerou o passo e o arrastou pelo caminho de terra.

-Desconcerta-me, milord.

Charles sorriu enquanto pensava quão estupendo era desconcertar à senhorita Eleanor Lyndon. ficou calado uns minutos e, logo, quando entraram uma curva, perguntou:

-Estamos perto?

-Creio que devemos estar na metade. Ellie olhou para o horizonte e viu como o sol ia caindo.

-Está ficando tarde. Papai me cortará a cabeça.

-Juro sobre a tumba de meu pai... Charles tentava parecer sério, mas veio um soluço.

Ellie se virou para ele tão depressa que golpeou o nariz em seu ombro.

-De que fala, milord?

-Tentava... hic... lhe jurar que não... hic... trato de retê-la de forma deliberada.

Ela arqueou a comissura dos lábios.

-Não sei por que acredito -disse-, mas o faço.

-Possivelmente porque meu tornozelo parece uma pêra passada - riu ele.

-Não - respondeu ela muito pensativa. Acho que é muito melhor pessoa do que quer que outros pensem.

Ele se burlou dizendo:

-Estou muito longe de ser... hic... boa pessoa.

-Seguro que, em Natais, dobra o salário de seus empregados.

Para maior irritação de Charles, ruborizou-se.

-Viu! - exclamou ela, triunfante.

-O faz!

-Fomenta a lealdade - murmurou ele.

-Lhes dá dinheiro para que possam comprar algum presente para a família - acrescentou ela com suavidade. Ele grunhiu e se virou.

-Um entardecer muito bonito, não acha, senhorita Lyndon?

-A mudança de assunto foi um pouco brusca - respondeu ela com um sorriso cúmplice.

-Mas sim, é muito bonito.

-É incrível a quantidade de cores que aparecem durante o entardecer-continuou ele. Há tons laranjas, rosas e pêssegos.

-Ah.. E um toque de cor açafão lá - assinalou para o sudoeste.

-E o mais surpreendente é que amanhã será totalmente distinto.

-É artista? -perguntou Ellie.

-Não -respondeu ele. Eu gosto do entardecer.

-Bellfield está atrás daquela curva - disse ela.

-Já?

-Parece decepcionado.

-Creio que não quero ir para casa - respondeu ele.

Suspirou e pensou no que lhe esperava lá. Um montão de pedras que formavam Wycombe Abc. Um montão de pedras cuja manutenção custava uma fortuna. Uma fortuna que lhe escaparia entre os dedos em menos de um mês graças ao intrometido de seu pai.

Qualquer um diria que a rigidez de George Wycombe para administrar o dinheiro desapareceria com sua morte, mas não; tinha encontrado uma forma de seguir asfixiando seu filho da tumba.

Charles amaldiçoou em voz baixa enquanto pensava na idoneidade da imagem.

Realmente tinha a sensação de que o estavam asfixiando.

Dentro de exatamente quinze dias cumpriria os trinta anos. Dentro de exatamente quinze dias, toda sua herança desapareceria. A menos que...

A senhorita Lyndon tossiu e tirou uma bolinha de pó do olho. Charles a observou com um interesse renovado.

A menos que... pensou muito devagar porque não queria que seu cérebro, ainda um pouco aturdido, passasse por cima nenhum detalhe importante. A menos que, em algum momento desses quinze dias, conseguisse casar-se.

A senhorita Lyndon o levou para a rua principal de Bellfield e assinalou para o sul.

-O Bee and Thistle fica justo ali. Não vejo seu coche. Deixou-o na parte de atrás?

Charles pensou que tinha uma voz bonita. Tinha uma voz bonita, um cérebro bonito, um engenho bonito e, embora ainda não sabia de que cor era o cabelo, tinha as sobrelanceiras muito bonitas. E a sensação de estar junto a ela era maravilhosa.

Pigarreu.

-Senhorita Lyndon...

-Não me diga que deixou o coche em outro lugar.

-Senhorita Lyndon, tenho que lhe dizer uma coisa muito importante.

-O tornozelo piorou? Sabia que apoiar peso sobre ele era uma má idéia, mas não sabia de que outra forma trazê-lo para o povoado. Um pouco de gelo haveria...

-Senhorita Lyndon! -exclamou Charles.

Conseguiu que fechasse a boca.

-Acredita que poderia aceitar...? -tossiu e, de repente, desejou estar mais sóbrio porque tinha a sensação de que, quando não estava bêbado, tinha um vocabulário mais amplo.

-Lorde Billington? -perguntou ela com preocupação.

Ao final, Charles acabou soltando-o de repente.

-Acredita que poderia aceitar casar-se comigo?

CAPÍTULO 02

Ellie o soltou.

Ele caiu no chão e gritou quando o tornozelo ferido se dobrou.

-Isso é horrível! -gritou ela.

Charles coçou a cabeça.

-Parece que acabo de lhe pedir que se case comigo. Ellie conteve uma traidora lágrima que estava a ponto de escorregar pela bochecha.

-É muito cruel brincar com algo assim.

-Não brincava.

-É obvio que brincava -respondeu ela tentando reprimir as vontades de lhe dar um chute no quadril-. fui muito amável com você esta tarde.

-Muito amável -repetiu ele.

-Não tinha por que parar e lhe ajudar.

-Não -murmurou ele-. Não tinha que fazê-lo.

-E quero que saiba que, se quisesse, já estaria casada.

-Estou solteira porque quero.

-Não teria me ocorrido imaginar o contrário.

Ellie pareceu ouvir uma nota de mofa em sua voz, e desta vez sim que lhe deu um chute.

-Maldita seja, mulher! -exclamou Charles-. Por que fez isso? Digo muito a sério.

-Está ébrio -acusou ela.

-Estou - admitiu-o, mas nunca tinha pedido a nenhuma mulher que se casasse comigo.

-Por favor - burlou-se ela. -Se tenta me fazer acreditar que se apaixonou perdidamente de mim a primeira vista, deixe que diga que não acredito.

-Não tento dizer nada disso - disse ele. Jamais insultaria sua inteligência dessa forma.

Ellie piscou e pensou que possivelmente acabava de insultar outro aspecto de sua pessoa, embora não estava segura de qual.

-O problema é que... -Charles se deteve e esclareceu a garganta-. Podemos continuar a conversa em outro lugar? Possivelmente em algum lugar onde possa me sentar em uma cadeira e não no chão.

Ellie franziu o cenho uns segundos antes de lhe oferecer a mão quase por obrigação. Ainda não estava segura de que não se estivesse rindo dela, mas a forma de tratá-lo naqueles últimos instantes não tinha sido a correta e tinha remorsos. Não estava de acordo em pegar a um homem quando estava no chão, e menos quando tinha sido ela quem o tinha deixado cair.

Ele aceitou a mão e voltou a levantar-se.

-Obrigado - disse muito seco. Está claro que é uma mulher com muito caráter. Por isso estou expondo me casar com você. Ellie entrecerrou os olhos.

-Se não deixar de burlar de mim...

-Creio que já lhe disse que digo muito a sério. E nunca minto.

-Pois é a maior mentira que ouvi em minha vida - respondeu ela.

-Está bem. Nunca minto sobre nada importante.

Ela apoiou as mãos nos quadris e disse:

-Já.

Ele exalou um pouco molesto.

-Asseguro que nunca mentiria sobre algo assim. E devo acrescentar que desenvolveu uma opinião excessivamente pobre sobre mim. Por quê?

-Lorde Billington, o consideram o maior libertino de Kent! Até meu cunhado o diz.

-Lembre-me de estrangular Robert a próxima vez que o veja - murmurou Charles.

-E poderia perfeitamente ser o maior libertino de toda a Inglaterra embora, como faz anos que não saio de Kent, não posso sabê-lo, mas...

-Dizem que os libertinos são os melhores maridos - interrompeu ele.

-Os libertinos reformados - respondeu ela-. E duvido sinceramente que você vá nessa direção. Além disso, não penso casar com você.

Ele suspirou.

-Eu gostaria muito que o fizesse.

Ellie o olhou com incredulidade.

-Está louco.

-Estou perfeitamente, o asseguro - fez uma careta.

-O louco era meu pai.

De repente, Ellie teve uma visão de muitos meninos loucos rindo e retrocedeu. Dizem que a loucura se leva no sangue.

-Pelo amor de Deus murmurou Charles-. Não estava mal da cabeça. É que me deixou em um bom apuro.

-Não entendo o que tudo isso tem haver comigo.

-Tudo - respondeu ele com mistério.

Ellie retrocedeu um pouco mais porque decidiu que Billington não fosse louco, e sim que precisava de um manicômio.

-Se me desculpar - apressou-se a dizer-, será melhor que vá a casa. Estou segura de que daqui poderá continuar sozinho. Seu coche... Você disse que estava na parte detrás. Deveria poder...

-Senhorita Lyndon - disse ele, muito seco.

Ela se deteve de repente.

-Tenho que me casar - disse sem dissimulações-, e tenho que fazê-lo nos próximos quinze dias. Não tenho outra opção.

-Não creio que você faça algo contrário a seus propósitos.

Charles a ignorou.

-Se não me casar, perderei minha herança. Até o último peni - esboçou um amargo sorriso.

-Só ficará Wycombe Abbey, e acredite quando digo que esse montão de pedras não demorarão para cair ao chão se não dispor de recursos para mantê-lo.

Nunca tinha ouvido falar de uma situação como esta - disse Ellie.

-Não é tão estranha.

-Pois, se me permitir isso, me parece estranhamente estúpida.

-Sobre isso, senhora, estamos totalmente de acordo.

Ellie retorceu um pedaço de tecido marrom do vestido entre os dedos enquanto sopesava aquelas palavras.

-Não entendo por que acredita que sou a indicada para lhe ajudar-disse ela por fim.

-Estou segura de que poderia encontrar uma esposa perfeita em Londres. Não o chamam "O Mercado Marital"? É certo que lá o consideram um bom partido.

Ele desenhou um irônico sorriso.

-Por suas palavras, parece que sou um pescado.

Ellie o olhou e conteve a respiração. Era terrivelmente bonito e profundamente encantador, e ela sabia que não era imune a essas qualidades.

-Não - admitiu ela.

-Um pescado, não.

Ele encolheu de ombros.

-Estive ignorando o inevitável. Sei. Mas então chega e cai em minha vida no momento mais desesperado de...

-Desculpe, mas acho que foi você quem caiu em minha vida.

Ele estalou a língua.

-Mencionei que, além disso, é você muito divertida? E me disse: "Bom, fará-o tão bem como qualquer" E...

-Se o que pretende é me cortejar - disse Ellie com certa acidez-, não está conseguindo.

-Melhor que qualquer - corrigiu ele-. Seriamente. É a primeira mulher que conheço que acho que poderia suportar - embora Charles tivesse claro que não pretendia dedicar-se em corpo e alma a sua esposa. Dela só necessitaria seu nome na certidão de casamento. E, bom, posto que tivesse que passar certo tempo com ela, seria bom que fosse alguém decente. A senhorita Lyndon parecia cumprir perfeitamente com todos os requisitos.

E, em silêncio acrescentou para si mesmo, que em algum momento teria que ter um herdeiro. Seria melhor que encontrasse alguém com um pouco de cérebro na cabeça. Não queria ter uma descendência estúpida. Voltou a olhá-la. Estava o observando com desconfiança. Sim, era das preparadas.

Havia algo realmente atraente nela. Tinha a sensação de que o processo de fabricar esse herdeiro seria tão prazeroso como o resultado. Ofereceu-lhe uma reverência, embora se segurou a seu cotovelo para não cair no chão.

-O que diz, senhorita Lyndon? Lançamo-nos?

-Lançamo-nos? - Ellie riu. Não era a proposta de seus sonhos.

-Sim, estas coisas me fazem um pouco mal. À verdade, senhorita Lyndon, é que se um homem tiver que encontrar esposa, é melhor que seja alguém que goste. Teríamos que passar algum tempo juntos, já sabe.

Ela o olhou com incredulidade. Tão bêbado estava? Esclareceu-se a garganta várias vezes enquanto tentava encontrar as palavras adequadas.

Ao final, disse:

-Tenta dizer que o agrado?

Ele sorriu de forma muito sedutora.

-Muito.

-Terei que me pensar isso.

Ele inclinou a cabeça.

-Não quero me casar com alguém capaz de tomar uma decisão como esta em um segundo.

-Certamente, necessitarei vários dias.

-Não muitos, espero. Só tenho quinze dias antes que meu odioso primo Phillip ponha suas mãos asquerosas em meu dinheiro.

-Devo advertir que, quase com toda segurança, minha resposta será não.

Ele não disse nada. Ellie teve a desagradável sensação de que já estava pensando a quem acudir se ela o rechaçasse. Após alguns instantes,

Charles disse:

-Quer que a acompanhe a sua casa?

-Não é necessário. Vivo muito perto. Poderá arrumar-se sozinho?

Ele assentiu.

-Senhorita Lyndon.

Ela fez uma pequena reverência.

-Lorde Billington - e em seguida se virou e partiu, e esperou a estar fora do campo de visão do conde para deixar cair contra a parede de um edifício e, se alguém lesse os lábios, saberia que havia dito: "meu Deus!"

O reverendo Lyndon não tolerava que suas filhas pronunciassem o nome do Senhor em vão, mas Ellie estava tão surpreendida pela proposta de Billington que ainda seguia murmurando «Deus meu» quando cruzou a soleira de sua casa.

-Essa linguagem é absolutamente indecorosa em uma jovem, embora já não seja tão jovem - disse uma voz de mulher.

Ellie resmungou. Quanto às normas morais, só havia uma pessoa pior que seu pai: sua prometida, a recém viúva Sally Foxglove. A jovem desenhou um sorriso forçado enquanto tentava ir direto a seu quarto.

-Senhora Foxglove.

-Seu pai não achará nenhuma graça quando se inteirar.

Ellie tornou a resmungar. Tinha sido pega. Virou-se.

-Quando se inteirar do que, senhora Foxglove?

-De seu tratamento displicente do nome do Senhor.

A senhora Foxglove se levantou e cruzou seus gordurosos braços.

Ellie esteve a ponto de recordar aquela senhora mais velha que não era sua mãe e que não tinha nenhuma autoridade sobre ela, mas mordeu a língua. Quando seu pai

voltasse a casar-se, a vida seria complicada. Não havia nenhuma necessidade de provocar que era diretamente impossível enfrentando à senhora Foxglove.

Respirou fundo, colocou a mão em cima do coração e fingiu inocência.

-Acha que dizia isso? -perguntou Ellie, falando quase sem fôlego de forma deliberada.

-O que dizia, então?

-Dizia: "Já o entendo". Espero que não tenha me interpretado mal.

A senhora Foxglove a olhou com uma incredulidade óbvia.

-Tinha calculado um... problema - continuou Ellie.

-Ainda não acho que o tenha feito.

E por isso dizia "Já o entendo, porque" acreditava uma coisa que, se não tivesse acreditado, minha lógica não estaria equivocada.

A senhora Foxglove ficou tão aturdida que Ellie esteve a ponto de começar a saltar pela casa.

-Bom, dá igual- apressou-se a dizer a mulher mais velha-, com esse comportamento tão estranho nunca encontrará um marido.

-Como acabamos falando disto? - disse Ellie entre dentes enquanto pensava que o assunto do casamento era muito recorrente em um só dia.

-Tem vinte e três anos - continuou a senhora Foxglove.

-Uma solteirona, sem dúvida, mas possivelmente podemos encontrar um homem que se digne a casar-se.

Ellie a ignorou.

-Meu pai está?

-Está fora atendendo suas obrigações e me pediu que fique se por acaso venha algum paroquiano.

-Deixou-a encarregada?

-Serei sua mulher dentro de dois meses - a senhora Foxglove se arrumou e alisou a saia de cor arroxeadado. Tenho uma posição na sociedade que terá que manter.

Ellie disse algo ininteligível. Tinha medo de que, se permitisse formar palavras, faria algo mais que tomar o nome do Senhor em vão. Soltou o ar muito devagar e tentou sorrir.

-Se me desculpar, senhora Foxglove, noto-me muito cansada. Vou a meu quarto.

Uma mão rechonchuda se colocou sobre seu ombro.

-Não tão depressa, Eleanor.

Ellie se virou. A senhora Foxglove a estava ameaçando?

-Como diz?

-Temos que falar de umas coisas. E pensei que esta noite poderia ser um bom momento, enquanto seu pai está fora.

-Do que temos que falar que não possamos falar diante de papai?

-De sua posição em minha casa.

Ellie ficou boquiaberta.

-De minha posição em sua casa?

-Quando me casar com o reverendo, esta será minha casa e a levarei como me agrada.

A jovem enjoou.

-Não acredita que vai viver de minha generosidade - continuou a senhora Foxglove.

Ellie não se moveu por medo a estrangular a sua futura madrasta se o fizesse.

-Se não te casar e vai, terá que ganhar sua manutenção - disse a senhora Foxglove.

-Insinua que terei que ganhar a manutenção de outra forma de como já ganho agora?-pensou em todas as tarefas que realizava para seu pai e a paróquia. Cozinhava

três vezes ao dia. Levava comida aos pobres. Inclusive polia os bancos da igreja. Ninguém podia acusá-la de não ajudar por sua manutenção.

Entretanto, estava claro que a senhora Foxglove não compartilhava essa opinião, porque pôs os olhos em branco e disse:

-Vive do esplendor de seu pai. É muito indulgente contigo.

Ellie abriu os olhos como pratos. Nunca ninguém havia descrito o reverendo Lyndon como indulgente. Uma vez, inclusive atou sua irmã mais velha para evitar que se casasse com o homem que queria. A jovem esclareceu garganta em outra tentativa de acalmar-se.

-O que quer que faça, exatamente, senhora Foxglove?

A mulher lhe deu uma folha de papel.

Ellie a olhou, leu o que estava escrito e a ira a deixou sem respiração.

-Quer que limpe a chaminé?

-É uma lástima que paguemos a um limpador para que a limpe quando você pode fazer.

-Não acredita que sou um pouco grande para esse trabalho?

-Essa é outra questão. Come muito.

-O que? -gritou Ellie.

-A comida escasseia.

-A metade dos paroquianos paga o dízimo em especiarias - respondeu Ellie, tremendo da raiva-. Pode ser que nos falem algumas coisas, mas comida não.

-Se você não gostar de minhas regras - disse a senhora Foxglove, - sempre pode se casar e partir.

Ellie sabia porque a senhora Foxglove estava tão decidida a expulsá-la. Certamente, era uma dessas mulheres que, em suas casas, só toleravam uma absoluta autoridade. E Ellie, que fazia anos que se encarregava de administrar os assuntos de seu pai, seria um obstáculo para ela.

A moça se perguntou o que diria a velha se lhe explicasse que tinha recebido uma proposta de matrimônio essa mesma tarde. E de um conde, nada menos. Dobrou os braços, disposta a lhe dar o virulento castigo que tinha estado reprimindo durante o que parecia uma eternidade, quando a senhora Foxglove lhe deu outra folha de papel.

-O que é isto? -perguntou.

-Tomei-me a liberdade de confeccionar uma lista de solteiros desta região.

Ellie riu. Isto sim que tinha vontades de lê-lo. Desdobrou o papel e olhou os nomes. Sem nem sequer levantar o olhar, disse:

-Richard Parrish está comprometido.

-Segundo minhas fontes, não.

A senhora Foxglove era a maior fofoqueiro de Bellfield, de modo que Ellie acreditou. Embora dava igual. Richard Parrish era obeso e tinha mau hálito. Seguiu lendo e ficou sem respiração.

-George Millerton tem mais de sessenta anos.

A senhora Foxglove sorveu o nariz com desdém.

-Não está em posição de ir exigindo sobre um algo tão trivial.

Os três nomes seguintes pertenciam a homens igualmente mais velhos, e um deles era diretamente mau.

Havia rumores de que Anthony Ponsoby batia em sua primeira mulher. Ellie não tinha nenhuma intenção de encadear-se a um homem que acreditava que a comunicação marital se expressava melhor com um pau.

-Santo Deus! -exclamou quando chegou ao penúltimo nome da lista.

-Robert Beechcombe não tem nem quinze anos. No que estava pensando?

A senhora Foxglove estava a ponto de responder, mas Ellie a interrompeu:

-Billy Watson! -exclamou.

-Não está bem da cabeça. Sabe todo mundo. Como se atreve a tentar me emparelhar com alguém como ele?

-Como disse, uma mulher de sua posição não pode...

-Não o diga - interrompeu Ellie com o corpo totalmente agitado pela raiva.

-Não diga nada.

A senhora Foxglove sorriu com suficiência.

-Não pode falar assim em minha casa.

-Ainda não é sua casa, velha enrugada - soltou Ellie.

A senhora Foxglove retrocedeu.

-Como se atreve?

-E nunca fui uma pessoa violenta - acrescentou Ellie, que atirava faíscas, mas sempre estou disposta a provar novas experiências - agarrou à senhora Foxglove pela gola do vestido e a expulsou de sua casa.

-Se arrependerá de ter feito isto! - gritou a mulher do lado de fora.

-Jamais me arrependerei - respondeu Ellie.

-Jamais!

Fechou com uma portada e se desabou no sofá. Não havia dúvidas. Teria que encontrar a forma sair da casa de seu pai. O rosto do conde de Billington lhe veio à mente, mas o ignorou. Não estava tão desesperada para aceitar casar-se com um homem ao que quase não conhecia. Era certo que havia outras opções.

No dia seguinte Ellie já tinha um plano. Não estava tão desamparada como à senhora Foxglove gostaria de acreditar. Tinha algum dinheiro economizado. Não era muito, mas bastaria para manter uma mulher de gosto modesto e natureza frugal.

Havia posto em um banco fazia anos, mas os escassos juros não asatisfizeram, de modo que começou a ler o London Times e a fixar-se nas notícias que falavam do mundo dos negócios e o comércio. Quando sentiu que sabia o suficiente do mercado, foi a um advogado para que lhe administrasse o dinheiro.

É obvio, teve que fazê-lo em nome de seu pai. Nenhum advogado administraria o dinheiro de uma jovem, e menos o de uma que investia sem o conhecimento de seu pai. Assim foi a uma cidade longe de Bellfield, encontrou o senhor Tibbett, um advogado que não conhecia reverendo Lyndon, e lhe disse que seu pai era um ermitão. O senhor Tibbett trabalhava com um investidor de Londres e o dinheiro de Ellie começou a multiplicar-se.

Tinha chegado a hora de recuperá-lo. Não tinha outra opção. Viver com a senhora Foxglove como madrasta seria intolerável. O dinheiro lhe bastaria para sobreviver até que sua irmã Vitória retornasse de suas longas férias no continente.

O novo marido de Vitória era um conde muito endinheirado e Ellie estava segura de que, entre os dois, poderiam ajudá-la para buscar um bom posto na sociedade, como preceptora ou dama de companhia.

Subiu em uma carruagem pública até Faversham, foi até o escritórios de Tibbett & Hurley e esperou seu turno para ver o senhor Tibbett. Ao cabo de dez minutos, a secretária a fez entrar.

O senhor Tibbett, um homem corpulento com um grande bigode, levantou-se quando a viu entrar.

-Bom dia, senhorita Lyndon - disse.

-Veio com mais instruções de seu pai? Devo admitir que é um prazer fazer negócios com um homem que presta tanta atenção a seus investimentos.

Ellie desenhou um sorriso forçado porque odiava que seu pai se levasse o mérito por sua visão nos negócios, mas sabia que tinha que ser assim.

-Não exatamente, senhor Tibbett. Vim retirar parte de meus recursos. Para ser precisa, a metade. Ellie não estava certa de quanto custaria alugar uma casa em uma área respeitável de Londres, mas tinha quase trezentas libras economizadas e acreditava que com cento e cinquenta teria de sobra.

-Perfeito - assentiu o senhor Tibbett. Só necessitarei que seu pai venha aqui em pessoa para retirar os recursos.

Ellie ficou sem ar.

-Como diz?

-No Tibbett & Hurley, congratulamo-nos de ser muito escrupulosos. Não posso lhe entregar o dinheiro a ninguém mais. Só a seu pai.

-Mas se há anos que faço negócios com você -protestou Ellie-. Meu nome aparece na conta como Co-investidora!

-Co - investidora, isso é. Seu pai é o titular.

A jovem tragou saliva com força.

-Meu pai é um ermitão. Já sabe. Nunca sai de casa. Como vou fazê-lo vir?

O senhor Tibbett encolheu os ombros.

-Estarei encantado de visitá-lo pessoalmente.

-Não, impossível - disse Ellie, consciente de que sua voz começava a tremer. Fica muito nervoso com estranhos. Muito nervoso. O coração, já sabe. Não poderia me arriscar.

-Então, necessitarei instruções por escrito com sua assinatura.

Ellie respirou tranqüila. Podia falsificar a assinatura de seu pai até dormindo.

-E que outro cidadão responsável seja testemunha da operação - o senhor Tibbett entreceitou os olhos-. Você não serve como testemunha.

-Está bem, já encontrarei...

-Conheço juiz de Bellfield. Possivelmente pode lhe propor que atue de testemunha.

O coração de Ellie parou. Ela também conhecia juiz e sabia que seria impossível conseguir que assinasse esse documento vital a menos que realmente tivesse visto como seu pai o escrevia.

-Muito bem, senhor Tibbett - disse com a voz um pouco afogada. Verei... Verei o que posso fazer.

Saiu do escritório e se cobriu o rosto com um lenço para ocultar as lágrimas de frustração. Sentia-se como um animal encurralado.

Não poderia tirar o dinheiro, e Vitória ainda demoraria vários meses em retornar do continente.

Supunha que poderia pedir ajuda ao sogro de Vitória, o marquês de Castleford, mas não estava segura se alegraria mais de sua presença que a senhora Foxglove.

O marquês não aprovava Vitória, e Ellie imaginava o que sentiria por sua irmã.

Caminhou sem rumo por Faversham enquanto tentava pôr em ordem seus pensamentos. Sempre tinha se considerado uma mulher prática, uma mulher que podia confiar em seu cérebro ágil e seu engenho ávido. Nunca tinha sonhado ver-se em uma situação da que não pudesse sair com sua língua.

E agora estava em Faversham, a vinte quilômetros de uma casa a que nem sequer queria voltar. Sem mais opções que...

Ellie meneou a cabeça. Não ia se expor a aceitar a oferta do conde de Billington. Recordou o rosto de Sally Foxglove. E em seguida aquele mesmo horrível rosto começou a falar de chaminés e solteiras que deveriam entrar e mostrar-se agradecidas por isso e o outro. A opção do conde parecia melhor a cada segundo.

Embora tinha que reconhecer que nunca lhe tinha parecido mau, se tomasse a palavra parecer em seu sentido literal.

Era muito bonito e Ellie tinha a sensação de que ele sabia. Raciocinou e disse que aquilo lhe subtraía pontos. Certamente, seria presunçoso. Provavelmente, teria muitas amantes. Imaginava que ao conde não custava nada ganhá-las cuidados de todo tipo de mulheres, as respeitáveis e as outras.

-Já! exclamou em voz alta, e em seguida olhou a seu redor se por acaso alguém a tinha ouvido. O condenado seguro que tinha que tirar-lhe de cima com um pau. Não queria ter a um marido com esse tipo de «problemas».

Embora não era como se estivesse apaixonada por ele. Possivelmente poderia acostumar-se à idéia de um marido infiel. Ia contra tudo no que ela acreditava, mas a alternativa era passar a vida com a Sally Foxglove, algo muito aterrador para expor.

Ficou pensando enquanto golpeava o chão com os dedos dos pés. Wycombe Abbey não estava tão longe. Se não recordava mal, estava situada ao norte da costa de Kent, a um ou dois quilômetros dali. Poderia ir a pé. Não ia aceitar a proposta do conde de início, mas possivelmente poderiam falá-lo um pouco mais. Possivelmente poderiam chegar a um acordo que satisfizesse a ambos.

Uma vez tomada a decisão, Ellie levantou o queixo e começou a caminhar para o norte. Tentou entreter-se calculando quantos passos havia até o seguinte ponto de referência. Cinquenta passos até a árvore grande. Setenta e duas até a casa abandonada. Quarenta até...

Maldição! Havia sido uma gota? Ellie secou a água do nariz e olhou para cima.

O céu estava ficando encoberto e, se não fosse uma mulher prática, juraria que as nuvens estavam se acumulando justamente em cima de sua cabeça.

Emitiu um som que só podia ser definido como um grunhido e seguiu caminhando enquanto não tentava amaldiçoar, quando caiu outra gota na bochecha. Em seguida, outra caiu em seu ombro, e em seguida outra, e depois outra, ...

Ellie elevou o punho para o céu.

-Alguém lá de cima está muito zangado comigo -gritou-, e quero saber por que!

O céu desatou sua fúria e, aos poucos segundos, já estava imersa até os ossos.

-Me recorde de nunca mais voltar a questionar seus propósitos, Senhor -murmurou um pouco zangada, longe da jovem temerosa de Deus que seu pai sempre tinha querido que fosse.

-Está claro que você não gosta que duvide de suas decisões.

Caiu um relâmpago e, segundos depois, ouviu o estrondo de um trovão. Ellie deu um bom salto. O que havia dito o marido de sua irmã fazia tantos anos? Quanto mais seguidos são relâmpago e trovão, mais próximo está a tormenta?

Robert sempre tinha tido aptidões científicas e, nesses assuntos, Ellie acreditava.

Pôs-se a correr. Mas depois, quando seus pulmões ameaçaram estalando, diminuiu o ritmo até um suave trote.

Entretanto, depois de um ou dois minutos, decidiu caminhar depressa. Afinal, não ia se molhar mais do que já estava.

Virou para ouvir outro trovão e saltou, tropeçou com a raiz de uma árvore e caiu no barro.

-Maldição! -grunhiu, no que constituiu a primeira utilização da palavra em sua vida.

Entretanto, se havia algum momento idôneo para começar a amaldiçoar, era esse.

Levantou-se e olhou para o céu, com a chuva lhe molhando o rosto. O chapéu caiu em cima dos olhos e não a deixou ver. O tirou, olhou para cima e gritou:

-Não achei engraçado!

Mais relâmpagos.

-Todos estão contra mim -murmurou enquanto começava a notar-se um pouco irracional-. Todos -seu pai, Sally Foxglove, o senhor Tibbett, quem quer que controlasse o tempo...

Mais trovões.

Ellie apertou os dentes e seguiu caminhando. Finalmente, o velho e imponente edifício de pedra apareceu no horizonte. Nunca tinha visto Wycombe Abbey, mas tinha visto um retrato a lápis e tinta a venda em Bellfield. Tranqüilizou-se um pouco, caminhou até a porta e chamou.

Um criado com libré abriu a porta e a olhou de forma extremamente condescendente.

-Vê... devo ver o... o conde -disse Ellie, com os dentes batendo de frio.

-Os criados são recebidos pela governanta -respondeu o mordomo.

-Vá pela porta de trás.

Começou a fechar a porta, mas a jovem conseguiu evitar colocando o pé na soleira.

-Nãooo! -gritou, porque tinha a impressão de que, se fechassem a porta na cara, acabaria condenada de por vida a papa fria e chaminés sujas.

-Senhora, tire o pé.

-Nem morta -respondeu Ellie enquanto afastava a porta com o cotovelo e o ombro.

-Verei o conde e...

-O conde não trata com as de sua classe.

-Minha classe? -exclamou ela. Aquilo ultrapassava o intolerável.

Tinha frio, estava empapada, não podia tirar um dinheiro que era seu e ainda por cima um presunçoso mordomo a chamava prostituta.

-Me deixe entrar agora mesmo! Está caindo um dilúvio.

-Já o vejo.

-Desalmado -sussurrou ela-. Quando vir o conde, direi-lhe...

-Rosejack, que diabos é tudo isto?

Ellie esteve a ponto de derreter de alívio quando ouviu a voz de Billington. De fato, o teria feito se não estivesse certa de que qualquer amostra de alívio por sua parte acabaria com o mordomo fechando a porta em seu nariz e deixando-a na rua.

-Há uma criatura na porta -respondeu Rosejack.

-Não quer ir.

-Sou uma mulher, cretino!

-Ellie se serviu do punho que tinha conseguido deslizar ao outro lado a porta para lhe dar um golpe na cabeça.

-Pelo amor de Deus -disse Charles-. Abre a porta e deixa-a passar.

Rosejack abriu a porta de tudo e Ellie caiu no chão sentindo-se como um rato molhado em meio de um entorno tão esplendoroso. O chão estava cheio de belos tapetes, na parede havia um quadro que teria jurado que era de Rembrandt e o vaso que tinha esbarrado quando caiu... Bom, tinha o pressentimento de que era importado de China.

Levantou a cabeça enquanto tentava afastar as mechas molhadas do rosto. Charles estava muito bonito, parecia divertido e desagradavelmente seco.

-Milord? -disse ela, quase sem fôlego e sem voz. Não parecia ela, porque suas discussões com Deus e o mordomo tinham lhe deixado uma voz áspera e rouca.

O conde piscou enquanto a olhava.

-Desculpe, senhora - disse. Conhecemo-nos?

CAPÍTULO 03

Ellie nunca tinha sido uma garota de caráter forte. Sim, como seu pai estava acostumado a dizer, falava muito, mas era uma garota sensível e sensata que não gritava nem se irritava.

Entretanto, esse aspecto de sua personalidade não apareceu em Wycombe Abbey.

-O que? -gritou enquanto se levantava.

-Como se atreve! -exclamou enquanto se equilibrava sobre Billington, que começou a retroceder muito devagar devido a ferida e à bengala.

-Será desalmado! -chiou, enquanto o empurrava e caía no chão com ele.

Charles grunhiu.

-Se me empurrou - disse, deve ser a senhorita Lyndon.

-É obvio que sou a senhorita Lyndon - gritou ela.

-Quem ia ser, se não?

-Devo assinalar que não parece você.

Aquilo fez com que Ellie fizesse uma pausa. Estava certa de que se parecia bastante a um rato molhado, com a roupa cheia de barro e o chapéu... Olhou a seu redor. Onde diabos estava o chapéu?

-Perdeu algo? - perguntou Charles.

-Meu chapéu - respondeu Ellie que, de repente, sentia-se muito envergonhada.

Ele sorriu.

-Eu gosto mais sem chapéu. Perguntava-me de que cor era seu cabelo.

-É vermelho - respondeu ela, que se havia dito aquilo tinha que ser a indignidade total. Odiava seu cabelo; sempre o tinha odiado.

Charles tossiu para camuflar outro sorriso.

Ellie estava empanada de barro, feito uma fúria e ele não recordava a última vez que se divertiu tanto. Bom, sim que o recordava.

No dia anterior, para ser exatos, quando tinha caído de uma árvore e tinha tido a boa sorte de aterrissar em cima dela.

Ellie elevou a mão para afastar uma mecha molhada e pegajosa do rosto, o que provocou que o úmido vestido lhe pegasse ao corpo. A pele de Charles se acendeu.

Sim - pensou. Seria uma esposa perfeita.

-Milord? - perguntou o mordomo enquanto se agachava para ajudar o conde a levantar-se-. Conhecemos esta pessoa?

-Temo que sim - respondeu Charles, o que lhe valeu um mordaz olhar de Ellie.

-Pelo visto, a senhorita Lyndon teve um dia complicado. Possivelmente poderíamos lhe oferecer um chá e... -olhou-a com receio- uma toalha.

-Eu agradeceria -respondeu Ellie com recato.

O conde a olhou enquanto se levantava.

-Confio em que tenha reconsiderando minha proposta. Rosejack se deteve em seco e se virou.

-Proposta? -exclamou.

Charles sorriu.

-Sim, Rosejack. Espero que a senhorita Lyndon me conceda a honra de ser minha mulher.

O mordomo empalideceu. Ellie o olhou com uma careta.

-Surpreendeu-me a tormenta - disse, embora logo pensou que era mais que óbvio. Normalmente estou um pouco mais apresentável.

-Surpreendeu-a a tormenta - repetiu Charles-. E dou fé de que normalmente está muito mais apresentável. Asseguro que será uma excelente condessa.

-Ainda não aceitei - murmurou Ellie.

Parecia que Rosejack fosse a desmaiar a qualquer momento.

-Aceitará - disse Charles com um sorriso cúmplice.

-Como pode...?

-Por que outro motivo teria vindo, se não? -interrompeu-a ele. virou-se para o mordomo.

-Rosejack, o chá, por favor. E não se esqueça da toalha.Ou melhor traga duas - baixou o olhar até os atoleiros que Ellie estava deixando no chão de madeira e voltou a olhar o criado-. Será melhor que traga várias.

-Não vim aceitar sua proposta - disse Ellie. Só queria comentar algumas coisas com você. Eis...

-Claro, querida - murmurou Charles. -Quer me seguir até o salão? Ofereceria o braço, mas me temo que estes dias não posso oferecer muita estabilidade -assinalou a bengala.

Ellie exalou com frustração e o seguiu até um salão próximo.

Estava decorado em tons nata e azul e ela não se atrevia a sentar-se em nenhum lugar.

-Não creio que as toalhas sejam suficientes, milord - disse. Nem sequer me atreveria a pisar no tapete. Não com a quantidade de água que gotejava do vestido.

Charles a observou atentamente.

-Creio que tem razão. Gostaria de trocar de roupa? Minha irmã está casada e agora vive em Surrey, mas ainda tem alguns vestidos aqui. Acho que ficarão bem.

Ellie não gostava da idéia de usar roupa de outra pessoa sem pedir permissão, mas a outra opção era cair doente com febre. Olhou os dedos, que tremiam de frio e umidade, e assentiu com a cabeça.

Charles tocou o sino e em seguida chegou uma criada. O conde lhe deu instruções para que a acompanhasse até o quarto de sua irmã. Ellie seguiu à moça com a sensação de que, sem saber como, tinha perdido um pouco o controle de seu destino.

O conde se sentou em um cômodo sofá, soltou ar, relaxado, e em seguida enviou um silencioso agradecimento ao responsável por Ellie ter se apresentado em sua porta. Tinha começado a temer que teria que ir a

Londres e casar-se com uma dessas terríveis debutantes que sua família seguia apresentando.

Enquanto esperava o chá e à senhorita Lyndon, assobiou para si mesmo. por que tinha vindo? Ainda estava um pouco enfraquecido quando tinha feito aquela estranha proposta no dia anterior, mas não tanto para não calcular os sentimentos de Ellie.

Pensava que o rechaçaria. Estava quase certo.

Era uma garota sensível. Apesar do pouco tempo que a conhecia, aquilo era óbvio. O que seria que a fizesse se entregar em matrimônio a um homem que quase não conhecia?

Alguns motivos eram óbvios. Tinha dinheiro e um título e, se casasse com ele, ela também teria dinheiro e um título. Mas Charles suspeitava que não aceitaria por isso. Tinha visto o olhar de desespero em seus olhos quando havia...

Franziu o cenho e em seguida riu enquanto se levantava para olhar pela janela. A senhorita Lyndon o tinha atacado. Na entrada. Não havia outra palavra para defini-lo.

Trouxeram o chá uns minutos depois e Charles disse à criada que o deixasse no bule para que seguisse em fusão. Gostava dele forte.

Em alguns minutos mais, ouviu uns dúbios golpes na porta. Virou-se, surpreso, pois havia dito à garota que a deixasse aberta.

Ellie estava na soleira, com a mão levantada para tornar a chamar.

-Pensei que não tinha me ouvido - disse.

-A porta estava aberta. Não tinha que chamar.

Ela encolheu de ombros.

-Não queria incomodar.

Charles a convidou a entrar e a observou com atenção enquanto cruzava o salão. O vestido de sua irmã era um pouco longo, assim tinha que subir a saia verde pálido para andar. Assim foi como pôde ver que não usava sapatos. Era curioso comprovar como a visão de um pé podia fazer reagir a algo entre suas pernas dessa forma...

Ellie viu que ele estava olhando os pés e se ruborizou.

-Sua irmã tem pés muito pequenos - disse, e meus sapatos estão ensopados.

Ele piscou, como se estivesse perdido em seus pensamentos, meneou ligeiramente a cabeça e a olhou nos olhos.

-Não importa - disse, e logo voltou a deslizar o olhar até seus pés.

Ellie soltou a saia e se perguntou por que diabos ele olhava tanto os pés.

-O verde lhe cai muito bem - disse enquanto se aproximava coxeando dela.

-Deveria usar mais freqüentemente.

-Todos meus vestidos são escuros e práticos - respondeu ela, com uma mescla de ironia e nostalgia na voz.

-Uma lástima. Terei que comprar vestidos novos quando nos casarmos.

-Um momento! -protestou Ellie.

-Não aceitei sua proposta. Só vim A...interrompeu quando se deu conta de que estava gritando e continuou em um tom mais relaxado.

-Só vim a falar com você.

Ele sorriu muito devagar.

-O que quer saber?

Ellie suspirou enquanto desejava ter iniciado a conversa com um pouco mais de serenidade. Embora, claro, tampouco teria servido de muito, tendo em conta a entrada que tinha protagonizado. O mordomo jamais a perdoaria. Levantou o olhar e disse:

-Se importa se me sento?

-Claro que não. Que mal educado - assinalou o sofá e ela se sentou-. Quer servir o chá?

-Sim, eu adoraria. -Ellie se aproximou da bandeja e começou a servir. Servir chá a esse homem em sua própria casa parecia algo terrivelmente íntimo.

-Leite?

-Por favor. Sem açúcar.

Ela sorriu.

-Eu tomo igual.

Charles bebeu um gole e a observou por cima do bordo da xícara. Estava nervosa. Não podia culpá-la. Era uma situação muito estranha e tinha que admirá-la por mostrar tanta força. A viu beber o chá e logo disse:

-Por certo, seu cabelo não é vermelho.

Ellie se engasgou com a infusão.

-Como o chamam? -perguntou-se Charles, enquanto levantava as mãos como se isso pudesse despertar o cérebro-. Ah, sim, loiro fresa. Embora o nome me parece do mais inapropriado.

-É vermelho -disse Ellie sem rodeios.

-Não, não, não o é. É...

-Vermelho.

Ele desenhou um preguiçoso sorriso.

-Está bem, se insistir, é vermelho.

A jovem ficou estranhamente decepcionada de que tivesse cedido. Sempre tinha querido que seu cabelo fosse de uma cor mais exótica que simplesmente vermelho. Era um presente inesperado de algum antepassado irlandês do qual já não se lembravam.

O único bom era que tinha sido uma fonte de irritação constante para seu pai, que tinha náuseas de pensar que podia haver um católico em algum canto de sua árvore genealógica.

Ellie sempre tinha gostado de pensar que havia algum pícaro católico na família. Sempre tinha gostado da idéia de um pouco extraordinária, algo que rompesse a monotonia de sua rotineira vida. Olhou Billington, que estava sentado elegantemente em uma cadeira diante dela.

Decidiu que esse homem entrava na categoria de um pouco extraordinário. Igual à situação em que a havia posto recentemente. Desenhou um débil sorriso enquanto pensava que teria que ser mais forte.

Tinha um rosto incrivelmente lindo e seu encanto... Bom, ninguém discutia que não era letal. Entretanto, tinha que levar aquela conversa como a mulher sensata que era. Esclareceu a garganta.

-Creio que estávamos falando de... -franziu o cenho- Do que estávamos falando?

-De seu cabelo - respondeu ele, arrastando as palavras.

Ellie notou que ruborizava.

-Sim. Já. Mmm...

Charles teve piedade dela e disse:

-Imagino que não quer me explicar o que a fez reconsiderar minha proposta.

Ela levantou o olhar de repente.

-O que lhe faz pensar que foi algo em concreto?

-Leva o desespero escrito no olhar.

Ellie nem sequer podia fingir se sentir ofendida por esse comentário porque sabia que era verdade.

-Meu pai voltará a casar no mês que vem-disse depois de um longo suspiro.Sua prometida é uma bruxa.

Ele apertou os lábios.

-Tão mal é?

Ellie tinha a sensação de que Charles acreditava que exagerava.

-Não brinco. Ontem me deu duas listas. Na primeira havia todos os deveres da casa que devo realizar, além dos que já faço.

-E o que? Obrigava a limpar a chaminé? -burlou-se ele.

-Sim! - exclamou Ellie. Sim, e não era brincadeira! E ainda por cima teve a desfaçatez de me dizer que como muito quando lhe disse que não caberia na chaminé.

-Me parece que tem o tamanho perfeita-murmurou Charles. Entretanto, ela não o ouviu, embora possivelmente fosse melhor. Não queria assustá-la. Não quando estava tão próximo de conseguir inscrever seu nome na maldita certidão de casamento.

-E a outra lista? -perguntou.

-Possíveis maridos -respondeu ela com a voz enojada.

-Aparecia eu?

-Asseguro que não. Só anotou nomes de homens aos quais acredita que posso aspirar.

-Pobre.

Ellie franziu o cenho.

-Não tem muita boa opinião de mim.
-Estremeço ao pensar quem estava na lista.
-Vários homens de mais de sessenta anos, um com menos de dezesseis e um que é tolo.

Charles não pôde evitar, pôs-se a rir.

-Não acho graça! -exclamou Ellie. E nem sequer mencionei que batia em sua primeira mulher.

Ele ficou sério imediatamente.

-Não se casará com alguém que lhe bata.

Ellie ficou boquiaberta. Parecia quase como se fosse dela. Que estranho.

-Asseguro que não o farei. Se me casar, escolherei com quem. E temo, milord, que, de todas minhas opções, você parece o melhor partido.

-Adula-me - balbuciou ele.

-Pensava que não teria que me casar com você. Charles franziu o cenho porque acreditava que não tinha porque estar tão resignada.

-Tenho dinheiro - continuou ela-. O suficiente para sobreviver durante um tempo. Ao menos, até que minha irmã e seu marido retornem de suas férias.

-Que será...?

-Dentro de três meses - respondeu Ellie.

-Ou possivelmente um pouco mais tarde. Seu filho tem um pequeno problema respiratório e o médico lhes disse que um clima mais quente iria bem.

-Espero que não seja nada grave.

-Não - respondeu Ellie, reforçando a resposta com um movimento de cabeça-. É uma dessas coisas que se superam. Mas temo que siga sem opções.

-Não a entendo - disse Charles.

-O advogado não quis me dar o dinheiro.

Ellie relatou os acontecimentos do dia, embora evitou sua indigna discussão com o céu. Esse homem não tinha por que saber tudo dela. Era melhor não dizer nada que pudesse fazer acreditar que estava transtornada.

Charles ficou sentado sem dizer nada e brincando com os dedos enquanto a escutava.

-O que é exatamente o que quer que faça por você? -perguntou quando ela terminou.

-Em um mundo ideal, eu gostaria que fosse ao escritório do advogado em meu nome e lhe pedisse que o deixasse tirar meu dinheiro -respondeu ela.

-Então, poderia viver tranquilamente em Londres e esperar minha irmã.

-E não casar-se comigo? -perguntou ele, com um sorriso cúmplice.

-Não vai passar, não é?

Ele meneou a cabeça.

-Possivelmente poderia me casar com você, você tira meu dinheiro e, uma vez que se assegurou a herança, poderíamos obter a anulação... -tentou parecer convincente, mas suas palavras ficaram no ar quando viu que ele meneava a cabeça.

-Este plano apresenta dois problemas -disse.

-Dois? -repetiu ela. Possivelmente teria podido solucionar um, mas dois? Duvidava-o.

-O testamento de meu pai expõe especificamente a possibilidade de um casamento de conveniência unicamente para conseguir a herança. Se solicitasse a anulação, perderia-o tudo, e o dinheiro iria parar à mãos de meu primo.

Ellie sentiu seu coração parar.

-E, em segundo lugar - continuou ele-, uma anulação implicaria que não teríamos consumado o casamento. Ellie tragou saliva.

-Eu não vejo nenhum problema nisso.

Ele se inclinou para frente.

-Seriamente? -perguntou com suavidade.

Não gostava do salto que tinha dado seu coração. O conde era muito atraente para seu bem..., muito atraente para o bem dela.

-Se nos casarmos - disse Ellie, ansiosa para mudar de assunto-, terá que tirar meu dinheiro por mim. Pode fazê-lo? Porque, se não, não me casarei com você.

-Poderei proporcionar o que queira sem necessidade desse dinheiro - disse Charles.

-Mas é meu, e trabalhei muito duro. Não penso deixar que apodreça nas mãos de Tibbett.

-Claro que não -balbuciou o conde, como se estivesse fazendo um grande esforço por não rir.

-É por princípios.

-E o que lhe importa são os princípios, não é?

-Absolutamente -fez uma pausa-. Embora esteja claro que os princípios não dão de comer. Se não, não estaria aqui.

-Muito bem. Conseguirei seu dinheiro. Não será muito difícil.

-Para você, possivelmente não-balbuciou Ellie um pouco contrariada. Mas eu nem sequer obtive que esse homem admita que sou mais inteligente que uma ovelha.

Charles riu.

-Não tema, senhorita Lyndon. Eu não cometerei o mesmo engano.

-E esse dinheiro será meu -insistiu Ellie-. Sei que quando nos casarmos, todas minhas propriedades, por mais escassas que sejam, serão suas, mas eu gostaria de dispor de uma conta à parte no meu nome.

-Feito.

-E se assegurará de que o banco saiba que serei a única no controle desses recursos?

-Se o desejar.

Ellie o olhou com desconfiança. Charles reconheceu o olhar e disse:

-Tenho dinheiro mais que suficiente, se nos casarmos em seguida. Não necessito o seu.

Ela respirou tranqüila.

-Perfeito. Eu gosto de investir e eu não gostaria de ter que lhe pedir a assinatura cada vez que queira fazer um transação.

Charles ficou boquiaberto.

-Investe?

-Sim, e se me permite dizê-lo, me dou bastante bem. Ano passado, tirei grandes benefícios com o açúcar.

Ele sorriu com incredulidade. Estava seguro de que se dariam com maravilha. As horas junto a sua nova mulher seriam mais que prazenteiras e, pelo visto, seria capaz de entreter-se enquanto ele se ocupava de seus assuntos em Londres. A última coisa que precisava era atar-se a uma mulher que choramingasse cada vez que a deixasse só.

Entrecerrou os olhos.

-Não é uma dessas mulheres controladoras, é?

-O que quer dizer?

-A última coisa que preciso é uma mulher que queira dirigir minha vida. Necessito uma esposa, não uma governanta.

-É bastante exigente para alguém que só tem quatorze dias antes de perder sua fortuna para sempre.

-O casamento é para toda a vida, Eleanor.

-Acredite, eu sei.

-E então?

-Não - respondeu ela, quase pondo os olhos em branco.

-Não sou. Embora isso não queira dizer que não irei dirigir minha própria vida, é obvio.

-É obvio - assentiu ele.

-Mas não interferirei na sua. Nem sequer saberá que existo.

-Não sei por que, duvido.

Ela o olhou com o cenho franzido.

-Já sabe a que me refiro.

-Muito bem -disse ele.

-Acho que chegamos a um acordo bastante justo. Caso-me com você, e você consegue seu dinheiro. Casa-se comigo, e eu consigo meu dinheiro.

Ellie piscou.

-Não o tinha visto assim, mas, sim, é o resumo do acordo.

-Perfeito. Temos um trato?

Ela engoliu enquanto tentava ignorar a terrível sensação de que acabava de vender sua alma ao diabo. Como acabava de dizer o conde, o casamento era para sempre, e ela mal fazia dois dias que o conhecia. Fechou os olhos um segundo e assentiu.

-Excelente. Charles se levantou sorridente e se apoiou no braço da poltrona enquanto agarrava a bengala-. Temos que fechá-lo de uma forma mais festiva.

-Champanha? -propôs Ellie, embora em seguida quis repreender-se por ser tão atrevida. Sempre tinha querido saber que gosto tinha.

-Boa idéia - murmurou ele enquanto se aproximava do sofá onde ela estava.

-Estou seguro de que deve haver alguma garrafa na casa. Mas eu estava pensando em algo um pouco distinto.

-Distinto?

-Mais íntimo.

Lhe cortou a respiração.

Charles se sentou a seu lado.

-Acredito que um beijo seria o mais apropriado.

-OH - disse Ellie, muito rápido e em voz alta. Não é necessário,e se por acaso ele não a tinha entendido, agitou com força a cabeça.

Ele a segurou pelo queixo de forma ligeira mas firme.

-Ao contrário, esposa minha. Acho que é muito necessário.

-Não sou sua...

-Será.

Ellie não tinha réplica.

-Deveria estar seguro de que encaixamos, não acha? -se aproximou um pouco mais.

-Estou certa de que nos encaixamos. Não temos que...

Charles reduziu a metade da distância que os separava.

-Já disseram alguma vez que fala muito?

-Sim, muitas vezes - respondeu ela, desesperando-se por fazer ou dizer o que fosse para evitar que a beijasse-. De fato...

-E nos momentos mais inoportunos - meneou a cabeça em um doce gesto de reprimenda.

-Bom, é que meu sentido da oportunidade não é ideal. Olhe...

-Cale-se.

E o disse com uma autoridade tão suave que ela se calou. Ou possivelmente foi pelo ardente olhar em seus olhos. Ninguém nunca havia olhado Eleanor Lyndon com ardor. Aquilo era mais que surpreendente.

Charles encostou seus quadris aos dela e todo o corpo de Ellie deu um salto quando ele a acariciou o pescoço.

-OH, Meu Deus - sussurrou.

Ele riu.

-Também fala enquanto beija.

-OH - ela levantou a cabeça um pouco nervosa. Não tenho que fazê-lo?

Ele se pôs-se a rir com tanta força que teve que se separar e sentar-se.

-Na realidade - disse, assim que pôde, resulta-me do mais atraente. Sempre que forem elogios.

-OH - repetiu ela.

-Tornamos a tentar? -perguntou.

Ellie tinha usado todos os protestos com o primeiro beijo. Além disso, agora que tinha provado uma vez, sentia um pouco mais de curiosidade. Assentiu lentamente.

Nos olhos de Charles se refletiu algo muito masculino e possessivo, e seus lábios voltaram a roçá-la. Foi tão suave como o primeiro, mas muito, muito mais apaixonado. A língua de Charles se aproximou de seus lábios até que ela os separou com um suspiro. Então ele entrou e explorou sua boca com uma tranqüila confiança.

Ellie se deixou levar pelo momento e se apoiou nele. Era quente e forte e havia algo emocionante em como suas mãos se aferravam a suas costas. Sentiu-se marcada e queimada, como se acabasse de pôr seu selo.

A paixão de Charles aumentou... e a assustou. Ellie nunca tinha beijado um homem, mas estava certa de que ele era um perito. Não sabia o que fazer e ele sabia muito e... tensionou-se porque, de repente, a situação a ultrapassou. Aquilo não estava bem. Não o conhecia e...

O conde se separou porque percebeu que ela não estava a vontade.

-Encontra-se bem? -sussurrou.

Ellie tentou recordar como respirar e, quando por fim recuperou a voz, disse:

-Já havia feito antes, não é? -e então fechou os olhos um instante e balbuciou:- O que estou dizendo? claro que sim.

Ele assentiu enquanto seu corpo se agitava com uma gargalhada silenciosa.

-Supõe algum problema?

-Não estou certa. Tenho a sensação de ser uma espécie de... -não pôde terminar.

-Uma espécie do que?

-De prêmio.

-Bom, asseguro que o é -respondeu Charles, deixando claro com o tom de voz que sua intenção era adúlta-la.

Mas Ellie não o interpretou da mesma forma. Não gostava de se ver como um objeto que ganhava, e particularmente não gostava do fato de que Billington conseguisse enjoar a de tal forma que, quando a beijava, perdia toda a capacidade de raciocinar. Afastou-se dele e se sentou na poltrona que ele tinha ocupado antes. Ainda conservava o calor de seu corpo e ela teria jurado que podia cheirá-lo e...

Meneou a cabeça. Que diabos lhe tinha feito esse beijo?

Seus pensamentos foram de um lado a outro sem um rumo concreto. Não estava certa se gostava daquela forma, alterada e estúpida.

Ergueu-se e levantou a cabeça.

Charles arqueou as sobrancelhas.

-Pressinto que tem algo importante a me dizer. Ellie franziu o cenho.

Tão transparente era?

- Sim- disse.

-A respeito desse beijo...

-Estou encantado de falar desse beijo - disse, e ela não estava certa se estava rindo, sorrindo O...

Estava-o fazendo outra vez. Voltava a perder os papéis. Aquilo era perigoso.

-Não pode voltar a acontecer - soltou de repente.

-Sério? -perguntou ele, arrastando as palavras.

-Se for me casar com você...

-Já aceitou - disse ele, com uma voz que parecia muito perigosa.

-Sei, e não sou das que não mantém a palavra. Ellie tragou saliva e se deu conta de que era o que estava a ponto de fazer-. Mas não posso me casar com você a menos que acordemos não... não...

-Consumar o casamento? Terminou ele por ela como se nada.

-Sim! - disse ela, com um suspiro de alívio-. Sim, exatamente.

-Não posso.

-Não seria para sempre - acrescentou ela em seguida-. Só até que me acostume a... ao matrimônio.

-Ao matrimônio ou a mim?

-A ambos.

Charles ficou calado um minuto.

-Não peço tanto - disse Ellie, ao final, desesperada por romper o silêncio. Não quero uma atribuição exagerada. Não necessito jóias ou vestidos...

-Precisa de vestidos - interrompeu ele.

-Está bem - aceitou ela enquanto pensava que seria maravilhoso usar algo que não fosse marrom.

-Preciso de vestidos, mas nada mais.

Ele a olhou muito sério.

-Eu necessito mais.

Ela tragou saliva.

-E o terá. Mas não em seguida.

Ele juntou os dedos. Era um gesto que, na mente de Ellie, já havia se convertido em algo próprio e único dele.

-Está bem - assentiu-. Aceito. Sempre que você faça algo por mim em troca.

-Qualquer coisa. Bom, quase qualquer coisa.

-Imagino que terá pensado me comunicar quando estará pronta para consumir o casamento.

-Eh..., sim - disse Ellie. Não tinha pensado. Era difícil pensar em algo quando o tinha sentado diante, olhando-a fixamente.

-Em primeiro lugar, devo insistir em que sua participação no ato marital não fique injustificadamente excluída.

Ela entreteceu os olhos.

-Estudou a lei? Porque tudo isto soa terrivelmente legal.

-Um homem de minha posição deve engendrar um herdeiro, senhorita Lyndon. Seria uma estupidez por minha parte seguir adiante com nosso acordo sem sua promessa de que nossa abstinência não será uma situação permanente.

-É obvio - respondeu ela, muito devagar, enquanto tentava ignorar a inesperada tristeza que se apoderou de seu coração.

Pensava que tinha despertado uma paixão nele. Deveria saber. Tinha outros motivos para beijá-la-. Não... Não o farei esperar uma eternidade.

-Perfeito. E agora vamos à segunda parte de minhas condições.

Ellie não gostou do olhar que viu em seus olhos. Ele se inclinou para diante.

-Reservo-me ao direito de tentar convencê-la do contrário.

-Não o entendo.

-Não? Aproxime-se.

Ela meneou a cabeça.

-Não acho que seja uma boa idéia.

-Aproxime-se, Eleanor.

O fato de que a chamasse pelo nome de batismo a surpreendeu. Não tinha dado permissão para fazê-lo e, entretanto, tinha aceitado casar-se com ele, assim supôs que não podia lhe impor poréns.

-Eleanor - repetiu ele, que deixou entrever sua impaciência por sua demora. Quando ela seguiu sem responder, elevou o braço, segurou-a da mão, obrigou-a a rodear a mesinha de mogno e a sentou em seus joelhos.

-Lorde Billing...

Tapou-lhe a boca com a mão enquanto seus lábios se pegaram a sua orelha.

-Quando disse que me reservava ao direito de tentar convencê-la do contrário - sussurrou-lhe,

-Referia a isto. Voltou a beijá-la, e Ellie perdeu totalmente a capacidade de pensar. De repente, ele interrompeu o beijo e a deixou tremendo. Sorriu.

-Parece justo?

-Eu... ah...

Parecia que ele desfrutava de seu desconcerto.

-É a única forma em que vou aceitar sua petição.

Ela assentiu hipnotizada. Afinal, com que freqüência ia querer beijá-la? Levantou-se cambaleando.

-Será melhor que vá para casa.

-Perfeito.Charles olhou pela janela. Já não chovia, mas tinha começado a entardecer.

-Quanto aos outros pormenores de nosso acordo, podemos ir solucionando-os com o decorrer.

Ellie abriu a boca, surpreendida:

-Pormenores?

-Imaginei que uma mulher de suas sensibilidades iria querer estipular suas obrigações.

-Creio que você também terá "obrigações".Charles desenhou um meio sorriso irônico.

-É obvio.

-Muito bem.

Tirou-a do braço e a acompanhou até a porta.

-Farei que uma carruagem a leve para casa e vá recolher amanhã.

-Amanhã? -perguntou ela, quase sem ar.

-Não tenho tempo a perder.

-Não necessitamos uma licença?

-Já a tenho. Só terá que escrever seu nome.

-Pode fazer isso? -perguntou ela. É legal?

-Se conhecer as pessoas adequadas, pode fazer o que quiser.

-Mas terei que me preparar. Fazer a bagagem –“Encontrar algo que pôr”, disse-se em silêncio. Não tinha nada adequado para casar-se com um conde.

-Está bem - disse ele, um pouco seco. Depois de amanhã.

-Muito logo. Ellie colocou as mãos na cintura em uma tentativa de mostrar-se mais firme.

Ele cruzou de braços.

-Dentro de três dias, e é minha última oferta.

-Trato feito, milord - disse Ellie com um sorriso. Havia passado os últimos cinco anos negociando de forma clandestina. Palavras como “última oferta” lhe resultavam familiares e cômodas. Muito mais que “casamento”.

-De acordo, mas se tiver que esperar três dias, tenho que lhe pedir algo em troca.

Ela entreteceu os olhos.

-Não é muito cavalheiresco fechar um trato e em seguida seguir acrescentando condições.

-Acho que é exatamente o que você fez a respeito da consumação de nosso casamento.

Ellie ruborizou.

-De acordo. O que quer?

-É algo benigno, o prometo. Só peço uma tarde em sua companhia. Ao fim, estou cortejando-a, não é certo?

-Creio que poderíamos chamá-lo...

-Amanhã - interrompeu ele. A pegarei pontualmente ao meio-dia.

Ellie assentiu com a cabeça porque não confiava que pudesse falar.

Em alguns minutos, apareceu um coche de dois cavalos e Charles observou como um moço a ajudava a subir. Apoiou-se na bengala e dobrou o tornozelo. Seria melhor que a maldita lesão se curasse logo; tinha a sensação de que teria que perseguir sua mulher por toda a casa.

Ficou na escada da entrada alguns minutos depois de perder o coche de vista, observando como o sol se aproximava do horizonte e tingia o céu.

“Seu cabelo” pensou de repente. O cabelo de Eleanor era da mesma cor do sol em seu momento preferido do dia.

Sentiu como seu coração se enchia de uma inesperada alegria, e sorriu.

CAPÍTULO 04

Quando Ellie chegou em casa naquela noite, parecia um molho de nervos. Uma coisa era aceitar o amalucado plano de casar-se com Billington, e outra muito distinta era enfrentar com tranquilidade seu severo e dominante pai e lhe informar de seus planos.

Por desgraça, a senhora Foxglove tinha retornado, presumivelmente para explicar ao reverendo a má e ingrata filha que tinha. Ellie esperou com paciência durante a diatribe da mulher até que esta disse:

-Sua filha - e o disse assinalando-a com um gorduroso dedo. Terá que cuidar suas maneiras. Não sei como vou poder viver em paz com ela em minha casa, mas...

- Não terá que fazê-lo - interrompeu Ellie.

A senhora Foxglove virou a cabeça e a olhou com raiva:

-Como diz?

-Não terá que viver comigo-repetiu a jovem-. Parto depois de amanhã.

-E onde pensa ir? -perguntou o senhor Lyndon.

-Casarei.

Com essa frase, assegurou a atenção de todos os presente. Ellie encheu o silêncio e disse:

-Dentro de três dias. Caso-me dentro de três dias. A senhora Foxglove recuperou sua habitual facilidade de palavra e disse:

-Não seja ridícula. Sei que não tem nenhum pretendente.

Ellie desenhou um pequeno sorriso.

-Temo que está mal informada.

O senhor Lyndon as interrompeu:

-Importaria de nos dizer o nome de seu pretendente?

-Surpreende-me que não lhes tenham fixado em sua carruagem quando cheguei a casa. É o conde de Billington.

-Billington? -repetiu com incredulidade o reverendo.

-Billington? -gritou a senhora Foxglove, que obviamente não sabia se estava encantada por sua próxima conexão com a aristocracia ou furiosa com Ellie por ter conseguido esse partido ela mesma

-Billington -disse a jovem, com firmeza. Acredito que nos damos muito bem. Agora, se me desculparem, tenho que ir fazer a mala.

Tinha percorrido meio caminho até seu quarto quando ouviu como seu pai a chamava. Quando se virou, viu que ele afastava a mão da senhora Foxglove e caminhava para ela.

-Eleanor - disse. Estava pálido e as rugas ao redor dos olhos estavam mais pronunciadas que nunca.

-Diga papai.

-Sei... Sei que com sua irmã cometi muitos enganos. Seria... interrompeu-se e esclareceu a garganta. Seria uma honra se me permitisse officiar a cerimônia na quinta-feira.

Ellie descobriu que estava piscando para não chorar.

Seu pai estava orgulhoso dela e a admissão e a petição que acabava de lhe fazer só podiam proceder do fundo de seu coração.

-Não sei o que planejou o conde, mas seria uma honra que oficiasse a cerimônia - pegou a mão de seu pai. Significaria muito para mim.

O reverendo assentiu e Ellie viu que estava chorando. Impulsivamente, ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. Fazia muito tempo que não o fazia. Muito, pensou, enquanto se comprometia a conseguir que, algum dia, seu casamento funcionasse. Quando tivesse sua própria família, seus filhos não teriam medo de explicar a seu pai o que sentiam. Só esperava que Billington pensasse igual.

Charles se deu conta de que tinha esquecido de perguntar a Ellie seu endereço, embora não custou muito encontrar a casa do vigário de Bellfield. Bateu na porta à uma em ponto e o surpreendeu descobrir que não era Ellie quem lhe abria, nem seu pai, mas sim uma gorda mulher de cabelo escuro que em seguida gritou:

-Você deve ser o conde.

-Imagino que sim.

-Não tenho palavras para lhe expressar o quanto honrado e encantado estamos de que se una a nossa humilde família.

Charles olhou a seu redor enquanto se perguntava se tinha se equivocado de casa. Era impossível que essa criatura estivesse relacionada a Ellie. A mulher o segurou do braço, mas o conde foi salvo por um som que chegou do outro lado da sala que só podia descrever como um grunhido afogado. Ellie. Graças a Deus.

-Senhora Foxglove - disse ela, com a voz cheia de irritação. Cruzou a sala rapidamente.

-Ah, a senhora Foxglove. Devia ser a horrível prometida do reverendo.

-Aqui chega minha querida filha - disse a mulher enquanto se voltava para Ellie com os braços abertos.

A jovem a esquivou com um ágil movimento.

-A senhora Foxglove é minha futura... madrasta - disse ela, enfatizando na última palavra.

-Passa muito tempo nesta casa. Charles conteve um sorriso porque pensava que Ellie acabaria destroçando-os dentes pela pressão se seguia lançando aqueles olhares fulminantes à senhora Foxglove. A mulher se virou para ele e disse:

-A mãe de minha querida Eleanor morreu faz muitos anos. Para mim é um prazer ser como uma mãe para ela.

Charles olhou Ellie. Parecia a ponto de estalar.

-O coche está esperando - disse. Pensei que poderíamos fazer um pic-nic no prado. Possivelmente deveríamos...

-Tenho um retrato de minha mãe -disse Ellie, olhando à senhora Foxglove apesar de que as palavras foram dirigidas a Charles-. Se por acaso quiser saber como era.

-Eu adoraria - respondeu ele. E em seguida possivelmente poderíamos ir.

-Têm que esperar o reverendo -disse a senhora Foxglove enquanto Ellie cruzava a sala e pegava um pequeno retrato de uma estantes.

-Lamentará muito não ter lhe conhecido.

Charles surpreendeu bastante que o senhor Lyndon não estivesse. O Senhor sabia que se ele tivesse uma filha que, de um dia para outro, decidisse casar-se, iria querer conhecer futuro marido.

O conde se permitiu um pequeno sorriso interno diante da idéia de ter uma filha. A paternidade parecia algo muito longínquo.

-Meu pai estará em casa quando retornarmos - disse Ellie. Virou-se para Charles e acrescentou:

-Está visitando os paroquianos.

Parecia que a senhora Foxglove queria dizer algo, mas se calou quando Ellie passou por seu lado com descaramento com o retrato na mão.

-Esta é minha mãe - disse a Charles.

Ele aceitou o retrato e admirou à mulher de cabelo escuro.

-Era muito bonita - disse com a voz relaxada.

-Sim, muito.

-Era muito morena.

-Sim, minha irmã Vitória é igual a ela. Isto - tocou-se uma mecha de cabelo avermelhado que se escapou do coque - foi uma surpresa para todos.

Charles se inclinou para lhe beijar a mão.

-Uma surpresa encantadora.

-Sim - disse a senhora Foxglove, que não gostava que a ignorassem. Nunca soubemos o que fazer com o cabelo de Eleanor.

-Eu sei exatamente o que fazer com ele -sussurrou Charles, tão baixinho que só Ellie pôde ouvi-lo, e que se ruborizou.

Ele sorriu e acrescentou:

-Será melhor irmos. foi um prazer, senhora Foxglove.

-Mas se só há...

-Vamos, Eleanor? -segurou-a na mão e a fez cruzar a soleira da porta. Assim que ficaram a uma distância prudente, Charles riu e disse:

-Foi por pouco. Pensava que não nunca nos deixaria ir.

Ellie se virou para ele, com as mãos apoiadas no quadril e, zangada, disse:

-Por que fez isso?

-O que? O comentário sobre seu cabelo? Porque eu adoro brincar com você. Envergonhei-a?

-É obvio que não. Embora pareça incrível, nos três dias que faz que o conheço, acostumei a seus descarados comentários.

-Então, qual é o problema?

-Me fez ruborizar - respondeu ela.

-Acreditava que, como você tão delicadamente disse, acostumou-se a meus descarados comentários.

-Sim, mas isso não significa que não me ruborize.

Charles piscou e olhou à esquerda de Ellie, como se ali houvesse um acompanhante imaginário.

-Falamos o mesmo idioma? Juro que perdi totalmente o fio da conversa.

-Ouvii o que disse sobre meu cabelo? - perguntou Ellie.

-Nunca soubemos o que fazer, disse. Como se fizesse anos que formasse parte de minha vida. Como se a deixasse formar parte dela.

-E? - perguntou Charles.

-Queria atravessá-la com o olhar, lhe arrancar a pele com uma careta, esquarterá-la com... O que está fazendo?

Se não estivesse partindo de risada, o conde teria respondido.

-Me ruborizar arruinou o efeito - disse ela entre dentes-. Como ia deixá-la cair no ridículo quando tinha as bochechas da cor das papoulas? Agora nunca saberá quão furiosa estou com ela.

-Diria que sim, que sabe - disse Charles, quase sem fôlego, enquanto ria da tentativa de Ellie de mostrar-se indignada.

-Não estou certa se gosto que tire ferro a minha deplorável situação.

-Não está certa? me parece bastante claro, elevou o braço e lhe roçou a comissura dos lábios com o dedo indicador. É uma careta bastante reveladora.

Ellie não sabia o que dizer, e odiava não saber o que dizer. Assim que cruzou os braços e fez um ruído parecido a:

-Mmmpuff...

Ele soltou um dramático suspiro.

-Vai estar de mau humor toda a tarde? Porque, se for assim, trouxe o Times para o pic-nic e posso lê-lo enquanto olha a paisagem e medita sobre as cinquenta coisas distintas que gostaria de fazer a sua futura madrasta.

Ellie ficou boquiaberta, mas em seguida reagiu e respondeu:

-Já tenho, ao menos, oitenta coisas em mente, e não me importa que leia, sempre que me deixe às páginas financeiras, desenhou um pequeno sorriso.

Charles estalou a língua enquanto lhe oferecia o braço.

-De fato, queria revisar alguns de meus investimentos, mas não me importaria compartilhá-lo com você.

Ellie pensou no próximo que teriam que sentar-se para poder ler a mesma página do periódico na manta de pic-nic.

-Seguro que não, disse entre dentes.

Embora em seguida se sentisse bastante estúpida, porque esse comentário implicava que queria seduzi-la, e ela estava bastante convencida de que, na mente de Charles, as mulheres eram mais ou menos intercambiáveis. Sim, ia se casar com ela, certo, mas tinha a suspeita de que a tinha escolhido porque lhe convinha. Ao fim, ele mesmo havia confessado que tinha duas semanas para encontrar uma esposa.

Parecia que gostava de beijá-la, mas certamente gostava de beijar qualquer mulher, exceto à senhora Foxglove. Além disso, tinha-lhe deixado muito claro o motivo principal pelo qual queria consumir o casamento. Como havia dito? Um homem de sua posição deve engendrar um herdeiro.

-Parece séria - disse Charles, o que provocou que ela o olhasse e piscasse várias vezes.

Ellie tossiu e se levou a mão instintivamente à cabeça.

-OH, não! exclamou de repente. Esqueci o chapéu.

-Dá igual disse ele.

-Não posso sair sem chapéu.

-Não verá ninguém. Só vamos ao prado.

-Mas...

-Mas o que?

Ela soltou o ar com irritação.

-Ficarei com sardas.

-Não me importa respondeu ele enquanto encolhia os ombros.

-Mas a mim sim!

-Não se preocupe. Estarão em seu rosto; não terá que as ver.

Ellie o olhou sem respiração, atônita diante de sua ilógica.

-A pura realidade continuou ele é que eu gosto de ver seu cabelo.

-Mas se é...

-Vermelho - ele terminou a frase por ela. Sei. Eu gostaria que deixasse de persistir em descrevê-lo de forma tão comum quando é muito mais que isso.

-Milord, só é cabelo.

-Seriamente? murmurou ele.

Ela pôs os olhos em branco e decidiu que era hora de mudar de assunto. Podiam falar de algo que obedecesse as regras da lógica normais.

-Que tal o tornozelo? Vejo que já não vai com bengala.

-Muito bem. Ainda dói um pouco, e às vezes coxeio, mas não estou mal para quem caiu de uma árvore.

Ela apertou os lábios em um gesto sardônico.

-Não deveria subir em árvores com o estômago cheio de uísque.

-Já fala como uma esposa - murmurou Charles enquanto a ajudava a subir no coche.

-Alguém tem que praticar, não é certo? respondeu ela, decidida a não lhe ceder a última palavra, embora sua última frase não estivesse muito inspirada.

-Suponho baixou o olhar, fingiu comprovar o estado do tornozelo e em seguida subiu ao coche. Não, parece que a ferida não deixou nenhuma dor permanente. Entretanto acrescentou com ironia, o resto do corpo está machucado pela briga de ontem.

-Briga? Ellie abriu a boca em um gesto de surpresa e preocupação. O que aconteceu? Está bem?

Ele se encolheu de ombros e suspirou com uma burlesca resignação enquanto agitava as rédeas e punha em marcha os cavalos.

-Uma louca ruiva imersa até os ossos me levou ao chão.

-OH, ela tragou saliva, um pouco incômoda, e olhou para um lado, onde viu como o povoado de Bellfield desfilava diante de seus olhos. Desculpe-me. Não era eu.

-Seriamente? Eu juraria que foi tal e como é.

-Como diz?

Ele sorriu.

-Fixou-se em que, quando não sabe o que dizer, sempre diz: "Como diz"?

Ellie ficou imóvel um segundo antes de dizer:

-Como diz?

-Não está acostumada a ficar sem palavras, não é? Não lhe deu tempo a responder e acrescentou: deixá-la atordoada é bastante divertido.

-Não me está aturdindo.

-Não? perguntou ele entre dentes ao tempo que lhe acariciava a comissura dos lábios com o dedo. Então, por que lhe tremem os lábios como se morresse de vontade de dizer algo, mas não soubesse como dizer?

-Sei exatamente o que quero dizer, serpente endiabrada.

-Retiro o que disse, disse ele, com um sorriso. Evidentemente, tem um controle absoluto de seu extenso vocabulário.

-Por que tudo tem que ser um jogo para você?

-Por que não? respondeu ele.

-Porque... Porque... as palavras de Ellie ficaram no ar quando se deu conta de que não tinha uma resposta.

-Porque o que? insistiu ele.

-Porque o casamento é algo sério, disse ela de repente.

-Muito sério.

A resposta dele também foi ágil e em voz baixa:

-Acredite, ninguém sabe melhor que eu. Se decidisse não casar-se comigo, ficaria com um montão de pedras e sem um pene para manter esta casa.

-Wycombe Abbey merece uma melhor descrição que “montão de pedras” disse Ellie, de forma automática. Sempre tinha admirado a boa arquitetura, e Wycombe Abbey era um dos edifícios mais bonitos da área.

Ele lhe lançou um olhar fulminante:

-Será, literalmente, um montão de pedras se não ter o dinheiro para mantê-la.

Ellie tinha a sensação de que a estava advertindo. Não faria nenhuma graça se agora decidisse não casar-se com ele. Não duvidava que o conde poderia tornar sua vida impossível se o deixasse plantado no altar e sabia que o rancor bastaria para que se dedicasse de corpo e alma a lhe arruinar a vida.

-Não tem do que preocupar-se, disse ela muito seca. Nunca faltei a minha palavra e não pretendo começar a fazê-lo agora.

-Tranqüiliza-me, milady.

Ellie franziu o cenho. Não parecia tranqüilo. Parecia satisfeito consigo mesmo. Estava pensando por que aquilo a perturbava tanto quando ele voltou a falar:

-Deveria saber algo sobre mim, Eleanor.

Ela se virou para ele com os olhos muito abertos.

-Pode ser que leve a vida como um jogo, mas, quando quero, posso chegar a me pôr muito sério.

-Como diz? respondeu ela, e em seguida se mordeu a língua por repetir-se.

-Sou o pior inimigo.

Ela se separou um pouco.

-Está me ameaçando?

-A minha futura mulher? respondeu ele de forma insossa. Claro que não.

-Creio que me está ameaçando. E acho que eu não gosto.

-Seriamente? perguntou ele arrastando as palavras. Isso é o que pensa?

-Penso, respondeu ela que o preferia quando estava ébrio.

Ele riu.

-Era mais fácil de dirigir. Não gosta de não ter o controle da situação.

-E a você sim?

-Nesse aspecto, somos iguais. Creio que encaixaremos à perfeição como marido e mulher.

Ela o olhou com incredulidade.

-Isso ou nos mataremos no processo.

-É uma possibilidade disse ele enquanto esfregava o queixo pensativo. Esperemos que não desenterremos os machados.

-De que diabos fala? Ele sorriu muito devagar.

-Consideram-me um bom atirador. E você?

Ela ficou boquiaberta. Estava tão surpreendida que não pôde evitar dizer:

-Como diz?

-Era uma brincadeira, Eleanor.

Ela fechou a boca.

-É obvio, disse, com a voz um pouco tensa. Já sabia.

-Claro.

Ellie notou uma pressão em seu interior, uma estranha frustração pelo fato de que esse homem pudesse deixá-la sem fala mais de uma vez.

-Eu não sou muito boa atiradora, respondeu ela com um tenso sorriso no rosto, mas sou um prodígio com as facas.

Charles emitiu um ruído afogado e teve que cobrir a boca com a mão.

-E sou muito silenciosa ao andar. Ellie se inclinou para frente e o sorriso foi adquirindo picardia enquanto voltava a recuperar a sagacidade. Será melhor que fechasse a porta de seu quarto de noite.

Ele também se inclinou para frente, com os olhos brilhantes.

-Mas, querida, meu único propósito na vida é me assegurar de que sua porta esteja aberta de noite. Cada noite.

Ellie começou a ficar acalorada.

-Prometeu-me...

-E você me prometeu disse, enquanto se aproximava até que seus narizes se roçaram que me deixaria tentar seduzi-la quando quisesse.

-Pelo amor de São Pedro! exclamou, com tanto desdém que Charles retrocedeu confuso. É a coleção de palavras mais amalucada que ouvi na vida.

Ele piscou.

-Está-me insultando?

-Bom, asseguro que não era um elogio respondeu ela, seca. Deixar que tente me seduzir. Por favor! Prometi que poderia tentá-lo. Jamais disse que lhe deixaria fazer nada.

-Nunca tive tantos problemas para seduzir uma mulher.

-Acredito.

-E menos com uma com a qual aceitei me casar. Tinha a impressão de que era a única ostentava essa duvidosa honra.

-Olhe, Eleanor disse ele, com um toque de impaciência na voz. Necessita este casamento tanto como eu. E não tente me dizer que não. Já conheci à senhora Foxglove. Sei o que a está esperando em casa.

Ellie suspirou. O conde sabia o apuro no que estava. A senhora Foxglove e suas intermináveis críticas se encarregaram disso.

-Além disso acrescentou ele um pouco irritado, o que quiser dizer com que crê quando digo que nunca tive tantos problemas para seduzir uma mulher?

Ela o olhou como se fosse estúpido.

-Exatamente isso. Que acredito. Deve saber que é um homem muito bonito.

Pelo visto, ele não soube o que responder. Se encantou conseguir deixá-lo sem palavras ao menos uma vez. Continuou:

-E é bastante encantador.

Ele sorriu.

-Acha isso?

-Muito encantado, acrescentou ela enquanto entrecerrava os olhos, o que dificulta descobrir a diferença entre seus elogios e suas adulações.

-Assuma que é todo elogio - respondeu ele agitando a mão no ar, e assim nos dois seremos mais felizes.

-Você será mais feliz, respondeu ela.

-E você também. Confie em mim.

-Confiar em você? Já! Pode ser que isso funcionasse com suas estúpidas amiguinhas de Londres, que só se preocupam com a cor das fitas do cabelo, mas eu sou feita de uma massa mais forte e mais inteligente.

-Sei, respondeu ele. Por isso me caso com você.

-Está me dizendo que demonstrei minha inteligência superior com minha habilidade para resistir a seus encantos? Ellie começou a rir. Que maravilha. A única mulher o suficientemente inteligente para ser sua condessa é a que pode ver através de sua capa superficial de libertino.

-Algo assim murmurou Charles, que não gostou de como ela tinha deturpado suas palavras, mas que era incapaz de tornar à distorcer a seu favor.

Ellie estava rindo a gargalhadas e não ele não achava nenhuma graça.

-Basta disse. Pare!

-Não posso disse ela enquanto tentava respirar. É que não posso.

-Eleanor, direi por última vez...

Ela se virou para responder e olhou ao caminho antes de chegar a seu rosto.

-Pelo amor de Deus! Olhe à estrada!

-Já olho a...

O que fosse dizer ficou no ar quando a carruagem atravessou um sulco especialmente grande, caiu de lado e lançou os dois passageiros ao chão.

CAPÍTULO 05

Charles grunhiu quando impactou com o chão, sentindo o golpe em cada osso, cada músculo e cada pelo de seu corpo. Meio segundo depois, Ellie caiu em cima dele e pareceu um saco de batatas com muito boa pontaria.

Ele fechou os olhos e se perguntou se algum dia poderia ter filhos, inclusive se algum dia quereria tentá-lo.

-Ai! - exclamou ela enquanto esfregava o ombro.

Teria gostado de responder, preferivelmente um pouco sarcástico, mas não podia falar. Doíam-lhe tanto as costelas que estava convencido de que romperiam se tentava dizer algo. Depois do que pareceu uma eternidade, ela rodou e se afastou, embora antes seu pequeno e pontiagudo cotovelo localizou o tenro oco debaixo do rim esquerdo.

-Não posso acreditar que não visse o sulco disse Ellie, com um olhar altiva, inclusive sentada no chão.

Charles pensou estrangulá-la. pensou lhe pôr uma focinheira. Inclusive se pensou beijá-la para lhe apagar essa perturbada expressão do rosto, mas, ao final, ficou no solo tentando recuperar a respiração.

-Inclusive eu poderia ter conduzido o coche melhor que você continuou ela enquanto se levantava e sacudia o pó do vestido. Espero que não tenha quebrado a roda.

O reparo é muito caro e quem se encarrega disso em Bellfield passa mais horas ébrio que sóbrio. Poderia ir até Faversham, claro, mas não recomendo...

Charles emitiu um grunhido agonizante apesar de que não sabia o que lhe doía mais: as costelas, a cabeça ou o sermão de Ellie.

Ela se agachou a seu lado, com a preocupação refletida no rosto.

-Não está ferido, está?

Ele conseguiu separar os lábios e mostrar os dentes, embora só o mais otimista do mundo houvesse descrito aquilo como um sorriso.

-Estou melhor que nunca, disse com voz rouca.

-Está ferido! - exclamou Ellie.

-Não muito conseguiu dizer ele. Só as costelas, as costas e o... começou a tossir.

-Minha mãe, disse ela. Sinto muito. Cortei-lhe a respiração quando cai em cima de você?

-Cortou-me isso até dentro de alguns anos.

Ellie franziu o cenho enquanto tocava a testa com a mão.

-Sua voz não parece nada bem. Tem febre?

-Por Deus, Eleanor, não tenho febre.

Ela afastou a mão e murmurou:

-Ao menos, não perdeu seu amplo e variado vocabulário.

Com a voz emergindo em forma de doloroso suspiro, Charles disse:

-Por que sempre que estou perto de você acabo lesado?

-Cuidado com o que diz! Exclamou Ellie. Não foi minha culpa. Eu não conduzia. E lhe asseguro que não tive nada que ver com que caísse de uma árvore.

Charles não se incomodou em responder. O único som que emitiu foi um gemido quando tentou levantar-se.

-Ao menos, deixe que olhe as feridas disse ela.

Ele lançou um olhar de relance que cheirava a sarcasmo.

-Perfeito! gritou ela, ao tempo que se levantava e agitava os braços no ar.

-Cuide-se você mesmo, então. Espero que a volta para casa seja maravilhosa. Que são? Dez, quinze quilômetros?

Ele acariciou a cabeça, que começava a pulsar com força.

-Seguro que o desfruta de muito, continuou ela. Sobre tudo com esse tornozelo.

Charles apertou as têmporas com mais força, com a esperança de que a pressão diminuísse a dor.

-Acho que tem uma veia vingativa de um quilômetro de largura murmurou ele.

-Sou a pessoa menos vingativa do mundo disse ela enquanto sorvia o nariz. E, se não esta de acordo, então possivelmente não deveria casar-se comigo.

-Casará comigo -grunhiu ele-, embora tenha que arrastá-la até o altar atada e amordaçada.

Ellie sorriu sardonicamente.

-Poderia tentá-lo -burlou-se-, mas em sua condição não poderia arrastar nem a uma pulga.

-E diz que não é vingativa.

-Pelo visto, começo a gostar de ser.

Charles segurou a parte posterior da cabeça, porque notava como se alguém lhe estivesse cravando agulhas longas e oxidadas. Fez uma careta de dor e disse:

-Não diga nada. Nenhuma palavra mais. Nenhuma... -gritou quando sentiu outra pontada de dor- maldita palavra mais.

Ellie, que nem sequer sabia que Charles tinha dor de cabeça, interpretou que aquelas palavras significavam que ele acreditava que era intrascendente, estúpida e perturbada. Ergueu as costas, apertou os dentes e apertou os punhos quase sem querer.

-Não fiz nada para merecer este tratamento - disse com voz altiva. E em seguida, com um sonoro «Uff», virou-se e começou a caminhar para sua casa.

Charles levantou a cabeça o suficiente para vê-la afastar-se, suspirou e desmaiou.

-Essa serpente desumana -murmurou Ellie para si mesma-. Se pensa que vou casar me com ele agora... É pior que a senhora Foxglove! -enrugou a testa e disse que não era apropriado começar a mentir aos vinte e três anos, assim acrescentou.

-Bom, quase.

Seguiu caminhando alguns metros mais e em seguida se agachou quando algo brilhante lhe chamou a atenção. Parecia uma espécie de parafuso metálico. Agarrou-o, sustentou-o na palma da mão alguns segundos e em seguida o guardou no bolso. Um menino da paróquia de seu pai adorava essas bagatelas. Possivelmente poderia dar-lhe no próximo dia que fosse a missa.

Ellie suspirou. Teria tempo de sobra para dar o parafuso a Tommy Beechcombe. Pelo visto, seguiria em casa de seu pai durante um tempo. Possivelmente inclusive poderia começar a praticar as técnicas de limpador essa mesma tarde.

O conde de Billington tinha contribuído com certa dose de emoção a sua vida, mas agora estava claro que não se dariam tão bem. Entretanto, sentia-se ligeiramente culpada por deixá-lo ali estendido na sarjeta do caminho. Não é que não merecesse, mas Ellie sempre tentava ser caridosa e...

Meneou a cabeça e pôs os olhos em branco. Jogar uma olhada não a mataria. Só para comprovar que estava bem.

Virou-se, mas viu que tinha baixado uma pequena colina e que não podia vê-lo. Suspirou com força e retornou sobre seus passos.

-Isto não significa que se preocupe por ele - disse-se. Só significa que é uma mulher boa e íntegra, uma mulher que não abandona a ninguém, por mais rudes e vis que sejam... -permitiu-se desenhar um pequeno sorriso-, e embora sejam incapazes de olhar pelo bem de... meu Deus!

Viu-o caído onde o tinha deixado, e parecia morto.

-Charles! -gritou ela, enquanto levantava a saia e punha-se a correr para ele. Tropeçou com uma rocha, caiu a seu lado e lhe golpeou o flanco com um joelho.

Ele grunhiu. Ellie soltou o ar que não sabia que tinha estado contendo. Não tinha acreditado que estivesse morto, mas é que estava tão quieto.

-Onde estão às saís quando se mais os necessita? -murmurou. A senhora Foxglove sempre agitava pestilentos poções à mínima provocação.

-Não, não tenho nenhum vinagrete - disse-lhe ao inconsciente conde. Nunca ninguém tinha desacordado.

Olhou a seu redor, procurando algo para reanimá-lo, e viu uma pequena cigarreira que devia haver se caído da carruagem. Agarrou-a, desenroscou o plugue e cheirou lhe conteúdo.

-Minha mãe -disse enquanto afastava a cigarreira e agitava a mão diante do nariz. O ar se encheu do intenso aroma do uísque. Ellie se perguntou se ainda seria do dia que se caído da árvore. Hoje não tinha bebido, estava certa. Teria notado e, além disso, não parecia dos que abusavam do álcool de forma regular.

Baixou o olhar até o homem com quem estava pensando casar-se. Inclusive inconsciente, tinha um ar de poder decidido. Não, não necessitaria o álcool para aumentar sua auto-estima.

-Bom -disse em voz alta-, creio que, ao menos, posso utilizá-lo para despertar - segurou a garrafa e a colocou debaixo do nariz.

Não obteve resposta.

Ellie franziu o cenho e lhe apoiou a mão em cima do coração.

-Milord, não morreu depois da última vez que grunhiu, não?

Como é lógico, ele não respondeu, mas ela notou como o coração lhe pulsava ritmicamente debaixo da palma da mão, o que a tranqüilizou muito.

-Charles - disse, tentando ser forte, agradeceria se despertasse imediatamente.

Quando ele não fez nem um gesto, ela colocou os dedos indicadores e coração na boca da garrafa e se impregnou a pele de uísque. Evaporou-se em seguida, de modo que repetiu a operação, embora esta vez sustentou a garrafa de bruços mais tempo. Quando acreditou que tinha os dedos o suficientemente molhados, os colocou debaixo do nariz ao conde.

-Aaah..., ai... Ooooh!

Charles disse coisas sem sentido quando despertou. Levantou-se como uma bala, piscando e surpreso, como se tivesse despertado de repente de um pesadelo.

Ellie se tombou para trás para evitar que a golpeasse com os braços, mas não foi o suficientemente rápida, e Charles golpeou a garrafa. Saiu voando, sem deixar de cuspir álcool nem um segundo. Ellie saltou e esta vez sim que foi rápida. Todo o uísque se derramou sobre o conde, que seguia dizendo coisas incoerentes.

-Que diabos me fez? -perguntou quando recuperou a fala.

-O que lhe fiz?

Ele tossiu e enrugou o nariz.

-Cheiro como um bêbado.

-Cheira como há dois dias.

-Faz dois dias estava...

-Era um bêbado -interrompeu ela.

Ele obscureceu o olhar.

-Estava bêbado, não era um bêbado. Há uma diferença. E você... -assinalou-a com o dedo, mas fez uma careta pelo repentino movimento e se segurou a cabeça.

-Charles? -perguntou ela com cautela, esquecendo de que estava zangada com ele por culpar a daquele estúpido incidente. Só via que doía. E, a julgar por seu rosto, doía-lhe muito.

-Jesus! - o amaldiçoou. Alguém me golpeou na cabeça com um tronco?

-Eu estive tentada - tentou brincar Ellie, com a esperança de que a frivolidade o fizesse esquecer da dor.

-Não o duvido. Devia ter nascido homem, teria sido um comandante excelente.

-Devia ter nascido homem, faria muitas coisas -murmurou Ellie-, e me casar com você não teria sido uma delas.

-Que sorte tive - respondeu Charles, ainda com uma careta de do.

-E você também.

-Isso está por ver.

Produziu-se um estranho silêncio e Ellie, que acreditava que devia explicar o que havia ocorrido enquanto estava inconsciente, disse:

-Sobre o uísque..., creio que tenho que me desculpar, mas só tentava...

-Me ondular?

-Não, embora não é tão má idéia. Tentava reanimá-lo. Vinagrete alcoólico. Tirou a licoreira quando se levantou.

-Por que parece que me deram uma surra e você está completamente ilesa?

Ellie desenhou um meio sorriso irônico.



-Qualquer um diria que um cavalheiro cortês como você estaria encantado de que a dama não tivesse sofrido feridas.

-Sou muito cortês, milady. Mas também estou confuso, maldita seja.

-Evidentemente, sua cortesia não lhe impede de amaldiçoar em minha presença. Em qualquer caso agitou a mão no ar para lhe tirar ferro ao assunto-, tem sorte de que estas coisas nunca me tenham importado muito.

Charles fechou os olhos e se perguntou por que Ellie necessitava tantas palavras para dizer o que queria dizer.

-Aterrissei em cima de você quando caímos da carruagem - explicou-lhe ao final.

-Seguro que se feito mal nas costas quando tem caído, mas qualquer dor que sinta em... né... a parte dianteira certamente é culpa... minha - piscou várias vezes e logo ficou calada e com as bochechas tintas de mancha rosadas.

-Entendo.

Ellie tragou saliva, incômoda.

-Quer que o ajude a levantar-se?

-Sim, obrigado - Charles aceitou sua mão e se levantou, tentando ignorar as numerosas dores que sentia com cada movimento. Uma vez de pé, apoiou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça para a esquerda. O pescoço rangeu e ele tentou conter uma gargalhada quando Ellie fez um gesto de dor.

-Isso não soou muito bem - disse ela.

Ele não respondeu. limitou-se a inclinar a cabeça para o outro lado enquanto descobria uma espécie de perversa satisfação quando houve mais rangidos. Após alguns instantes, virou-se para a carruagem e amaldiçoou entre dentes. A roda havia saído do eixo e estava esmagada debaixo do veículo.

Ellie seguiu seu olhar e disse:

-Sim, tentei lhe dizer que a roda estava imprestável, mas agora me dou conta de que estava muito dolorido para me escutar.

Enquanto Charles se ajoelhava para inspecionar os danos, ela o surpreendeu ao acrescentar:

-Lamento muito ter partido há alguns minutos. Não me dei conta do quão ferido estava. Se soubesse, não teria feito. Em... Em qualquer caso, não deveria ter ido. Foi muito errado da minha parte.

Charles se emocionou por aquelas sentidas palavras e se impressionou com seu sentido de honra.

-As desculpas não são necessárias - disse com brutalidade-, mas as agradeço e as aceito.

Ellie inclinou a cabeça.

-Não nos distanciamos muito da minha casa. Poderíamos retornar com os cavalos.

Seguro que meu pai poderá encontrar um transporte para que volte para casa. Ou podemos procurar um mensageiro que vá a Wycombe Abbey e diga que enviem outra carruagem.

-Perfeito - murmurou ele enquanto olhava a carruagem com atenção.

-Aconteceu algo, milord? Além do fato de que cruzamos um sulco e caímos?

-Olhe isto, Eleanor - elevou o braço e tocou a roda destruída.

-Saiu do eixo.

-Creio que terá sido pelo acidente.

Charles tamborilou os dedos contra o lateral da carruagem enquanto pensava.

-Não, não deveria ter se saído. Poderia estar torta, pela queda, mas deveria estar presa à carruagem.

-Acredita que a roda saiu por outro motivo?

-Sim - respondeu pensativo.

-Sim.

-Mas sei que passamos por esse buraco enorme. O vi. Notei na hora.

-Certamente, o buraco foi o que fez com que a roda, que já devia estar frouxa, se soltasse.

Ellie se ajoelhou e observou os danos.

-Acho que tem razão, milord. Olhe como ficou. Os raios se quebrado pelo peso da carruagem, mas o corpo da roda está intacto. Estudei muito pouca física, mas creio que deveria haver se partido pela metade quando caímos. E... ah, olhe! -colocou a mão no bolso e tirou o parafuso.

-Onde o encontrou?

-No caminho. Além da colina. Deve ter se soltado da roda.

Charles se virou para ela com um movimento tão rápido que ficaram com os narizes colados.

-Acho -disse com suavidade- que tem razão.

Ellie separou os lábios, surpreendida. Estavam tão próximos que seu hálito lhe acariciava o rosto; tão próximos que podia sentir suas palavras, além de as ouvir.

-Terei que voltar a te beijar.

Ela tentou emitir um som que transmitisse... bom, não sabia o que queria transmitir exatamente, mas não importou porque suas cordas vocais se negaram a emitir qual que som. Ficou ali sentada, imóvel, enquanto ele lentamente inclinava a cabeça e lhe dava um beijo nos lábios.

-Precioso - murmurou ele, e suas palavras penetraram em sua boca.

-Milord...

-Charles - corrigiu ele.

-Temos que... Quero dizer... -nesse ponto, perdeu o fio de seus pensamentos. É o que acontecia quando a língua de um homem lhe acariciava o lábio inferior.

Ele riu e levantou a cabeça um centímetro.

-O que dizia?

Ellie não disse nada, só piscou.

-Então, devo assumir que só queria me pedir que continuasse -seu sorriso tornou-se de lobo antes de lhe tomar o queixo e percorrer a linha da mandíbula com os lábios.

-Não! -exclamou Ellie, movida de repente por um mortificante sentido da urgência-. Não é o que queria dizer.

-Ah, não? -brincou ele.

-Queria dizer que estamos no meio de uma estrada público e...

-E teme por sua reputação -concluiu ele.

-E pela sua, assim não tente fazer com que pareça uma dissimulada.

-Não tenho nenhuma intenção de fazê-lo, querida.

Ellie retrocedeu diante do carinhoso apelido, perdeu o equilíbrio e acabou esparramada no chão. Mordeu o lábio para não dizer algo que depois poderia arrepender-se.

-Por que não vamos para casa? -disse como se nada tivesse acontecido.

-Uma idéia excelente -respondeu Charles, enquanto se levantava e lhe oferecia a mão. Ela a aceitou e deixou que a ajudasse a levantar-se, embora suspeitasse que esse gesto lhe doía. Afinal, todo homem tem seu orgulho e Ellie suspeitava que o dos Wycombe superava à média.

Demoraram uns dez minutos para chegar a casa do vigário. Ellie se assegurou de que a conversa girasse em torno de assuntos estritamente neutros, como literatura,

cozinha francesa e, embora tenha feito uma careta diante da banalidade do assunto quando falou do tempo. Charles parecia bastante contente durante a conversa, como se soubesse exatamente o que ela estava fazendo.

Não, pior. O sorriso irônico era um pouco benevolente, como se a estivesse deixando falar de trovões e coisas assim.

Ellie não gostava muito do olhar petulante de Charles, mas tinha que admitir que a impressionava que pudesse manter aquela expressão enquanto coxeava, esfregava a cabeça e, ocasionalmente, agarrava as costelas.

Quando viram a casa, Ellie se virou para ele e disse:

-Meu pai já retornou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

-Como sabe?

-A vela do escritório está acesa. Está trabalhando em seu próximo sermão.

-Já? Ainda faltam dias para domingo. Recordo que nosso vigário passava as noites de sábado escrevendo o sermão. Estava acostumado a vir a Wycombe Abbey em busca de inspiração.

-Sério? - perguntou Ellie com um sorriso.

-Tão inspirador lhe resultava? Não tinha nem ideia de que tivesse sido um menino tão angélico.

-Temo que era justamente o contrário. Gostava de me estudar e em seguida escolhia qual de meus pecados serviria como tema principal do próximo sermão.

-Pobre - respondeu Ellie, reprimindo um sorriso-. Como o suportava?

-É pior do que pensa. Também era meu tutor de latim e me dava aulas três vezes por semana. Dizia que tinha vindo à terra para torturá-lo.

-Parece um comentário muito irreverente para um vigário.

Charles encolheu de ombros.

-Também gostava muito da bebida.

Ellie elevou o braço para abrir a porta, mas antes de que a mão agarrasse a maçaneta, Charles a deteve com a mão.

Quando ela o olhou, ele disse em voz baixa:

-Posso falar com você um segundo antes de conhecer seu pai?

-Claro - respondeu ela enquanto se separava da porta.

Charles tinha os músculos da face tensos quando disse:

-Continua decidida a casar-se comigo depois de amanhã, não é?

De repente, o mundo de Ellie começou a dar voltas. Charles, que tinha se mostrado tão firme a respeito de que manteria sua promessa, parecia que estava lhe oferecendo uma via de escape. Podia pôr-se a chorar, desdizer de suas palavras...

-Eleanor - insistiu ele.

Ela tragou saliva e pensou em quão aborrecida era sua vida. A ideia de casar-se com um estranho a aterrava, mas não tanto como uma vida de aborrecimento. Não, seria pior que isso. Uma vida de aborrecimento cheia de encontros com a senhora Foxglove.

Embora o conde tivesse defeitos, e Ellie suspeitava que teria alguns, no fundo sabia que não era um homem débil ou mau. Era certo que poderia ser feliz a seu lado.

Charles lhe acariciou um ombro e ela assentiu. Ellie teria jurado que viu como relaxava os ombros, mas, após alguns instantes, recuperou a máscara do elegante e jovem conde.

-Está preparado para entrar? -perguntou ela.

Ele assentiu, Ellie abriu a porta e exclamou:

-Papai? -após instantes de silêncio, disse: - Irei buscá-lo no escritório.

Charles esperou e, após poucos segundos, Ellie retornou seguida por um homem de aspecto severo e cabelo grisalho e fino.

-A senhora Foxglove teve que voltar para sua casa - disse Ellie, desenhando um sorriso secreto a Charles-, mas apresento meu pai, o reverendo Lyndon. Papai, ele é Charles Wycombe, o conde de Billington.

Os dois homens deram a mão, em silêncio, observando-se mutuamente. Charles disse a si mesmo que o reverendo parecia muito rígido e severo para ter engendrado uma filha tão extrovertida como Eleanor. Mas, a julgar por como o olhava, viu que ele tampouco estava à altura do genro ideal.

Trocaram umas palavras educadas, sentaram-se e, quando Ellie foi a preparar um pouco de chá, o reverendo se virou para Charles e disse:

-A maioria dos homens aprovaria seu futuro genro pelo simples fato de que é conde. Eu não sou deles.

-Já imaginava senhor Lyndon. Está claro que Eleanor foi educada por um homem com uma moral mais severa. Charles pretendia que aquelas palavras servissem para tranquilizar o reverendo, mas, depois de pronunciá-las, deu-se conta de que tinham saído da alma. Eleanor Lyndon nunca tinha dado sinais de deixar-se cegar por seu título ou sua riqueza. De fato, parecia muito mais interessada em suas trezentas libras que na enorme fortuna de seu futuro marido.

O reverendo se inclinou para frente e entrecerrou os olhos como se quisesse saber até que ponto chegava a sinceridade das palavras do conde.

-Não tentarei evitar o casamento - disse muito devagar.

-Já tentei uma vez, com minha filha mais velha, e as conseqüências foram desastrosas. Mas lhe direi uma coisa: se maltratar Eleanor de qualquer forma, o perseguirei com todo o fogo infernal e a tortura que possa reunir.

Charles não pôde evitar que suas lábios desenhasssem um respeitoso sorriso. Acreditava que o reverendo poderia reunir bastante fogo infernal e tortura.

-Tem minha palavra de que tratarei Eleanor como a uma rainha.

-Uma coisa mais.

-Diga.

O reverendo limpou a garganta.

-Gosta de beber?

Charles piscou um pouco desconcertado pela pergunta.

-Tomo uma taça quando a ocasião pede, mas não passo o dia e a noite bebendo, se for o que quer saber.

-Então possivelmente possa me explicar por que cheira a uísque.

O conde reprimiu a absurda necessidade de rir e lhe explicou o que havia acontecido aquela tarde e como Ellie tinha derramado, acidentalmente, todo o uísque em cima.

O senhor Lyndon se reclinou na cadeira, satisfeito. Não sorriu, mas Charles duvidava que esse homem sorrisse freqüentemente.

-Perfeito - disse o reverendo-, agora que já nos entendemos, permita que seja o primeiro em lhe dar as boas-vindas à família.

-É uma honra formar parte dela.

O reverendo assentiu.

-Se lhe parecer bem queria officiar a cerimônia.

-É obvio.

Ellie escolheu esse momento para entrar no salão com o serviço de chá.

-Eleanor -disse seu pai-, decidi que o conde será um bom marido para ti. Ela soltou o ar que não sabia que tinha estado contendo. Tinha a aprovação de seu pai, algo que significava mais do que imaginava até aquele momento. Agora só tinha que casar-se. Casar-se. Tragou saliva. Que Deus a ajudasse.

CAPÍTULO 06

No dia seguinte, um mensageiro trouxe um pacote para Ellie. Com curiosidade, desatou as fitas e se deteve quando um envelope caiu ao chão. Agachou-se, o pegou e abriu:

Querida Eleanor:

Rogo que aceite este presente como amostra de minha estima e afeto. Estava tão bonita de verde outro dia. Pensei que possivelmente gostaria de usar nas bodas.

Sinceramente, Billington

P.S.: Por favor, não cubra o cabelo.

Ellie quase não pôde conter a emoção quando seus dedos acariciaram o delicioso veludo. Afastou o papel e descobriu o vestido mais bonito que tinha visto em sua vida, e que nunca teria sonhado que poderia usar.

Era verde esmeralda intenso e de corte singelo, sem babados nem adornos. Sabia que iria como anel ao dedo.

E, com um pouco de sorte, o homem que tinha dado também.

O dia do casamento amanheceu resplandecente e claro. Uma carruagem veio para levar Ellie, seu pai e à senhora Foxglove até Wycombe Abbey, e Ellie realmente se sentiu como uma princesa de conto. O vestido, a carruagem, o incrivelmente bonito homem que a esperava ao final do trajeto...; tudo parecia o cenário perfeito para o conto de fadas mais glorioso.

A cerimônia ia ser celebrada no salão formal de Wycombe Abbey. O reverendo Lyndon se colocou em seu lugar frente a Charles e em seguida, para diversão de todo o mundo, soltou um grito de consternação e saiu do salão.

-Tenho que entregar à noiva - disse antes de sair.

E as risadas continuaram quando, seguindo o texto que tinha memorizado, disse:

-Quem entrega a esta mulher? -e em seguida acrescentou-: Em realidade, eu.

Entretanto, esses instantes de leveza não diminuíram o nervosismo de Ellie, que notou como todo seu corpo se tensionava quando seu pai a convidou a dizer "Sim quero".

Sem poder quase respirar, olhou o homem que ia converter-se em seu marido. O que estava fazendo? Se mal o conhecia.

Olhou seu pai, que a estava olhando com uma nostalgia imprópria dele.

Virou-se para a senhora Foxglove, que, pelo visto, tinha esquecido todos seus planos de utilizar Ellie como limpadora e se havia passado todo o caminho falando de como ela sempre soube que sua "querida Eleanor se casaria com um excelente partido" e de seu «querido genro, o conde».

-Sim quero - disse Ellie. Sim quero.

A seu lado, notou como Charles se sacudia de riso.

E então, lhe deslizou um impressionante anel de ouro no dedo anelar da mão esquerda e Ellie se deu conta de que, diante dos olhos da Igreja e de Inglaterra, agora pertencia ao conde de Billington. Para sempre.

Para uma mulher que sempre se vangloriou de sua coragem, notou que os joelhos tremiam suspeitamente.

O senhor Lyndon terminou a cerimônia e Charles se inclinou e deu um suave beijo em seus lábios. Para qualquer observador, não foi mais que um casto beijo, mas ela notou como a língua de seu flamejante marido lhe roçava o canto dos lábios. Esgotada por aquela carícia secreta, quase não teve tempo de recuperar a compostura quando Charles a tomou nos braços e a guiou até um grupo de pessoas que ela tinha imaginado que seriam seus familiares.

-Não tive tempo de convidar toda minha família - disse, mas quero que conheça minhas primas. Apresento à senhora de George Pallister, à senhorita Pallister e à senhorita Judith Pallister - virou-se para a senhora e as duas garotas e sorriu.

-Helen, Claire, Judith, apresento-lhes a minha mulher, Eleanor, condessa de Billington.

-Encantada - disse Ellie, que não estava certa se tinha que lhes fazer uma reverência, ou se possivelmente elas tinham que fazer, ou se ninguém tinha que fazer nada. De modo que desenhou seu sorriso mais encantador. Helen, uma atraente senhora loira de uns quarenta anos, também sorriu.

-Helen e suas filhas vivem em Wycombe Abbey - disse Charles. Desde a morte do senhor Pallister.

-Ah, sim? -perguntou Ellie surpreendida. virou-se para suas novas primas-. Ah, sim?

-Sim - respondeu Charles-, assim como a minha tia solteira, Cordelia. Não sei onde estará.

-É um pouco excêntrica - acrescentou Helen. Claire, que devia ter uns quatorze ou quinze anos, não disse nada e esteve todo o tempo com expressão áspera.

-Estou certa de que nos daremos muito bem - disse Ellie-. Sempre quis viver em uma casa cheia de gente. A minha esteve bastante vazia desde que minha irmã partiu.

-A irmã de Eleanor recentemente que se casou com o conde Macclesfield -explicou Charles.

-Sim, mas partiu de casa muito antes - disse Ellie, algo nostálgica-. Faz oito anos que meu pai e eu vivemos sozinhos.

-Eu também tenho uma irmã! -exclamou Judith-. Claire! Ellie sorriu para a pequena.

-Já vejo. E quantos anos têm, Judith?

-Seis - respondeu a menina, orgulhosa, afastando o cabelo castanho do rosto.

-E amanhã terei doze.

Helen riu.

-“Amanhã” está acostumado a significar algum dia no futuro- disse, enquanto se inclinava para beijar a sua filha na bochecha. Primeiro tem que cumprir sete.

-E logo doze!

Ellie se agachou.

-Ainda não, tesouro. Depois oito, e depois nove, e depois...

-Dez, depois onze - interrompeu-a orgulhosa Judith, e depois doze!

-Exato - disse Ellie.

-Posso contar até sessenta e dois.

-De verdade? -perguntou Ellie com sua melhor voz de “estou impressionada”.

-Mmm... Mmm. Um. Dois. Três. Quatro...

-Mãe! -disse Claire com um aflito suspiro.

Helen tomou Judith pela mão.

-Vamos, pequena. Praticaremos os números outro dia. Judith pôs os olhos em branco antes de voltar-se para o Charles e dizer:

-Mamãe diz que já passava da hora de que se casasse.

-Judith! -exclamou Helen, ligeiramente rosada.

-Disse. E disse que tinha trago muitas mulheres e que...

-Judith! -quase gritou Helen enquanto agarrava a sua filha pela mão.

-Não é o momento.

-Não houve nada - apressou-se a dizer Ellie. Não o fez com maldade.

Parecia que Helen queria que a terra a tragasse. Puxou Judith pelo braço e disse:

-Acho que os recém casados querem ficar sozinhos alguns instantes.

Acompanharei ao resto à sala de jantar para o café da manhã nupcial.

Enquanto Helen saía com todos os convidados, Ellie e Charles ouviram como Judith dizia:

-Claire, o que é uma mulher fresca?

A resposta de sua irmã foi:

-Judith, não tem remédio.

-Acaso tem sempre frio? Está na geladeira?

Ellie não sabia se ria ou chorava.

-Sinto muito - disse Charles quando ficaram sozinhos.

-Não foi nada.

-Uma noiva não teria que escutar histórias dos deslizes de seu novo marido no dia de seu casamento.

Ela encolheu os ombros.

-Não é tão terrível se vier da boca de uma menina de seis anos. Embora imagine que quisesse dizer que tinha «trato» com mulheres.

-Asseguro que não tenho «gole» com ninguém.

Ellie riu.

Charles olhou à mulher que se converteu em sua esposa e sentiu como, em seu interior, florescia um inexplicável sentido de orgulho. Os acontecimentos daquela manhã poderiam tê-la excedido, mas tinha se comportado com graça e dignidade. Tinha escolhido bem.

-Me alegre de que não tenha coberto o cabelo - sussurrou ele. Riu quando ela levou uma mão à cabeça.

-Não imagino por que me pediu que não o fizesse - disse ela, um pouco nervosa.

Ele elevou a mão e acariciou uma das mechas que havia se soltado do coque e lhe enroscava na base da garganta.

-Ah, não?

Ela não respondeu e ele a segurou com força pelo ombro até que Ellie se balançou até ele, com os olhos brilhando de desejo.

Charles sentiu uma onda de triunfo quando se deu conta de que seduzir sua mulher não ia ser tão difícil como imaginou. Tensionou o corpo e se inclinou para beijá-la, para lhe acariciar o precioso cabelo dourado avermelhado com as mãos e então...Ela se separou. Sem mais.

Charles amaldiçoou em voz baixa.

-Não é muito boa idéia, milord - disse ela, muito segura de suas palavras.

-Me chame Charles - respondeu ele.

-Não quando tem esse aspecto.

-Que aspecto?

-Assim..., não sei. Imperioso - piscou.

-Na realidade, parece como se estivesse com dor.

-É que estou - admitiu ele.

Ela retrocedeu.

-OH, sinto muito. Ainda dói o corpo pelo acidente com a carruagem? Ou é o tornozelo? Percebi que ainda coxeia um pouco.

Olhou-a enquanto se perguntava se realmente poderia ser tão inocente.

-Não é o tornozelo, Eleanor.

-Se eu tiver que te chamar de Charles, será melhor que me chame Ellie -disse ela.

-Ainda não me chama de Charles.

-Creio que não. -esclareceu a garganta enquanto pensava que aquela conversa bastava como prova de que não conhecia o suficiente aquele homem para casar-se com ele.

-Charles.

Ele sorriu.

-Ellie. Eu gosto. Fica bem.

-Só meu pai me chama Eleanor - franziu o cenho.

-Ah, e a senhora Foxglove, creio.

-Então, nunca te chamarei Eleanor - prometeu ele com um sorriso.

-Certamente o fará -disse ela- quando se zangar comigo.

-Por que diz isso?

-Todo mundo o faz quando se zanga comigo.

-Por que está tão certa de que me zangarei contigo?

Ela riu.

-Milord, vamos estar juntos toda a vida. Imagino que não passará muito tempo antes que faça algo que desperte sua ira, ao menos uma vez.

-Creio que deveria estar contente de me casar com uma mulher realista.

-Em longo prazo, somos as melhores - respondeu ela com um amplo sorriso.

-Já o verá.

-Não duvido.

Produziu-se um momento de silêncio e Ellie disse:

-Deveríamos ir tomar o café da manhã.

-Creio que sim-murmurou ele enquanto elevava a mão para lhe acariciar o queixo.

Ellie retrocedeu.

-Não o tente.

-O que? Faz parte de nosso acordo, não é assim?

-Sim. Ellie tentou escapar.

-Mas sabe perfeitamente que não posso pensar quando faz isso -imaginou que certamente deveria ter guardado aquela informação, mas para que, se ele sabia tão bem como ela?

Charles desenhou um sorriso satisfeito.

-Essa é a idéia, querida.

-Possivelmente para ti- respondeu ela, mas eu gostaria de poder te conhecer melhor antes de passar A... eh... essa fase da relação.

-Muito bem, o que quer saber?

Ellie ficou calada alguns segundos porque não sabia o que responder. Ao final, disse:

-Qualquer coisa.

-O que?

-O que lhe pareça que possa me servir para conhecer melhor o conde de Billington..., perdão, ao Charles.

Ele ficou pensativo, em seguida sorriu e disse:

-Escrevo listas de forma compulsiva. Parece interessante?

Ellie não estava certa do que esperava que ele revelasse, mas aquilo não. Escrevia listas de forma compulsiva? Isso falava mais dele que qualquer hobby ou passatempos.

-Escreve listas sobre o que? -perguntou.

-De tudo.

-Escreveu uma lista sobre mim?

-É obvio.

Ellie esperou que dissesse algo mais e logo, impaciente, perguntou:

-O que colocou?

Ele riu diante de sua curiosidade.

-Era uma lista de motivos pelos quais acreditava que seria uma boa esposa. Essas coisas.

-Já. Ellie queria perguntar quantos pontos tinha a lista, mas pareceu que poderia ser de má educação.

Ele se inclinou para frente, com o diabo refletido em seus olhos marrons.

-Havia seis pontos.

Ela retrocedeu.

-Estou certa de que não perguntei pelo número de pontos.

-Mas queria fazê-lo.

Ela não disse nada.

-Agora -disse Charles,

-Tem que me dizer algo sobre a senhorita Eleanor Lyndon.

-Já não sou a senhorita Eleanor Lyndon - respondeu ela com descaramento.

Charles riu diante de seu engano.

-A condessa de Billington. Como é?

-Às vezes, fala muito -disse ela.

-Isso já sei.

Ellie fez uma careta.

-Está bem -ficou pensativa um segundo.

-Quando faz bom tempo, eu gosto de pegar um livro e ler ao ar livre. Não estou acostumado a voltar para casa até o entardecer.

Charles elevou a mão e tomou pelo braço.

-É muito bom que um marido saiba isso - disse com suavidade. Assim, se alguma vez se perder, saberei onde procurar.

Dirigiram-se para a sala de jantar, e ele se inclinou e disse:

-Parece que o vestido te serviu como uma luva. Você gostou?

-Sim, muito. É o vestido mais bonito que já usei na vida. Quase nem foi necessário ajeitá-lo. Como o conseguiu em tão pouco tempo?

Ele encolheu de ombros com toda tranquilidade.

-Paguei uma quantidade obscena de dinheiro a uma costureira.

Antes que Ellie pudesse responder, viraram uma esquina e entraram na sala de jantar. O pequeno grupo de convidados ficou de pé para receber e aclamar ao novo casal.

O café da manhã foi tranquilo, com a exceção da apresentação da tia-avó de Charles, Cordelia, que esteve ausente durante a cerimônia e grande parte do café da manhã. Ellie não pôde evitar fixar-se na cadeira vazia e perguntar-se se a tia de seu marido tinha alguma objeção à escolha de Charles.

Ele seguiu a direção de seu olhar e sussurrou:

-Não se preocupe. É uma mulher excêntrica e gosta de seguir seu próprio ritmo. Estou seguro de que aparecerá.

Ellie não acreditou até que uma anciã, com um vestido que devia ter ao menos vinte anos, entrou correndo na sala de jantar ao grito de:

-A cozinha está ardendo!

Ellie e sua família estavam levantando (de fato, a senhora Foxglove já estava na porta) quando se deram conta de que Charles e suas primas não se moveram.

-Charles! -exclamou Ellie-. Não ouviu o que disse? Temos que fazer algo.

-Sempre aparece dizendo que isto ou aquilo está ardendo -respondeu ele.

-Gosta de pôr um toque de dramatismo.

Cordelia se aproximou de Ellie.

-Você deve ser a noiva - disse a mulher, diretamente.

-Eh... sim.

-Bem. Fazia tempo que necessitávamos uma e partiu, deixando Ellie boquiaberta.

Charles lhe deu um tapinha nas costas.

-Vê? Caiu-lhe bem.

Ellie voltou a sentar-se enquanto se perguntava se todas as famílias aristocratas tinham a uma tia solteira louca escondida no sótão.

-Há algum outro familiar que queira me apresentar? -perguntou com voz débil.

-Só meu primo Cecil- respondeu Charles, que estava fazendo um grande esforço por não rir-. Mas não vive aqui. Além disso, é um sapo adulad

-Um sapo na família - murmurou Ellie, com um delicado sorriso. Que curioso. Desconhecia o galho anfíbio nos Wycombe.

Charles riu.

-Sim, somos excelentes nadadores.

Agora Ellie sim que riu abertamente.

-Pois algum dia terá que me ensinar. Nunca aprendi.

Tomou a mão e a aproximou dos lábios.

-Será uma honra, milady. Assim que comece a fazer calor, iremos ao lago.

E, diante dos olhos de todos os presentes, pareciam um casal de jovens loucamente apaixonados.

Umas horas depois, Charles estava sentado em seu escritório, com a cadeira reclinada para trás e os pés apoiados em cima da mesa.

Tinha intuído que Ellie iria querer estar um momento a sós para desfazer a bagagem e acostumar-se a seu novo lar. De modo que tinha ido a seu escritório tentando convencer de que tinha muitos assuntos que resolver. As responsabilidades derivadas da administração de um condado, se quisesse fazer de forma decente, tomavam muito tempo. Poderia avançar algum trabalho no escritório e tirar de cima alguns assuntos que tinha ido amontoando na mesa durante aqueles últimos dias. Ocuparia-se de suas coisas enquanto Ellie se ocupava das suas e...

Soltou um sonoro suspiro enquanto tentava com todas as suas forças ignorar o fato de que todo seu corpo estava tenso de desejo por sua mulher.

Mas não o conseguiu.

Certamente, não esperava desejá-la tanto. Sabia que se sentia atraído por ela; era um dos motivos pelos quais tinha pedido que se casasse com ele. Sempre tinha se considerado um homem sensato e casar-se com uma mulher que não despertasse nenhuma emoção não tinha muito sentido.

Entretanto, esses meios sorrisos dela tinham algo que o deixavam louco, como se tivesse um segredo que não quisesse confessar. E o cabelo... Sabia que ela odiava a cor, mas ele só queria acariciá-lo e...

Os pés escorregaram da mesa e a cadeira caiu no chão com um golpe seco. Até onde chegaria o cabelo de sua mulher? Parecia um dado que um marido deveria conhecer.

Imaginou pelos joelhos, agitando de um lado a outro enquanto caminhava. “Parece-me que não”, pensou. O chapéu que usava não era tão grande.

Logo imaginou pela cintura, lhe acariciando o umbigo e ondulando-se em cima da curva do quadril. Meneou a cabeça. Não, aquilo tampouco o convencia. Ellie, Deus, como gostava desse nome!, não parecia das que tinham a paciência suficiente para cuidar um cabelo tão longo.

Possivelmente chegava até a curva dos seios. Imaginava recolhido atrás de um ombro enquanto uma cascata de cabelo avermelhado dourado lhe cobria um seio e o outro ficava descoberto...

Golpeou-se a cabeça com o talão da mão, como se assim pudesse eliminar aquela imagem de sua cabeça. «Demônios», pensou com irritação. Não queria eliminá-la. Queria enviá-la voando pela sala e a janela. Aquela linha de pensamento não contribuía para rebaixar a tensão de seu corpo.

Precisava entrar em ação. Quanto antes seduzisse Ellie e a levasse à cama, antes terminaria aquela loucura que lhe alterava o sangue e antes poderia voltar para a rotina de sua vida.

Tirou uma folha de papel e, na parte superior, escreveu:

PARA SEDUZIR Ellie

Utilizou as maiúsculas sem pensar, embora em seguida decidiu que devia ser um sinal da urgência com que precisava possuí-la.

Tamborilou os dedos indicadores e coração contra a tábua enquanto pensava e, ao final, escreveu:

1. Flores. A todas as mulheres gosta das flores.
2. Uma aula de natação. Terá que ficar com pouca roupa. Objeção: faz frio e o tempo seguirá assim vários meses.
3. Vestidos. Ela gostou do vestido verde e comentou que todos seus vestidos são escuros e práticos. Como condessa, necessitará roupa adequada, assim este ponto não supõe nenhum gasto adicional.
4. Adular sua visão para os negócios. As adulações típicas certamente não funcionem com ela.
5. Beijá-la.

De todos os pontos da lista, Charles preferia a quinta opção, mas se preocupava que beijá-la só intensificaria o estado de frustração que já sentia. Não estava seguro de poder seduzi-la com apenas um beijo; certamente precisaria repetidas tentativas durante vários dias.

E isso significaria vários dias de uma incômoda tensão para ele. O último beijo que lhe tinha dado o tinha deixado faminto de desejo e, várias horas depois, ainda sentia a dor da necessidade insatisfeita.

Entretanto, as outras opções não eram viáveis nesse momento. Era muito tarde para ir à estufa a procurar um buquê de flores, e fazia muito frio para ir nadar.

Um vestuário completo requeria uma viagem a Londres e uma adulação para sua visão pelos negócios..., bom, seria complicado antes de ter poder comprovar, e Ellie era muito preparada para não dar-se conta de quando uma adulação era falsa.

Não - pensou com um sorriso.

-Terá que ser um beijo.

CAPÍTULO 07

Ellie olhou seu novo quarto e se perguntou como diabos ia poder tornar seu esse espaço impossível. Tudo no quarto refletia fortuna. Fortuna antiga. Duvidava que houvesse algum móvel de menos de duzentos anos. O quarto da condessa estava muito decorado e era pretensioso, e Ellie se sentia tão em casa como no castelo de Windsor.

Aproximou-se do baú aberto e procurou algo que servisse para transformar o quarto em um espaço mais familiar e quente. Tocou o retrato de sua mãe. Isso seria um bom começo. Cruzou o quarto até a cômoda e colocou o retrato, de costas à janela para que a luz natural não o danificasse.

-Perfeito -disse com suavidade-. Aqui ficará muito bem. Não se fixe em todas estas sérias anciãs que a olham. -Ellie olhou as paredes, que estavam cheias de condessas anteriores, embora nenhuma parecia muito amável-. Vocês desaparecerão amanhã - murmurou, sem sentir-se estúpida por estar falando com as paredes. Esta noite poderei suportá-lo.

Cruzou o quarto até o baú para seguir procurando objetos familiares. Estava rebuscando entre suas coisas quando alguém bateu na porta.

Billington. Tinha que ser ele. Sua irmã havia lhe dito que os criados nunca batiam na porta. Ela tragou saliva e disse:

-Entre.

A porta se abriu e apareceu ele que fazia menos de vinte e quatro horas que era seu marido. Estava vestido de forma informal, posto que havia tirado a jaqueta e a gravata. Ellie não pôde afastar o olhar da pequena parte de pele que aparecia por cima do pescoço da camisa desabotoado.

-Boa noite - disse Charles.

Ellie o olhou nos olhos.

-Boa noite - já estava; tinha divulgado como se o dissesse alguém a quem a proximidades de Charles não alterasse. Por desgracia, tinha a sensação de que ele via além de sua alegre voz e seu amplo sorriso.

-Está se instalando? Tudo bem? -perguntou ele.

-Sim, muito bem - ela suspirou. Bom, de fato, não tão bem.

Ele arqueou uma sobrancelha.

-Este quarto intimida - explicou ela. -O meu está ao outro lado dessa porta. Será bem-vinda a se instalar ali, se quiser.

Ela ficou boquiaberta.

-Há uma porta que conecta com seu quarto?

-Não sabia?

-Não, pensava que... Bom, na realidade não pensei onde levavam todas estas portas.

Charles cruzou o quarto e começou a abrir portas.

-Banho. Quarto de vestir. Armário - dirigiu-se para a única porta que havia na parede leste do quarto e a abriu.

-E voila, o quarto do conde.

Ellie conteve a urgência de soltar uma gargalhada nervosa.

-Imagino que muitos condes e condessas preferem os quartos contíguos.

-Na realidade, nem tantos - disse ele-. As relações entre meus antepassados eram tempestuosas. A maioria dos condes e condessas de Billington se detestavam a morte.

-Minha mãe - suspirou Ellie. Que alentador.

-E os que não... -Charles fez uma pausa para pôr ênfase em suas palavras e desenhar um sorriso selvagem-. Bom, estavam tão perdidamente apaixonados que ter quartos e camas separadas era algo impensável.

-Imagino que nenhum encontrou o meio termo, não é?

-Só meus pais - respondeu ele enquanto encolhia de ombros. Minha mãe tinha suas aquarelas, e meu pai, seus cães de caça. E sempre tinham uma palavra amável para o outro quando seus caminhos se cruzavam, que não era muito freqüentemente, claro.

-Claro - repetiu Ellie.

-Obviamente, está claro que se encontraram no mínimo uma vez - acrescentou Charles. Minha existência é a prova irrefutável.

-Por todos os Santos, olhe que desgastado está o damasco - disse ela em voz alta enquanto se aproximava para tocar um divã.

Charles sorriu diante da descarada mudança de assunto.

Ellie avançou e apareceu pela porta. O quarto de Charles estava decorada com menos pompa e opulência que o seu e gostava muito mais dele.

-Sua decoração é muito bonita - disse.

-Reformei-a faz vários anos. Acho que a última vez que alguém fez mudanças neste quarto foi meu bisavô. Tinha um gosto terrível.

Ellie se virou para seu quarto e fez uma careta.

-E sua mulher também.

Charles riu.

-Troca e decora o que quiser.

-Seriamente?

-Claro. Não se supõe que é o que fazem as esposas?

-Não sei. É a primeira vez que o sou.

-Eu tampouco tive nenhuma antes - elevou o braço, tomou sua mão e acariciou a sensível palma com os dedos-. E me alegro de tê-la.

-Alegra-se de poder conservar sua fortuna - respondeu ela, que sentia a imperiosa necessidade de manter certa distância entre os dois.

Ele soltou a mão.

-Tem razão.

Ellie se surpreendeu que ele admitisse quando esteve se esforçando tanto por seduzi-la. O materialismo e a avareza não formavam parte dos assuntos de conversa mais apropriada para seduzir a uma mulher.

-Embora também esteja muito contente em lhe ter - continuou ele com uma voz calma.

Ellie não disse nada, mas, ao final, não pôde mais e estalou:

-Isto é terrivelmente incômodo.

Charles ficou imóvel.

-O que? -perguntou com cautela.

-Isto. Mal o conheço. Não sei... Não sei como me comportar em sua presença.

Ele sabia perfeitamente como queria que se comportasse, mas isso implicava que Ellie tirasse toda a roupa e tinha a ligeira impressão de que não lhe faria muita graça.

-Quando nos conhecemos não parecia ter nenhum problema sendo a garota terminante e divertida que é - disse ele. Resultou-me do mais refrescante.

-Sim, mas agora estamos casados e quer...

-te seduzir? -disse ele.

Ela ruborizou.

-É necessário dizer em voz alta?

-Não acredito que seja um segredo, Ellie.

-Já o sei, mas...

Ele acariciou no queixo.

-Que houve com a explosiva mulher que me curou o tornozelo, machucou-me as costelas e não permitiu nenhuma só vez que dissesse a última palavra?

-Essa mulher não estava casada contigo - respondeu Ellie. Não te pertencia diante dos olhos de Deus e da Inglaterra.

-E diante de seus olhos?

-Pertença a mim mesma.

-Preferiria pensar que nos pertencemos um ao outro - refletiu ele. Que somos um.

Pareceu para Ellie uma bonita forma de expressá-lo, mas igualmente disse:

-Isso não modifica o fato de que, legalmente, pode fazer o que quiser comigo.

-Mas prometi que não o farei. Não sem sua permissão - quando ela não respondeu, ele acrescentou:

-Pensei que isso serviria para que relaxasse na minha presença. Para que fosse você mesma.

Ellie digeriu essas palavras. Tinham sentido, mas não tinha em conta que seu coração pulsava três vezes mais depressa cada vez que ele roçava seu queixo ou acariciava seu cabelo.

Podia tentar ignorar a atração que sentia por ele quando falavam; as conversas com ele eram tão agradáveis que parecia que estava falando com um velho amigo. Entretanto, freqüentemente ficavam calados e o via olhá-la como um gato faminto, e as vísceras se encolhiam e...

Meneou a cabeça. Pensar em tudo aquilo não a estava ajudando.

-Houve algo? - perguntou Charles.

-Não! - respondeu ela, com mais ímpeto de que pretendia.

-Não - repetiu, desta vez mais tranquila-. Mas tenho que acabar de desfazer a bagagem, e estou muito cansada, e estou certa de que você também.

-O que quer dizer?

Tomou pelo braço e o levou até seu quarto.

-Que foi um dia muito longo, e que é certo que nos dois precisamos descansar. Boa noite.

-Boa... Charles amaldiçoou entre dentes. A muito descarada tinha fechado a porta na cara.

E nem sequer tinha tido a oportunidade de beijá-la. Seguro que, em algum lugar, alguém estava rindo a gargalhadas.

Charles baixou o olhar até seu punho fechado e disse que, ao menos, sentir-se-ia muito melhor se pudesse encontrar a esse "alguém" e lhe dar um bom soco.

Ao dia seguinte, Ellie despertou cedo, como estava acostumado a fazer, pôs seu melhor vestido, embora suspeitasse que fosse muito velho para a condessa de Billington, e se dispôs a explorar sua nova casa.

Charles havia dito que podia redecorar a casa. Estava muito emocionada diante da idéia. Entusiasmava-lhe planejar projetos e alcançar metas. Não queria reformar toda a casa, porque gostava da idéia de que este antigo edifício refletisse os gostos de todas as gerações de Wycombe. Entretanto, seria bonito ter várias habitações que representassem o gosto da atual geração de Wycombe.

"Eleanor Wycombe". Pronunciou seu nome várias vezes e, ao final, decidiu que poderia acostumar-se a ele. A parte que lhe custaria mais seria a de ser a condessa de Billington.

Desceu as escadas, cruzou o salão e entrou em várias salas. Encontrou a biblioteca, e emitiu um suspiro de aprovação. As paredes estavam forradas de livros do chão até o teto, e os lombos de couro brilhavam sob as primeiras luzes do dia. Poderia viver noventa anos e não poderia ler todos.

Aproximou-se para ler alguns dos títulos. O primeiro foi: Inferno cristão: o diabo, a terra e a carne. Ellie sorriu e decidiu que seu marido não era o responsável por aquela compra.

Viu uma porta aberta na parede oeste da biblioteca e se aproximou para bisbilhotar. Olhou e se deu conta de que devia ter descoberto o escritório de Charles. Estava limpo e ordenado, exceto a mesa, que estava tão cheia de coisas que demonstrava que seu marido passava ali com frequência.

Como teve a sensação de ser um pouco uma intrusa, retrocedeu e retornou ao salão. Finalmente, encontrou a sala de jantar informal.

Lá estava Helen Pallister, bebendo um chá e com uma torrada com geléia na mão. Ellie não pôde evitar fixar-se que a torrada estava queimada.

-Bom dia! - exclamou Helen enquanto ficava de pé.

-Levantou muito cedo. Nunca tinha tido o prazer de ter companhia durante o café da manhã. Ninguém desta casa madruga tanto como eu.

-Nem sequer Judith?

Helen riu.

-Judith só se levanta cedo os dias que não tem aula. Os dias como hoje, a preceptora quase tem que lhe jogar um balde de água fria na cabeça para tirá-la da cama.

Ellie sorriu.

-Uma garota preparada. Eu também tentei seguir dormindo depois do amanhecer, mas nunca o consigo.

-Me houve o mesmo. Claire diz que sou uma Bárbara.

-Minha irmã me dizia o mesmo.

-Charles está acordado? -perguntou Helen enquanto elevava a mão para pegar outra xícara de chá-. Quer?

-Por favor. Com leite e sem açúcar, obrigado. Ellie observou como Helen lhe servia o chá e logo disse:

-Charles ainda está na cama.

Não estava certa se seu novo marido tinha compartilhado com sua prima a autêntica natureza de seu casamento, mas ela não tinha a confiança suficiente para fazê-lo. Nem acreditava que tivesse que fazê-lo.

-Gostaria de uma torrada? -perguntou Helen. Temos duas geléias de cítricos distintas e três de frutas doces.

Ellie viu os miolos escuros que havia no prato de Helen.

-Não, mas obrigado.

Helen segurou a torrada no ar e disse:

-Não parecem muito apetitosas, não é?

-Não poderíamos ensinar à cozinheira a preparar uma torrada decente?

Helen suspirou.

-O café da manhã é preparado pela governanta. O cozinheiro francês insiste em que a comida da manhã não é digna dele. E temo que a senhora Stubbs é muito velha e teimosa para mudar agora. Insiste em que prepara torradas à perfeição

-Possivelmente é culpa do forno - sugeriu Ellie. Foi revisado?

-Não tenho nem idéia.

Com uma onda de determinação, Ellie jogou a cadeira para trás e se levantou.

-Vamos dar uma olhada.

Helen piscou várias vezes antes de perguntar:

-Quer revisar o forno? Você?

-Levo toda a vida cozinhando para meu pai - explicou Ellie. Sei um par de coisas sobre fornos e cozinhas.

Helen se levantou, mas sua expressão era indecisa.

-Seguro que quer ir à cozinha? À senhora Stubbs não ficará satisfeita..., sempre diz que é antinatural que os nobres fiquem no andar de baixo.

E monsieur Belmont fica furioso se suspeita que alguém tenha tocado algo em sua cozinha.

Ellie a olhou com amabilidade.

-Helen, creio que temos que recordar que é nossa cozinha, não acha?

-Parece que monsieur Belmont não compartilha esse critério - respondeu Helen, mas a seguiu até o salão principal.

-É muito temperamental. E a senhora Stubbs também.

Ellie avançou alguns passos mais antes de dar-se conta de que não tinha nem ideia de aonde ia. Virou-se para Helen e disse:

-Poderia me guiar? É difícil jogar às cruzadas vingativas quando a gente não sabe onde está Terra Santa.

A mulher riu e disse:

-Me siga.

As duas avançaram por um labirinto de corredores e escadas até que Ellie ouviu o inequívoco ruído da cozinha ao outro lado da porta que tinha diante.

-Não sei você, mas, em minha casa, a cozinha estava justo ao lado do sala de jantar. E, se quiser minha opinião, era extremamente cômodo.

-A cozinha faz muito ruído e desprende calor - explicou Helen.

-Charles fez o que pôde para melhorar a ventilação, mas segue sendo asfíxiante. Faz quinhentos anos, quando construíram Wycombe Abbey, o calor devia ser insuportável. Não culpo o primeiro conde por não querer receber a seus convidados tão próximos da cozinha.

-Imagino - murmurou Ellie, e então abriu a porta e em seguida descobriu que o primeiro conde tinha sido muito inteligente. A cozinha de Wycombe Abbey não tinha nada em comum com a pequena cozinha que ela tinha compartilhado com seu pai e sua irmã. Havia inúmeras cerâmicas penduradas do teto e, no centro da cozinha, havia várias mesas de trabalho de madeira, e contou até quatro cozinhas e três fornos, incluindo um tipo colméia acasaladas dentro de uma chaminé com o fogo aberto. A essa hora da manhã não havia muita atividade, mas se perguntou como seria antes de um grande jantar. Imaginou que seria um caos, com cada panela, frigideira e utensílio em uso.

Havia três mulheres preparando comida no extremo mais longínquo. Parecia que duas eram ajudantes de cozinha, e estavam lavando e cortando carne. A outra mulher era um pouco mais velha e tinha a cabeça dentro de um forno. Ellie supôs que seria a senhora Stubbs.

Helen limpou garganta e as duas garotas se voltaram para ela. A senhora Stubbs se levantou muito depressa e se golpeou a cabeça com o extremo do forno. Emitiu um uivo de dor, murmurou algo que Ellie estava segura que a seu pai não teria gostado e se levantou.

-Bom dia, senhora Stubbs - disse Helen. Eu gostaria de lhe apresentar à nova condessa.

A mulher fez uma reverência, igual às duas ajudantes.

-Milady - disse.

-Seguro que irá querer algo frio para o galo -disse Ellie em seguida, muito cômoda agora que tinha conseguido algo que fazer.

Avançou para as garotas.

-Alguma de vocês seria amável de me mostrar onde guardam o gelo?

As garotas ficaram imóveis uns segundos, até que uma delas disse:

-Irei buscá-lo e o trarei, milady.

Ellie se virou para a Helen com um sorriso envergonhado.

-Não estou habituada a alguém me trazendo as coisas.

Helen apertou os lábios.

-Percebo.

Ellie cruzou a cozinha até onde estava a senhora Stubbs.

-Me deixe vê-lo.

-Não, de verdade, não é nada - disse rapidamente a governanta. Não necessito...

Entretanto, os dedos de Ellie já tinham encontrado o galo. Não era muito grande, mas seguro que doía.

-Claro que sim -disse. Pegou um pedaço de pano que viu em uma das mesas, envolveu um pedaço de gelo que uma das garotas estava oferecendo e o apertou contra o galo do governanta.

A senhora Stubbs se queixou e, entre dentes, disse:

-Está muito frio.

-Claro - respondeu Ellie-. É gelo - virou-se para a Helen com uma expressão exasperada, mas sua nova prima estava cobrindo a boca com uma mão e parecia que estava fazendo um grande esforço por não rir. Ellie abriu os olhos como pratos e moveu o queixo para frente, em uma petição de colaboração silenciosa.

Helen assentiu, respirou fundo um par de vezes para acalmar a risada e disse:

-Senhora Stubbs, Lady Billington veio à cozinha a revisar os fornos. A governanta virou a cabeça lentamente para Ellie.

-Como diz?

-Esta manhã, não pude evitar de notar que as torradas estavam um pouco queimadas -disse a jovem.

-À senhora Pallister gosta assim.

Helen esclareceu garganta e disse:

-Na realidade, senhora Stubbs, prefiro as torradas menos queimadas.

-E por que não disse alguma vez?

-Fiz-o. E me disse que, independentemente do tempo que as torrasses, saíam assim.

-Só posso concluir - interveio Ellie. Que o forno está quebrado. E como tenho muita experiência com cozinhas e fornos, pensei que possivelmente poderia dar uma olhada.

-Você? -perguntou a senhora Stubbs.

-Você? -perguntou a ajudante de cozinha número um (como Ellie a chamava mentalmente).

-Você? -perguntou a ajudante de cozinha número dois (por defeito, claro).

As três ficaram atônitas. Ellie disse a si mesma que o único motivo pelo qual Helen não estava boquiaberta e tinha repetido a mesma pergunta pela quarta vez era porque já o tinha feito acima, na sala de jantar.

Ellie franziu o cenho, apoiou as mãos nos quadris e disse:

-A diferença da opinião popular, é possível que, de vez em quando, uma condessa possua um ou dois talentos úteis. Inclusive possivelmente alguma habilidade.

-Sempre me pareceu que bordar era bastante útil - disse Helen. Virou-se para o enegrecido forno.

-E é um hobby bastante limpo.

Ellie lhe lançou um olhar fulminante e, entre dentes, sussurrou:

-Não está ajudando.

Helen encolheu os ombros, sorriu e disse:

-Creio que deveríamos deixar que a condessa desse uma olhada no forno.

-Obrigado - disse Ellie, com o que lhe pareceu que foi uma grande dose de dignidade e paciência. Virou-se para a senhora Stubbs e perguntou:

-Que forno utiliza para fazer as torradas?

-Esse - respondeu a governanta enquanto assinalava o mais sujo de todos-. Os outros são do franchuten. Não os tocaria nem que me pagassem.

-São importados de França - explicou Helen.

-Ah - disse Ellie, que tinha a sensação de estar em um sonho muito estranho.. Bom, estou certa de que não se podem comparar com nossos robustos fornos ingleses - aproximou-se do forno, abriu a porta e em seguida se virou e disse:

-Sabem uma coisa? Poderíamos economizar muitos problemas se utilizássemos umas pinças de tostar.

A senhora Stubbs cruzou os braços e disse:

-Jamais utilizarei essas coisas. Não confio.

Ellie não entendia de onde procedia a desconfiança para essas pinças, mas disse a si mesma que não valia a pena insistir, assim que arregaçou o vestido por cima dos tornozelos, ajoelhou-se e colocou a cabeça no forno.

Charles estava vários minutos procurando a sua nova esposa e a busca o levou, embora parecesse improvável, até a cozinha. Um laçao lhe jurou que, fazia uma hora, tinha visto Ellie e Helen dirigir-se para lá. Ele não acreditava, mas, em qualquer caso, decidiu investigar. Ellie não era uma condessa convencional, de modo que supôs que era possível que houvesse proposto apresentar-se ao pessoal da cozinha.

Não estava preparado para a visão que captaram seus olhos. Sua esposa estava de quatro com a cabeça... não, com meio torso metido dentro de um forno que Charles suspeitava que estava no Wycombe Abbey desde antes dos tempos de Cromwell. Sua reação inicial foi de terror: a cabeça lhe encheu de imagens do cabelo de Ellie em chamas. Entretanto, Helen parecia tranqüila, de modo que conseguiu reprimir a necessidade de entrar na cozinha e pôr Ellie a salvo.

Retrocedeu um pouco para poder seguir observando sem que o vissem. Ellie estava dizendo algo, embora, mas parecesse um grunhido, e em seguida a ouviu gritar:

-A peguei! A peguei!

Helen, a senhora Stubbs e as duas ajudantes de cozinha se aproximaram, claramente maravilhadas diante do progressos de Ellie.

-Maldição, não consegui -disse ao final, em um tom que para Charles pareceu mal-humorado.

-Está certa de que sabe o que faz? -perguntou Helen.

-Completamente. Só tenho que mover este ralo. Está muito alto -começou a tirar de algo que, obviamente, não cedia, posto que caiu de bunda várias vezes-. Quando foi a última vez que limparam este forno?

A senhora Stubbs se tensionou.

-O forno está tão limpo quanto tem que estar.

Ellie murmurou algo que Charles não ouviu e em seguida disse:

-Já está. Já a tenho-tirou um ralo chamuscado do forno e em seguida voltou a encaixá-la-. Agora só temos que afastar da chama.

Chama? Charles ficou gelado. Realmente estava brincando com fogo?

-Já está! -Ellie retrocedeu e caiu de bunda uma vez mais-. Agora deveria funcionar bem.

Charles decidiu que aquele era um bom momento para anunciar sua presença.

-Bom dia, esposa - disse enquanto entrava na cozinha com uma atitude de tranquilidade fingida. O que Ellie não via era que tinha as mãos agarradas com força atrás das costas. Era a única forma que Charles podia evitar aferrar-se aos ombros de Ellie e arrastá-la até o quarto para um bom sermão sobre a segurança, ou a pouca segurança, da cozinha.

-Billington! -exclamou Ellie, surpreendida. Está acordado.

-É óbvio que sim.

Ela se levantou.

-Devo ter um aspecto terrível.

Charles tirou um impoluto lenço branco do bolso.

-Tem um pouco de fuligem aqui -limpou a bochecha esquerda- e aqui -limpou a direita, - e é óbvio também aqui - desta vez limpou o nariz.

Ellie tirou o lenço das mãos porque não gostava de como arrastava as palavras.

-Não é necessário, milord - disse. Sou perfeitamente capaz de limpar o rosto.

-Imagino que irá querer me explicar o que estava fazendo dentro do forno. Asseguro que temos comestíveis suficientes em Wycombe Abbey, de modo que não tem por que se oferecer como prato principal.

Ellie o olhou fixamente, porque não estava certa se estava tirando o sarro.

-Estava arrumando o forno, milord.

-Temos criados que o fazem.

-Está claro que não - respondeu ela, irritada diante de seu tom-. Se não, não levariam dez anos comendo torradas queimadas.

-Eu gosto das torradas queimadas - respondeu ele.

Helen tossiu tão forte que a senhora Stubbs teve que lhe dar uns tapinhas nas costas.

-Bom, pois a mim não - disse Ellie, e a Helen tampouco, assim somos maioria.

-Eu quero as torradas queimadas.

Todos se voltaram para a porta, onde estava Claire, de pé e com as mãos nos quadris.

Para Ellie pareceu que a garota tinha uma atitude bastante militar para ter só quatorze anos.

-Quero o forno como antes - disse a garota com firmeza.

-Quero tudo como antes.

Ellie se entristeceu. Estava claro que sua nova prima não estava muito contente de sua chegada.

-Está bem! -disse levantando as mãos-. Voltarei a pôr o ralo em seu lugar.

Tinha percorrido meio caminho até o forno quando a mão de Charles a agarrou pela gola do vestido e a puxou para trás.

-Não voltará a repetir essa perigosa operação - disse. O forno ficará como está.

-Pensei que você gostava das torradas queimadas?

-Acostumarei-me.

Nesse justo momento, Ellie quis rir, mas, por seu próprio bem, manteve a boca fechada. Charles lançou um beligerante olhar a outros ocupantes da cozinha.

-Eu gostaria de falar a sós com minha mulher.

Como ninguém se moveu, gritou:

-Agora!

-Então, possivelmente deveríamos ir - disse Ellie. Em definitivo, a senhora Stubbs e as garotas trabalham aqui e nós não.

-Pois faz alguns minutos, fazia uma muito boa imitação de alguém que trabalha aqui - grunhiu ele, que de repente parecia mais petulante que zangado.

Ellie o olhou com a boca aberta.

-É o homem mais estranho e teimoso que conheci em minha vida.

-Eu não coloco a cabeça em um forno - respondeu ele.

-E eu não como torradas queimadas!

-E eu... -Charles se deteve, como se tivesse dado conta de repente de que não só estava mantendo uma estranha discussão com sua mulher, mas também o estava fazendo com público. Esclareceu garganta e a pegou pelo delicado pulso-. E eu acho que quero te mostrar a sala azul - disse em voz alta.

Ellie o seguiu. Na realidade, não ficou outra opção. Charles saiu da cozinha quase correndo e, como o pulso de Ellie estava preso a sua mão, ela se foi com ele. Não sabia onde foram; certamente, ao primeiro salão que Charles encontrasse e que lhes garantisse certa privacidade para brigar sem que ninguém os ouvisse.

Sala azul... Já!

CAPÍTULO 08

Para maior surpresa de Ellie, a sala a que Charles a levou estava realmente decorado em azul.

Olhou a seu redor, os sofás azuis, as cortinas azuis..., e em seguida olhou para o chão, que estava coberto com um tapete azul e branco.

-Tem algo que dizer em sua defesa? -perguntou Charles.

Ela não disse nada porque estava momentaneamente maravilhada pelo desenho do tapete.

-Ellie - grunhiu Charles.

A jovem levantou a cabeça.

-Como diz?

Charles parecia com vontades de sacudi-la. Com força.

-Disse - repetiu ele, se ter algo a dizer em sua defesa.

Ela piscou e respondeu:

-A sala é azul.

Ele ficou olhando, claramente sem saber o que responder.

-Pensava que quando mencionou sala azul não o dizia a sério - explicou ela.

-Pensava que queria me levar a qualquer lugar onde pudesse gritar.

-Claro que quero gritar - grunhiu ele.

-Sim - ironizou ela.

-Isso já o vejo. Embora deva admitir que não saiba muito bem por que...

-Eleanor! -quase gritou Charles-. Tinha a cabeça no forno!

-Claro - respondeu ela. Estava arrumando-o. Agradecerá quando começar a comer torradas em condições no café da manhã.

-Não agradecerei isso. As torradas não poderiam me importar menos, e a proíbo que volte a entrar na cozinha. Ellie colocou as mãos nos quadris.

-Milord, é idiota.

-Viu alguma vez a alguém com o cabelo pegando fogo? -perguntou Charles enquanto lhe cravava um dedo no ombro-. Já viu?

-Claro que não, mas...

-Eu sim, e não é algo agradável.

-Já imagino, mas...

-Não sei o que acabou provocando a morte do pobre homem, se queimaduras ou a dor.

Ellie tragou saliva enquanto tentava não visualizar o desastre.

-Sinto-o muito por seu amigo, mas...

-Sua mulher se tornou louca. Disse que seguia ouvindo seus gritos em sonhos.

-Charles!

-Santo Deus, não sabia que ter uma mulher seria tão molesto. E só estamos casados um dia.

-Está sendo desnecessariamente ofensivo. E asseguro que...

Ele suspirou e olhou ao céu enquanto a interrompia:

-Era esperar muito que minha vida seguisse tão pacífica como antes?

-Vai me deixar falar? -gritou Ellie ao final.

Ele encolheu os ombros como se nada tivesse ocorrido.

-Continue.

-Não tem que ser tão macabro - disse. Passei toda a vida arrumando fornos. Eu não cresci rodeada de criados e luxos. Se queríamos jantar, tinha que cozinhar. E se o forno tinha defeito, tinha que arrumá-lo.

Charles ficou pensativo, fez uma pausa e disse:

-Peço desculpas se em algum momento te subestimei. Não pretendia menosprezar seus talentos.

Ellie não estava certa se arrumar um forno podia qualificar de talento, mas não disse nada.

-Simplesmente - continuou Charles, enquanto elevava o braço, tomava uma mecha de cabelo loiro avermelhado e o enrolava no dedo indicador-, é que não gostaria que isto se queimasse.

Ela tragou saliva um pouco nervosa.

-Não seja estúpido.

Ele a puxou suavemente pelo cabelo, obrigando-a a aproximar-se dele.

-Seria uma lástima - murmurou-. É tão suave.

-É só cabelo - disse Ellie, enquanto pensava que um dos dois tinha que manter o realismo da conversa.

-Não - Charles aproximou a mecha de cabelo à boca e o acariciou com os lábios. É muito mais que isso.

Ellie o olhou, inconsciente de que tinha separado ligeiramente os lábios. Juraria que notava a suave carícia de seus lábios no couro cabeludo. Não, nos lábios. Não, no pescoço. Não... Maldição, tinha percebido essa endemoninhada sensação por todo o corpo.

Levantou a cabeça. Ele continuava acariciando o cabelo com os lábios. Estremeceu. Ainda o notava.

-Charles - disse com voz rouca.

Ele sorriu, porque era consciente do efeito que provocava nela.

-Ellie? -respondeu.

-Acho que deveria... -deixou as palavras no ar e tentou opor resistência quando ele a atraiu mais.

-Acha que deveria o que?

-Soltar meu cabelo.

Com a outra mão, segurou-a pela cintura.

-Pois eu não - sussurrou. Estabeleci um forte vínculo com ele.

Ellie olhou seu dedo, ao redor do qual agora havia várias mechas.

-Percebo - disse, embora quisesse ter divulgado mais sarcástica e menos aturdida.

Charles levantou o dedo para poder observar o cabelo contra a luz.

-É uma lástima - murmurou-. O sol já está muito alto. Teria gostado de comparar a cor de seu cabelo com o do amanhecer.

Ellie o olhou aniquilada. Nunca ninguém havia lhe dito nada tão poético. Por desgraça, não tinha nem ideia de como interpretar suas palavras.

-Do que está falando? -disse, ao final.

-Seu cabelo -respondeu ele com um sorriso- é da cor do sol.

-Meu cabelo -disse ela em voz alta- é ridículo.

-Mulheres - suspirou-. Nunca estão satisfeitas.

-Isso não é verdade - protestou Ellie, que acreditava que era momento de defender a seu sexo.

Ele se encolheu de ombros.

-Você nunca está satisfeita.

-Como diz? Estou completamente satisfeita com minha vida.

-Como seu marido, não tenho palavras para expressar o muito que me alegra ouvir isso. Devo ser melhor marido do que pensava.

-Estou perfeitamente satisfeita - continuou ela enquanto ignorava seu tom irônico-, porque agora tenho o controle absoluto de meu destino. Já não estou sob a vontade de meu pai.

-Nem da senhora Foxglove - acrescentou ele.

-Nem da senhora Foxglove - admitiu-a.

O rosto de Charles adotou um gesto pensativo.

-Mas sim sob a minha, e minha vontade poderia fazer muito.

-Asseguro que não sei do que está falando.

Ele soltou o cabelo e a acariciou na lateral do pescoço.

-Seguro que não - murmurou. Mas saberá. E então sim que estará satisfeita.

Ellie entrecechou os olhos enquanto se separava dele. Sua nova esposa não tinha nenhum problema em lhe pisotear a auto-estima. E mais, Ellie duvidava que Charles tivesse ouvido alguma vez a palavra «Não» de algum lábio feminino. Com os olhos entrecerrados, perguntou-lhe:

-Seduziu a muitas mulheres, não?

-Não acho que seja o tipo de pergunta que uma mulher deveria fazer a seu marido.

-Pois me parece que é exatamente o tipo de pergunta que uma mulher deveria fazer a seu marido - apoiou as mãos nos quadris.

-Para ti, as mulheres só são um jogo.

Charles a olhou durante alguns segundos. Tinha sido um comentário muito ardiloso.

-Um jogo, precisamente, não - respondeu enquanto tentava ganhar tempo.

-Então, o que são?

-Bom ao menos você não é um jogo.

-Ah, não? E o que sou?

-Minha mulher - soltou ele, que começava a perder a paciência com aquela conversa.

-Não tem nem ideia de como tratar uma mulher.

-Sei exatamente como tratar uma mulher - disse ele. O problema não sou eu.

Ofendida, Ellie retrocedeu.

-Que tenta dizer?

-Não sabe ser uma boa esposa.

-Só estou casada um dia - grunhiu ela. O que esperava?

De repente, Charles se sentiu o maior descarado do mundo. Tinha prometido que lhe daria tempo para acostumar-se ao casamento e ali estava tirando fogo pelo nariz como um dragão.

Soltou um suspiro de arrependimento.

-Sinto muito, Ellie. Não sei o que me ocorreu.

Ela pareceu surpreendida pela desculpa, mas em seguida relaxou os músculos do rosto.

-Não dê mais voltas, milord. Foram dias muito estressantes para todos e...

-E, o que? -perguntou ele quando ela deixou a frase no ar. Ela clareou garganta.

-Nada. Só que imagino que não esperava me encontrar com a cabeça no forno esta manhã.

-Foi uma surpresa - admitiu ele suavemente.

Ellie ficou em silêncio. Após alguns segundos, abriu a boca, mas em seguida tornou a fechá-la.

Charles arqueou a comissura dos lábios.

-Quer dizer algo?

Ela meneou a cabeça.

-Não.

-Sim queria.

-Não era importante.

-Vamos, Ellie. Queria defender suas habilidades na cozinha, ou com os fornos, ou como quiser chamá-lo, não é?

Ela levantou o queixo de forma quase imperceptível.

-Asseguro que arrumei ralos de forno um milhão de vezes.

-Não viveu o suficiente para ter feito isso um milhão de vezes.

Ela soltou um suspiro de raiva.

-Não posso falar com hipérboles?

-Sim - respondeu ele com muita suavidade, mas só se falar de mim.

Ellie desenhou um sorriso.

-OH, Charles -exclamou-, sinto que faz um milhão de anos que te conheço -sua voz adquiriu uma maior ironia. Assim de tão cansada já estou de sua companhia.

Ele riu.

-Eu referia a algo mais parecido a: "OH, Charles, é o homem mais amável..."

-Ok!

-“E mais elegante que jamais pisou no planeta. Se vivesse mil anos...”

-Espero viver mil anos - respondeu ela-. Então, seria uma bruxa sábia e velha cujo único propósito na vida seria te incomodar.

-Seria uma velha bruxa muito atraente - inclinou a cabeça e fingiu estar observando o rosto.

-Vejo perfeitamente onde aparecerão as rugas. Justo aqui, ao lado dos olhos e...

Ela afastou a mão, que estava percorrendo os futuros sulcos das rugas.

-Que pouco cavalheiresco.

Ele encolheu de ombros.

-Sou quando me convém.

-Não imagino quando deve ser isso. até agora te vi ébrio...

-Tinha um bom motivo para essa indigestão de álcool-disse agitando a mão no ar.

-Além disso, meu pequeno estupor de embriaguez me conduziu até você, não é certo?

-Não me referia a isso!

-Tranquila. Não salte em minha jugular - disse ele com voz cautelosa.

-Eu não salto a jugular de ninguém - retrocedeu e cruzou os braços.

-Pois sua imitação é excelente. Ellie entrecerrou os olhos e desenhou um confiante sorriso.

-Meus ataques são muito mais letais. Será melhor que não provoque nenhum.

Charles suspirou.

-Creio que terei que te beijar.

-Quééééé?

Agarrou-a pelo braço e a atraiu para ele em um movimento rápido até que ficou completamente pega a seu corpo.

-Parece que é a única forma de te fazer calar - disse arrastando as palavras.

-Será... -mas não pôde terminar a frase, porque os lábios de Charles se pegaram aos dela e estavam fazendo o mais endiabrado... Roçavam o canto dos lábios, e em seguida acariciavam a linha da mandíbula e Ellie tinha a sensação de derreter-se. «Sim», pensou confusa. Essa devia ser a única explicação, porque suas pernas pareciam de manteiga, balançava-se contra ele, e devia estar ardendo, porque tinha muito calor e a palavra «Fogo!» ressonou em sua mente e...

Charles a soltou tão de repente que ela teve que sentar-se em uma cadeira.

-OuvIU? -perguntou, alterado.

Ela estava muito aturdida para responder.

-Fogo! -gritou alguém.

-Santo Deus! - exclamou Charles enquanto se dirigia para a porta.

-É sua tia Cordelia - disse Ellie. Não disse que sempre gritava "Fogo"?

Mas ele já estava correndo pelo corredor. Ellie se levantou e encolheu os ombros, porque não acreditava que houvesse nenhum perigo, não depois de conhecer Cordelia no dia anterior. Entretanto, era sua nova casa e, se Charles acreditava que havia algo do que preocupar-se, sua obrigação era investigar. Respirou fundo, arregaçou o vestido e correu atrás dele.

Virou três esquinas em sua perseguição de Charles antes de dar-se conta de que estava se dirigindo à cozinha.

-OH, não - grunhiu, com uma repentina e doentia sensação no estômago. "O forno não. Por favor, o forno não."

Percebeu a fumaça inclusive antes de ver a porta da cozinha. Era espesso e acre, e invadiu os pulmões em poucos segundos. Com o coração encolhido, virou a última esquina. Os criados estavam em fileira, passando baldes de água, e Charles estava no comando, gritando ordens e entrando e saindo da cozinha enquanto tentava apagar o fogo.

Quando o viu aproximar-se das chamas, ao Ellie lhe encolheu o coração.

-Não! -gritou e, sem pensar, cruzou a fileiras de criados e entrou na cozinha.

- Charles!

Ele se virou, com os olhos cheios de terror e raiva quando a viu junto a ele.

-Saia daqui! -gritou.

-Não a menos que venha comigo - Ellie agarrou um balde de água de um criado e o esvaziou em cima de uma pequena chama que tinha saltado do chão até uma mesa. Ao menos, poderia encarregar de apagar essa pequena seção do incêndio.

Charles a agarrou pelo braço e a arrastou até a porta.

-Se valoriza sua vida, vá!

Ellie o ignorou e pegou outro balde.

-Quase o extinguimos! -gritou, avançando com a água.

Ele a agarrou pela parte posterior do vestido deteve-a em seco e provocou que a água do balde se derramasse, embora caísse justo em cima do fogo.

-Queria dizer que a matarei eu mesmo - disse entre dentes. Enquanto a arrastava até a porta. Antes que Ellie pudesse dar-se conta do que estava acontecendo, estava com as costas pega à parede e Charles tornava a ficar entre as chamas.

Tentou voltar a entrar na cozinha, mas seu marido devia haver dito algo aos criados porque lhe bloqueavam o passo com grande eficiência. Depois de um minuto de tentar

abrir caminho para a cozinha, acabou cedendo e se uniu à fileira para transportar baldes de água, negando-se a ficar na impotente posição que Charles havia lhe atribuído.

Após alguns minutos mais, ouviu o assobio final do fogo apagado, e as pessoas da fila começaram a suspirar com tanta força que Ellie se perguntou se algum deles tinha recordado respirar enquanto transportava baldes de água. Todos pareciam exaustos e aliviados e ali mesmo decidiu que seu primeiro gesto oficial como condessa de Billington seria assegurar de que todas aquelas pessoas recebessem algum detalhe de agradecimento por seus esforços. Um pagamento extraordinário, talvez, ou possivelmente outro meio-dia livre.

A multidão que empelotava na porta da cozinha diminuiu e Ellie pôde aproximar-se. Tinha que dar uma olhada no forno e ver se podia determinar o que tinha provocado o incêndio. Sabia que todos pensavam que era culpa dela, mas esperava que acreditassem que não tinha arrumado bem o forno, em lugar de provocar o incêndio de forma intencionada. Preferia que pensassem que era estúpida e não diabólica.

Quando entrou na cozinha, Charles estava no outro canto, falando com um moço. Graças a Deus, estava de costas a ela, assim aproveitou para aproximar-se do forno, que ainda soltava fumaça, e colocou a cabeça dentro.

O que viu a deixou gelada. O ralo estava na posição mais alta, mais inclusive do que estava antes que ela a arrumasse. Qualquer comida que houvesse ali dentro acabaria ardendo. Era inevitável.

Colocou a cabeça um pouco mais para dentro, porque queria olhar melhor, mas então ouviu uma seca maldição atrás dela. Antes que pudesse reagir, notou como a puxavam para trás e não teve nenhuma dúvida de quem era.

Virou-se com cautela. Charles estava de pé atrás dela, com o olhar ardendo de raiva.

-Tenho que te dizer uma coisa - sussurrou com certa urgência. O forno. Está...

-Nenhuma única palavra - disse ele. Tinha a voz rouca a causa da fumaça, mas aquilo não diminuiu sua raiva.

-Nenhuma única palavra, maldita seja.

-Mas...

-Isso é uma palavra - deu meia volta e saiu da cozinha.

Ellie notou como umas traidoras lágrimas umedeciam seus olhos, e não sabia se tinham sido provocadas pela dor ou pela raiva. Esperava que fossem de raiva, porque não gostava da sensação que tinha na boca do estômago e que se traduzia em que ele a tinha rechaçado. Levantou-se e se aproximou da porta da cozinha para poder ouvir o que Charles estava dizendo ao serviço:

-... agradeço por pôr em perigo suas vidas e me ajudar a salvar a cozinha e todo o conjunto de Wycombe Abbey. Foi um gesto nobre e altruísta-fez uma pausa e limpou a garganta-. Entretanto, devo perguntar se algum de vós estava presente quando o fogo estalou.

-Eu tinha ido ao jardim recolher umas ervas - disse uma das ajudantes de cozinha-. Quando voltei, a senhorita Claire estava gritando pelo fogo.

-Claire? -Charles entrecerrou os olhos-. O que estava fazendo aqui embaixo?

Ellie deu um passo à frente.

-Creio que desceu antes quando... -ficou sem palavras diante do furioso olhar de seu marido, mas então disse a si mesma que não tinha nada do que envergonhar-se e continuou-, quando estávamos todos na cozinha.

Todos os olhos estavam cravados nela e Ellie percebia a condenação geral da criadagem. Uma vez que, ela tinha movido o ralo. Charles se virou sem lhe dirigir a palavra.

-Me traga Claire - disse a uma moço. Em seguida se virou para Ellie. Quero falar contigo - grunhiu e retornou à cozinha. Entretanto, antes de chegar à porta, deu meia volta e se dirigiu ao grupo de pessoas ali reunido.

-Os outros podem seguir com suas tarefas. Os que vão cobertos de fuligem, podem utilizar o toalete da ala de convidados. -Como nenhum dos criados se moveu, acrescentou com certa secura-. Bom dia.

Então, todos saíram correndo.

Ellie seguiu seu marido à cozinha.

-É um gesto muito amável lhes permitir que utilizem seu toalete - disse, com calma, porque queria falar primeiro antes que ele brigasse.

-São nossos toaletes - respondeu-, e não pense que vai me distrair.

-Não era minha intenção. Mas não posso evitar dizê-lo quando tem um gesto tão bonito.

Charles suspirou e tentou dar tempo para que seu coração recuperasse o ritmo normal. Jesus, que dia, e nem sequer era meio-dia. Despertou e encontrou sua mulher com a cabeça no forno, tinha tido a primeira briga com ela, a tinha beijado apaixonadamente (e tinha acabado desejando muito, muito mais), mas haviam sido interrompidos por um maldito fogo que, pelo visto, ela tinha provocado. Coçava-lhe a garganta, tinha as costas destroçada e a cabeça doía horrores. Baixou o olhar e se fixou em seus braços, que parecia que estavam tremendo. Decidiu que o casamento não era saudável.

Virou-se para sua mulher, que parecia que não sabia se ria ou franzia o cenho. Em seguida voltou a olhar o forno, que ainda soltava fumaça.

Grunhiu. Dentro de um ano estaria morto. Estava convencido.

-Aconteceu algo? -perguntou ela muito devagar.

Ele a olhou com expressão de incredulidade.

-Aconteceu algo? -repetiu-. se aconteceu algo? -desta vez foi mais um rugido.

Ela franziu o cenho.

-Bom, é óbvio que aconteceu... eh... algo, mas o dizia em um sentido mais geral...

-Eleanor, toda a maldita cozinha está chamuscada! Ela elevou o queixo.

-Não foi minha culpa.

Silêncio.

Ela cruzou os braços e se manteve firme.

-Alguém moveu o ralo. Não está onde o tinha deixado. Era impossível que o forno não se incendiasse. Não sei quem...

-Importa-me um caralho o ralo. Primeiro, para começar, não deveria ter se aproximado do forno. Dois - ia contando com os dedos, não deveria ter vindo enquanto a cozinha estava em chamas. Três, não deveria ter metido sua maldita cabeça no forno outra vez enquanto ainda estava quente. Quatro...

-Já é suficiente - interrompeu ela.

-Eu direi quando é suficiente! É... -não disse mais, mas só porque se deu conta de que estava tremendo de raiva. E, possivelmente, também um pouco de medo.

-Está fazendo uma lista sobre mim - acusou Ellie. Está fazendo uma lista de meus defeitos. Além disso - acrescentou, brandindo um dedo frente a seu rosto, blasfemaste duas vezes em uma só frase.

-Que Deus me ajude - choramingou Charles. Que Deus me ajude.

-Ufff - disse ela, que conseguiu impregnar aquela expressão com um toque de desaprovação mordaz-. Não te ajudará se segue amaldiçoando.

-Acredito recordar que uma vez me disse que não foi afetada com estas coisas - disse ele. Ela cruzou os braços.

-Isso foi antes de me converter em sua esposa. Agora supõe que tenho que sê-lo.

-Que Deus me livre das esposas -grunhiu.

-Pois não deveria ter casado com uma -recriminou ela.

-Ellie, se não fechar a boca, e que Deus me perdoe, vou quebrar seu pescoço.

Ela pensou que tinha deixado claro seu ponto de vista sobre a ajuda de Deus, assim se conformou sussurrando:

-Uma maldição é compreensível, mas duas..., bom, duas são muitas.

Não estava segura, mas juraria que tinha visto Charles elevar o olhar ao céu e suplicar:

-Por favor, me leve contigo.

Aquilo foi a gota que encheu o copo.

-OH, pelo amor de Deus - interveio Ellie, que utilizou o nome do Senhor em vão, um pouco habitual nela, posto que tivesse sido criada por um reverendo.

- Não sou tão mal para preferir a morte a este casamento.

Ele a olhou fixamente e deu a entender que ele não estava tão certo.

-Este casamento não tem por que ser permanente - exclamou ela, posto que a raiva a fazia elevar a voz-. Poderia sair agora mesmo por essa porta e conseguir a anulação.

-Que porta? -ironizou ele-. Eu só vejo um pedaço de madeira chamuscado.

-Seu senso de humor deixa muito a desejar.

-Meu senso de humor... Onde diabos vai?

Ellie não respondeu e se limitou a continuar seu caminho para aquele pedaço de madeira chamuscada que ela preferia chamar "porta".

-Volte aqui!

Ela seguiu caminhando. Bom, o teria feito se a mão de Charles não a tivesse agarrado pela beira do vestido e fizesse cair para ele. Ellie ouviu um rasgo de tecido e, pela segunda vez esse dia, viu-se junta totalmente ao corpo de seu marido. Não podia vê-lo, mas o notava em suas costas e o cheirava... Juraria que, apesar do intenso aroma de fumaça, podia cheirá-lo.

-Não solicitará a anulação - ordenou ele, com os lábios virtualmente pegos a sua orelha.

-Surpreende-me que se preocupe - respondeu ela enquanto tentava ignorar a comichão que sentia na pele que sua respiração roçava.

-Preocupa-me - grunhiu ele.

-Só se preocupa seu maldito dinheiro!

-E a ti o teu, assim será melhor que nos demos bem.

Um "ejem" da porta impediu que Ellie tivesse que admitir que tinha razão. Levantou a cabeça e viu Claire, que estava de pé com os braços cruzados. Tinha o gesto contrariado, com o cenho franzido.

-OH, bom dia, Claire - disse Ellie com um sorriso forçado, tentando com todas suas forças fingir que estava encantada de estar naquela estranha posição em meio de uma cozinha queimada.

-Milady - respondeu a garota sem muito entusiasmo.

-Claire! -exclamou Charles, muito contente, soltando Ellie tão depressa que a lançou contra a parede. Dirigiu-se para sua prima, que sorriu.

Ellie ficou ali esfregando o cotovelo, dolorido depois do golpe na parede, e murmurou todo tipo de desagravos para seu marido.

-Claire - repetiu Charles-, entendi que foi você quem descobriu o fogo.

-Sim. Começou quando nem sequer fazia dez minutos que você e sua nova esposa tinham saído da cozinha.

Ellie entrecerrou os olhos. Tinha percebido certo tom de escárnio na voz de Claire quando tinha pronunciado a palavra "esposa"? Sabia que aquela garota não caía bem!

-Tem alguma idéia do que o provocou? -perguntou Charles.

Claire parecia surpreendida de que o perguntasse.

-Bom, eu... vá... olhou diretamente Ellie.

-Diga-o, Claire - disse esta-. Acha que o provoquei.

-Não acredito que o tenha feito de propósito - respondeu a garota, com a mão no coração.

-Todos sabem que Ellie nunca faria algo assim - disse Charles.

-Um acidente pode o ter qualquer - murmurou Claire, enquanto lançava um piedoso olhar à nova esposa.

Ellie queria estrangulá-la. Não havia nenhuma graça que uma cria de quatorze anos fosse condescendente com ela.

-Estou certa de que acreditava que sabia o que fazia - continuou Claire.

Nesse ponto, Ellie soube que tinha duas opções. Ir para seu quarto tomar um banho ou podia ficar e matar Claire. Com grande pesar, decantou-se pelo banho. Virou-se para Charles, adquiriu sua melhor postura de garota necessitada, e disse:

-Se me desculpar creio que irei a meu quarto. Acho que vou desmaiar.

Charles a olhou com desconfiança e, entre dentes, disse:

-Nunca em sua vida desmaiou.

-Como sabe? -respondeu- ela, igualmente em voz baixa. Nem sequer sabia de minha existência até a semana passada.

-Pois parece uma eternidade.

Ellie levantou o nariz e, com secura, sussurrou:

-Estou de acordo.

Em seguida ergueu os ombros e saiu da cozinha com a esperança de que sua grande saída não se visse danificada pelo fato de estar cheia de fuligem, de coxear ligeiramente e de usar um vestido que agora estava partido em três pedaços.

CAPÍTULO 09

Ellie passou todo o dia cuidando das feridas e alegou que estava esgotada quando uma criada entrou no quarto para acompanhá-la ao salão para jantar. Sabia que pareceria uma covarde, mas a verdade é que estava tão furiosa com Charles e sua família que não confiava nela mesma se tivesse que compartilhar um jantar inteiro com eles.

Entretanto, ficar no quarto era muito chato, assim desceu sem que ninguém a visse e pegou o jornal do dia para revisar as páginas econômicas. Comprovou seus investimentos, como estava acostumada a fazer, mas então se deu conta de que não sabia em que situação estava sua economia. Charles já havia feito a transferência, como tinha prometido? Certamente não, disse a si mesma, tentando ser paciente. Só estavam casados um dia. Embora tivesse que recordá-lo. Tinha lido um relatório favorável sobre uma fábrica de algodão nova em Derbyshire, e estava desejando investir uma parte de seu dinheiro.

Leu o jornal três vezes, ordenou os adornos da cômoda duas vezes e se passou uma hora olhando pela janela antes de deixar cair na cama com um grunhido. Estava aborrecida, faminta e só, e tudo era culpa de seu marido e sua maldita família. Ficaria encantada de estrangular todos.

E então, Judith bateu na porta.

Ellie sorriu de seu pesar. Supôs que não estava furiosa com toda a família de seu marido. Afinal, era bastante difícil ficar zangada com uma menina de seis anos.

-Está doente? -perguntou a pequena enquanto subia à cama de Ellie.

-Não. Só cansada. Judith franziu o cenho.

-Quando estou cansada, a senhorita Dobbin me tira da cama igualmente. Às vezes, põe-me um pedaço de pano molhado e frio no pescoço.

-E seguro que funciona.

A pequena assentiu, muito séria.

-Custa muito dormir com o pescoço molhado.

-Imagino.

-Mãe disse que faria com que lhe trouxessem uma bandeja com o jantar.

-É muito amável.

-Tem fome?

Antes que pudesse responder, seu estômago grunhiu. Judith se pôs a rir.

-Tem fome!

-Creio que sim.

-Acho que gosto de você.

Ellie sorriu, e se sentiu melhor que em todo o dia.

-Me alegro. Também gosto de você.

-Claire disse que provocou um incêndio.

A jovem contou até três antes de responder.

-Houve um incêndio, mas foi um acidente. Eu não o provoquei.

Judith inclinou a cabeça como se estivesse refletindo sobre as palavras de Ellie.

-Parece-me que vou acreditar em você. Claire se equivoca freqüentemente, embora não goste de admiti-lo.

-Poucos gostam.

-Eu quase nunca me equivoco.

Ellie sorriu e afastou o cabelo. Uma criada apareceu na porta com uma bandeja. Judith saltou da cama e disse:

-Será melhor que volte para meu quarto. Se chegar tarde, a senhorita Dobbin comerá meu pudim.

-Isso seria terrível!

Judith fez uma careta.

-Come quando vou à cama.

Ellie dobrou o dedo e sussurrou:

-Vêem aqui um instante.

Intrigada, Judith voltou a subir à cama e se aproximou do rosto de Ellie.

-A próxima vez que a senhora Dobbin comer seu pudim – sussurrou- me diga.

-Iremos à cozinha e procuraremos algo inclusive melhor.

Judith aplaudiu; seu rosto era o reflexo da felicidade.

-Milady, será a melhor prima do mundo!

-Como você - respondeu a jovem condessa, que notou como lhe umedeciam os olhos-. E me chame Ellie. Agora somos família.

-Amanhã te mostrarei toda a casa - disse a pequena. Conheço todos os passadiços secretos.

-Será um prazer. Mas será melhor que vá. Não queremos que a senhorita Dobbin coma seu pudim esta noite.

-Mas se disse...

-Sei, mas hoje a cozinha está inutilizável e seria muito difícil encontrar outra sobremesa.

-Ai! -exclamou Judith, que empalideceu diante da idéia. Adeus!

Ellie a viu sair do quarto, em seguida se voltou para a bandeja e começou a comer.

Apesar da fome, Ellie descobriu que seu apetite só lhe permitiu comer uma quarta parte do jantar. O estômago vazio não ajudou a acalmar os nervos e, mais adiante,

quando ouviu como a porta do quarto de Charles se abria, quase saltou até o teto. Ouviu-o ir de um lado a outro, certamente se preparava para deitar-se, e se amaldiçoou por conter o fôlego cada vez que ouvia que se aproximava da porta que comunicava os dois quartos.

Aquilo era uma loucura. Uma absoluta loucura.

-Tem um dia - murmurou. Um dia para sentir lástima por ti mesma, mas depois tem que sair e fazer o melhor possível. Que todos pensam que ateou fogo à cozinha? Bom, não é o pior que poderia ter acontecido.

Passou um minuto tentando pensar em algo pior. Não era fácil. Finalmente, agitou a mão no ar e, um pouco mais alto que antes, disse:

-Poderia ter matado alguém. Isso teria sido muito ruim. Muito, muito ruim.

Ouviu um ruído na porta. Ellie se cobriu até o queixo apesar de saber que estava fechada.

-Sim? -disse.

-Falava comigo? -perguntou Charles do outro lado da porta.

-Não.

-E posso perguntar com quem falava. Acaso acreditava que estava falando com um moço?

-Falava sozinha! -e em seguida, murmurando, acrescentou:

-Além de Judith, sou a melhor companhia que vou encontrar neste mausoléu.

-O que?

-Nada!

-Não te ouvi.

-É que não falava contigo! -exclamou ela.

Silêncio, e em seguida ouviu como seus passos se afastavam da porta. Relaxou um pouco e se aconchegou. Justo quando havia ficado cômoda, ouviu um suave e terrível ruído metálico e grunhiu, porque sabia o que ia encontrar quando abrisse os olhos. A porta aberta. E Charles de pé na soleira.

-Disse -perguntou, arrastando as palavras, enquanto se apoiava casualmente no marco da porta- alguma vez como são incomodas estas portas?

-Me ocorrem ao menos três respostas - respondeu ela, mas nenhuma é particularmente própria de uma dama.

Ele agitou a mão no ar, para subtrair importância a seu comentário.

-Asseguro que já faz tempo que deixei de esperar que se comportasse como uma dama.

Ela ficou boquiaberta.

-Estava falando - Charles se encolheu de ombros.

- Não podia te ouvir.

Ellie precisou reunir toda sua força de vontade para apertar os dentes e conter-se, mas o fez.

-Creio que disse que não estava falando contigo -em seguida desenhou um lunático sorriso-. É que estou um pouco louca.

-É curioso que o diga porque juraria que estava falando de matar a alguém. -Charles avançou alguns passos e cruzou os braços-. A questão é: está muito louca?

Ellie o olhou horrorizada. Não acreditava que fosse capaz de matar ninguém, verdade? Se aquilo não era prova suficiente de que não conhecia esse homem o bastante para ter se casado com ele, não sabia que prova necessitava. Mas então viu rugas ao redor de seus olhos enquanto tentava não rir e respirou tranquila.

-Se quer saber - disse ela ao final-, estava tentando me consolar pelo terrível incidente desta manhã...

-O incêndio?

-Sim, esse - disse, embora não achou engraçada aquela zombadora interrupção. Como dizia, tentava me consolar com uma lista de coisas que poderiam ter acontecido e que teriam sido piores.

Charles curvou a comissura dos lábios em um sorriso irônico.

-E matar a alguém é pior?

-Bom, depende de quem.

Ele soltou uma gargalhada.

-Mencionado, milady. Sabe como me fazer mal.

-Infelizmente, meus golpes não são letais - respondeu Ellie, que não pôde evitar sorrir. O estava passando muito bem.

Produziu-se um agradável momento de silêncio e em seguida Charles disse:

-Eu faço o mesmo.

-Como diz?

-Tentar melhorar uma situação negativa imaginando todas as opções que poderiam ter sido piores.

-Ainda o faz? -Ellie gostou muito que os dois enfrentassem da mesma forma à adversidade. Sentiu que, de alguma forma, encaixavam melhor.

-Mmm, sim. Deveria ter ouvido o que pensava no mês passado, quando estava convencido de que toda minha fortuna iria para meu odioso primo Phillip.

-Pensava que seu odioso primo se chamava Cecil.

-Não, Cecil é o sapo. O odioso é Phillip.

-Fez uma lista?

-Sempre faço listas - respondeu ele com leveza.

-Não - disse ela, rindo-. Referia a se fez uma lista do que seria pior que perder sua fortuna.

-Na realidade, sim - disse com um sorriso. E, agora que o diz, tenho em meu quarto. Quer ouvi-la?

-Por favor.

Charles desapareceu pela porta que conectava os dois quarto e, após alguns segundos, retornou com uma folha de papel. Antes que Ellie soubesse o que ia fazer, ele saltou à cama e se deitou a seu lado.

-Charles!

Ele a olhou de esguelha e sorriu.

-Necessito um travesseiro para apoiar as costas.

-Saia da minha cama.

-Não estou dentro, só estou em cima -tirou um dos travesseiros de debaixo da cabeça e a afiançou-. Isto está muito melhor.

Ellie, cuja cabeça agora pendurava de uma forma muito estranha, não pareceu que assim estivesse melhor e o fez saber. Charles a ignorou e perguntou:

-Quer que te leia a lista ou não?

Ela aceitou agitando a mão no ar.

-Perfeito - elevou a nota até a altura dos olhos. Número Um... Ah, por certo, a lista se titula "O que de pior poderia me acontecer".

-Espero não estar nela - sussurrou Ellie.

-Não seja boba. Você é o melhor que me ocorreu em meses.

Ela ruborizou ligeiramente e se zangou com ela mesma por reagir assim diante de suas palavras.

-Se não fosse por alguns terríveis maus hábitos, seria perfeita.

-Como diz?

Ele sorriu com picardia.

-Eu adoro quando me diz isso.

-Charles!

-Está bem. Creio que salvou minha fortuna, por isso devo ignorar alguns pequenos defeitos.

-Eu não tenho pequenos defeitos! -exclamou ela.

-Tem razão -murmurou ele. Só grandes.

-Não queria dizer isso, e sabe.

Ele cruzou os braços.

-Quer que leia a lista?

-Começo a pensar que não tem nenhuma lista. Jamais conheci a alguém que mudasse tanto de assunto.

-E eu jamais conheci alguém que falasse tanto como você.

Ellie sorriu.

-Pois terá que te acostumar a esta mulher faladora, porque se casou com ela.

Charles virou a cabeça para ela e a observou com atenção.

-Mulher faladora, eh? A quem te refere?

Ela se separou dele até o ponto de que quase cai da cama.

-Nem pense em me beijar, Billington.

-Meu nome é Charles, e não tinha pensado te beijar. Embora, agora que o diz, não é má idéia.

-Lê... a... lista.

Ele se encolheu de ombros.

-Se insiste.

Ellie pensava que ia gritar.

-Vejamos-segure a lista frente a seus olhos e golpeou o papel para congrega toda a atenção-. Número um: Cecil poderia herdar a fortuna.

-Pensei que fosse Cecil a herdar a fortuna.

-Não, o herdeiro seria Phillip. Cecil teria que matar os dois. Se não tivesse casado, só teria que ter matado Phillip.

Ellie o olhou boquiaberta.

-Diz como se realmente houvesse passado pela cabeça.

-Não o descartaria-respondeu Charles, encolhendo de ombros.

-Sigamos. Número dois: Inglaterra poderia estar anexada a França.

-Estava ébrio quando a fez?

-Tem que admitir que seria terrível. Pior que perder minha fortuna.

-É muito amável antepor o bem-estar de Inglaterra ao teu próprio - disse Ellie, muito mordaz.

Ele suspirou e respondeu:

-Imagino que sou assim. Nobre e patriótico até a medula. Número três...

-Posso interromper?

Ele lançou um afligido olhar que claramente dizia: "Acaba de fazê-lo".

Ellie pôs os olhos em branco.

-É que me perguntava se a lista segue alguma ordem de importância.

-Por que o pergunta?

-Se seguir uma ordem, significa que prefere que a França conquiste a Inglaterra a que Cecil herde sua fortuna.

Charles soltou ar pela boca muito devagar.

-Não sei o que é pior. Custaria a me decidir.

-Sempre é tão frívolo?

-Só com as coisas importantes. Número três: o céu poderia cair sobre a terra.

-Isso é muito pior que o fato de que Cecil herde sua fortuna! -exclamou ela.

-Na realidade, não. Se o céu cair sobre a terra, Cecil estaria morto e não poderia desfrutar da fortuna.

-Nem você -respondeu Ellie.

-Mmm. Tem razão. Terei que revisar a lista - voltou a lhe sorrir e seus olhos se encheram de calor, embora não de paixão, disse-se Ellie.

O olhar de Charles parecia refletir algo mais parecido à amizade ou, ao menos, isso ela esperava. Respirou fundo e decidiu aproveitar daquele doce momento para dizer:

-Eu não provoquei o fogo, sabe? Não fui eu.

Ele suspirou.

-Ellie, sei que nunca faria algo assim de propósito.

-É que eu não fiz nada - respondeu ela com secura. Alguém moveu o ralo do forno depois de que eu o arrumei.

Charles tornou a soltar o ar. Desejava acreditar nela, mas porque alguém ia tocar no forno? As únicas pessoas que sabiam como funcionava eram os criados, e nenhum deles tinha motivos para querer fazer com que a nova condessa ficasse mal.

-Ellie - disse, tentando acalmar os ânimos. Possivelmente não sabe tanto sobre fornos como acreditava.

De repente, ela se tencionou.

-Ou possivelmente este forno é distinto ao teu.

Relaxou um pouco a mandíbula, mas ainda estava muito zangada com ele.

-Ou possivelmente- seguiu ele, com muita suavidade, enquanto elevava o braço e a tirava da mão-, possivelmente sabe tanto como diz de fornos, mas cometeu um pequeno engano. O estado de recém casado pode chegar a distrair muito.

Pareceu que ela se suavizou um pouco com esse comentário e Charles acrescentou:

-Deus sabe que eu estou distraído.

Para mudar de assunto, Ellie assinalou uns rabiscos que havia na parte inferior da folha que ele tinha na mão.

-O que é isso? Outra lista?

Charles olhou, apressou-se a dobrar o papel e disse:

-Ah, não é nada.

-Tenho que lê-la - tirou o papel das mãos e, quando ele se estirou para recuperá-lo, Ellie saltou da cama. As cinco qualidades mais importantes em uma esposa? -leu incrédula.

Ele encolheu os ombros.

-Pareceu que valia a pena decidir de antemão o que necessitava.

-Que? "Agora só sou um quê"?

-Não seja obtusa, Ellie. É muito inteligente para fingir isso.

Aquilo era um elogio, mas ela não ia agradecer. Com uma gargalhada, começou a ler:

-“Número um: o suficientemente atraente para manter meu interesse.” Esse é seu principal requisito?

Charles teve a decência de mostrar-se um pouco envergonhado.

-Se estiver à metade de zangada que aparenta, estou metido em uma boa confusão - sussurrou.

-Nem que o jure - clareou a garganta. “Número dois: inteligente” - olhou-o com algumas reserva.

- Redimiui-se, embora só um pouco.

Ele estalou a língua e se reclinou no travesseiro da cama, com as mãos entrelaçadas detrás da cabeça.

-E se te dissesse que esta lista não segue nenhuma ordem de importância?

-Não acreditaria.

-Imaginava.

-“Número três: que não me atormentar”. Eu não te atormento.

Charles não disse nada.

-Não o faço.

-Agora mesmo, está fazendo.

Ellie lhe lançou um olhar assassino e continuou com a lista.

-“Número quatro: habilidade para mover-se em meu círculo social com facilidade” - tossiu de incredulidade ao lê-lo. Estou certa de que se dá conta de que não tenho nenhum tipo de experiência com a aristocracia.

-Seu cunhado é o conde de Macclesfield- assinalou Charles.

-Sim, mas é família. Com ele não tenho que me dar ares. Jamais estive em um baile de Londres nem em um salão literário, ou o que seja que os indolentes de sua classe fazem durante a temporada.

-Ignorarei seu gratuito insulto- disse Charles, com a altivez que Ellie sempre tinha esperado em um conde. É uma mulher inteligente, não? Estou seguro de que aprenderá o que for necessário. Sabe dançar?

-Claro.

-Sabe conversar? -agitou a mão. Não, não diga nada. Já sei a resposta. Conversas muito e muito bem. Dar-se-á perfeitamente em Londres, Eleanor.

-Charles, está começando a resultar muito irritante.

Ele se cruzou de braços e esperou a que continuasse, porque todo aquilo lhe começava a parecer muito cansativo. Tinha escrito a lista fazia mais de um mês e nunca tinha imaginado repassá-la com sua futura esposa. Inclusive tinha escrito...

De repente, recordou o quinto ponto. O sangue que tinha na cabeça, de repente lhe desceu até os pés. Viu, o quando lentamente, como Ellie descia o olhar para a lista e a ouviu dizer:

-«Número cinco...»

Charles nem sequer teve tempo de pensar. Saltou da cama, emitiu um primitivo grito, equilibrou-se sobre ela e a levou ao chão.

-A lista! - gritou. Dê-me a lista.

-Que diabo faz? - Ellie golpeou os braços para escapar dele.

-Me solte, velhaco. Dê-me a lista.

Ela, que estava deitada no chão, elevou o braço por cima da cabeça.

-Me solte!

-A lista! -exclamou ele.

Ellie não pensou em outra alternativa. O golpeou no estômago com o joelho e escapou engatinhando. Levantou-se e leu o papel que tinha entre as mãos enquanto ele continha a respiração. Percorreu as linhas com os olhos e gritou:

-Seu desgraçado!

Charles grunhiu de dor, dobrado pela metade.

-Deveria ter golpeado mais em baixo - disse ela entre dentes.

-Não exagere Ellie.

-“Número cinco - leu ela com voz afetada: Deve ser o suficientemente sofisticada para passar por cima minhas aventuras amorosas, e ela não terá nenhuma até que me tenha dado, ao menos, dois herdeiros.”

Charles teve que admitir que, visto assim, parecia um pouco frio.

-Ellie - disse em tom conciliador- sabe que o escrevi antes de te conhecer.

-E que diferença faz?

-Muita. É... eh... é...

-Tenho que acreditar que se apaixonou tão perdidamente por mim que, de repente, todas suas noções sobre o casamento mudaram?

Parecia que seus olhos azuis marinho cuspiam fogo e gelo ao mesmo tempo, e Charles não sabia se devia sentir temor ou desejo. Expôs dizer uma tolice como «Fica preciosa quando se zanga». Com suas amantes sempre tinha funcionado às mil maravilhas, mas tinha o pressentimento de que com sua mulher não teria êxito.

Olhou-a dubio. Estava de pé do outro lado do quarto, com a postura firme e os punhos fechados. A lista estava enrugada no chão. Quando viu que a olhava, olhou-o fixamente e Charles teria jurado que ouvia trovões.

Não havia dúvida; esta vez tinha metido o pé até o fundo.

“Seu intelecto”, pensou. Teria que apelar a seu intelecto a tentar raciocinar com ela. Sempre se orgulhava de sua sensibilidade e sensatez, não é certo?

-Elli – disse - Nunca tivemos a oportunidade de falar sobre o casamento.

-Não-respondeu ela, com um tom de voz cheio de amargura-, simplesmente nos casamos.

-Admito que o casamento fosse um pouco precipitado, mas tínhamos bons motivos para atuar assim.

-Você tinha um bom motivo - respondeu ela.

-Não tente fingir que me aproveitei de ti - disse ele com impaciência na voz-. Necessitava deste casamento tanto quanto eu.

-Embora eu não ganhasse tanto com ele.

-Não tem nem idéia do que ganhou! Agora é condessa. Tem mais riquezas do que jamais tinha sonhado - olhou-a fixamente-. Não me insulte fingindo ser a vítima.

-Tenho um título. E tenho uma fortuna. E também tenho um marido diante de quem tenho que responder. Um marido que, pelo visto, não vê nada de errado em me tratar como a uma escrava.

-Eleanor, está sendo pouco razoável. Não quero discutir contigo.

-Percebe que só me chama Eleanor quando fala como se eu fosse uma menina pequena? Charles contou até três e disse:

-Os casamentos da aristocracia se apóiam na premissa de que ambas as partes são o suficientemente maduras para respeitar as escolhas do outro.

Ela o olhou boquiaberta.

-Sabe o que acaba de dizer?

-Ellie...

-Acho que disse que, se quiser, eu também posso ser infiel.

-Não seja estúpida.

-Depois do herdeiro e do reposto, claro, como tão eloqüentemente expressou por escrito - sentou-se em um divã e ficou perdida em seus pensamentos-. Liberdade para viver minha vida como eu escolha e com quem eu escolha. Que interessante.

Enquanto Charles ficava ali, observando como ela contemplava o adultério, seus anteriores pontos de vista sobre o casamento de repente lhe pareceram tão apetecíveis como o barro.

-Agora já não pode fazer nada a respeito - disse. Fica muito mal visto ter uma aventura antes de ter um filho.

Ela se pôs a rir.

-O quarto ponto da lista adquiriu um novo significado. Ele a olhou inexpressivamente.

-Queria alguém que pudesse mover-se com facilidade em seu círculo social. Vê que terei que dominar as complexidades do que fica bem visto e o que não. Vejamos... tamborilou os dedos na mandíbula e Charles teve vontades de afastar a mão, embora só

fosse para apagar essa expressão sarcástica de seu rosto-. Não fica bem visto ter uma aventura a pouco tempo após casar-se -continuou-, mas fica mal visto ter mais de um amante de uma vez? Terei que investigar.

Ele notou como ia ruborizando e como o músculo da têmpora pulsava cada vez mais depressa.

-Certamente fica mal visto ter uma aventura com teu amigo, mas e com um primo longínquo?

Charles começava a ver tudo através de um estranho halo vermelho.

-Estou quase certa de que trazer um amante para casa fica mal visto - continuou ela-, mas não estou certa de onde...

Um som afogado, seco e a meio caminho entre o grito e o rugido saiu da garganta de Charles enquanto se equilibrava sobre ela. .

-Basta! -gritou. Basta já.

-Charles! -ela tratou de escapar de suas mãos, com o que conseguiu enlouquecê-lo mais.

-Nenhuma palavra mais - disse ele, em um tom áspero e com os olhos saltados. Se disser uma palavra mais, juro Por Deus que não respondo de meus atos.

-Mas eu...

Diante do som de sua voz, segurou-a com força pelos ombros. Agitou os músculos e exagerou a expressão selvagem dos olhos, como se já não soubesse ou importasse o que fosse a fazer.

Ellie o olhou com cautela.

-Charles – sussurrou. Possivelmente não deveria...

-Possivelmente sim.

Ela abriu a boca para protestar, mas, antes de poder dizer algo, ele a devorou com um apaixonado beijo. Era como se sua boca estivesse em todas partes: em suas bochechas, em seu pescoço, em seus lábios. Percorreu-lhe o corpo com as mãos e se deteve para desfrutar de a curva de seus quadris e a turgidez de seus seios.

Ellie percebeu como a paixão crescia nele, e nela. Charles encostou seus quadris às dele. Ela notava sua ereção enquanto ele a aprisionava ainda mais no divã, e demorou vários segundos em dar-se conta de que ela também estava balançando seu corpo ao ritmo de suas investidas.

Estava a seduzindo com sua raiva, e ela estava respondendo. Aquilo bastou para esfriar sua paixão; colocou as mãos em seus ombros e escorregou debaixo dele. Estava do outro lado do quarto antes que ele se levantasse.

-Como se atreve? -disse, ofegando-. Como se atreve?

Charles levantou um ombro em um gesto insolente.

-Era te beijar ou te matar. Parece que minha decisão foi correta - foi até a porta e colocou a mão na maçaneta - Demonstrou que não me equivoquei.

CAPÍTULO 10

No dia seguinte, Charles despertou com uma terrível dor de cabeça. Sua nova esposa parecia que tinha a habilidade de lhe provocar uma horrível ressaca sem ter provado nenhuma gota de álcool.

Não cabia nenhuma dúvida. O casamento não era bom para a saúde.

Depois de lavar-se e vestir-se, decidiu que tinha que procurar Ellie e ver como estava. Não tinha nem ideia do que ia lhe dizer, mas parecia que tinha que dizer algo.

O que queria lhe dizer era: Desculpas aceitas, mas, para isso, ela tinha que desculpar-se por suas escandalosas palavras da noite anterior, e duvidava que fosse fazer.

Bateu na porta que conectava os quartos e esperou uma resposta. Quando não obteve nenhuma, abriu a porta só um pouco e a chamou. Seguiu sem ter resposta, assim abriu a porta um pouco mais e apareceu.

-Ellie? -olhou a cama e o surpreendeu ver que estava perfeitamente feita. Os criados ainda não tinham vindo a limpar. Estava seguro, porque tinha dado instruções de que levassem um buquê de flores frescas ao quarto de sua mulher cada manhã e lá ainda estavam as violetas de ontem.

Meneou a cabeça quando compreendeu que sua mulher havia feito a cama. Imaginou que não devia se surpreender. Era uma mulher bastante competente.

Exceto com os fornos, claro.

Charles desceu ao salão para o café da manhã, mas, em lugar de sua mulher, só encontrou Helen, Claire e Judith.

-Charles! -exclamou Claire quando o viu entrar pela porta. Levantou-se.

-Como está minha prima de quatorze anos favorita esta manhã? -disse enquanto a tomava pela mão e a beijava com galanteio. Às jovens adoravam essas tolices românticas, e ele adorava Claire o suficiente para recordar tratá-la com atenção com esses gestos.

-Estou muito bem, obrigado - respondeu ela-. Tomará o café da manhã conosco?

-Acredito que sim - murmurou Charles enquanto se sentava.

-Não temos torradas - acrescentou Claire.

Helen lhe lançou um olhar de reprovação, mas ele não pôde evitar estalar a língua enquanto se servia uma fatia de presunto.

-A mim também pode dar um beijo na mão - disse Judith.

-Que me caia um raio por me haver esquecido - disse Charles enquanto se levantava. Pegou a mão da pequena e a aproximou dos lábios.

-Minha querida princesa Judith, um milhão de desculpas.

A menina riu enquanto Charles voltava para sua cadeira.

-Onde estará minha mulher? -perguntou ele.

-Não a vi - respondeu Claire.

Helen limpou a garganta.

-Eleanor e eu somos madrugadoras. A vi tomar o café da manhã antes de que Claire e Judith baixassem.

-E estava comendo torradas? -perguntou sua filha maior.

Charles tossiu para dissimular sua risada. Não ficaria bem rir da mulher diante da família. Apesar de que estivesse incrivelmente zangado com a dita mulher.

-Parece que comeu uma bolacha - respondeu Helen, muito seca-. E terei que pedir que não volte a tocar no assunto, Claire. Sua nova prima é muito sensível respeito a esse incidente.

-É minha prima política. E não foi um incidente, foi um incêndio.

-Isso foi ontem - interveio Charles-, e eu já esqueci por completo.

Claire franziu o cenho e Helen continuou:

-Parece que tinha pensado ir à estufa. Disse algo de ser uma perita jardineira.

-O estufa é a prova de fogo? -perguntou Claire.

Charles a olhou com severidade.

-Claire, já basta.

A garota voltou a franzir o cenho, mas não disse nada mais. Então, enquanto os três se olhavam em silêncio, um poderoso grito atravessou o ar:

-Fogo!

-Vêem! -gritou Claire com petulância-. Vêem! Vos disse que colocaria fogo à estufa.

-Outro fogo? -perguntou a menina, encantada com a idéia-. A vida com Ellie é muito emocionante.

-Judith -disse sua mãe, com um tom cansado-, os incêndios não são emocionantes. E, Claire, sabe perfeitamente que só é a tia Cordelia. Estou certa de que não há nenhum incêndio.

Como se quisesse demonstrar que Helen tinha razão, Cordelia entrou no salão gritando: «Fogo!» Passou junto à mesa e seguiu correndo para o sala de jantar formal, com o destino desconhecido.

-Vêem? -disse Helen. Só é Cordelia. Não há nenhum fogo.

Charles queria estar de acordo com a Helen, mas, depois do susto de ontem, descobriu que estava um pouco nervoso. Limpou a boca com o guardanapo e se levantou.

-Acho que irei dar um passeio - improvisou. Não queria que suas primas acreditassem que ia comprovar que fazia sua mulher.

-Mas se quase não provou a comida - protestou Claire.

-Não tenho fome - disse Charles em seguida, calculando mentalmente quanto poderia demorar um fogo em estender-se da estufa.

-Veremo-nos no almoço - deu meia volta, partiu e, assim que saiu da sala de jantar, pôs-se a correr.

Ellie plainou a terra ao redor de um arbusto em flor enquanto se maravilhava diante da espetacular estufa. Tinha ouvido falar destas estruturas, mas nunca tinha visto uma. Assim se mantinha um clima o suficientemente quente para poder cultivar plantas durante todo o ano, inclusive laranjas, que sabia que preferiam um clima mais tropical. Quando tocou as folhas da laranjeira, lhe deu água na boca. Agora não tinha frutos, mas quando chegasse a primavera e o verão..., seria maravilhoso.

Se o luxo significava poder comer laranjas no verão, disse a si mesma que poderia acostumar-se a ele.

Passeou pelo estufa e observou as distintas plantas. Estava impaciente por começar a cuidar das roseiras. Adorava entreter-se no jardim de seu pai.

Isto tinha que ser o maior benefício de seu apressado casamento: a oportunidade de poder dedicar-se ao jardim durante todo o ano.

Estava ajoelhada tentando observar o sistema de raízes de uma planta em particular, quando ouviu que se aproximavam alguns passos. Quando levantou o olhar, viu que Charles entrava correndo na estufa; bom, chegou correndo à porta e em seguida se deteve em seco, como se não quisesse que ela soubesse que tinha vindo correndo.

-Ah - disse ela, inexpressiva. É você.

-Esperava outra pessoa? -Charles olhou a seu redor, como se estivesse procurando algo.

-Claro que não. Mas não esperava que viesse me buscar.

-Por que não? -perguntou ele, distraído, ainda procurando algo.

Ellie o olhou fixamente.

-Acaso tem uma memória deficiente, milord?

Ele pareceu não ouvi-la, assim que ela exclamou:

-Charles!

Ele se virou de repente.

-O que?

-Que procuras?

-Nada.

Justo então, Cordelia entrou na estufa gritando: «Fogo! Fogo!»

Ellie viu como sua tia-avó saía e se virou para Charles com expressão acusatória.

-Pensava que tinha posto fogo à estufa, não?

-É obvio que não - respondeu ele.

-Pelo amor de... -deteve-se antes de blasfemar. Seu pai daria algo se descobrisse o muito que tinha piorado o vocabulário de sua filha nos dois dias que levava fora de sua casa. O casamento estava tendo uns efeitos negativos em seu caráter, isso era certo.

Charles olhou o chão, envergonhado. Sua tia Cordelia gritava «Fogo!» cada dia desde que a conhecia. Teria que ter acreditado um pouco mais em sua mulher.

-Você gosta da jardinagem? -balbuciou.

-Sim. Espero que não se importe que dedique às plantas.

-Absolutamente.

Ficaram em silencio durante meio minuto. Ellie repicou o chão com a ponta do sapato. Charles tamborilou os dedos da mão na coxa. Ao final, ela disse que nunca tinha sido uma pessoa submissa por natureza e disse:

-Continua zangado comigo, não?

Ele levantou a cabeça, surpreso de que ela tivesse feito a pergunta.

-É uma forma de descrevê-lo.

-Eu também estou zangada contigo.

-Não deixei de notar.

Sua secura a enfurecia. Era como se estivesse burlando de sua angústia.

-Quero que saiba - disse ela-, que nunca imaginei que meu casamento seria o contrato seco e frio que parece ter em mente.

Ele estalou a língua e cruzou os braços.

-Certamente, nunca imaginou se casar comigo.

-É o mais egoísta que h...

-Além disso - interrompeu ele, se nosso casamento é frio, como tão delicadamente diz, é porque escolheu não consumir a união.

Ellie ficou sem fala diante de sua crueldade.

-Senhor, você é desprezível.

-Não, simplesmente te desejo. Por que? Prometo-te que não sei, mas te desejo.

-A luxúria sempre converte os homens em seres tão horríveis?

Ele encolheu de ombros.

-Não sei. Nunca havia custado tanto levar uma mulher à cama. E nunca tinha estado casado com nenhuma delas.

Ellie voltou a ficar boquiaberta. Desconhecia os detalhes de um casamento da nobreza, mas estava convencida de que os maridos não tinham que falar de suas conquistas amorosas diante de suas mulheres.

-Não tenho por que escutar estas coisas- disse ela.

-Vou.

Começou a caminhar para a porta, mas se deteve e deu meia volta.

-Não – disse - quero seguir com as plantas. Você vai.

-Ellie, devo te lembrar que esta é minha casa?

-Agora também é a minha. Quero ficar na estufa. Você não. Portanto, vai você.

-Eleanor...

-Está começando a ficar muito difícil saborear o prazer de sua companhia-disse ela.

Charles meneou a cabeça.

-De acordo. Se enterre até os cotovelos, se quiser. Tenho coisas melhores que fazer que ficar aqui discutindo contigo.

-Eu também.

-Perfeito.

-Perfeito!

E partiu.

Ellie pensou que pareciam dois meninos pequenos, mas, a essas alturas, estava muito enfurecida para preocupar-se por isso.

Os recém casados conseguiram evitar-se durante dois dias e, certamente, teriam seguido com suas vidas solitárias se não se produzi-se um desastre.

Ellie estava tomando o café da manhã quando Helen entrou na sala de jantar com uma expressão de asco.

-Acontece algo, Helen? -perguntou Ellie, tentando ignorar o fato de que a cozinha ainda não tinha retomado o serviço de torradas.

-Tem ideia do que é esse aroma tão asqueroso da ala sul? estive a ponto de desmaiar pelo caminho.

-Eu não notei nada, mas desci pelas escadas laterais e... - seu coração parou. A estufa. Por favor, não. A estufa, não. Ficava na ala sul. Minha mãe-murmurou, enquanto se levantava. Correu pelos corredores, com Helen em seu calcanhar. Se havia ocorrido algo no estufa, não sabia o que faria. Era o único lugar desse mausoléu deixado da mão de Deus onde se sentia como em casa.

À medida que se ia aproximando de seu destino, chegou um aroma terrível a podre.

-Meu Deus! -gritou. O que é isto?

-É horrível, não? -comentou Helen.

Ellie entrou na estufa e o que viu lhe deu vontades de chorar. As roseiras, as quais já havia se apaixonado, estavam mortas, com as folhas quase chamuscadas. As pétalas tinham caído todas ao chão e os esqueletos dos arbustos fediam. Cobriu o nariz.

-Quem pôde fazer algo assim? -virou-se para a Helen e repetiu-. Quem?

Helen ficou olhando alguns segundos e em seguida disse:

-Ellie, é a única que se passa horas na estufa.

-Não acreditará que eu...? Acha que eu o fiz?

-A propósito, não - respondeu Helen, que estava bastante incomodada. Todos viam o quanto que você gostava das plantas e as flores. Possivelmente pôs algo na terra ou deu algo que não devia.

-Eu não fiz nada! -insistiu Ellie. Eu...

-Pelo amor de Deus! -Charles entrou na estufa com um lenço em cima da boca e o nariz-. O que é esse aroma?

-Minhas roseiras! -gritou Ellie. Olhe o que fez.

Ele apoiou as mãos nos quadris enquanto observava os danos e, acidentalmente, respirou pelo nariz e tossiu.

-Diabos, Ellie, como conseguiram matar as roseiras em apenas dois dias? Minha mãe sempre demorava, ao menos, um ano.

-Eu não tive nada que ver! -gritou-. Nada!

Claire escolheu esse instante para entrar em cena.

-Morreu algo no estufa? -perguntou.

Ellie entrecerrou os olhos.

-Não, mas meu marido está a ponto de fazer se disser uma palavra depreciativa mais sobre mim.

-Ellie - disse Charles em tom conciliador. Sei que não o fez a propósito. Mas é que...

-Aaah! -chiou ela, enquanto levantava as mãos no ar-. Se voltar a ouvir essa frase outra vez, gritarei.

-Já está gritando - disse Claire.

Ellie queria estrangular aquela menina.

-Há pessoas às quais não se dá bem a jardinagem - continuou Claire-. Não tem nada de errado. É-me fatal. Por isso nunca me atreveria a pisar na estufa. Para isso temos jardineiros.

Ellie olhou Charles, Helen e Claire, e em seguida outra vez Charles. Suas expressões eram de lástima, como se tivessem encontrado com uma criatura que, embora fosse agradável, também era completamente inepta.

-Ellie -disse Charles-, possivelmente possamos conversar.

Depois de dois dias de tratamento de silêncio, a repentina disponibilidade para falar sobre sua suposta falha na estufa foi a gota que encheu o copo.

-Não tenho nada que falar contigo - grunhiu. Com nenhum de vós! -e partiu.

Charles deixou que Ellie ficasse só no quarto até a noite, quando decidiu que era melhor subir e falar com ela. Nunca a tinha visto tão zangada como aquela manhã; embora também era certo que fazia apenas uma semana que a conhecia, mas nunca imaginou que a mulher alegre e valente com quem se casou pudesse zangar-se tanto por algo.

Tinha tido alguns dias para esfriar os ânimos da última briga. Agora se dava conta de que Ellie o tinha estado pondo a prova. Não conhecia os costumes da aristocracia e se defendeu atacando. Se acalmaria à medida que fosse acostumando-se ao casamento.

Chamou com suavidade à porta e, como não obteve resposta, chamou um pouco mais forte. Ao final, pareceu-lhe ouvir algo como «Entre», assim que apareceu.

Ellie estava sentada na cama, envolta em uma velha manta que devia ter trazido de sua casa. Era uma peça singela, branca com pespontos azuis; algo que não encaixava com os opulentos gostos de seus antepassados.

-Quer algo? -perguntou ela em um tom neutro.

Charles a olhou fixamente. Tinha os olhos vermelhos e, debaixo da volumosa manta, parecia muito pequena e jovem. Tinha algo na mão esquerda.

-O que é isso? -perguntou ele.

Ellie desceu o olhar até as mãos, como se tivesse esquecido que estava segurando algo.

-Ah, isto. É o retrato de minha mãe.

-É muito especial para ti, não?

Produziu-se uma longa pausa, como se Ellie estivesse decidindo se queria compartilhar com ele suas lembranças familiares. Ao final, disse:

-Quando soube que ia morrer, fez dois. Um para mim e outro para Vitória. A idéia sempre foi que nos levássemos quando nos casássemos.

-Para que não a esquecessem nunca.

Ela se virou para ele de repente, com os olhos azuis surpreendidos.

-É exatamente o que disse. O mesmo - sorveu o nariz e a limpou com a mão, um gesto muito pouco elegante-. Como se pudesse esquecê-la.

Olhou as paredes de seu quarto. Ainda não tinha desprendido todos aqueles horríveis retratos e, em comparação com a doce expressão de sua mãe, as condessas pareciam ainda mais imponentes.

-Sinto muito que aconteceu hoje no estufa - disse Charles com delicadeza.

-Eu também - respondeu ela com amargura.

Charles tentou ignorar sua dureza enquanto se sentava a seu lado na cama.

-Sei que adorava aquelas plantas.

-Igual a todos.

-O que quer dizer?

-Que alguém não quer me ver feliz. Alguém está arruinando, de propósito, meus esforços por tentar que Wycombe Abbey se torne minha casa.

-Ellie, é a condessa de Billington, e isso significa que Wycombe Abbey é sua casa.

-Ainda não. Tenho que deixar minha marca. Tenho que fazer algo para que ao menos um pedacinho seja meu. Tentei ajudar quando arrumei o forno.

Charles suspirou.

-Possivelmente não deveríamos mencionar o forno.

-Não coloquei o ralo errado - disse ela, desprendendo fogo pelos olhos. Alguém arruinou meus esforços.

Charles soltou o ar muito devagar e a tirou da mão.

-Ellie, ninguém pensa mal de ti. Não é culpa tua que seja um pouco inepta quando se trata de...

-Inepta! Inepta? -exclamou com voz aguda-. Não sou uma... -mas aqui se fez uma confusão porque, entre as pressas por levantar da cama e colocar os braços em jarra, em gesto ofendido, esqueceu que Charles estava sentado sobre uma ponta da manta, com o que caiu no chão e aterrissou sobre as nádegas com pouca delicadeza. Tentou levantar-se, mas tropeçou duas vezes, uma com a saia e a outra com a manta, até que ao final grunhiu:

-Não sou uma inepta.

Ele, apesar de seus esforços por ser sensível diante da angustia de sua mulher, não pôde evitar desenhar um sorriso.

-Ellie, não queria dizer...

-Direi que sempre fui muito apta.

-Apta?

-Sempre fui extremamente organizada e brilhantemente capaz...

-Apta?

-Não deixo as coisas para mais tarde e não evito minhas responsabilidades. Termina o que começo.

-Essa palavra existe?

-Que palavra? -exclamou ela, que parecia muito zangada com ele.

-Epta.

-É obvio que não.

-Pois a disse - disse Charles.

-Eu não disse isso.

-Ellie, temo- me que...

-Se tiver dito -disse, ruborizando ligeiramente-, isso demonstra quão furiosa estou. Utilizar palavras inexistentes. Já. Muito pouco próprio de mim.

-Ellie, sei que é uma mulher muito inteligente - esperou que ela dissesse algo, mas como não foi assim, acrescentou-: Por isso me casei contigo.

-Casou-se comigo - respondeu ela, ofendida, porque precisava salvar sua fortuna e pensou que faria a vista grossa com suas aventuras amorosas.

Ele também se ruborizou.

-É certo que minha instável situação econômica teve a ver com a rapidez com que nos casamos, mas te asseguro que quão último pensei quando me casei contigo foi ter uma aventura.

Ela soltou uma risadinha feminina.

-Só tem que olhar sua lista para ver que mente.

-Ah, sim - disse, muito mordaz-, a infame lista.

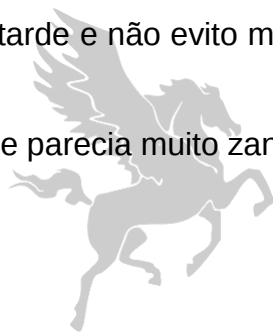
-Falando de nosso acordo matrimonial - disse Ellie-, encarregou-se de meus assuntos financeiros?

-Sim, em realidade, fiz ontem.

-Ontem? Ellie parecia bastante surpreendida. Mas...

-Mas o que? -perguntou ele, irritado de que ela não esperasse que cumprisse sua palavra.

-Nada - fez uma pausa, e em seguida acrescentou-: Obrigado.



Charles assentiu a modo de resposta. Ao cabo de uns instantes de silêncio, ele disse:

-Ellie, temos que falar de nosso casamento. Não sei de onde tirou sua pobre impressão sobre mim, mas...

-Agora não – interrompeu ela. Estou muito cansada e não acredito que possa suportar seus comentários sobre o pouco que sei dos casamentos da nobreza.

-Qualquer idéia preconcebida que tivesse do casamento foi antes de te conhecer - explicou ele.

-Já disse que não acredito que seja tão incrivelmente atraente para que esqueça suas noções sobre o que deveria ser um casamento.

Charles a olhou fixamente e se fixou na juba avermelhada dourada que lhe caía em cima dos ombros e decidiu que a palavra «atraente» ficava curta para descrevê-la. Seu corpo a pedia a gritos e o coração... Bom, não era um perito em assuntos do coração, mas estava bastante seguro de que o seu estava sentindo algo.

-Então, ensina-me -disse sem mais-. Ensina-me o que deveria ser um casamento.

Ela o olhou atônita.

-Como vou saber? Para mim, tudo isto é tão novo como para ti.

-Então, possivelmente não deveria me repreender tão rápido.

A veia da têmpora de Ellie esteve a ponto de estalar antes que dissesse:

-Sei que os maridos e as mulheres deveriam respeitar-se o suficiente para não rir e pôr a outra bochecha quando a outra pessoa comete adultério.

-Vê? Sabia que tinha algumas ideias sobre casamento - sorriu e se reclinou em um travesseiro-. E não imagina quão contente estou de saber que não pretende ser infiel.

-Pois eu adoraria ouvir o mesmo de seus lábios - respondeu ela.

O sorriso de Charles se converteu em uma ampla expressão de alegria.

-O ciúme nunca acariciou ouvidos mais agradecidos.

-Charles... -havia um tom de advertência em sua voz.

Ele estalou a língua e disse:

-Ellie, asseguro que, desde que te conheço, a idéia do adultério nem me passou pela cabeça.

-Isso me tranqüiliza - respondeu ela com sarcasmo. Conseguiu manter sua mente centrada uma semana inteira.

Charles se expôs a comentar que, na realidade, tinham sido oito dias, mas lhe pareceu muito infantil. Em lugar disso, disse:

-Em tal caso, parece-me que seu papel como esposa está bastante claro.

-Como diz?

-Ao fim e ao cabo, não quero me extraviar.

-Creio que não gosto disso - disse ela entre dentes.

-Não gostaria de mais nada que passar a vida entre seus braços.

Ela riu.

-Não quero saber quantas vezes que disse essa frase, milord.

Charles se levantou da cama e se colocou diante dela com a agilidade de um gato. Aproveitou seu desconcerto para tomar a mão e aproximar-lhe aos lábios.

-Se tenta me seduzir - disse ela, inexpressiva-, não funcionará.

Ele sorriu um sorriso endiabrado.

-Não tento te seduzir, querida Eleanor. Jamais tentaria levar a cabo uma tarefa tão extraordinária. Afinal, é nobre, reta e forte.

Visto assim, Ellie tinha a sensação de ser um tronco de uma árvore.

-Aonde quer chegar? -perguntou.

-É simples. Acredito que você deveria me seduzir.

CAPÍTULO 11

Golpeou o peito com as costas das mãos e o atirou à cama.

-Tornou-se louco? -chiou.

Charles sorriu.

-Asseguro que não tinha que recorrer à força para me atrair a sua cama, querida esposa.

-Isto é só um jogo para ti!

-Não, Ellie. É o casamento.

-Não sabe o que é casamento.

-Já, mas você mesma admitiu que você tampouco - elevou o braço para tomar pela mão. Sugiro que aprendamos juntos.

Ela afastou a mão.

-Não me toque. Não posso pensar quando me toca.

-Uma realidade muito alentadora - murmurou ele.

Ela lhe lançou um olhar mordaz.

-Não vou tentar te seduzir.

-Não seria tão complicado. E sempre é agradável conseguir os objetivos que alguém se propõe.

-Seria incrivelmente complicado - respondeu ela, ofendida-. Seria incapaz de reunir o desejo suficiente para fazê-lo bem.

-Ah. Um bom golpe, milady, mas claramente falso.

Ellie queria responder algo agudo, mas não lhe ocorreu nada. O problema era que ela também sabia que suas palavras eram falsas. Charles só tinha que olhá-la e seus joelhos se dobravam. Quando elevava a mão e a tocava, quase não podia manter-se em pé.

-Ellie - disse com suavidade-, vêm para cama.

-Vou ter que te pedir que parta - respondeu ela com melindre.

-Nem sequer pensa dar uma oportunidade a meu plano? Não me parece justo que descarte minhas idéias logo de cara.

-Justo? Justo! Está louco?

-Às vezes eu também me pergunto isso -disse ele entre dentes.

-Vê? Sabe tão bem quanto eu que isto é uma loucura.

Charles amaldiçoou para si mesmo e balbuciou algo sobre ela ter melhor ouvido que um coelho. Ellie se aproveitou daquele relativo silêncio para seguir à ofensiva e disse:

-O que poderia ganhar te seduzindo?

-Explicaria-lhe isso - disse ele com picardia-, mas não estou seguro de que seus tenros ouvidos estejam preparados para isso.

Ellie ruborizou de repente e tentou dizer:

-Sabe que não referia a isso - mas tinha os dentes tão apertados que só se ouviu assobio.

-Ah, minha mulher réptil - suspirou Charles.

-Estou perdendo os nervos, milord.

-Seriamente? Não tinha me dado conta.

Ellie nunca tinha tido vontade de esbofetear ninguém em sua vida, mas estava começando a pensar que aquele era um bom momento para começar. A atitude zombadora e segura de seu marido era quase insuportável.

-Charles...

-Antes que continue - interrompeu ele, me permita que te explique por que deveria considerar seriamente me seduzir.

-Fez uma lista? -perguntou ela, arrastando as palavras.

Ele agitou a mão no ar como se passasse nada.

-Asseguro que não é algo tão formal. Mas tendo a pensar em listas, é um costume que compartilhamos os escritores de listas compulsivos, e naturalmente tenho alguns motivos organizados em minha cabeça.

-Naturalmente.

Ele sorriu diante de sua tentativa de sarcasmo.

-Não seguem nenhuma ordem, claro -quando ela não disse nada, ele acrescentou:- Digo para que não haja mal-entendidos sobre a segurança de Inglaterra, a possibilidade de que o céu caia sobre a terra e tudo isso.

Ellie queria expulsá-lo do quarto com todas suas forças. E, contra seu próprio critério, disse:

-Fale.

-Está bem, vejamos.

Charles colocou as mãos em posição de oração enquanto tentava ganhar tempo. Não lhe tinha ocorrido fazer uma lista até que Ellie mencionou. Olhou a sua mulher, que estava golpeando o chão com a ponta pelo pé, impaciente.

-Está bem, começemos, mas primeiro temos que procurar um título.

Ela o olhou com receio e Charles soube que suspeitava que ele estava inventando tudo sobre a marcha. Nenhum problema, disse-se. Não deveria ser tão complicado.

-O título -recordou ela.

-Ah, sim. «Motivos pelos quais Ellie deveria seduzir Charles.» A teria chamado «Motivos pelos quais Ellie deveria tentar seduzir Charles» -acrescentou ele-, mas a primeira me parece mais acertada.

Ela só o olhou fixamente, assim ele continuou:

-Queria dizer que não há motivo para temer que fracasse no intento.

-Já sei o que queria dizer.

Ele sorriu com travessura.

-Sim, claro. Passamos ao primeiro motivo?

-Por favor.

-Começarei pelo mais elementar. Número um: desfrutará.

Ellie queria contradizê-lo, mas tinha a sensação de que seria outra mentira.

-Número dois: desfrutarei -olhou e sorriu-. Estou convencido.

Ellie se apoiou na parede porque notava que os joelhos começavam a lhe falhar.

Charles esclareceu a garganta.

-O que enlaça diretamente com o número três: como desfrutarei, não terei nenhum motivo para procurar carinho em outra parte.

-O fato de estar casado comigo deveria bastar!

-É certo -assentiu ele-. Mas sou o primeiro em reconhecer que não sou o homem mais nobre e temeroso de Deus. Terei que aprender o quanto prazenteiro e satisfatório pode ser o casamento.

Ellie soltou uma risada desdenhosa e zombadora.

-Quando o fizer -continuou-, estou seguro de que serei um marido modelo.

-Na outra lista escreveu que queria um casamento sofisticado e aberto, um no qual fosse livre de se extraviar.

-Isso foi antes de te conhecer -respondeu ele, muito jovial.

Ela colocou as mãos nos quadris.

-Já disse que não acredito nesse argumento.

-Mas é verdade. Para ser sincero, jamais tivesse pensado encontrar uma mulher a quem quisesse ser fiel. Não vou dizer que estou apaixonado por ti...

O coração de Ellie a surpreendeu e se encolheu.

-... mas acho que, com o tempo e o estímulo necessários, posso chegar a te querer.

Ela cruzou os braços.

-Diria qualquer coisa para seduzir a uma mulher, não?

Charles fez uma careta. Suas palavras tinham soado muito pior do que ele pretendia.

-Isto não vai bem -disse entre dentes.

Ela arqueou uma sobrancelha, e lhe deu de presente uma expressão que era incrivelmente igual a de sua finada babá... quando ficava zangada com ele. De repente, Charles se sentiu como um menino ao qual estavam repreendendo..., uma sensação muito desagradável para alguém de sua posição.

-Demônios, Ellie -disse enquanto saltava da cama e ficava de pé-, quero fazer amor com minha mulher. Por acaso é um crime?

-É quando não sente carinho por ela.

-Sinto carinho por ti! -jogou o cabelo para trás com as mãos e sua expressão refletiu quão esgotado estava.

-Eu gosto mais que qualquer outra mulher que tenha conhecido. Por que diabos acha que me casei contigo?

-Porque, sem mim, toda sua fortuna teria ido parar seu odioso primo Cecil.

-Phillip -corrigiu automaticamente-, e para salvar minha fortuna poderia casar com qualquer uma. Acredite, podia escolher entre as melhores iscas de Londres.

-Isclas? -repetiu ela, atônita-. É horrível. Por acaso não respeita às mulheres?

-Quando foi a última vez que foi a Londres e deu uma volta pela cena social?

-Sabe que nunca fui...

-Exato. Confia em mim, se tivesse a oportunidade de conhecer a maioria das debutantes, saberia do que falo. No ano passado, só encontrei uma com mais do que meio cérebro na cabeça, e já estava apaixonada por outro.

-Uma prova para o fato de que tivesse mais do que meio cérebro.

Charles perdoou a indireta.

-Ellie -disse em um tom suave e alentador-, que motivo pode haver para evitar que tornemos realidade nosso casamento?

Ela abriu a boca, mas não encontrou as palavras. O que lhe ocorria parecia pobre. Como ia explicar que não acreditava que estivesse preparada para intimidades por uma sensação que tinha? Não tinha argumentos racionais, nem motivos sensatos e raciocinados, só uma sensação.

E, embora pudesse transmitir essa sensação, suspeitava que não resultaria terrivelmente convincente. Não quando seu constante ataque sensual começava a fazer efeitos nela e começava a desejá-lo.

-Ellie -disse-. Algum dia terá que enfrentar o fato de que me quer.

Ela o olhou surpreendida. Acaso tinha lido sua mente?

-Quer que a demonstre isso? -murmurou ele. Levantou-se e se aproximou dela.

- O que sente quando faço... -elevou a mão e lhe acariciou suavemente a bochecha- isto?

-Nada -sussurrou ela que, de repente, ficou paralisada.

-Sério? -desenhou um sorriso lento e preguiçoso-. Pois eu sinto muitas coisas.

-Charles...

-Chisss. O que sente quando faço... -inclinou-se e tomou o lóbulo da orelha entre os dentes- isto?

Ellie tragou saliva e tentou ignorar como seu quente fôlego lhe acariciava a pele.

Charles a rodeou com um braço e a atraiu ainda mais para seu quente corpo.

-E se fizer... -aferrou-se a suas nádegas e as apertou- isto?

-Charles -disse ela, surpreendida.

-Charles, sim -murmurou ele-, ou Charles, não?

Ela não disse nada e, embora a vida dependesse disso, teria sido incapaz de articular uma palavra.

Ele sorriu.

-Interpretarei como um sim.

Seus lábios apoderaram-se dos dela em um faminto movimento e Ellie teve que aferrar-se a ele para não cair. Odiava que pudesse lhe fazer isso, e odiava a si mesma por desejar tanto aquelas sensações. Era um mulherengo da pior índole e virtualmente tinha admitido que pretendesse ter aventuras paralelas durante o casamento, mas com apenas um toque, ela se derretia mais depressa que manteiga.

Acreditava que por isso tinha tanto êxito com as mulheres. Havia lhe dito que queria ser fiel, mas como ia acreditar? Seguro que as mulheres caíam em sua cama em efeito dominó; ela mesma era um claro exemplo. Como ia poder resistir a todas?

-Tem sabor de mel - disse com voz rouca enquanto lhe mordiscava o canto dos lábios-. Tem um sabor único, incomparável.

Ellie notou como a levava a cama, e em seguida sentiu o forte corpo de Charles em cima do dela. Estava muito excitado; tinha um desejo selvagem por ela e seu coração feminino desfrutou dessa sensação e esse poder. Com cautela, elevou a mão e a colocou nas fortes fitas de seu pescoço. Os músculos de Charles se tensionaram diante do contato e ela afastou a mão.

-Não - disse ele colocando outra vez a mão-. Mais.

Ela voltou a tocá-lo e se maravilhou da calidez que estava sua pele.

-Charles - sussurrou-, não deveria...

-Deveria - respondeu ele com ardor. Definitivamente, deveria.

-Mas...

Silenciou-a com outro beijo, e Ellie o deixou fazer. Se não podia falar, não podia protestar e, de repente, deu-se conta de que não queria protestar. Arqueou as costas, movendo-se instintivamente para seu calor e se surpreendeu quando notou seus seios esmagados contra seu peito.

Ele pronunciou seu nome, murmurou-o uma e outra vez. Estava se perdendo nele, estava perdendo a capacidade de pensar.

Só existia esse homem, e as coisas que a estava fazendo sentir e... seus ouvidos despertaram de repente. E ouviu um ruído na porta.

-Charles – sussurrou- parece-me que...

-Não pense.

Os golpes se intensificaram.

-Alguém bate na porta.

-Ninguém seria tão cruel - murmurou ele, enquanto suas palavras se perdiam em seu pescoço-. Ou tão estúpido.

-Ellie! - os dois o ouviram e em seguida reconheceram a voz de Judith.

-Maldição - disse Charles, ao tempo que se separava de Ellie. Não poderia manter seu desejo a raia por ninguém mais. Mas a voz da pequena Judith bastava para convencer o

de que não era momento de antepor suas necessidades. Sentou-se na cama e se abotoou a camisa. Quando olhou Ellie, viu que estava correndo para a porta enquanto arrumava seu aspecto. Charles sorriu diante de seus esforços por arrumar o cabelo. O tinha deixado bem revoltado.

Ellie abriu a porta e viu a menina, que tinha o lábio inferior tremendo. Em seguida se ajoelhou.

-Judith, o que acontece? -perguntou-lhe. Por que está triste?

-Não estou triste, estou zangada!

Ellie e Charles riram.

-Não quer entrar? -disse Ellie, que manteve um tom de voz solene.

Judith assentiu como uma rainha e entrou.

-Ah, boa noite, Charles.

-Boa noite, Judith. Alegro-me de te ver. Pensei que estivesse se preparando para se deitar.

-E o estava fazendo, mas a senhorita Dobbin me roubou a sobremesa.

Charles olhou Ellie, totalmente confuso. Sua esposa estava tentando dissimular um sorriso. Pelo visto, sabia do que se tratava aquilo.

-E te deu algum motivo? -perguntou Ellie.

Judith fez um gesto de aborrecimento com a boca.

-Disse que tinha me comportado mal quando estávamos praticando as letras.

-E é verdade?

-Possivelmente um pouco. Mas asseguro que não o suficiente como para que me roubasse a sobremesa.

Ellie se virou para Charles. -Que sobremesa havia esta noite?

-Bolo de morango com creme e canela - respondeu ele. Estava bastante bom.

-É meu favorita - disse Judith entre dentes-. E também a da senhorita Dibbon.

-E o meu - acrescentou Ellie, que cobriu o estômago com uma mão quando este rugiu.

-Possivelmente não deveria ter perdido o jantar - disse Charles.

Ela lhe lançou um olhar agudo antes de voltar-se para Judith.

-Prometi que te ajudaria se esta ocasião se repetisse, não?

-Sim. Por isso vim. Mereço-me a sobremesa! E posso demonstrá-lo.

De relance, Ellie viu que Charles estava rindo. Tentou ignorá-lo, centrou-se em Judith e disse:

-Seriamente?

-Mmm..., Mmm - a menina assentiu com a cabeça. Trouxe a lição. Verá que todas as letras estão perfeitas. Inclusive o z, que é muito difícil.

Ellie pegou a folha de papel que Judith havia tirado pelo bolso do vestido. Estava um pouco enrugada, mas viu que a menina tinha escrito todo o alfabeto em maiúsculas e minúsculas.

-Muito bem - murmurou-, embora o m tem um arco de mais.

-O que? -gritou Judith, horrorizada.

-Era uma brincadeira - respondeu Ellie. Em seguida se virou para Charles e disse:

-Temo que terá que nos perdoar. Judith e eu temos que nos ocupar de um assunto muito importante.

-Como senhor da casa - disse Charles com uma expressão de preocupação fingida-, creio que deveria me informar de qualquer plano secreto e pouco limpo que esteja tramando.

-De acordo - disse Ellie-. Vamos à cozinha a procurar outra porção de bolo para Judith - fez uma pausa coincidindo com um rugido de seu estômago-. E outra para mim, imagino.

-Terei que impedi-la - disse ele.
-OH, Charles, não! -exclamou Judith.
-A menos que possa participar - virou-se para Ellie. Além disso, acreditava que não quisesse voltar a descer à cozinha só.
Ela franziu o cenho.
-Judith e eu ficaremos perfeitamente bem sozinhas.
-É obvio, mas a viagem será mais divertida se as acompanho.
Judith pegou a mão de Ellie e puxou.
-Tem razão. Quando quer, Charles pode ser muito divertido.
Ele a despenteou.
-Só quando quero?
-Às vezes é um pouco teimoso.
-Eu sempre o digo - disse Ellie, encolhendo de ombros com impotência.
-Eleanor - repreendeu ele-, muitas me acusam do contrário. Possivelmente se fosse mais teimoso contigo... Mmm... possivelmente conseguiria algo mais.
-Acho que é hora de partir - disse Ellie enquanto empurrava Judith para a porta.
-Covarde - sussurrou Charles quando passou ao seu lado.
-Chame covardia, se quiser - sussurrou ela-. Eu prefiro chamar sentido comum. Judith só tem seis anos.
-Quase sete - disse a pequena.
-E ouve tudo - acrescentou Ellie.
-Todos os meninos o fazem - respondeu Charles enquanto se encolhia de ombros.
-Mais motivo ainda para ser mais precavido com suas palavras.
-Vamos à cozinha ou não? -perguntou Judith, golpeando o chão com um pé.
-Claro tesouro - disse Charles, que se adiantou e a pegou pela mão-. Mas não podemos fazer ruído e temos que falar baixo.
-Assim? -sussurrou Judith.
-Ainda mais. E você... -virou-se para o Ellie- se cale.
-Não disse nada - protestou ela.
-Posso ouvir seus pensamentos - respondeu Charles com uma divertida dança de sobancelhas.
Judith riu.
E Ellie, que Deus a ajudasse, também. Justo quando estava decidida a tomar seu marido como inútil, ele a deixava boquiaberta convertendo a excursão à cozinha em uma aventura romântica para a jovem Judith.
-Pode ouvir os meus? -perguntou a menina.
-Claro. Está pensando em tortas de morango.
Judith conteve o fôlego e se virou para Ellie. -Tem razão!
Charles olhou sua mulher aos olhos com uma expressão terrivelmente sensual.
-Você pode ler os meus?
Ela meneou a cabeça.
-Certamente não - assentiu ele-, porque se não estaria muito mais que ruborizada.
-Olhe! -exclamou Judith-. Está se ruborizando. Sabe o que está pensando!
-Agora sim - respondeu a jovem esposa.
-E o que pensa? -perguntou a menina.
-Minha mãe! -disse Ellie. Estamos já perto da cozinha? Será melhor que não diga nada, Judith. Charles disse que tínhamos que ficar em silêncio.
O trio entrou nas pontas dos pés na cozinha, e Ellie descobriu que estava muito mais limpa que a última vez que a tinha visto. Parecia que o forno queimado voltou a funcionar.

Morria de vontade de abri-lo e comprovar onde estava a grelha. Possivelmente quando Charles lhe desse as costas...

-Onde supõe que monsieur Belmont escondeu o bolo? -perguntou- Charles a Judith.

-No armário, possivelmente?-sugeriu.

-Uma idéia excelente. Vamos dar uma olhada.

Enquanto os dois abriam todos os armários, Ellie correu, embora em silencio por necessidade, até o forno. Deu uma última olhada a seu marido para comprovar que Judith e ele seguiam ocupados e colocou a cabeça.

Tirou-a igualmente rápido, mas teve tempo de comprovar que o ralo voltava a estar à mesma altura que ela a tinha colocado.

-Isto é muito estranho - murmurou entre dentes.

-Disse algo? -perguntou Charles enquanto se virava.

-Não - mentiu ela. Encontrou o bolo?

-Não. Tenho a sensação de que o pessoal da cozinha a deve ter terminado, mas encontramos outro coberto de manteiga que parece riquíssima.

-Manteiga, eh? -perguntou Ellie, com um renovado interesse.

-Mmm... Estou seguro.

Ellie acreditou, pois estava lambendo um dedo.

-Está deliciosa - disse Judith, enquanto afundava o dedo na manteiga e o levava a boca.

-Por acaso nenhum dos dois vai provar o bolo? -perguntou Ellie.

-Não.

-Eu não.

-A manteiga só lhes fará mal ao estômago.

-Uma lástima - disse Charles enquanto voltava a lamber o dedo-, mas é que somos tão felizes.

-Prove, Ellie - disse Judith.

-Está bem. Mas só com um pedaço de bolo - disse Ellie.

-Mas estragará o plano - disse Charles-. Judith e eu pensávamos deixar o bolo sem manteiga e que monsieur Belmont resolva o mistério pela manhã.

-Estou certa de que ele não achará nenhuma graça - disse Ellie.

-Não acha graça de nada.

-Charles tem razão - acrescentou Judith-. Sempre está de mau humor e gosta de gritar em francês.

Ele aproximou um dedo cheio de manteiga à boca de Ellie.

-Prova Ellie. Sabe que quer.

Ellie ruborizou. Essas palavras se pareciam muito às que lhe havia dito no quarto, onde a tinha seduzido. Ele aproximou o dedo um pouco mais, mas ela retrocedeu antes que lhe roçasse os lábios.

-Uma lástima - disse ele-. Pensava que ia fazer.

-O que? -perguntou Judith.

-Nada - grunhiu Ellie e em seguida, para demonstrar a Charles que não era uma covarde, aproximou um dedo ao dele, lubrificou um pouco de manteiga e a comeu-. Meu Deus -disse-, está deliciosa.

-Já havia dito isso - disse Judith.

Ellie esqueceu qualquer tentativa de ser a senhora digna da casa. Entre os três, demoraram dois minutos em comer toda a manteiga do bolo.

CAPÍTULO 12

No dia seguinte, Ellie despertou com uma leve disposição para seu marido. Era difícil manter-se aborrecida com um homem que adorava assim as crianças.

Que não levasse o casamento tão a sério como ela tivesse gostado? Isso não o convertia em má pessoa. Irreverente, possivelmente, mas não mau e, depois de todos esses anos de convivência com seu pai, Ellie começava a pensar que ser irreverente era inclusive bom. Obviamente, Charles ainda tinha que mudar muito antes de ser o marido no qual ela pudesse confiar às cegas, mas, ao menos, a excursão da noite anterior com Judith tinha alimentado um pouco as esperanças de que poderiam ter um casamento decente.

Embora isso não quisesse dizer que estivesse pensando em cair em sua armadilha e tentasse seduzi-lo. Ellie não tinha nenhuma dúvida sobre quem teria o controle de dita situação. Imaginava perfeitamente. Se aproximaria para lhe dar um beijo, que era o único ela sabia fazer, e, em poucos segundos, a sedutora teria se convertido em seduzida.

Entretanto, para ser justa, Charles tinha mantido sua palavra. Encarregou-se dos assuntos financeiros de Ellie, para sua maior alegria, porque morria de vontade de trabalhar. Em algum momento da noite, Charles tinha deslizado um papel por debaixo da porta com toda a informação que ela necessitaria para tomar as rédeas de suas economias.

Era de agradecer que houvesse lembrado e Ellie decidiu que, cada vez que quisesse estrangulá-lo, algo que acontecia com uma frequência que ela esperava que diminuísse com o tempo, pensaria em sua amabilidade.

Partiu para ver o novo advogado depois de tomar o café da manhã. Não tinha torradas, claro; a senhora Stubbs se negava rotundamente às fazer, algo que a Ellie parecia um pouco presunçoso para uma governanta. Embora claro, se o único que podia esperar era outro quadrado seco e queimado que parecesse como se algum dia se originou de uma fatia de pão, estava certa de que não valia a pena discutir.

Mas então lembrou o que tinha visto na noite anterior: alguém tinha colocado a grelha onde ela a tinha deixado. Sabia-se o que fazia, e estava certa de que sim, em Wycombe Abbey poderiam voltar a comer torradas deliciosas toda a vida.

Disse a si mesma que devia comprovar quando voltasse.

O novo advogado de Ellie era um homem de meia idade chamado William Barnés, e era óbvio que Charles tinha deixado claro que sua mulher ficaria ao cargo de suas finanças. O senhor Barnes era a educação personificada, e inclusive expressou seu grande respeito pelos conhecimentos e a visão de Ellie para os negócios. Quando lhe disse que investisse a metade de suas economias em uma conta conservadora e a outra metade no negócio do algodão, mais arriscado, o senhor Barnes estalou a língua como amostra de aprovação pelo valor que Ellie dava à diversificação.

Era a primeira vez que Ellie tinha podido reclamar crédito por suas peritas gestões, e pareceu uma sensação embriagadora. Gostava de poder falar por si mesma e não ter que começar cada frase com: «A meu pai gostaria... ou Meu pai acredita que...».

A única opinião de seu pai sobre o dinheiro era que era fonte de muita maldade e Ellie estava encantada de poder dizer: «Quero investir meu dinheiro da seguinte forma». Imaginava que a maioria a considerariam excêntrica; normalmente, as mulheres não administravam seu próprio dinheiro. Mas não se importava. De fato, desfrutava muito de sua recém descoberta independência.

Quando retornou a Wycombe Abbey, estava de bom humor, e decidiu esforçar-se ainda mais em converter aquela grande propriedade em sua casa. Seus esforços dentro daquelas paredes tinham acabado em notórios fracassos, assim decidiu passar o dia fora e conhecer pessoalmente os arrendatários. Era uma aventura que valia a pena; sabia que, frequentemente, as relações entre dono e arrendatários marcavam a diferença entre

as terras prósperas e as terras pobres. Se algo tinha aprendido como filha do vigário, era escutar as preocupações das pessoas e ajudá-los a encontrar soluções a seus problemas. Como senhora dessas terras, seu poder e posição seriam muito mais elevados, mas estava certa de que o processo seria o mesmo.

Aquilo sim que sabia fazê-lo.

Embora claro, também sabia arrumar fornos e cuidar rosas, e tudo tinha dado errado.

Retornou pouco depois do meio-dia e Rosejack a informou que o conde tinha saído a dar um passeio a cavalo.

Dava igual; preferia conhecer os arrendatários sem a imponente presença do conde junto a ela. Helen seria uma melhor companhia e Ellie esperava que aceitasse.

E assim foi. Quando a encontrou no salão, Helen respondeu:

-OH, encantada. Tive que me encarregar disso eu mesma durante anos e, para ser sincera, acho que não me vai muito bem.

-Bobagens - respondeu Ellie com um sorriso cúmplice.

-Não, seriamente. Posso chegar a ser muito tímida e nunca soube o que dizer.

-Então, não fale mais. Estou encantada de assumir a responsabilidade, mas terá que me acompanhar para me guiar.

Quando saíram, o ar era frio, mas o sol estava no alto do céu e brilhava com a promessa de uma tarde cálida. Demoraram uns vinte minutos em chegar ao primeiro grupo de casa. Ellie certamente teria demorado cinco minutos menos, mas fazia tempo que tinha aprendido a adaptar seu andar rápido e desbocados ao ritmo dos outros.

-A primeira casa é de Thom e Bessie Stillwell -disse Helen- Têm um pequeno pedaço de terra onde semeiam aveia e cevada. A senhora Stillwell também faz remendos para ganhar umas moedas mais.

-Stillwell - repetiu Ellie enquanto anotava o sobrenome em uma pequena caderneta-. Aveia. Cevada. Remendos - levantou o olhar-. Filhos?

-Dois, acho. Ah, não, espera, agora são três. Faz alguns meses tiveram uma menina.

Ellie bateu na porta e uma mulher de uns vinte e cinco anos atendeu.

-OH, senhora Pallister, como vai? -disse a Helen, quase se desculpando com o olhar-. Não a esperava. Gostaria de uma xícara de chá? Temo que não tenho bolachas.

-Não se preocupe senhora Stillwell - respondeu Helen. Não lhe avisamos que vínhamos, de modo que não esperamos que nos receba com todas as honras.

-Não, não, claro que não -respondeu Bessie, que não parecia muito convencida. Olhou Ellie e começou a ficar nervosa. Tinha ouvido que o conde se casou e não se equivocava ao imaginar que Ellie era a nova condessa. Esta decidiu tirar a dúvida.

-Como vai, senhora Stillwell? -disse-. Sou a nova condessa de Billington e é um prazer conhecê-la.

Bessie fez uma rápida reverência e balbuciou uma saudação. Ellie se perguntou que experiências tinha tido aquela gente com a aristocracia para ficar tão nervosos em sua presença. Desenhou seu mais cálido sorriso e disse:

-É a primeira arrendatária que visito. Terei que confiar em seus bons conselhos. Estou convencida de que saberá me dizer a melhor rota se quiser visitar todos outros esta tarde.

Bessie agradeceu a sugestão de poder aconselhar uma condessa e o bate-papo continuou em um tom tão agradável quanto Ellie podia esperar. Descobriu que os filhos dos Stillwell se chamavam Thom Júnior, Billy e Katey, que a família estava pensando em comprar outro porco e que o telhado tinha uma goteira, algo que Ellie prometeu arrumar antes o possível.

-Não, Thom pode encarregar-se. É um faz tudo - disse Bessie. E em seguida baixou o olhar-. O que não temos são os materiais necessários.

Ellie imaginou que o último ano tinha sido difícil para os Stillwell. Sabia que, em Bellfield, as colheitas não tinham sido tão abundantes como outros anos, e supôs que pelas cercanias de Wycombe Abbey tinha acontecido o mesmo.

-Então, assegurarei-me de que lhes enviem os materiais - disse-. É o mínimo que podemos fazer. Ninguém tem que viver com goteiras no telhado.

Bessie lhe agradeceu e, ao final do dia, Ellie tinha tido tanto êxito com os arrendatários que, com frequência, Helen dizia:

-Não sei como o faz. Acaba de conhecê-los e não sei por que pressinto que todos estariam dispostos a lançar-se sob as rodas de uma carroça por ti.

-Só tem que se assegurar de que saibam que está a vontade com eles. Quando o souberem, ficarão a vontade contigo.

Helen sorriu.

-Creio que a senhora Smith não tem nenhuma duvida de que está cômoda com ela, depois de ver como subiste a uma escada e inspecionaste o ninho de pássaros de seu telhado.

-Não podia não fazer. Se os pássaros estavam lhe tirando a palha pelo telhado poderiam ter provocado um problema sério. Por isso acho que o ninho deveria deslocar-se a alguma árvore próxima. Entretanto, não estou certa de como fazê-lo sem assustar às crias. ouvi que, se um humano tocar às crias, a mãe já não as alimentará nunca mais.

Helen meneou a cabeça.

-Onde aprende essas coisas?

-De meu cunhado - respondeu Ellie enquanto agitava a mão no ar.

-Sempre foi bastante científico. Já chegamos. A última casa do dia.

-Aqui vive Sally Evans - disse Helen-. Enviuvou faz quase um ano.

-Que pena - murmurou Ellie-. Do que morreu seu marido?

-De febre. Assolou o povoado o ano passado, mas ele foi a única vítima.

-A senhora Evans pode manter-se sozinha? Tem filhos?

-Não - respondeu Helen-. Estava casada menos de um ano. E não sei como ganha a vida. Imagino que dentro de pouco buscará outro marido. Tem uma pequena horta e uns quantos animais, mas quando sacrificar os porcos não sei o que vai fazer. Seu marido era ferreiro, de modo que ela não tem nenhuma terra para tentar semear algo. Além disso, embora a tivesse, duvido que possa arrumar ela mesma.

-Sim - assentiu Ellie enquanto levantava a mão para bater na porta-, trabalhar a terra é muito duro. Muito para uma mulher só. Ou um homem sozinho, dá no mesmo.

Sally Evans era mais jovem do que Ellie esperava e em seguida reconheceu as linhas da dor gritando seu pálido rosto. Estava claro que a mulher ainda chorava seu marido.

Enquanto Helen as apresentava, Ellie deu uma olhada à pequena casa. Estava limpa e ordenada, mas tinha certo ar abandonado, como se Sally pudesse encarregar das pequenas coisas da vida, mas das grandes ainda não.

Tudo estava em seu lugar, mas havia um montão de roupa no chão que chegava até a altura do quadril de Ellie e vários pedaços de uma cadeira quebrada abandonados esperando que alguém os arrumasse. A casa estava tão fria que Ellie se perguntou quanto fazia que Sally não acendia o fogo.

Durante a visita, ficou claro que a jovem viúva se deixava levar pela vida. Seu marido e ela não tinham sido agraciados com filhos e agora estava só em sua dor.

Enquanto Ellie pensava nisso, Helen estremeceu e era impossível decidir quem estava mais envergonhada, se Sally pela temperatura de sua casa ou Helen por havê-lo pôs de manifesto.

-Sinto muito, senhora Pallister - disse Sally.

-Não, não se preocupe, de verdade, sou eu. Acho que estou incubando um resfriado e...

-Não tem que desculpar-se - interrompeu Sally, com um rosto bastante melancólico-. A casa está gelada e todas sabemos. Mas é que a chaminé está danificada e não pude arrumá-la ainda e...

-Por que não dou uma olhada? - disse Ellie enquanto se levantava.

De repente, a expressão de Helen foi de autêntico pânico.

-Não vou tentar arrumá-la - disse Ellie em um tom molesto-. Nunca tento arrumar nada que não sei arrumar.

Helen fez uma careta tão irônica que Ellie sabia que morria por lembrar o assunto das torradas.

-Mas sei reconhecer quando algo está quebrado - continuou Ellie.

-Por que não me ajudam a mover este tronco?

Sally se levantou imediatamente e, após alguns segundos, Ellie estava de pé na chaminé, olhando para cima e sem ver nada.

-Isto está escuro como a noite. Sally, o que acontece quando tenta acender o fogo?

-Que a casa fica cheia de fumaça negra - respondeu a garota enquanto aproximava um abajur.

Enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão, Ellie levantou o olhar e viu que o buraco da chaminé estava imundo.

-Em minha opinião, só necessita uma boa limpeza. Enviaremos alguém imediatamente para fazê-lo. Estou certa de que o conde ficaria de acordo comigo em que...

-Ficaria de acordo contigo no que? -disse uma divertida voz da porta.

Ellie ficou de pedra. Charles não ia achar nenhuma graça encontrar-lhe com a cabeça metida em uma chaminé.

-Charles! -exclamou Helen-. Que surpresa! Vêem e olhe o que...

-Parece que ouvi a voz de minha encantadora esposa - interrompeu ele.

Sally lhe respondeu:

-Foi muito amável. A chaminé...

-O que?

Ellie fez uma careta e considerou seriamente escalar pelo tubo da chaminé.

-Eleanor - disse ele, muito sério-, saia da chaminé agora mesmo.

Ela viu alguns pequenos degraus na parede de pedra. Se subisse um ou dois, não poderia vê-la.

-Eleanor! -exclamou Charles, zangado.

-Charles, ela só... -acrescentou Helen, em tom conciliador.

-De acordo, pois irei te buscar - disse ele, ainda mais zangado, apesar de que Ellie acreditava que isso era impossível.

-Senhor! Não há espaço - disse Sally, presa pelo pânico.

-Eleanor, vou contar até três - outra vez Charles, que estava... Bom, Ellie já não via o sentido a analisar quão zangado estava.

Queria sair e enfrentar suas reprimendas, de verdade que sim. Não era covarde por natureza, mas quando ele disse «Um», ficou gelada, quando disse «Dois», deixou de respirar e, se Charles disse «Três», ela não o ouviu por cima do ruído do sangue lhe pulsando nas orelhas.

Então, notou como ele se metia na chaminé a seu lado e, de repente, recuperou o cérebro:

-Charles! Que demônios faz?

-Tentar colocar um pouco de sentido comum nessa tua cabecinha.

-À força? -disse ela entre dentes-. Ai!

-O que? -perguntou ele.

-Seu cotovelo.

-Sim, bom, seu joelho...

-Estão bem? -perguntou Helen, preocupada.

-Nos deixem sozinhos! -gritou Charles.

-Bom, milord - disse Ellie em tom sarcástico-, acho que aqui estamos bastante sozinhos...

-Mulher, deveria aprender quando calar.

-Sim, bom... -e suas palavras ficaram no ar quando ouviu como a porta da casa se fechava. De repente foi muito consciente de que estava metida em um espaço muito estreito com seu marido, e de que seus corpos estavam juntos de forma que não deveriam ser legais.

-Ellie?

-Charles?

-Importaria em me explicar por que está em uma chaminé?

-Não sei - respondeu ela, arrastando as palavras, orgulhando dela mesma por seu savoir-faire-. Quer me dizer você o que está fazendo em uma chaminé?

-Ellie, não ponha a prova minha paciência.

Ela opinava que já tinham deixado atrás a fase das provas, mas foi preparada e se guardou esses pensamentos para si. Disse:

-Não havia nenhum perigo, é obvio.

-É obvio - respondeu ele, e Ellie se impressionou a quantidade de sarcasmo que imprimiu a essas duas palavras. Fazer algo assim era um talento.

-Só teria sido perigoso se o fogo estivesse aceso, mas não o estava, claro.

-Um destes dias vou ter que te estrangular antes que te mate.

-Não recomendaria isso - disse ela, com um fio de voz, enquanto tentava deslizar-se para baixo. Se pudesse sair antes dele, ganharia tempo suficiente para chegar até o bosque. Charles nunca a apanharia entre essas árvores.

-Eleanor..., pelo amor de Deus, o que está fazendo?

-Eh..., tento sair - respondeu ela, com a cabeça à altura de sua cintura. ficou presa ali.

Charles gemeu. Gemeu de verdade. Podia notar cada centímetro do corpo de sua mulher, e sua boca... Sua boca! Estava perigosa e deliciosamente perto de seu...

-Charles, encontra-se mau?

-Não - respondeu ele com voz rouca enquanto tentava ignorar o fato de que notava o movimento de sua boca quando falava, e teve que fazer um grande esforço por ignorar que se movia contra seu umbigo.

-Está seguro? Sua voz não soa muito bem.

-Ellie.

-Sim?

-Ponha de pé. Agora.

Ela fez isso, mas teve que rebolar bastante para conseguir, e depois de que Charles notasse seus seios contra a coxa, em seguida o quadril e logo o braço..., bom, teve que concentrar-se com todas suas forças para que certas partes de sua anatomia não se excitassem mais do que já estavam.

Não o conseguiu.

-Ellie - disse.

-Sim? -voltava a ficar de pé, o que deixava sua boca em algum ponto indeterminável da parte baixa de seu pescoço.

-Levanta a cabeça. Só um pouco.

-Está seguro? Porque pode ser que fiquemos encaixados e...

- Já estamos encaixados.
- Não, poderia deslizar para baixo e...
- Não deslize para baixo!
- OH.

Charles respirou fundo. E então ela se moveu. Não foi um grande movimento, só um ligeiro rebolado do quadril, mas bastou. E ele a beijou. Não poderia evitar nem sequer se a França tivesse invadido a Inglaterra, nem tampouco se o céu caísse sobre a terra, nem tampouco se seu maldito primo Cecil fosse herdar até o último pene.

Beijou-a, e voltou a beijá-la, e em seguida a beijou outra vez. E em seguida, ao fim, levantou a cabeça um segundo, só um segundo, para pegar ar, e a confusa mulher conseguiu falar.

- Por isso queria que levantasse a cabeça? -perguntou.
- Sim, e agora cala.

Voltou a beijá-la e teria feito muito mais, mas estavam tão presos que, embora o tivesse tentado, não poderia abraçá-la.

- Charles - disse ela, quando ele se separou para tomar ar.
- Tem um talento especial para isto, sabia?
- Para beijar? -perguntou ela, mais encantada do que teria gostado de demonstrar.
- Não, para falar cada vez que me separo para respirar.
- OH.

-Embora o de beijar tampouco se dá mau. Um pouco mais de prática e será excelente.

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas, todo um lucro considerando que ele não podia nem mover os braços.

-Não vou morder o anzol - disse ela-. O que queria dizer antes de seu parêntese é que Helen e Sally Evans devem estar muito preocupadas conosco.

-Imagino que curiosas, mas não preocupadas.

-Sim, bom, acredito que deveríamos tentar sair. Cairá-me a cara de vergonha quando as vir. Seguro que sabem o que estamos fazendo e...

-Em tal caso, o dano já parece - voltou a beijá-la.

-Charles! -desta vez, nem sequer esperou que se separasse.

-E agora o que? Estou tentando te beijar.

-E eu estou tentando sair desta imunda chaminé - e, para demonstrá-lo, começou a deslizar-se para baixo, submetendo-o à mesma tortura erótica de alguns minutos. Logo caiu ao chão com um golpe seco.

-Já está - disse, enquanto saía a quatro patas pelo buraco e oferecia a Charles uma bonita vista de seu traseiro manchado de fuligem.

Ele respirou fundo várias vezes para tentar controlar seu acelerado corpo.

-Vai sair ou não? -perguntou Ellie em tom divertido.

-Me dê um segundo - ele se agachou posto que, agora que ela já não estava, mover-se era mais fácil, e saiu engatinhando.

-Minha mãe! -riu Ellie-. Se olhe!

Ele se olhou enquanto se sentava a seu lado no chão. Estava coberto de fuligem.

-Você também está suja - respondeu ele.

Os dois puseram-se a rir, incapazes de negar quão estúpidos pareciam, e em seguida Ellie disse:

-Ah, tinha-me esquecido. Hoje fui a ver o senhor Barnes.

-E estava tudo disposto a seu gosto?

-Sim, perfeito. De fato, foi muito emocionante poder me encarregar de minhas finanças sem intermediários. E também será de grande ajuda para ti.

-Mas como?

-Queria uma esposa que não interferisse em sua vida, não é?

Ele franziu o cenho.

-Eh..., sim, creio que o disse.

-De acordo, então é lógico acreditar que se tiver algo com que me entreter, não te incomodarei para nada.

Ele voltou a franzir o cenho, mas não disse nada.

Ellie exalou.

-Ainda está zangado comigo, não?

-Não - respondeu ele com um suspiro. Mas tem que deixar de fazer coisas potencialmente perigosas.

-Não era...

Ele levantou uma mão.

-Não o diga, Ellie. Só recorda uma coisa. Agora está casada. Seu bem-estar já não concerne a ti só. O que faz mal a ti, faz-me mal. De modo que não quero que corra mais perigos desnecessários.

Ellie disse para si mesma que era o mais doce que haviam lhe dito na vida e que, se tivessem em casa, teria se jogado em seus braços sem pensar. Após alguns segundos, disse:

-Como nos encontrou?

-Não foi difícil. Só segui o fio de arrendatários que falavam maravilhas de ti.

Ela sorriu.

-Acho que hoje fiz um bom trabalho.

-Sim - respondeu ele com suavidade-. Será uma magnífica condessa. Soube desde o começo.

-Arrumarei os danos que provoquei em casa, prometo. Olhei o forno e...

-Não me diga que tornou a brincar com o forno - disse Charles, que parecia o homem mais furioso de Inglaterra. Diga-me qualquer coisa, menos isso.

-Mas...

-Não quero ouvir. Amanhã, possivelmente. Mas hoje não. Não tenho as forças para te dar a surra que merece.

-Surra? -repetiu ela, ao tempo que erguia as costas em um gesto de ofendida indignação. Entretanto, antes que pudesse acrescentar algo mais, Helen abriu a porta e apareceu a cabeça.

-Menos mal que estão fora - disse. Começávamos a ficar preocupadas. Sally estava convencida de que iam ficar aí presos toda a noite.

-Rogo que nos desculpe diante dela - disse Ellie. Comportamo-nos de forma abominável. -Como seu marido nem sequer se incomodou em balbuciar algo, deu-lhe uma chute no pé. Então disse algo, mas, se era seu mesmo idioma, disse umas palavras que Ellie jamais tinha ouvido.

Ela se levantou, arrumou a saia, com o que conseguiu manchar-se ainda mais as luvas, e sem olhar a ninguém disse:

-Creio que deveríamos voltar para Wycombe Abbey, não lhes parece?

Helen assentiu em seguida. Charles não disse nada, mas se levantou, um gesto que Ellie interpretou como um «sim». Despediram-se de Sally e partiram. Ele tinha vindo com uma pequena carruagem e, depois de passar todo o dia andando, tanto Ellie como Helen o agradeceram.

Ellie não disse nada em todo o trajeto e aproveitou para repassar mentalmente os acontecimentos do dia. A visita ao senhor Barnes tinha sido uma maravilha. Tinha começado com muito bom pé com os arrendatários, que parecia que já a aceitavam sinceramente como a nova condessa. E tinha a sensação de que tinha avançado um

pouco mais com seu marido que, apesar de que não a quisesse, estava claro que sentia por ela algo que ia além da luxúria e o agradecimento pelo fato de ter salvado sua fortuna. Em definitivo, Ellie se sentia feliz com a vida.

CAPÍTULO 13

Dois dias depois, Ellie acreditava que queria estrangular à casa inteira. Helen, Claire, o seu marido..., especialmente a seu marido. De fato, a única pessoa que não queria estrangular era Judith, embora certamente porque a pobre só tinha seis anos.

Seu êxito com os arrendatários tinha resultado ser uma vitória efêmera. Após, tudo tinha saído errado. Tudo. Todos os da casa a olhavam como se fosse inepta. E isso a deixava louca.

Algo novo morria em sua estufa cada dia. Converteu-se em um doentio pesadelo: tentar adivinhar que roseira iria decorar o céu cada manhã quando entrava no habitáculo.

E em seguida veio o assado de vitela que tinha feito para seu marido para provar o contrário quando ele havia dito que as condessas não sabiam cozinhar. Estava tão salgado que Charles não poderia ocultar embora tivesse tentado. Mas não o fez. Coisa que a irritou ainda mais.

Ellie teve que jogar fora todo o assado. E nem sequer os porcos o comeram.

-Estou seguro de que quis amadurecê-lo corretamente - disse Charles enquanto todos outros tinham arcadas.

-Claro - disse Ellie, apertando os dentes, maravilhada de ainda não se converterem em pó.

-Possivelmente confundiu o sal com outra especiaria.

-Sei o que é sal - gritou ela.

-Ellie - disse Claire, um pouco muito doce. Está claro que o assado está um pouco salgado. Tem que admiti-lo.

-Você - exclamou Ellie, assinalando à garota de quatorze anos com o dedo indicador- deixa de falar como se eu fosse uma menina pequena. Já tive suficiente.

-Não deve ter me entendido.

-Aqui só há uma coisa a entender, e uma pessoa que tem que entender - a estas alturas, Ellie virtualmente atirava fogo pela boca, e todos os da mesa estavam boquiabertos-. Casei-me com seu primo. E dá na mesma se você não gosta, dá na mesma se ele não gosta, e dá na mesma se eu não gosto. Casei-me com ele e pronto.

Parecia que Claire estava a ponto de responder ante aquela diatribe, de modo que Ellie a interrompeu:

-A última vez que consultei as leis de Inglaterra e da Igreja de Inglaterra, o casamento era permanente. Assim será melhor que acostume a minha presença em Wycombe Abbey, porque não penso ir a nenhum lugar.

Charles tinha começado a aplaudir, mas Ellie ainda estava muito furiosa com ele pelo comentário sobre o sal e lhe lançou um olhar fulminante. E em seguida, como estava convencida de que se desse um segundo mais na sala de jantar faria mal a alguém, partiu.

Entretanto, seu marido reagiu com rapidez.

-Eleanor, espera! - gritou.

Contra seu critério, Ellie se virou, embora não até que estivesse fora da sala de jantar, no corredor, onde ninguém da família poderia ver sua humilhação. Charles a tinha chamado de Eleanor, e isso nunca era um bom sinal.

-O que! - respondeu, irada.

-O que disse na sala de jantar... - começou a dizer ele.

-Sim, já sei que deveria estar arrependida por haver gritado com uma menina, mas não o estou - disse, desafiante-. Claire esteve fazendo tudo o possível por me deixar incômoda nesta casa, e não me surpreenderia que... -calou-se porque se deu conta de que tinha estado a ponto de dizer que não se surpreenderia que fosse Claire quem tinha jogado o sal no assado.

-Que não se surpreenderia?

-Nada,não ia obrigar a dizê-lo. Ellie se negou a difundir acusações infantis e insignificantes.

Charles esperou a que ela continuasse e, quando se deu conta de que não ia fazer, disse:

-O que disse na sala de jantar..., isso de que o casamento é permanente. Queria que soubesse que estou de acordo.

Ellie o olhou fixamente porque não estava certa do que queria dizer.

-Sinto muito se feri seus sentimentos - disse muito devagar.

Ela ficou boquiaberta. Estava se desculpando?

-Mas quero que saiba que, apesar destes... contratempos mais que insignificantes...

Ellie voltou a fechar a boca e a ficar séria.

Ele não devia ter percebido, porque seguiu falando.

-... Acho que está se convertendo em uma condessa soberba. Seu comportamento com os arrendatários no outro dia foi magnífico.

-Está me dizendo que me dou melhor fora de Wycombe Abbey que dentro? -perguntou ela.

-Não, claro que não. -Charles exalou e se jogou o grosso cabelo castanho para trás-. Só tento dizer... Diabos -disse entre dentes-. Que tento dizer?

Ellie conteve a vontade de fazer algum comentário sarcástico e esperou com os braços cruzados. Ao final, Charles lhe ofereceu uma folha de papel e disse:

-Toma.

-O que é isto? -perguntou ela enquanto a aceitava.

-Uma lista.

-Claro - murmurou ela. Uma lista. Justo o que necessitava. Até agora, tive muita sorte com as listas.

-Esta é distinta - disse ele, em um óbvio intento de ser paciente com ela.

Ellie desdobrou a folha e leu:

ATIVIDADES PARA FAZER COM MINHA MULHER

1. Um passeio a cavalo e um pic-nic no campo.
2. Voltar a visitar os arrendatários como um casal unido.
3. Uma viagem a Londres. Ellie precisa vestidos novos.
4. Lhe ensinar a escrever suas próprias listas. É uma atividade endemoniadamente entretida.

Ela levantou a cabeça.

-Endemoniadamente entretida, eh?

-Mmm, sim. pensei que possivelmente iria querer provar com algo como: «Sete formas de silenciar à senhora Foxglove».

Gostei da idéia - murmurou, antes de voltar a concentrar-se na lista.

5. Levá-la para ver o mar.
6. Beijá-la até que perca o sentido.
7. Beijá-la até que eu perca o sentido.

Charles soube em que momento chegou às duas últimas propostas, porque suas bochechas se ruborizaram ligeiramente.

-O que significa isto? -perguntou ela ao fim.

-Significa , querida mulher, que eu também me dei conta de que o casamento é para sempre.

-Não entendo.

-Já é hora de que nosso casamento seja normal.

Ela ruborizou ainda quando escutou a palavra «normal».

-Entretanto - continuou ele-, no que deveria de ser um momento de loucura transitória, aceitei sua proposta de te dar tempo para me conhecer melhor antes de termos intimidade.

A estas alturas, Ellie já estava como um tomate.

-Portanto, decidi te dar todas as oportunidades possíveis para me conhecer melhor, todas as oportunidades para que se sinta cômoda em minha presença.

-Como diz?

-Escolha uma atividade da lista. Faremos amanhã.

Ellie separou os lábios de surpresa. Seu marido a estava cortejando. Ia ser uma mulher cortejada. Nunca tinha sonhado que Charles fizesse algo tão perfeitamente romântico. Embora ele jamais admitisse nem um ápice de romantismo em suas ações. De sedução, possivelmente. Inclusive de mulherego, travesso ou apaixonado. Mas romântico, não.

Entretanto, ela o via de outra forma. E isso era o importante. Sorriu e voltou a ler a lista.

-Sugiro o número seis ou o número sete - disse ele.

Ela o olhou. Estava sorrindo daquela forma fina, cortês e despreocupada que devia ter quebrado corações daqui a Londres e de volta.

-Não sei muito bem se entendi a diferença -disse- entre me beijar até que eu perca o sentido ou me beijar até que você o perca. A voz de Charles se converteu em um rouco sussurro.

-Posso lhe mostrar isso.

-Não o duvido - respondeu ela, fazendo um esforço por parecer coquete apesar de que tinha o coração acelerado e suas pernas tremiam-. Mas escolho as duas primeiras opções. Será muito singelo fazer um pic-nic e visitar os arrendatários no mesmo dia.

-Opções um e dois, então - disse ele com uma ágil reverência-. Mas não se surpreenda se te assalto com o número seis.

-Charles...

Ele a olhou fixamente alguns segundos:

-E a sete.

Programaram a saída para o dia seguinte. Ellie não se surpreendeu com a pressa de Charles; mostrou-se bastante decidido a fazer o que fosse para levá-la à cama. Embora estivesse surpreendida por sua pouca resistência ao plano de seu marido; era consciente de que estava começando a ceder.

-Pensei que poderíamos ir a cavalo- disse Charles quando se reuniu com ela ao meio-dia. -Faz um dia esplêndido e seria uma lástima nos encerrar em uma carruagem.

-Uma idéia excelente, milord- respondeu Ellie. Ou o seria, se eu soubesse montar a cavalo.

-Não sabe montar a cavalo?

-Os vigários não ganham o suficiente para comprar cavalos - disse ela com um sorriso.

-Então, terei que te ensinar.

-Espero que hoje não - riu ela. Necessito tempo para me preparar mentalmente para as dores e as assaduras que é certo que terei.

-Minha carruagem ainda não está arrumada do percalço de nossa última saída. Animada a dar um passeio normal e corrente?

-Só se prometer caminhar depressa - disse Ellie com um pícaro sorriso.

-Nunca gostei de passeios lentos.

-Por que não me surpreende?

Ela o olhou através dos cílios. Era uma expressão de flerte nova para ela, embora parecia de tudo natural diante da presença de seu marido.

-Não te surpreende? -perguntou ela, fingidamente zombadora.

-Digamos que custo a te imaginar atacando a vida se não for com um completo entusiasmo.

Ellie riu enquanto punha-se a correr.

-Então, vamos. Ainda tenho que atacar o dia.

Charles a seguiu, com uma mescla de pernada e passo longo.

-Me espere! -gritou ao final-. Não esqueça que levo o peso da cesta de comida.

Ellie se deteve em seco.

-Sim, claro. Espero que monsieur Belmont nos tenha preparado algo delicioso.

-Seja o que for, cheira uma maravilha.

-Um pouco do peru assado de ontem? -perguntou, esperançosa, enquanto tentava ver o que havia dentro da cesta.

Ele a levantou por cima de sua cabeça enquanto seguia caminhando.

-Agora não pode ir muito longe, porque eu controlo a comida.

-Tem pensado me matar de fome até que me renda?

-Se for minha única opção de conseguir o que quero -inclinou-se para ela-. Não sou um homem orgulhoso. Ganharei pelo bem ou pelo mal.

-E me matar de fome é bem ou mal?

-Acho que depende de quanto demore.

Bem a tempo, o estômago de Ellie rugiu.

Com um travesso sorriso, Charles disse:

-Isto vai ser muito, muito fácil.

Ela se burlou dele antes de continuar pelo caminho.

-Olhe! -exclamou enquanto se detinha diante de um enorme carvalho-. Alguém pendurou um balanço nesta árvore.

-Pendurou-o meu pai para mim quando tinha oito anos -recordou Charles-. Estava acostumado a me balançar durante horas.

-Ainda agüenta peso?

-Judith vem quase toda a dias.

Ela lhe lançou um sardônico olhar.

-Eu peso um pouco mais que Judith.

-Não muito mais. Venha, por que não tenta?

Ellie sorriu como uma menina pequena quando se sentou na placa de madeira que o pai de Charles tinha utilizado como assento.

-Me empurra?

Ele se inclinou e fez uma reverência.

-Sou seu fiel criado, senhora - deu um primeiro empurrão e ela começou a voar.

-Eu adoro! -exclamou a jovem-. Fazia anos que não me balançava.

-Mais alto?

-Mais!

Charles a empurrou até que pareceu que seus pés tocavam o céu.

-Acho que já é suficientemente alto - disse ela. Começo a ter o estômago revoltado. Quando conseguiu um balanço mais sossegado, perguntou:

- E falando de meu pobre e aflito estômago, de verdade pensa me matar de fome até que me renda?

Ele sorriu.

-Tenho tudo planejado até o último detalhe. Um beijo por um pedaço de peru assado, dois por um pão-doce.

-Há pão-doce? Ellie pensou que ia fazer a boca água. Podia ser que a senhora Stubbs não encontrasse o ponto perfeito das torradas, mas fazia os melhores pães-doces deste lado do muro de Adriano.

-Mmm... Mmm. E geléia de amora. A senhora Stubbs diz que passou todo o dia frente ao fogo para que ficasse perfeita.

-Fazer geléia não é tão difícil - disse Ellie enquanto encolhia de ombros. Eu fiz milhares de vezes. De fato...

-De fato, o que?

-É uma idéia magnífica! -disse a si mesma.

-Não sei por que, mas estou estremecendo - murmurou ele-. Bom, na realidade sim que o sei. Poderia ter algo que ver com o incêndio em minha cozinha, ou com os estranhos aromas que emanam de minha estufa, ou possivelmente com o assado...

-Nada disso foi minha culpa - interrompeu ela, golpeando o chão com os pés e detendo o balanço-. E se o pensasse mais de meio segundo, veria que digo a verdade.

Charles pensou que tinha cometido um engano tático ao trazer a luz seus recentes desastres domésticos durante o que se supunha que tinha que ser uma tarde para seduzir sua esposa.

-Ellie -disse em um tom mais conciliador.

Ela desceu do balanço e apoiou as mãos nos quadris.

-Alguém está me sabotando, e penso descobrir por que. E quem acrescentou como se tivesse ocorrido mais tarde.

-Pode ser que tenha razão - murmurou ele, embora não o dizia de coração. Só queria tranquilizá-la. Entretanto, assim que as palavras saíram de sua boca, de repente viu que era verdade. Não tinha sentido que Ellie, que parecia muito capacitada para fazer qualquer coisa, tivesse incendiado uma cozinha, tivesse matado todas as plantas da estufa e houvesse confundido o sal com Deus sabe o que outra coisa ao preparar o assado. Nem sequer a pessoa mais inútil teria obtido tudo isso em só duas semanas.

Entretanto, não queria pensar em sabotagens, em planos diabólicos nem em plantas mortas. Hoje não, porque tinha que concentrar todas suas energias em seduzir sua mulher.

-Podemos falar disso outro dia? perguntou enquanto abria a cesta da comida.

-Prometo que escutarei suas alegações, mas hoje é um dia muito bonito para nos preocupar com essas coisas.

Durante um segundo, Ellie não reagiu, mas logo assentiu.

-Não quero arruinar nosso magnífico pic-nic.

Então, ela entrecerrou os olhos com picardia e disse:

-Monsieur Belmont não colocou aí dentro as sobras do assado de vitela, não é?

Charles reconheceu a oferta de paz que ela fazia e a aceitou.

-Não, acho que acabou o último pedaço esta manhã.

-Ah, sim - murmurou. Se não recordar mal, os porcos nem sequer o tocaram.

O coração de Charles estremeceu ao olhá-la. Muito poucas pessoas tinham a capacidade de rir de suas falhas. Cada dia que passava, o afeto que sentia por sua mulher era maior. Fez uma escolha rápida, mas não se equivocou.

Com um suspiro, pensou que gostaria de desenvolver um afeto ainda mais profundo antes de estalar.

-Aconteceu algo? -perguntou ela.

-Não, por quê?

-Suspirou.

-Serio?

-Sim.

Voltou a suspirar.

-Voltou a fazê-lo - exclamou ela.

-Sei. É que...

Ela piscou, com expressão impaciente, e ao fim tentou lhe surrupiar mais informação com um:

-É que o que?

-É que vai ter que ser o número seis - grunhiu ele, enquanto deixava a cesta no chão e a abraçava-. Não posso esperar nem um segundo mais.

Antes que Ellie pudesse recordar no que consistia a proposta número seis, os lábios dele estavam pegos aos seus e a estava beijando com uma paixão tão selvagem que era incrivelmente terna. A boca de Charles era cada vez mais apaixonada, e lhe esquentou a pele. Sem dar-se conta, levou-a até uma árvore e se serviu de sua corpulência para colar seu corpo ao dela de forma muito íntima.

Notava cada curva, da luxuriosa turgidez de seus seios até a suave largura dos quadris. A lã do vestido era grossa, mas não ocultava a reação de seu corpo diante de suas carícias. E nada poderia ter ocultado os delicados suspiros que saíam de sua boca.

Desejava-o. Possivelmente não o entendesse, mas o desejava tanto como ele a ela.

Deixou-a no chão e estirou a manta de pic-nic debaixo deles. Já tinha tirado o chapéu e agora lhe desfez o coque, deixando que as longas mechas de cabelo caíssem entre seus dedos.

-Mais suave que a seda - sussurrou. Mais suave que o amanhecer.

Ela gemeu um som que recordou ligeiramente o nome de Charles. Ele sorriu, emocionado por ter despertado seu desejo até o ponto de que nem sequer podia falar.

-A Beijarei até te deixar sem sentido - murmurou, trocando a expressão por um sorriso muito masculino. Já te disse que saltaria diretamente à opção número seis.

-E o que tem que a número sete? -conseguiu dizer ela.

-Já a alcançamos - disse com voz rouca. Pegou a mão e a levou ao peito-. Olhe.

O coração pulsava acelerado debaixo de sua delicada palma e o olhou maravilhada.

-Eu? Eu fiz isso?

-Você. Só você - seus lábios encontraram o pescoço de Ellie e a distraiu enquanto seus hábeis dedos lhe desabotoavam o vestido. Tinha que vê-la, tinha que tocá-la. Se não, tornaria-se louco. Estava convencido. Pensou em como torturou a si mesmo tentando imaginar o longo que seria seu cabelo. Ultimamente, submeteu-se a uma agonia ainda pior: passar o dia imaginando como seriam seus seios. A forma. O tamanho. A cor dos mamilos. Esse exercício mental sempre o deixava em um estado muito incômodo, mas não podia evitá-lo.

A única solução era despi-la... de tudo, por completo, e dar um descanso a sua imaginação enquanto o resto de seu corpo desfrutava da realidade.

Por fim seus dedos chegaram a um botão que ficava por debaixo das costelas e, muito devagar, abriu as duas peças do vestido. Não usava espartilho, só uma delicada regata de algodão. Era branca, quase virginal. Excitou-o mais que a lingerie francesa mais provocadora, e só porque ela a usava. Nunca em sua vida tinha desejado ninguém como desejava a sua mulher.

Suas grandes mãos encontraram as barras da regata e deslizaram por debaixo, acariciando a sedosa calidez de sua pele. Ela contraiu os músculos e, instintivamente, o

estômago encolheu. Ele estremeceu de necessidade enquanto suas mãos foram subindo, adaptando-se a suas costelas, e em seguida seguiram subindo até que encontraram a suave e feminina curva de um seio.

-OH, Charles - suspirou ela quando ele cobriu o seio com a mão e o apertou.

-Meu Deus - respondeu ele, que acreditava que estalaria ali mesmo. Não o via, mas o notava. Era do tamanho perfeito para sua mão. Quente, doce e suave e, maldita seja se não o saboreasse ali mesmo ia perder o controle por completo.

Obviamente, havia muitas possibilidades de que saborear seus seios também lhe fizesse perder o controle, mas se esqueceu de tudo assim que afastou a regata.

Conteve o fôlego quando por fim a viu.

-Meu Deus - suspirou.

Ellie em seguida fez gesto de cobrir-se.

-Sinto muito, eu...

-Não diga que sente - ordenou ele com brutalidade.

Tinha sido um estúpido ao pensar que vê-la nua finalmente poria fim às aflições eróticas de sua imaginação.

A realidade era muito mais deliciosa; duvidava que pudesse voltar a realizar suas atividades diárias sem recordá-la assim em sua imaginação. Constantemente. Justo como estava agora.

Inclinou-se e lhe deu um suave beijo debaixo de um seio.

-É bela - sussurrou.

Ellie, a quem não tinham chamado feia, mas tampouco havia passado a vida escutando galanteios para sua beleza, ficou calada. Charles a beijou debaixo do outro seio.

-Perfeita.

-Eh... sei que não sou...

-Não diga nada a menos que vá me dar razão - disse muito sério.

Ela sorriu. Não pôde evitá-lo.

E então, justo quando estava a ponto de dizer algo para tomar o cabelo, a boca de Charles localizou seu mamilo, fechou-se sobre ele e ela se esqueceu de tudo. Distintas sensações invadiram seu corpo e, embora quisesse, não poderia articular uma palavra ou formular um pensamento.

Mas não queria. Só queria arquear as costas para ele e apertar-se contra sua boca.

-É melhor do que tinha sonhado - murmurou ele contra sua pele. Mais do que tinha imaginado - levantou a cabeça o justo para obsequiá-la com um pícaro sorriso. E tenho muito boa imaginação.

Uma vez mais, Ellie não pôde reprimir um tenro sorriso, porque estava muito emocionada com os esforços que ele estava fazendo para que aquela primeira experiência íntima entre eles não resultasse entristecedora. Bom, não era de tudo certo. Estava tentando afligi-la, esforçando-se por exercer sua magia sobre cada terminação nervosa de seu corpo, mas também estava tentando que não perdesse o sorriso nem um instante.

Era um homem melhor do que queria que acreditassem. Ellie sentiu algo quente e doce em seu coração, e se perguntou se seriam os primeiros brilhos do amor.

Preso em uma nova onda de sensações, levantou as mãos, que até agora tinham estado junto a seu corpo, e entrelaçou os dedos no cabelo castanho avermelhado de Charles. Era curto e suave e ele virou a cabeça para que o cabelo a acariciasse na bochecha.

Ele a segurou alguns segundos e em seguida levantou seu corpo para poder olhá-la.

-Meu Deus, Ellie - disse com palavras tremulas-, como te desejo. Nunca saberá quanto...

Os olhos de Ellie se encheram de lágrimas diante da sincera emoção que percebeu em sua voz.

-Charles - começou a dizer, mas então se estremeceu quando uma rajada de vento lhe acariciou a pele.

-Tem frio - disse ele.

-Não - mentiu ela, que não queria que nada, nem sequer o tempo, rompesse esse precioso momento.

-Tem frio - afastou-se e começou a abotoar o vestido. Sou um animal- disse entre dentes. Seduzir-te aqui pela primeira vez ao ar livre. Em cima da erva.

-Um animal maravilhoso - tentou brincar ela.

Ele a olhou e seus olhos marrons arderam com uma emoção que ela não tinha visto nunca. Era ardente, e selvagem e maravilhosamente possessivo.

-Quando te tornar minha mulher, e farei direito: em nossa cama de casamento. E então... -inclinou-se e lhe deu um apaixonado beijo- não penso te deixar sair em uma semana. Ou duas.

Ellie o olhava atônita porque ainda não acreditava que ela tivesse despertado tal paixão nesse homem. Tinha estado com as mulheres mais bonitas do mundo e era ela, uma singela garota do campo, quem fazia seu coração pulsar.

Então, Charles a puxou pelo braço e, quando Ellie se viu arrastada de volta para Wycombe Abbey, gritou:

-Espera! Aonde vamos?

-Para casa. Agora mesmo.

-Não podemos.

Ele se virou muito devagar.

-Ao diabo com que não podemos.

-Charles, a linguagem.

Ele ignorou a reprimenda.

-Eleanor, cada centímetro de meu corpo arde por ti, e não pode negar que te ocorre o mesmo. Quer me dar um bom motivo pelo qual não deveria te arrastar até Wycombe Abbey agora mesmo e fazer amor até que nos dois caiamos extasiados?

Ela ruborizou diante de um discurso tão sincero.

-Os arrendatários. Tínhamos que ir visitá-los esta tarde.

-Ao demônio os arrendatários. Podem esperar.

-Mas já enviei alguém a casa de Sally Evans para lhe dizer que iríamos inspecionar a limpeza da chaminé. Charles não se deteve e seguiu arrastando-a para casa. -Não se incomodará.

-Sim que o fará - insistiu ela. Com certeza limpou toda a casa e preparou chá. Seria o cúmulo da má educação não nos apresentar. E ainda mais depois do número que montamos em sua casa no início da semana.

Ele recordou a cena na chaminé, embora isso não servisse para melhorar seu humor. O último que precisava eram lembranças desse dia em que ficou preso com sua mulher em um espaço tão estreito.

-Charles - disse Ellie pela última vez-, temos que ir ver. Não temos outra opção.

-Mas não está me rechaçando, verdade?

-Não! -exclamou ela, em voz alta e com sinceridade.

Ele blasfemou entre dentes e amaldiçoou em voz baixa.

-Está bem - disse. Visitamos Sally Evans e pronto. Quinze minutos lá e voltamos para Wycombe Abbey.

Ellie assentiu.



Charles voltou a amaldiçoar enquanto tentava não pensar muito no fato de que seu corpo ainda não tinha recuperado seu estado relaxado. Ia ser uma tarde da mais incômoda.

CAPÍTULO 14

Ellie pensou que Charles estava tomando bastante bem aquele contratempo. Estava de mau humor, sim, mas ficava claro que estava tentando tomar-lhe com filosofia, embora nem sempre o conseguisse.

Demonstrou sua impaciência de mil maneiras. Ellie sabia que nunca esqueceria o rosto de Sally Evans quando viu Charles beber o chá de uma vez só, deixar a xícara no prato, dizer que era o chá mais delicioso que tinha provado na vida e agarrar Ellie pela mão e quase lançá-la para a porta.

E tudo em dez segundos.

Ellie queria ficar zangada com ele. De verdade que queria, mas não podia porque sabia que ela era a causa de sua impaciência, o muito que a desejava. E era uma sensação muito emocionante para ignorá-la.

Entretanto, era importante para ela causar uma boa impressão às pessoas, de modo que, quando Sally lhes perguntou se queriam comprovar os avanços na limpeza da chaminé, Ellie disse que o ficariam encantados.

-Ocorre que foi um pouco mais complicado que uma simples limpeza -disse Sally enquanto saíam de sua casa-. Havia algo entupido... Não sei muito bem o que era.

-O importante é que já está arrumado - respondeu Ellie enquanto saía-. Ultimamente tem feito frio, e ainda fará mais - viu uma escada apoiada contra a parede da casa-. por que não subo e dou uma olhada?

Quase não tinha alcançado o segundo degrau quando notou as mãos de Charles na cintura. Em segundos, voltava a estar no chão.

-Por que não fica aqui embaixo? -respondeu ele.

-Mas quero ver...

-Se for imperativo que vá um dos dois, irei eu - grunhiu ele.

Ao redor da casa se reuniu um pequeno grupo de vizinhos, todos visivelmente impressionados pela implicação do conde nos assuntos de seus arrendatários. Ellie se colocou entre eles enquanto Charles subia a escada e estava a ponto de estalar de orgulho quando escutou comentários como: "O conde é dos bons" ou "Não é muito presunçoso para realizar nenhum trabalho".

Charles caminhou por cima do telhado e olhou à chaminé.

-Tudo parece correto - disse.

Ellie se perguntou se tinha alguma experiência prévia com chaminés na qual apoiar-se, mas então disse a si mesma que dava igual. Parecia que sabia do que falava que era a única coisa importante para os arrendatários e, além disso, o homem que tinha realizado a limpeza estava junto a ela e tinha assegurado que a tinha deixado como nova.

-Então, Sally não terá nenhum problema para esquentar a casa este inverno? - perguntou ela.

John Bailstock, o pedreiro e limpador, respondeu:

-Nenhum. De fato, terá...

Interromperam os gritos de:

-Deus Santo! O conde!

Ellie levantou o olhar horrorizado e viu seu marido cambaleando no alto da escada. Ficou petrificada alguns segundos, com a sensação de que o tempo passava frente a seus olhos muito mais devagar do normal. A escada rangeu muito forte e, antes que pudesse reagir, Charles estava voando pelos ares e arrastava a escada que, virtualmente, desmoronava-se diante de seus olhos.

Ellie gritou e pôs-se a correr, mas quando chegou até seu marido, ele já tinha caído no chão e estava imóvel.

-Charles? -exclamou, ajoelhando-se a seu lado-. Está bem? Por favor, me diga que está bem.

Graças a Deus, o conde abriu os olhos.

-Por que será que sempre acabo ferido quando está perto? -disse, cansado.

-Não tive nada que ver com isto! -respondeu ela, horrorizada diante de sua insinuação-. Sei que acha que estraguei o forno, e arruinei a estufa, e...

-Sei - interrompeu ele. Sua voz quase não era audível, mas desenhou um pequeno sorriso-. Só brincava.

Ellie suspirou aliviada. Podia-se brincar queria dizer que não estava tão ferido gravemente, não? obrigou-se a tranquilizar-se e ordenou a seu coração que deixasse de pulsar tão depressa... Não recordava ter sofrido nunca um medo tão paralisante. Agora tinha que ser forte; tinha que ser como sempre: eficaz, tranqüila e capaz de tudo.

De modo que respirou fundo e disse:

-Onde dói?

-Acreditaria se digo que dói todo o corpo?

Ela clareou a garganta.

-Na realidade, sim. Foi uma boa queda.

-Creio que não tenha quebrado nada.

-Dá na mesma; ficarei mais tranqüila se o verificar eu mesma - começou a lhe tocar as costelas e a inspecionar seu corpo-. O que sente? -perguntou ao lhe apertar uma costela.

-Dói - respondeu ele em tom neutro. Embora possa ser uma dor residual do acidente que tivemos com a carruagem antes de nos casar.

-Minha mãe, tinha esquecido. Deve pensar que trago má sorte.

Ele fechou os olhos, o que não era o "Claro que não!" que ela esperava. Ellie pegou o braço e, antes de decidir se o tinha quebrado ou só era uma entorse, seus dedos localizaram algo quente e pegajoso.

-Meu Deus! -gritou, olhando fixamente seus dedos manchados de vermelho-. Está sangrando? Está sangrando!

-Sangrando? -ele se virou e olhou o braço-. Estou sangrando.

-O que aconteceu? -perguntou ela, histérica, enquanto lhe inspecionava o braço com muito mais cuidado que antes. Tinha ouvido falar de feridas em que o osso quebrado atravessava a pele. Que Deus lhes ajudasse se fosse o caso de Charles; Ellie não tinha nem ideia de como curar uma ferida assim, embora estivesse segura de que desmaiaria antes de poder tentar.

Um homem deu um passo a frente e disse:

-Milady, creio que arranhou a pele com um pedaço de madeira da escada ao cair.

-Sim, claro - Ellie olhou para a escada, que estava em pedaços no chão.

Vários homens formaram redemoinhos ao redor dos pedaços e um disse:

-Há uma mancha de sangue.

Ela meneou a cabeça e se virou para seu marido:

-Estará cheio de estilhaço- disse.

-Perfeito. E creio que quer tirar isso não é?

-São as coisas que faz uma esposa- disse ela pacientemente-. E, eu sou sua esposa.

-Como tinha começado a saborear-disse ele entre dentes. De acordo, continue.

Quando Ellie se propunha algo, não havia quem a detivesse. Pediu a três vizinhos que a ajudassem a entrar com Charles na casa de Sally Evans e enviou a dois mais a Wycombe Abbey para que lhes enviassem uma carruagem muito ampla para que os levassem para casa. Pediu a jovem viúva que fizesse pequenas bandagens com uma anágua, que prometeu repor quando aquilo houvesse passado.

-E ferve um pouco de água - disse-lhe.

Sally virou sobre si mesma, com uma jarra de cerâmica nas mãos.

-Fervê-la? Não prefere começar a limpar as feridas com isto?

-Eu preferiria água a temperatura ambiente - disse Charles-. Não gosta de acrescentar queimaduras à lista de feridas. Ellie apoiou as mãos nos quadris.

-Ferve-a. Ou, ao menos, es quente. Sei que me sinto muito mais limpa quando me lavo com água quente. Portanto, é lógico que a água quente também limpe melhor a ferida. E sei que não devemos deixar nenhuma lasca.

-Ferverei - disse Sally-. Ainda bem que a chaminé está arrumada.

Ellie voltou a concentrar-se em seu marido. Não tinha nenhum osso quebrado, mas estava cheio de machucados. Utilizou umas pinças que pediu emprestadas a Sally para arrancar as lascas que estavam cravadas na parte superior do braço.

Ela arrancou. Ele fez uma careta de dor.

Ela voltou a arrancar. E ele fez outra careta.

-Se doer, pode gritar -disse-. Não o verei como um ser mais fraco por isso.

-Não necessito... Ai!

-Sinto muito -disse ela com sinceridade-. Estava distraída.

Ele grunhiu em voz baixa algo que ela não conseguiu entender, embora tinha a sensação de que se supunha que não tinha que fazê-lo. Ellie se obrigou a não olhá-lo no rosto, algo que tinha descoberto que gostava de fazer, e a concentrar-se na ferida. Ao cabo de vários minutos, tinha arrancado todas as lascas e estava muito satisfeita.

-Por favor, me diga que terminou -disse Charles quando ela anunciou que essa era a última.

-Não estou certa-respondeu ela, enrugando o rosto enquanto voltava a examinar a ferida.

-Arranquei todas as lascas, mas não sei o que fazer com o corte. Pode ser que necessite pontos.

Charles empalideceu, e Ellie não sabia se era pela idéia dos pontos ou se por acaso ela teria que dar.

Apertou os lábios enquanto pensava e, ao final, disse:

-Sally, o que te parece? Pontos?

A viúva se aproximou com um caldeirão de água quente

-Sim, sim. Necessita pontos.

-Não poderia ter a opinião de um profissional? -perguntou Charles.

-Há algum doutor perto? -perguntou Ellie a Sally.

A mulher meneou a cabeça.

Ellie se virou para Charles.

-Não, não pode. Vou ter que costurar eu.

Ele fechou os olhos.

-Já o fez antes?

-Claro - mentiu ela-. É como costurar uma colcha. Sally, tem linha?

A jovem viúva já havia pegado um carretel da caixa de costura e o deixou na mesa, ao lado de Charles. Ellie afundou um pedaço de tecido limpo na água quente e lavou a ferida.

-Assim ficará limpa antes de fechá-la - explicou.

Quando terminou, rompeu um pedaço de linho e também o afundou na água.

-Possivelmente também me serviria com a agulha - disse a si mesmo, e em seguida colocou a agulha também.

-Lá vamos - disse com uma alegria fingida. A pele de Charles parecia tão rosada, sã e..., bom, tão viva. Justamente o contrário das últimas bainhas de vestido que tinha costurado.

-Está certa de que já fez isso antes?

Ela sorriu um pouco tensa.

-Mentiria a você?

-Não quer ouvir minha resposta.

-Charles!

-Venha, acaba logo com isso.

Ela respirou fundo e cravou a agulha. O primeiro ponto foi o pior, embora Ellie descobriu que sua pequena mentira resultou ser verdade: era um pouco como costurar uma colcha. Empreendeu a tarefa com a mesma devoção e concentração que aplicava a tudo na vida e, após instantes, Charles tinha uma bela fileira de pontos no braço.

Também tinha terminado o que restava na única garrafa de conhaque que havia na casa de Sally Evans.

-Também compraremos uma - disse Ellie, com um sorriso a modo de desculpa.

-Compraremos uma casa inteira - disse Charles, arrastando as palavras.

-OH, não é necessário - disse Sally em seguida-. Esta está como nova, com a chaminé arrumada.

-Ah, sim - disse Charles, que estava muito falador-. Bonita chaminé. Vi. Sabia que a vi?

-Sabemos todos - disse Ellie, em um tom do mais paciente. O vimos subido o telhado.

-Claro, é verdade - sorriu e em seguida teve solução.

Ellie se virou para Sally e disse:

-Está acostumado a ficar um pouco tolo quando fica bêbado.

-E quem pode culpá-lo? -respondeu Sally-. Se me tivessem costurando , teria necessitado duas garrafas de conhaque inteiras.

-E eu três - disse Ellie enquanto acariciava o braço de Charles. Não queria que se preocupasse que as duas mulheres pensassem que era um fraco por beber álcool para suportar a dor.

Mas ele ainda seguia dando voltas ao comentário de que estava bêbado.

-Não estou bêbado! -disse, indignado-. Um cavalheiro nunca se embebeda.

-De verdade? -perguntou Ellie com um paciente sorriso.

-Um cavalheiro se confunde - disse, assentindo decidido-. Estou confuso.

Ellie viu que Sally cobria a boca para esconder um sorriso.

-Não me importaria aceitar outra xícara de chá enquanto esperamos a carruagem - disse a sua anfitriã.

-Não terá tempo - respondeu Sally-. Acabo de vê-la virar a curva.

-Graças a Deus - disse Ellie.

-Tenho que colocá-lo na cama em seguida.

-Ficará comigo? -disse Charles enquanto se levantava um pouco hesitante.

-Milord!

-Não me importaria retomar as coisas onde as deixamos - fez uma pausa para três soluços muito seguidos-. Imagino que sabe a que me refiro.

-Milord - disse Ellie muito séria-, o conhaque te deixou com a língua muito solta.

-Sério? Pergunto-me o que terá feito com a tua - balançou-se para ela e Ellie se afastou justo antes de que seus lábios se tocassem. Por desgraça, isto provocou que perdesse o equilíbrio e caísse no chão.

-Por todos os Santos! -exclamou Ellie-. Se tiver aberto os pontos, juro Por Deus que te esfolarei vivo.

Ele piscou e apoiou as mãos nos quadris. Entretanto, o gesto não lhe outorgava muita dignidade, porque seguia sentado no chão.

-Isso parece bastante contraproducente, não acha?

Ellie soltou um sofrido suspiro.

-Sally, quer me ajudar a pôr o conde de pé?

A jovem acudiu imediatamente em sua ajuda e, em alguns segundos, tinham levantado Charles e o haviam levado para fora. Por sorte, com a carruagem tinham vindo três moços. Ellie duvidava que, as duas, teriam conseguido colocá-lo dentro.

O trajeto para casa foi tranqüilo, posto que Charles ficou dormido. Ellie o agradeceu, porque supunha um descanso bem merecido. Entretanto, quando chegaram, teve que despertá-lo e, quando os moços e ela o subiram a seu quarto, estava convencida de que ia gritar. Tinha tentado beijá-la quatorze vezes nas escadas, coisa que não teria se importado muito se não tivesse bêbado, se não tivesse feito caso omisso da presença dos moços e se não corresse perigo de sangrar se caísse e abrisse os pontos.

Bom, pensou, certamente não sangraria, mas a ameaça resultou efetiva quando ao fim perdeu os nervos e gritou:

-Charles, se não parar agora mesmo, vou te deixar cair e, por mim, pode sangrar até morrer.

Ele piscou.

-Que pare o que?

-De tentar me beijar - grunhiu, envergonhada por ter que dizer isso diante dos moços.

-Por quê? -perguntou ele enquanto se aproximava dela com os lábios preparados.

-Porque estamos nas escadas.

Ele inclinou a cabeça e a olhou com uma expressão desconcertada.

-É curioso como pode falar sem abrir a boca. Antes de voltar a falar, Ellie tentou separar os dentes, mas não pôde:

-Faz o favor de subir as escadas e entrar em seu quarto.

-E lá poderei te beijar?

-Sim! De acordo!

Ele suspirou encantado.

-Perfeito.

Ellie grunhiu e tentou ignorar como os moços tratavam de ocultar seus sorrisos.

Após um minuto ou dois, quase tinham chegado a seu quarto, mas Charles se deteve em seco e disse:

-Sabe qual é seu problema, Ellie, querida?

Ela seguiu empurrando-o pelo corredor.

-Qual?

-É incrivelmente boa em tudo.

Ellie se perguntou por que aquelas palavras não tinha parecido um elogio.

-Quero dizer... -agitou o braço bom, o que provocou que se inclinasse para frente, com o que Ellie e dois dos moços tiveram que segurá-lo para que não caísse no chão.

-Charles, não acho que seja o momento - disse.

-Verá - disse, ignorando-a. Pensava que quisesse uma esposa que poderia ignorar.

-Sei -Ellie olhou desesperada os moços enquanto o colocavam na cama-. Acho que agora já posso me encarregar dele.

-Está certa, milady?

-Sim - disse entre dentes-. Com um pouco de sorte, desmaiará dentro de instantes. Os moços pareciam ter suas reservas, mas partiram.

-Fechem a porta! -gritou Charles.

Ellie se virou e cruzou os braços.

-Não é um bêbado nada atraente, milord.

-Sério? Um dia me disse que gostava mais de mim bêbado.

-Mudei de opinião.

Ele suspirou.

-Mulheres.

-O mundo seria um lugar muito menos civilizado sem nós -disse ela com a cabeça alta.

-Estou totalmente de acordo - arrotou. A ver, por onde ia? Ah, sim, queria uma esposa para poder ignorá-la.

-O que é um bom exemplo da alegria e o cavalheirismo inglês - disse ela em voz baixa.

-O que disse? Não te ouvi. Bom, dá igual. Em qualquer caso, o que queria dizer é o seguinte.

Ellie o olhou com uma expressão de impaciência sarcástica.

-Acabei encontrando uma esposa que pode me ignorar - se golpeou no peito e disse: - A mim!

Ela piscou.

-Como diz?

-Sabe fazer de tudo. Costurou meu braço, ganhar uma fortuna. Bom, deixando à parte o incendiar a cozinha...

-Basta!

-Mmm, e o desastre da estufa são memoráveis, mas recebi uma nota de Barnes onde a descreve como a mulher mais inteligente que conheceu. E os arrendatários a querem mais do que nunca me quiseram.

Ela cruzou os braços.

-Este discurso tem uma conclusão?

-Não - encolheu os ombros-. Bom, certamente sim, mas está me custando um pouco alcançá-la.

-Não tinha me dado conta.

-Tento dizer que não me necessita para nada.

-Bom isso não é de tudo certo...

-Ah, não? -de repente, parecia um pouco mais sóbrio que fazia um segundo-. Tem seu dinheiro. Tem seus novos amigos. Para que diabos necessita um marido? Está claro que pode me ignorar.

-Não sei se diria isso...

-Creio que poderia fazer que me necessitasse.

-Por que faria? Não me quer.

Ele ficou pensativo um instante e logo disse:

-Não sei. Mas poderia.

-Me quer? -perguntou ela com incredulidade.

-Não, mas quero que me necessite.

Ellie tentou ignorar a pontada de tristeza que sentiu no coração quando ele admitiu que não a queria.

-Por que? -repetiu ela.

Ele encolheu os ombros.

-Não sei. Mas é o que quero. Agora se coloque na cama.

-Não penso me colocar em sua cama!

-Acha que não me lembro do que estávamos fazendo no campo?

Ela ruborizou, mas não estava certa se era de vergonha ou de raiva.

Charles se levantou e lhe lançou um olhar lascivo.

-Estou impaciente por terminar o que começamos, esposa minha.

-Não quando está como uma Cuba! -respondeu ela enquanto retrocedia para sair de seu alcance-. É capaz de te esquecer do que faz.

Ele conteve a respiração, óbvia e gravemente ofendida.

-Nunca... Nunca esqueceria o que estou fazendo. Sou um amante excelente, milady. Soberbo.

-Suas amantes lhe disseram isso? -não pôde resistir.

-Sim. Não! -murmurou ele-. Não é algo que se deva comentar com sua mulher.

-Exato. E por isso mesmo vou partir.

-Nem pensar! - com uma velocidade imprópria de alguém que bebeu uma garrafa de conhaque, Charles saltou da cama, cruzou o quarto e a segurou pela cintura. Assim que Ellie pôde voltar a respirar, estava deitada na cama, e seu marido estava deitado em cima dela.

-Olá, mulher - disse ele com aspecto de lobo.

-Um lobo metido - disse ela entre dentes, tentando não tossir pelo aroma de álcool.

Ele arqueou uma sobrancelha.

-Disse que poderia te beijar.

-Quando? -perguntou ela a modo de prova.

-Nas escadas. Insisti, insisti e insisti e, ao final, disse: "Sim! De acordo!"

Ellie soltou um suspiro irritado. Isso implicava que a memória ainda funcionava à perfeição. Ele sorriu triunfante.

-O que eu adoro em ti, Ellie, é que é fundamentalmente incapaz de quebrar sua palavra.

Não ia pedir que a beijasse, mas tampouco podia negar suas palavras que, em certo modo, eram um elogio, de modo que não disse nada.

Embora o plano falhou, porque as seguintes palavras de Charles foram:

-É muito amável por não começar a protestar, querida esposa. Dificulta-me encontrar sua boca.

E então a beijou e Ellie descobriu que o conhaque parecia muito melhor do que cheirava. Tanto, em realidade, que quando ele separou para lhe beijar o pescoço, ela surpreendeu si mesma tomando-o pela cabeça e aproximando os lábios aos seus.

Ele riu e voltou a beijá-la, desta vez com mais paixão. Depois do que pareceu uma eternidade de tortura sensual, Charles levantou a cabeça um par de centímetros, apoiou o nariz no seu e pronunciou seu nome.

Ellie demorou alguns segundos em poder responder:

-Sim.

-Não estou tão confuso como acha.

-Ah, não?

Lentamente, ele meneou a cabeça.

-Mas... Mas se andava cambaleando. E com soluço. E arrotando.

Ele sorriu maravilhado.

-Pois já não mais.

-OH -Ellie separou os lábios enquanto tentava digerir aquela informação e decidir o que significava. Pensava que significava que iriam consumir seu casamento essa noite...,

certamente, nessa mesma hora. Mas estava um pouco aturdida e, para ser sincera, tinha muito calor, e o cérebro não ia à velocidade ótima.

Ele a olhou alguns segundos mais e em seguida voltou a aproximar-se para beijá-la. Seus lábios a beijaram por toda parte menos na boca; percorreram-lhe as bochechas, os olhos, as orelhas. Tinha os dedos entrelaçados em seu cabelo e o estava pulverizando por cima do travesseiro. E em seguida estavam percorrendo todo o corpo, lhe acariciando a curva dos quadris, lhe roçando as pernas, deixando rastros de fogo por onde passavam.

Ellie tinha a sensação de que havia duas mulheres em seu interior. Alguém queria ficar ali e deixar que ele exercesse sua magia sobre ela, aceitar suas carícias como um extraordinário presente.

Entretanto, a outra ansiava ser uma participante ativa, e se perguntava o que faria ele se o acariciasse, se levantasse a cabeça e depositasse uma chuva de beijos em seu pescoço.

Ao fim, não pôde reprimir seus sentimentos. Sempre tinha sido ativa e em sua natureza não entrava ser passiva, nem sequer quando a atividade em questão era sua própria sedução. Abraçou-o e se aferrou a ele com força, e seus dedos se converteram em apaixonadas garras e...

-Aaaah! -o horripilante grito de Charles atravessou o ar e apagou imediatamente o ardor de Ellie.

Ela deu um grito de surpresa e se estremeceu debaixo dele enquanto tentava voltar a deixar as mãos aos lados...

-Aaaaaaah! -em uma escala de gritos, esse devia ser dos piores.

-Que diabos...? -perguntou ela, finalmente, movendo-se para um lado enquanto ele se sentava na cama com o rosto deformada pela dor.

-Vai me matar - disse em um tom neutro-. Antes do fim do ano, estarei morto.

-De que demônios fala?

Ele se levantou e olhou o braço, que estava sangrando outra vez.

-Fui eu?

Ele assentiu.

-Isto foi o segundo grito.

-E o primeiro?

-Um hematoma nas costas?

-Não sabia que tivesse hematomas nas costas.

-Eu tampouco -respondeu ele com secura.

Ellie teve vontades de desenhar um extremamente inapropriado sorriso, mas mordeu o lábio.

-Sinto muito.

Ele meneou a cabeça.

-Algum dia conseguirei consumir de uma vez por todas este casamento.

-Sempre pode tentar ver o lado positivo - sugeriu ela.

-Há um lado positivo?

-Eh..., sim. Tem que haver - embora não lhe ocorresse nenhum.

Ele suspirou e lhe ofereceu o braço.

-Costura-me?

-Vai querer mais conhaque?

-Certamente arruinará qualquer intenção amorosa por esta noite, mas, sim, obrigado - suspirou-. Sabe uma coisa, Ellie? Acho que os homens se casam por isso.

-Como diz?

-Dói-me tudo. Tudo. E é bom ter a alguém a quem poder dizer.

-Antes não o fazia?

Ele meneou a cabeça.

Ela o acariciou na mão.

-Me alegro de que possa falar comigo - encontrou fio e conhaque e colocou mãos à obra.

CAPÍTULO 15

Como de costume, Ellie se levantou cedo e alegre. Entretanto, o estranho é que despertou na cama de Charles, amontoada contra ele e rodeada por seus braços.

Depois de costurar o braço pela segunda vez, seu marido dormiu em seguida. Tinha sido um dia exaustivo e doloroso, e a garrafa de conhaque adicional não tinha ajudado. Ellie quis deixá-lo descansar, mas cada vez que tentava levantar-se e ir a seu quarto, ele despertava. Ao final, adormeceu em cima das mantas.

Saiu do quarto sem fazer ruído, porque não queria despertá-lo. Estava profundamente adormecido e suspeitava que seu corpo precisava descansar.

Ela, em troca, era fisicamente incapaz de dormir até tarde; depois de tirar o vestido amassado e colocar um limpo, desceu para tomar o café da manhã. Também como de costume, Helen já estava à mesa folheando o jornal que chegava todo dia com o correio de Londres.

-Bom dia, Ellie -disse.

-Bom dia.

Sentou-se e, após um momento, Helen perguntou:

-O que se passou ontem à noite? Ouvi que Charles estava bastante intoxicado.

Ellie lhe explicou os detalhes do dia anterior enquanto lubrificava um dos pães-doces recém feitos da senhora Stubbs com geléia de laranja.

-E isto me recorda... -disse, quando acabou de explicar a segunda experiência de Charles com os pontos.

-O que te recorda?

-Estive pensando em algo especial que pudesse fazer pelos arrendatários para o inverno e os Natais, e me ocorreu que poderia fazer geléia caseira.

Helen tinha elevado o braço para pegar outro pão-doce, e ficou imóvel a meio caminho.

-Espero que não implique que volte a entrar na cozinha.

-Será uma surpresa especial porque seguro que não esperam que uma condessa cozinhe.

-Possivelmente seja por um motivo. Embora, em seu caso, acredito que já aprenderam a esperar qualquer coisa.

Ellie franziu o cenho.

-Asseguro que já fiz geléia centenas de vezes.

-Não, sim acredito. Mas acho que ninguém mais acreditará. E menos a senhora Stubbs, que segue queixando cada vez que encontra fuligem em algum canto da cozinha.

-À senhora Stubbs gosta de queixar-se.

-Isso é certo, mas sigo sem estar convencida...

-Pois eu estou - respondeu Ellie com ênfase-, e é o que único importa.

Quando terminaram de tomar o café da manhã, tinha convencido Helen para que a ajudasse e enviaram duas criadas a comprar frutos vermelhos.

Ao cabo de uma hora, voltaram da cidade com um grande sortimento de frutos vermelhos e Ellie se dispôs a trabalhar. Como era de esperar, a senhora Stubbs não fez nenhuma graça ver a condessa pela cozinha.

-Não, não, não! -gritou-. O do forno já foi suficiente!

-Senhora Stubbs - disse Ellie com sua voz mais severa-, necessita que a recorde que sou a senhora da casa e que, se gostar, posso encher as paredes de nata de limão?

A senhora Stubbs empalideceu e olhou aterrada a Helen.

-Exagera - explicou esta em seguida-, mas possivelmente seria melhor se hoje trabalhasse fora da cozinha.

-Uma idéia excelente - assentiu Ellie, e virtualmente tirou a empurrões à governanta da cozinha.

-Não sei por que acho que Charles não vai achar nenhuma graça -disse Helen.

-Bobagens. Sabe que o incêndio não foi minha culpa.

-Ah, sim? -perguntou Helen, incrédula.

-Bom, se não souber, deveria. E agora, mãos à obra. -Ellie pediu a uma das ajudantes de cozinha que lhe trouxesse a maior panela de Wycombe Abbey e colocou dentro todas as frutas vermelhas-. Creio que poderíamos fazer distintas geléias, mas acho que uma de frutas vermelhas mescladas ficará deliciosa.

-Além disso - acrescentou Helen-, podemos fazê-la em uma única panela.

-Aprende depressa. -Ellie sorriu e logo acrescentou água e açúcar-. Certamente, teremos que fazer outra panela. Duvido que esta dê para todos os arrendatários.

Helen se inclinou para frente e olhou.

-Provavelmente, não. Mas se realmente é tão fácil, não temos do que nos preocupar. Podemos fazer outra panela amanhã.

-Não tem segredo - disse Ellie. Agora só temos que cobri-lo e deixar que a mistura cozinhe - afastou a panela até o perímetro da cozinha, longe do fogo que ardia com força justo debaixo do centro da superfície de cozinhar. Não queria provocar mais acidentes.

-Quanto demorará? -perguntou Helen.

-Quase todo o dia. Poderia tentar fazê-la mais depressa, mas teria que controlar mais de perto e mechá-la com mais frequência. Com tanto açúcar, é possível que grudasse ao fundo. Assim, só terei que dizer a uma das garotas que a mecha uma vez ou outra. Virei cada hora, aproximadamente, para ver como vai.

-Entendo.

-Um dia, meu cunhado me disse que pusesse pedras em cima da tampa. Disse que assim cozinharía mais depressa.

-Entendo -disse Helen automaticamente, embora em seguida acrescentou-: Não. Na realidade, não entendo.

-Assim mantém o vapor dentro, o que aumenta a pressão. Mas como, a sua vez, permite que a geléia cozinhe a maior temperatura.

-Seu cunhado deve gostar de ciência.

-Sim, bastante. -Ellie cobriu a panela e acrescentou:

- Mas dá na mesma. Não tenho pressa. Só tenho que me assegurar de que alguém o mecha com frequência.

-Parece bastante fácil - disse Helen.

-E é. A prova de desajeitados. -Ellie colocou a mão uma última vez alguns centímetros por cima da cozinha para comprovar que a temperatura não era muito alta e partiram.

Pendurou um relógio na manga para lembrar-se de comprovar como ia a geléia cada certo tempo. Cozinhou devagar e, segundo Ellie, ficaria deliciosa. A panela era grossa e não esquentava muito a fogo lento, de modo que podia segurar as asas enquanto mexia que era uma facilidade mais.

Como a geléia não requeria sua atenção exclusiva, decidiu dedicar suas energias ao pestilento desastre da estufa. Irritava-a tremendamente não poder descobrir ainda como o sabotador tinha conseguido matar todas suas plantas preferidas. Só tinha deduzido que a peste não provinha das próprias plantas.

Estavam mortas; isso era inegável. Entretanto, a peste procedia de pilhas de lixo da cozinha discretamente colocadas que Ellie suspeitava que alguém tinha interceptado quando foram caminho da manjedoura dos porcos. Além disso, viu que, mesclada com o lixo, havia uma suspeita substância marrom que só podia conseguir no chão dos estábulos.

Quem quer que queria lhe causar problemas devia estar plenamente dedicado a isso. Ellie não se imaginava odiando tanto alguém para recolher excrementos de cavalo e lixo da cozinha de forma diária. Entretanto, gostava o suficiente de sua pequena estufa para colocar um par de luvas e tirar toda aquela porcaria fora. Encontrou alguns sacos e uma pá, decidiu não respirar pelo nariz na seguinte hora e começou a cavar.

Entretanto, ao cabo de cinco minutos ficou claro que a saia lhe incomodava, de modo que encontrou uns pedaços de corda e se sentou em um banco de pedra para atá-los a barra do vestido.

-Uma vista preciosa.

Ellie levantou a cabeça e viu seu marido entrar na estufa.

-Bom dia, Charles.

-Faz tempo que desejo que suba o vestido para mim - disse com um pícaro sorriso. Quem é o beneficiário de um gesto tão delicado?

Ellie esqueceu suas maneiras e lhe mostrou a língua.

-Dirá melhor "o que".

Charles seguiu seu olhar até um pestilento montão de porcaria empilhado atrás de uma laranjeira. Aproximou-se, cheirou o ar e retrocedeu.

-Pelo amor de Deus, Ellie - disse, com uma arcada e tossindo-, o que às plantas lhe fizeram?

-Não fui eu - grunhiu ela-. Sericamente acha que sou tão estúpida para pensar que uma cabeça de ovelha podre ajudaria a crescer à laranjeira?

-Uma o que? -voltou a aproximar-se da árvore para dar outra olhada.

-Já a tirei - disse ela assinalando o saco.

-Deus, Ellie, não teria que estar fazendo isso.

-Não - assentiu ela-, não deveria. Está claro que alguém em Wycombe Abbey não aprecia minha presença na casa, mas, se me permitir o trocadilho, chegarei ao fundo disto, embora me vá a vida. Não tolerarei mais esta situação.

Charles soltou um sonoro suspiro e observou como ela cravava a pá na terra.

-Toma-disse ela, pode segurar o saco aberto. Embora possivelmente queira pôr umas luvas.

Ele piscou incapaz de acreditar que o estivesse limpando ela mesma.

-Ellie, posso pedir aos criados que o façam.

-Não, não pode - respondeu ela imediatamente e com mais emoção da que ele tinha esperado-. Não deveriam fazer isto. Não vou pedir lhes que o façam.

-Querida, precisamente para isto temos criados. Lhes pago salários muito generosos para que Wycombe Abbey fique limpa. Isto é... um pouco mais pestilento do que o habitual.

Ela o olhou com os olhos suspeitamente brilhantes.

-Vão pensar que eu o fiz. E não quero.

Charles se deu conta de que estava em jogo o orgulho de Ellie. E como ele também sabia um par de coisas sobre o orgulho, não insistiu mais. Só disse:

-De acordo. Mas devo insistir em que me dê a pá. Que tipo de marido seria se ficasse aqui sentado olhando como faz todo o trabalho?

-Nem pensar. Tem pontos em um braço.

-Não é tão grave.

Ela riu.

-Possivelmente esquece que fui eu quem te costurou ontem à noite. Sei exatamente quão grave é.

-Eleanor, me dê a pá.

-Nunca.

Ele cruzou os braços e a olhou fixamente. Deus santo, era muito teimosa.

-Ellie, a pá, por favor.

-Não.

Ele encolheu de braços.

-Está bem. Você ganha. Não cavarei.

-Sabia que acabaria cedendo... eh!

-O braço -disse Charles enquanto a grudava a seu corpo- funciona bastante bem, na realidade.

Quando Ellie dobrou o pescoço para olhá-lo, a pá caiu ao chão.

-Charles? -perguntou ela, dúbia.

Ele desenhou um sorriso lobino.

-Pensei que poderia te beijar.

-Aqui? -perguntou ela com voz rouca.

-Mmm.

-Mas fede.

-Se você o ignorar, eu também o faço.

-Mas por que?

-Te beijar?

Ela assentiu.

-Porque pensei que possivelmente assim conseguiria que deixasse de falar dessa estúpida pá - antes que ela pudesse dizer algo mais, Charles inclinou a cabeça e lhe deu um beijo nos lábios. Ela não relaxou imediatamente; ele tampouco esperava que o fizesse. Mas é que era tão divertido sustentar aquela mulher decidida e inquieta entre os braços. Era como uma leoa pequena, selvagem e protetora, e Charles descobriam que queria que todas essas emoções fossem dirigidas a ele.

Sua insistência em que descansasse enquanto ela fazia o trabalho duro não o fazia sentir-se menos homem. Só o fazia sentir-se querido.

Querido? Era isso o que queria? Sempre tinha pensado que queria um casamento como o de seus pais. Ele levaria sua vida, sua mulher levaria a sua e ambos ficariam satisfeitos com isso. Exceto que se sentia atraído por sua mulher como nunca tinha imaginado, como nunca havia nem sequer sonhado. E não estava satisfeito. Desejava-a, desejava-a com todas suas forças, e ela sempre estava justo fora de seu alcance.

Charles levantou a cabeça um centímetro e a olhou. Ellie tinha o olhar perdido, os lábios suaves e separados e ele não sabia por que nunca se deu conta, mas devia ser a mulher mais bonita do mundo inteiro, e estava justo ali, em seus braços e... tinha que voltar a beijá-la. Agora. Sua boca a devorou com uma nova e surpreendente urgência, e bebeu sua essência. Tinha sabor de frutos vermelhos quentes, doces, ácidos, a pura Ellie. Suas mãos arregaçaram o tecido da saia até que pôde as introduzir debaixo e acariciar a firme pele de sua coxa.



Ela conteve o fôlego e se aferrou a seus ombros, coisa que só conseguiu aumentar sua excitação, e deslizou a mão para cima até que encontrou onde terminava a meia. Com um dedo, acariciou a pele nua, e desfrutou de como ela se estremecia com suas carícias.

-OH, Charles - gemeu ela, e aquilo bastou para acabar de acendê-lo. Só ouvir o som de seu nome em sua boca.

-Ellie - disse, com uma voz tão rouca que quase nem ele mesmo reconheceu-, temos que ir para cima. Agora.

Ela não reagiu durante alguns segundos, só ficou colada a ele, mas em seguida piscou e disse:

-Não posso.

-Não diga isso - disse ele arrastando-a para a porta-. Diga qualquer coisa menos isso.

-Não, tenho que mexer a geléia.

Aquilo fez que ele se detivesse em seco.

-De que diabos falas?

-Tenho que... -fez uma pausa e umedeceu os lábios. Não me olhe assim.

-Como? -disse ele, que lentamente ia recuperando o senso de humor.

Ela pôs os braços em jarra e o olhou fixamente.

-Como se quisesse me comer.

-É o que quero.

-Charles!

Ele se encolheu de ombros.

-Minha mãe me ensinou a não mentir.

Ela o olhou como se estivesse a ponto de perder a paciência.

-Tenho que ir.

-Perfeito. Acompanharei-te acima.

-Tenho que ir à cozinha - disse ela, decidida.

Ele suspirou.

-A cozinha, não.

Ela apertou os lábios e desenhou uma linha reta antes de grunhir:

-Estou fazendo geléia como presente de Natal para os arrendatários. Disse-lhe isso ontem.

-De acordo. À cozinha. E em seguida ao quarto.

-Mas eu... -Ellie deixou as palavras no ar quando se deu conta de que não queria discutir mais com ele. Queria que a acariciasse, queria escutar suas doces palavras de sedução. Queria sentir-se a mulher mais desejada do mundo, que era exatamente como se sentia cada vez que ele a olhava com esses olhos ardentes e lascivos.

Uma vez decidida, desenhou um tímido sorriso e disse:

-Está bem.

Estava claro que Charles não esperava aquela resposta, porque disse:

-Sim?

Ela assentiu, mas sem olhá-lo aos olhos.

-Genial! -parecia um menino emocionado, coisa que emocionou um pouco Ellie, posto que estava a ponto de deixar-se seduzir por ele.

-Mas primeiro tenho que ir à cozinha -recordou.

-A cozinha. É verdade. A cozinha -ele a olhou de esguelha enquanto a levava pelo corredor-. Isto subtrai um pouco de espontaneidade, não acha?

-Charles - disse ela em tom de advertência.

-Muito bem - mudou de direção e começou a arrastá-la para a cozinha, inclusive mais depressa que quando a levava a quarto.

-Tentando compensar de antemão o tempo perdido? -burlou-se ela.

Giraram uma esquina, encostou-a à parede e lhe deu um breve mas possessivo beijo.

-Tem três minutos na cozinha -disse-. Três. Nenhum mais.

Ellie riu e assentiu, disposta a deixar que tivesse essa atitude ditatorial, porque a excitava por dentro. Soltou-a e desceram as escadas, embora ela quase tinha que correr para manter seu ritmo.

A cozinha começava a bulir de atividade enquanto monsieur Belmont e sua equipe começavam a preparar a comida pelo dia. A senhora Stubbs estava em um canto tentando ignorar o francês enquanto este fiscalizava às três criadas que estavam limpando os cerâmicas do café da manhã.

-A geléia está ali em cima do fogo - disse Ellie a Charles enquanto assinalava a panela grande-. Frutas vermelhas. Helen e eu a preparamos juntas e...

-Três minutos, Eleanor.

-Sim. Só tenho que removê-la e em seguida...

-Pois remove-a -disse ele.

Ela avançou para o fogo e em seguida disse:

-OH! Antes tenho que me lavar as mãos. Usava luvas, mas havia muita peste.

Charles suspirou impaciente. Se não tivesse dado tantas voltas, já teria feito tudo.

-Lave as mãos, remova-o e acaba já. Olhe, em cima da mesa há um balde de água.

Ela sorriu, colocou as mãos na água e soltou um grito.

-E agora o que?

-Está congelada. Monsieur Belmont deve ter mandado trazer gelo. Possivelmente teremos uma sobremesa de fruta gelada esta noite.

-Ellie, a geléia...

Elevou as mãos para a panela, franzindo o cenho quando viu que as criadas se afastavam. Estava claro que ainda não confiavam nela.

-Só vou deixar nesta mesa, para que esfrie e...

Charles nunca saberia com segurança o que ocorreu a seguir. Estava olhando como monsieur Belmont cortava uma berinjela com mãos peritas quando ouviu que Ellie soltava um grito de dor. Quando a olhou, viu que a enorme panela estava caindo no chão. Enquanto observava a cena horrorizado e impotente, a panela caiu no chão e a tampa saiu voando. A geléia violeta salpicou por toda parte: a cozinha, o chão e Ellie.

Ela gritou como um animal ferido e caiu no chão, chorando de agonia. Charles sentiu seu coração parar e correu a seu lado, escorregando com o líquido quente e pegajoso.

-Tire isso chorou ela-. Tire isso.

Charles a olhou e viu que a geléia fervente estava grudada a sua pele. Por Deus, enquanto ele olhava, a pele de Ellie se queimava. Parecia que só tinha salpicado as mãos e os pulsos. Sem pensar duas vezes, Charles segurou o balde de água fria que ela tinha utilizado dentro e colocou as mãos dentro.

Ela o golpeou com o corpo e tentou tirar as mãos.

-Não -gritou. Está muito fria.

-Querida, já sei - disse ele, com delicadeza, rezando para que ela não percebesse o pequeno tremor em sua voz-. Eu também tenho as mãos na água.

-Dói. Dói muito.

Charles tragou saliva e olhou ao redor da cozinha. Seguro que havia alguém que sabia o que fazer, como aliviar a dor. Ouvi-la chorar e notar as sacudidas de seu corpo lhe rompia o coração.

-Chisss, Ellie -disse com sua voz mais doce-. Olhe, a geléia se está separando, vê-o?

Ela baixou o olhar para o balde e Charles desejou não haver dito nada, porque tinha as mãos cheias de mancha vermelhas em carne viva.

-Me tragam mais gelo - gritou a ninguém em particular. A água está esquentando.

A senhora Stubbs deu um passo à frente apesar de que três criadas já corriam para a geladeira.

-Senhor, não sei se fez o correto.

-A geléia ainda estava fervendo. Tinha que esfriá-la.

-Mas está tremendo.

Charles se virou para Ellie.

-Ainda dói tanto?

Ela meneou a cabeça.

-Quase não sinto nada.

Charles mordeu o lábio inferior. Não sabia como curar uma queimadura.

-Está bem. Possivelmente deveríamos as enfaixar.

Permitiu que Ellie tirasse as mãos da água, mas, aos dez segundos, já voltava a chorar de dor. Charles colocou as mãos na água outra vez justo quando as criadas vinham com o gelo.

-Parece que a água fria lhe alivia a dor - disse à senhora Stubbs.

-Mas não pode ficar assim sempre.

-Sei. Um minuto mais. Quero estar seguro.

-Quer que prepare uma pomada especial para as queimaduras?

Charles assentiu e voltou a concentrar-se em Ellie. Abraçou-a com força e pegou os lábios a sua orelha enquanto sussurrava:

-Fique aqui, querida. Deixe que alivie a dor.

Ela assentiu.

-Respira fundo - disse. Quando ela o fez, Charles olhou à senhora Stubbs e disse: Que alguém limpe tudo isto. Não quero vê-lo. Que o joguem fora.

-Não! - gritou Ellie. Minha geléia não!

-Céu, só é geléia.

Ela se virou para ele com os olhos mais claros desde que se queimou.

-Passei todo o dia fazendo-a.

Charles suspirou internamente, aliviado. Se Ellie podia concentrar-se na geléia, possivelmente podia conseguir que deixasse de pensar na dor.

-O que está acontecendo? -disse alguém com uma horrível voz aguda.

Charles levantou a cabeça. Era sua tia Cordelia. Perfeito, isto era quão último necessitavam.

-Que alguém a leve daqui -disse entre dentes.

-Queimou-se? queimou-se alguém? Levo anos advertindo a todos do perigo do fogo.

-Quer alguém tirá-la da cozinha? -disse Charles mais alto.

-O fogo consumirá a todos. -Cordelia começou a agitar os braços no ar-. A todos!

-Agora! -gritou Charles, e desta vez apareceram dois moços para levar sua tia-. Deus santo - murmurou-, esta mulher está totalmente transtornada.

-É inofensiva - disse Ellie, tremendo-. Você mesmo me disse isso.

-Você não diga nada e conserva todas suas energias - respondeu, com a voz impregnada de medo.

A senhora Stubbs se aproximou com uma pequena terrina nas mãos.

-Aqui está a pomada, senhor. Temos que lubrificar as feridas e em seguida enfaixar as mãos.

Charles olhou com receio a pegajosa mescla.

-O que é?

-Um ovo batido e duas colheradas de azeite doce, senhor.

-E está certa de que funcionará?

-É o que sempre usava minha mãe, senhor.

-Está bem. -Charles se sentou enquanto observava como a senhora Stubbs aplicava a pomada na maltratada pele de Ellie e em seguida lhe enfaixava as mãos com um fino linho. A jovem condessa tinha o pescoço e os ombros tensos, e Charles sabia que estava tentando não chorar de dor.

Deus vê-la assim lhe rompia o coração.

Ouviram um pequeno alvoroço na porta e ele se virou e viu Judith, seguida de perto por Claire e Helen.

-Ouvimos ruídos -disse Helen, quase sem fôlego depois de ter cruzado a casa correndo-. A tia Cordelia estava gritando.

-A tia Cordelia sempre grita-disse Judith. Então viu Ellie e acrescentou:

- O que ocorreu?

-Queimou as mãos-respondeu Charles.

-Como? -perguntou Claire com a voz estranhamente áspera.

-A geléia - respondeu ele.

- Estava... -virou-se para Ellie com a esperança de que se esquecesse um pouco da dor se a incluía na conversa. Como diabos aconteceu?

-A panela - ofegou ela. Fui uma estúpida. Deveria me haver dado conta de que não estava onde a tinha deixado.

Helen avançou, ajoelhou-se e colocou um reconfortante braço nos ombros de Ellie.

-O que quer dizer?

A condessa se virou para sua nova prima.

-Quando deixamos a geléia no fogo..., queríamos que ficasse a fogo lento, recorda?

Helen assentiu.

-Alguém deve ter a aproximado ao fogo. E não me dei conta - interrompeu e conteve um grito de dor quando a senhora Stubbs apertou as ataduras de uma mão e começou a lhe lubrificar a outra.

-E em seguida o que aconteceu? -perguntou Helen.

-As asas estavam quentes. Não esperava isso e soltei a panela. Quando caiu ao chão... -fechou os olhos com força, tentando não recordar o terrível momento em que o líquido violeta o salpicou tudo, e também suas mãos, e a horrorosa sensação de queimar-se.

-Já basta - ordenou Charles, percebendo sua angústia-. Helen, leve Claire e Judith da cozinha. Não há nenhuma necessidade de que vejam tudo isto. E faz que levem uma garrafa de láudano a quarto de Ellie.

Helen assentiu, pegou a suas filhas pela mão e partiu.

-Não quero láudano - protestou Ellie.

-Não tem outra opção. Nego-me a ficar quieto e não fazer nada para te acalmar a dor.

-Mas não quero dormir. Não quero... -tragou saliva e o olhou, sentindo-se mais vulnerável que em toda sua vida-. Não quero ficar só - sussurrou ao final.

Charles se inclinou e lhe deu um delicado beijo na têmpora.

-Não se preocupe - murmurou-. Não me moverei de seu lado. Prometo-lhe isso.

E quando por fim lhe administraram o láudano e a colocaram na cama, ele se sentou em uma cadeira junto a ela. Observou seu rosto enquanto dormia e em seguida ficou sentado em silêncio até que o sonho também se apoderou dele.

CAPÍTULO 16

Várias horas depois, quando Charles despertou, Ellie ainda dormia, graças a Deus. Entretanto, a dose de láudano que tinha lhe dado não duraria muito mais, assim preparou outra para quando despertasse. Não sabia quanto tempo seguiriam doendo as queimaduras, mas não ia permitir que sofresse desnecessariamente nem um segundo mais. Não poderia suportar voltar a ouvi-la tentando conter as lágrimas de dor.

Simplesmente, partia-lhe o coração.

Cobriu a boca para silenciar um bocejo enquanto seus olhos foram se acostumando à escassa luz do quarto. Odiava as últimas semanas de outono, quando os dias se cortavam e o sol se punha mais cedo. Estava impaciente para que chegasse o calor do verão, ou inclusive a brisa fresca da primavera, e se perguntou que aspecto teria Ellie no verão, com o sol no céu até que caía a noite. A luz iluminaria de forma distinta seu cabelo? Pareceria mais avermelhado? Ou possivelmente mais loiro? Ou ficaria igual, embora mais quente?

Com essa ideia na cabeça, aproximou-se e lhe afastou uma mecha de cabelo da testa, com cuidado de não roçar por acidente as mãos enfaixadas. Estava a ponto de repeti-lo quando alguém chamou suavemente à porta. Charles se levantou e cruzou o quarto, fazendo uma careta diante do ruído das botas quando saiu do tapete e pisou no chão de madeira. virou-se para Ellie e suspirou aliviado quando viu que seguia dormindo tranquilamente.

Abriu a porta e viu Claire, que estava no corredor mordendo o lábio e retorcendo as mãos. Tinha os olhos tão vermelhos e inchados que até Charles se deu conta, inclusive sob a escassa luz das velas que iluminavam o corredor, que não tinha janelas.

-Charles - disse a garota, falando muito alto-. Tenho que...

Ele se aproximou um dedo aos lábios, saiu ao corredor e fechou a porta atrás dele. E então, para maior atordoamento de Claire, sentou-se.

-O que faz?

-Tiro as botas. Não tenho paciência para localizar o meu assistente para que me ajude.

-OH - ela o olhou, obviamente desconcertada sobre como proceder. Pode ser que Charles fosse seu primo, mas também era conde, e ninguém estava acostumado a olhar a um conde de cima.

-Queria falar comigo? -perguntou ele enquanto segurava o calcanhar da bota esquerda.

-Eh..., sim. Bom, na realidade quero falar com Ellie. -Claire tragou saliva de forma convulsiva. Esse gesto parecia agitar todo seu corpo-. Está acordada?

-Não, graças a Deus, e penso lhe administrar outra dose de láudano assim que desperte.

-Claro. Deve doer muito.

-Sim. Saíram bolhas na pele e, certamente, ficarão cicatrizes para sempre. Claire estremeceu.

-Eu também me queimei uma vez. Com uma vela, e doeu muito. Ellie nem sequer gritou. Deve ser muito forte.

Charles fez uma pausa em seu esforço por tirar a bota direita.

-Sim - disse com delicadeza. É. Mais do que jamais teria imaginado.

A garota ficou calada um bom momento e ao final disse:

-Poderei falar com ela quando despertar? Sei que quer lhe dar mais láudano, mas demorará alguns minutos em fazer efeito e...

-Claire - interrompeu Charles. Não pode esperar até manhã?

Ela voltou a tragar saliva.

-Não. De verdade que não.

Ele a olhou fixamente e não afastou o olhar nem sequer quando ficou de pé.

-Há algo que queira me dizer? -perguntou em voz baixa.

Ela meneou a cabeça.

-Ellie. Tenho que falar com Ellie.

-De acordo. Verei se estiver em condições de receber visitas. Mas, se não for assim, terá que esperar até amanhã. E não se fale mais.

Claire piscou e assentiu enquanto Charles agarrava a maçaneta da porta e a girava.

Ellie abriu os olhos e voltou a fechá-los com a esperança de que isso detivesse a sensação de enjôo que sentiu assim que os tinha aberto. Embora não servisse de nada, assim abriu os olhos e procurou seu marido.

-Charles?

Nada.

Ellie sentiu uma desconhecida pontada de decepção. Havia dito que não se separaria de seu lado. Era o único que a tinha mantido tranqüila enquanto dormia. Mas então ouviu o rangido da porta, levantou a cabeça e o viu sua silueta na penumbra.

-Charles - ela pretendia que fosse um sussurro, mas suas palavras foram um som rouco.

Ele correu a seu lado.

-Está acordada.

Ela assentiu.

-Tenho sede.

-Claro. -Charles se virou e, por cima do ombro, disse-: Claire, pede uma xícara de chá.

Ellie estirou o pescoço tudo o que pôde para olhar atrás de Charles. Não tinha percebido que Claire também estava no quarto. Era uma surpresa, posto que a garota nunca até agora tivesse demonstrado nenhum interesse em seu bem-estar.

Quando voltou a olhar Charles, viu que tinha lhe aproximado uma xícara de porcelana aos lábios.

-Enquanto isso – disse. Se quiser molhar a garganta, há um pouco de chá morno. Bebi nesta xícara, mas é melhor que nada.

Ellie assentiu e bebeu um gole enquanto se perguntava por que, depois de tantos beijos, beber de sua xícara parecia algo tão íntimo.

-Que tal as mãos? -perguntou.

-Seguem doendo muito - respondeu ela com sinceridade-, embora não tanto como antes.

-É pelo láudano. Pode ter alguns efeitos muito fortes.

-Nunca antes tinha tomado.

Ele se inclinou ligeiramente e lhe deu um suave beijo.

-E reza para que não volte a ter que tomá-lo.

Ellie seguiu bebendo goles de chá enquanto tentava, embora sem êxito, não reviver mentalmente o incidente da geléia.

Seguia vendo como a panela caía ao chão e lembrando o terrível instante em que soube com certeza que ia se queimar e que não podia fazer nada para evitá-lo. E em seguida, quando tinha as mãos no balde de água gelada e sentia que todos a olhavam... OH, foi horrível, horrível. Odiava fazer papel de boba, ficar mal. Pouco importava que o acidente tivesse sido só isso, um acidente, e que não fosse culpa dela. Não podia suportar reconhecer lástima nos olhos de todos. Inclusive Judith havia...

-Meu Deus - disse quase afogando com o chá. Judith. Está bem?

Charles a olhou um pouco confuso.

-Não estava na cozinha quando caiu a panela, Ellie.

-Já sei. Mas me viu quando chorava e choramingava e estava debilitada pela dor, e seguro que ficou muito confusa. Não quero imaginar como deve sentir-se.

Charles lhe acariciou o lábio com o dedo indicador.

-Chisss. Se falar tão depressa acabará esgotada.

-Mas Judith...

Desta vez, ele apertou os lábios com os dedos e os manteve fechados.

-Está bem. Helen já lhe explicou o que ocorreu. Estava muito desgostada, mas está tomando com seu habitual humor de menina de seis anos.

-Eu gostaria de falar com ela.

-Amanhã. Acho que agora está jantando com a babá e quer pintar aquarelas até a hora de deitar-se. Disse que queria te fazer um desenho muito especial para te inspirar durante sua recuperação.

Por um segundo, Ellie ficou tão contente que nem sequer sentiu a dor das mãos.

-É muito doce -murmurou.

-Enquanto isso -continuou Charles-, Claire me disse que quer falar contigo. E lhe disse que poderá fazê-lo só se sentir em condições.

-Claro -murmurou Ellie. Era muito estranho que Claire, que nunca se incomodou em ocultar seu desprezo por ela, quisesse lhe fazer companhia enquanto se recuperava. Mas Ellie ainda albergava esperanças de poder manter uma relação mais amável e familiar, assim inclinou um pouco a cabeça, estabeleceu contato visual com a garota e disse:

-Boa noite, Claire.

A moça realizou uma reverência e disse:

-Espero que se encontre melhor.

-Um pouco - respondeu Ellie. Embora suponha que as queimaduras demorarão um tempo em curar de tudo. Mas eu adoro ter companhia. Assim não penso constantemente em minhas mãos.

Não estava certa, mas lhe pareceu que Claire empalideceu quando mencionou suas mãos. Produziu-se um longo e estranho silêncio e, ao final, a garota tragou saliva de forma sonora, virou-se para Charles e disse:

-Posso falar com Ellie a sós?

-Não acho que...

-Por favor.

Ellie se surpreendeu com a nota de desespero que reconheceu na voz de Claire, assim se virou para seu marido e disse:

-Tranquilo. Não estou sonolenta.

-Mas tinha pensado te dar mais láudano.

-Pode esperar cinco minutos.

-Não permitirei que sofra mais do que o necessário e...

-Ficarei bem, Charles. Além disso, eu gostaria de alguns instantes mais de lucidez. Poderia esperar o chá nas escadas.

-Está bem -saiu do quarto, embora não parecia muito contente.

Ellie se virou para Claire com um sorriso cansado.

-Pode chegar a ser muito teimoso, não te parece?

-Sim. -A garota mordeu o lábio inferior e afastou o olhar-. E temo que eu também.

Ellie a olhou fixamente. Estava nervosa e triste. Queria acalmá-la, mas não estava segura se suas tentativas de aproximação seriam bem-vindas. Ao fim e ao cabo, Claire tinha deixado clara sua oposição ao longo das últimas semanas. Ao final, elevou a mão até o lado da cama que estava vazio e disse:

-Quer se sentar a meu lado? eu adoraria ter companhia.

Claire duvidou, mas em seguida avançou alguns passos e se sentou. Não disse nada durante um minuto; ficou ali brincando com o extremo das mantas. Ellie quebrou o silêncio:

-Claire?

A garota voltou à realidade, olhou-a e disse:

-Não me dei muito bem contigo desde que chegou.

Ellie não sabia como responder, assim que ficou calada.

Claire limpou a garganta, como se estivesse reunindo coragem para continuar. Quando por fim começou a falar, produziu-o muito devagar:

-O incêndio da cozinha foi minha culpa -disse-. Eu movi o ralo. Não pretendia provocar um incêndio; só queria queimar as torradas para que não parecesse tão preparada. E também danifiquei seu assado, e estive intoxicando a estufa e... e... -ficou sem voz e afastou o olhar.

-E o que, Claire? -insistiu Ellie, que sabia o que ia dizer, embora precisava ouvir de seus lábios. E mais, acreditava que a garota precisava confessá-lo em voz alta.

-Aproximei a panela de geléia ao fogo -sussurrou-. Jamais pensei que alguém pudesse sair ferido. Acredite, por favor. Só queria queimar a geléia. Nada mais. Só a geléia.

Ellie tragou saliva, um pouco incômoda. Claire parecia tão miserável, tão infeliz e tão arrependida que queria consolá-la apesar de que era a causadora de tanto dor. Tossiu e disse:

-Tenho um pouco de sede. Poderia...?

Não teve que terminar a frase, porque Claire já tinha a xícara na mão e a estava aproximando dos lábios. Ellie bebeu um gole, e em seguida outro. O láudano tinha deixado a garganta muito seca. Por fim, olhou Claire e, simplesmente, perguntou:

-Por que?

-Não posso dizer isso. Só te peço que aceite minhas desculpas - Claire tremia os lábios e os olhos estavam enchendo de lágrimas a uma velocidade alarmante-. Sei que me comportei muito mal e nunca mais voltarei a fazer nada parecido. Prometo-o.

-Claire - disse Ellie, em um tom amável mas firme.

-Ficarei encantada de aceitar suas desculpas, porque sei que são sinceras, mas não pode esperar que o faça sem me dar uma explicação.

A garota fechou os olhos.

-Não queria que gostassem de você. Não queria que você gostasse da casa. Queria que fosse embora.

-Mas por que?

-Não posso dizer isso. -disse entre soluços-. De verdade que não.

-Claire, tem que me dizer isso.

-Não posso. Dá-me muita vergonha.

-Nada é tão horrível como pensamos -disse Ellie com carinho.

A garota cobriu o rosto com as mãos e balbuciou:

-Promete não dizer ao Charles?

-Claire, é meu marido. Juramos...

-Tem que me prometer isso.

Estava a beira da histeria. Ellie duvidava que o segredo que guardava fosse tão terrível como acreditava, mas então recordou como era ter quatorze anos e disse:

-De acordo. Tem minha palavra.

Claire afastou o olhar antes de dizer:

-Queria que me esperasse.

Ellie fechou os olhos. Nunca tinha imaginado que Claire pudesse estar apaixonada por Charles.

-Sempre quis me casar com ele - sussurrou a jovem-. É meu herói. Faz seis anos nos salvou, sabia? A pobre mamãe estava grávida de Judith e os credores tinham levado

tudo. Charles mal nos conhecia, mas pagou as dívidas de meu pai e nos acolheu em sua casa. E nunca nos fez sentir como os familiares pobres.

-OH, Claire.

-Não teria tido que esperar muito mais.

-Mas que sentido tinha tentar me expulsar? Já estávamos casados.

-Os ouvi discutir. Sei que não... -ruborizou-se-. Não posso dizê-lo, mas sei que o casamento podia ser anulado.

-OH, Claire - suspirou Ellie, muito preocupada com a situação para se envergonhar de que a garota soubesse que ainda não tinham consumado o casamento-. Não poderia ter te esperado. Seguro que sabe da existência do testamento de seu pai.

-Sim, mas poderia ter anulado o casamento e...

-Não - interrompeu Ellie-, não pode. Não podemos. Se o fizer, perderá o dinheiro para sempre. Charles tinha que casar-se antes de seu trigésimo aniversário e não podia dissolvê-lo depois.

-Não sabia - disse Claire muito devagar.

Ellie suspirou. Miúda confusão. E justo então se deu conta do que acabava de dizer e abriu os olhos.

-Minha mãe - disse. O aniversário de Charles. Me passou? Quantos dias havia dito que faltavam para seu aniversário quando se conheceram? Quinze? Dezesete? Ellie assinalou mentalmente o dia que lhe propôs casamento e começou a contar.

-É dentro de dois dias - disse Claire.

Como se as tivesse ouvido, alguém bateu na porta.

-É Charles - disseram as duas ao unísono.

E Claire acrescentou:

-Ninguém chama tão forte.

-Entre - disse Ellie. E se virou para Claire e, com urgência, sussurrou: vai ter que dizer-lhe. Não tem que lhe explicar por que, mas tem que lhe dizer que foi você.

A garota parecia afligida, mas resignada.

-Sei.

Charles entrou no quarto com uma bandeja de prata onde havia um jogo de chá e bolachas. Afastou Claire da cama e deixou a bandeja em cima do colchão.

-Importasse em servir, prima? -disse-. Já deve estar bem infusionado. Esperei alguns minutos nas escadas para lhes dar mais tempo.

-Muito amável - respondeu Ellie-. Tínhamos muitas coisas de que falar.

-Seriamente? -murmurou Charles-. E vocês gostariam de compartilhá-lo comigo?

Ellie lançou um olhar cúmplice a Claire, mas a garota respondeu com uma expressão de pânico, assim que lhe disse:

-Não ocorrerá nada.

Claire se limitou a lhe oferecer a xícara e o pires a Charles e disse:

-Para Ellie.

Ele aceitou e se sentou junto a sua mulher.

-Toma - disse enquanto o aproximava dos lábios-. Com cuidado. Está quente.

Ela bebeu um gole e suspirou de felicidade.

-O céu. O céu é uma xícara de chá quente.

Charles sorriu e a beijou na cabeça.

-Bom - disse enquanto olhava Claire-, o que tinha que falar com Ellie?

A garota lhe ofereceu outra xícara e outro pires antes de dizer:

-Tinha que me desculpar.

Ele aceitou o chá e a deixou na mesinha.

-Por que? -perguntou muito devagar enquanto oferecia outro gole de chá a Ellie.

Parecia que Claire ia sair correndo a qualquer instante.

-Diga - animou-a a condessa.

-Foi culpa minha que Ellie se queimasse - admitiu, ao fim, com uma voz mal audível-. Aproximei a geléia ao fogo para que se queimasse, mas não me ocorreu que as asas da panela se esquentariam tanto.

Ellie conteve a respiração quando observou que a expressão de Charles se converteu em uma máscara implacável. Sabia que se zangaria, pensava que possivelmente gritaria e se enfureceria, mas esse silêncio punha os cabelos de pé.

-Charles? -disse Claire com voz afogada-. Diga algo, por favor.

Ele deixou a xícara de Ellie no pires com os movimentos lentos e rígidos de quem está a ponto de perder o controle.

-Estou tentando encontrar uma boa razão para não te fazer as malas e a enviar agora mesmo a um asilo de pobres. De fato - o volume de sua voz ia aumentando-, estou tentando encontrar uma boa razão para não te matar!

-Charles! -exclamou Ellie.

Entretanto, ele tinha se levantado e se dirigia para Claire.

-Em que demônios estava pensando? -perguntou-. Em que demônios estava pensando, maldita seja?

-Charles - repetiu Ellie.

-Não se meta - espetou ele.

-Nem pensar.

Ele a ignorou enquanto assinalava Claire com um dedo.

-Imagino que também é a responsável pelo incêndio da cozinha.

Ela assentiu arrependida, com lágrimas escorregando pelas bochechas.

-E o pelo assado - disse-. Também fui eu. E a estufa.

-Por que, Claire? por que?

A jovem segurou a cintura enquanto soluçava.

-Não posso dizer isso.

Charles a segurou pelo ombro e a virou para ele.

-Vai me dar uma explicação, e vai fazer agora mesmo.

-Não posso!

-Entende o que fez? -Charles a sacudiu com dureza e a virou para a cama de Ellie-. Olha-a! Lhe olhe as mãos! você o fez.

Claire estava chorando com tanto desespero que Ellie estava certa de que, se seu marido não a estivesse segurando pelos ombros, cairia ao chão.

-Charles, basta! -gritou Ellie, que não podia suportar mais-. Não vê que está arrependida?

-E deveria estar - espetou ele.

-Charles, já basta! Disse que o sente e aceito suas desculpas.

-Pois eu não.

Se Ellie não tivesse as mãos enfaixadas e não doessem tanto, o pegaria.

-Mas não é você quem tem que as aceitar -disse ela com frieza.

-Não quer uma explicação?

-Claire já me deu isso.

Charles ficou tão surpreso que soltou a sua prima.

-E dei minha palavra de que não lhe diria isso.

-Por que?

-Porque isto é entre Claire e eu.

-Ellie... -sua voz encerrava uma nota de advertência.

-Não penso quebrar uma promessa - disse ela com firmeza-. E me parece que valora a honestidade o suficiente para não me pedir que o faça.

Charles soltou um suspiro irritado e se jogou o cabelo para trás. Ellie tinha esquecido.

-Mas tem que receber um castigo - disse ao final-. Insisto.

Ellie assentiu.

-É obvio. Claire se comportou muito mal e deverá confrontar as conseqüências. Mas o castigo eu decidirei, não você.

Ele pôs os olhos em branco. Ellie era tão boa que certamente mandaria à garota a seu quarto e já está.

Entretanto, sua mulher o surpreendeu quando se virou para a garota, que estava sentada no chão, onde Charles a havia soltado.

-Claire – disse. Qual acha que deveria ser seu castigo?

A moça também se surpreendeu e não disse nada, e ficou no chão abrindo e fechando a boca como um peixe.

-Claire? -repetiu Ellie com suavidade.

-Poderia limpar a estufa.

-Uma idéia excelente - disse Ellie-. Eu comecei a fazê-lo esta manhã com Charles, mas não avançamos muito. Terá que replantar muitas coisas. Muitas plantas morreram nestes quinze dias.

Claire assentiu.

-Também poderia limpar a geléia da cozinha.

-Isso já parece -disse Charles em um tom severo. Claire voltaram a ter os olhos cheios de lágrimas e se virou para Ellie em busca de apoio moral.

-O que eu gostaria por cima de todas as coisas -disse Ellie com suavidade- é que informasse a todos os membros da casa de que os percalços da última semana não foram minha culpa. Estive tentando encontrar meu lugar em Wycombe Abbey e me fazer parecer uma estúpida e uma inepta não ajudou muito.

Claire fechou os olhos e assentiu.

-Não será fácil -admitiu Ellie-, mas vir aqui e te desculpar tampouco o foi. É uma garota forte, Claire. Mais forte do que pensa.

Pela primeira vez aquela noite, a jovem sorriu e Ellie soube que tudo ia sair bem.

Charles clareou a garganta e disse:

-Claire, acho que minha mulher já teve emoções o suficiente para um dia.

Ellie meneou a cabeça e dobrou o dedo par Claire.

-Vêem aqui um instante -disse. Quando a garota se colocou junto à cama, sussurrou ao ouvido-: E sabe outra coisa?

A moça meneou a cabeça.

-Creio que algum dia se alegrará de que Charles não pudesse te esperar.

Claire se virou para ela com um interrogação no olhar.

-O amor te encontrará quando menos espere isso -disse Ellie com suavidade. E acrescentou-: E quando for o suficientemente maior.

Claire riu, coisa que fez com que Charles grunhisse:

-Que demônios cochicham?

-Nada -respondeu Ellie-. E agora deixa que sua prima se vá. Tem muito trabalho.

Charles se afastou para deixar Claire sair e, quando a porta se fechou, virou-se para Ellie e disse:

-Foi muito benévola com ela.

-Foi minha decisão, não a tua -respondeu ela, com uma voz cansada. Enfrentar um marido gritando e a uma prima soluçando lhe tinha roubado as poucas energias que ficavam.

Charles entrecerrou os olhos.

-Dói?

Ela assentiu.

-Poderia me dar essa segunda dose de láudano?

Ele se colocou a seu lado, aproximou-lhe o copo aos lábios e lhe acariciou o cabelo enquanto ela bebia tudo. Ellie bocejou, acomodou-se nos travesseiros e colocou as mãos enfaixadas em cima das mantas.

-Sei que acha que não fui o suficientemente severo com o Claire -disse-, mas acho que aprendeu a lição.

-Terei que acreditar, posto que se nega a me dizer o que alegou em sua defesa.

-Não tentou defender-se. Sabe que o que tem fez é errado.

Charles estirou as pernas em cima do colchão e se reclinou no travesseiro da cama.

-É uma mulher incrível, Eleanor Wycombe.

Ela respondeu com um bocejo. -Não me importa ouvi-lo, a verdade.

-A maioria não teria sido tão pormenorizado.

-Não se engane. Se for necessário, posso chegar a ser muito vingativa.

-Ah, sim? -perguntou ele, divertido. Ellie voltou a bocejar e se recostou nele.

-Ficará aqui esta noite? Ao menos até que durma.

Ele assentiu e lhe deu um beijo na têmpora. -Melhor. A cama está mais quente contigo aqui.

Charles soprou a vela e se deitou em cima das mantas. Em seguida, quando ficou seguro de que ela dormia, colocou a mão em cima do coração e sussurrou:

-Aqui também está mais quente.

CAPÍTULO 17

Ellie passou a manhã seguinte recuperando-se na cama. Charles mal se moveu de seu lado e, quando o fazia, em seguida o substituíam um membro da família Pallister, geralmente Helen ou Judith, posto que Claire estava ocupada limpando a estufa.

Entretanto, pela tarde já começava a ficar um pouco farta de Charles e de sua onipresente garrafa de láudano.

-Agradeço muito que se preocupe por minhas queimaduras, disse Ellie, tentando apaziguá-lo-, mas prometo que a dor não é tão forte como ontem e, além disso, parece que não possa manter uma conversa sem dormir.

-Ninguém se importa -assegurou ele. -A mim sim.

-Já reduzi a dose a metade.

-E me segue deixando meio sonolenta. Posso suportar um pouco de dor, Charles. Não sou nenhuma boneca de porcelana.

-Ellie, não tem que ser uma mártir.

-Não quero ser uma mártir. Só quero ser eu mesma.

Ele a olhou com receio, mas deixou a garrafa na mesinha.

-Se doerem...

-Sei, sei. Me... -Ellie soltou um suspiro de alívio quando alguém bateu na porta, pondo fim a conversa. Charles ainda parecia que podia mudar de opinião e obrigá-la a tomar o láudano a menor provocação-. Entre! -exclamou.

Judith apareceu pela porta, com o cabelo escuro recolhido, de modo que não cobria o rosto.

-Bom dia, Ellie -disse.

-Bom dia, Judith. Me alegro de te ver.

A menina assentiu com um gesto próprio da realeza e subiu à cama.

-Eu não mereço nenhuma saudação? -perguntou o conde.

-Ah, sim, claro -respondeu Judith-. bom dia, Charles, mas vai ter que sair.

Ellie conteve uma gargalhada.

-E por que? -perguntou ele.

-Tenho assuntos extremamente importantes que falar com Ellie. Assuntos privados.

-Seriamente?

Judith arqueou as sobrancelhas com altivez, uma expressão que, de alguma forma, encaixava perfeitamente com seu rosto de seis anos.

-Sim. Embora suponho que pode ficar enquanto lhe dou seu presente.

-Que generosa -disse ele.

-Um presente! Que amável! -exclamou Ellie ao mesmo tempo.

-Te fiz um desenho -a menina lhe ofereceu uma aquarela.

-É muito bonito, Judith -disse Ellie enquanto observava os traços azuis, verdes e vermelhos-. É maravilhoso. É... É...

-É a pradaria -disse Judith.

Ellie suspirou aliviada por não ter que adivinhar.

-Vê? -continuou a pequena-. Isto é a erva. E isto, o céu. E estas são as maçãs da árvore.

-Onde está o tronco da árvore? -perguntou Charles.

Judith o olhou com uma cara feia.

-Fiquei sem marrom.

-Quer que peça um pouco mais?

-É o que mais eu gostaria no mundo.

Charles sorriu.

-Oxalá todas as mulheres fossem tão fáceis de agradar.

-Não somos tão pouco razoáveis. -Ellie se sentiu obrigada a defender a seu gênero.

Judith pôs os braços em jarra, irritada por não entender do que falavam os mais velhos.

-Agora tem que ir, Charles. Como disse, tenho que falar com Ellie. É muito importante.

-Ah, sim? -perguntou ele-. Muito importante para mim? O conde? que se supõe que está à frente deste montão de pedras?

-A palavra chave é «supõe» -disse Ellie com um sorriso-. Temo que quem realmente dirige a casa é Judith.

-Está no certo. Sem dúvida -respondeu ele com ironia. -Necessitaremos, ao menos, meia hora, acredito -disse Judith-. Ou possivelmente mais. Em qualquer caso, chama antes de tornar a entrar. Não quero que nos interrompa.

Charles se levantou e se dirigiu para a porta.

-Vejo que me expulsam sem olhares.

-Meia hora! -gritou Judith enquanto ele se retirava.

Ele voltou a aparecer.

-Tesouro, é uma tirana.

-Charles -disse Ellie simulando um tom de grande irritação-, Judith solicitou uma audiência privada.

-Bruxinha precoce -disse ele entre dentes.

-Ouvi-o -disse Judith com um sorriso-, e só significa que me quer.

-A esta não há quem a engane -disse Ellie enquanto elevava a mão para lhe acariciar o cabelo, mas em seguida recordou que não podia.

-Cuidado com as mãos! -ordenou Charles.

-Parte já -respondeu Ellie, que não pôde esconder o sorriso que lhe provocou a agradável sensação de mandá-lo.

Ouviram como se afastava pelo corredor. Judith não deixou de rir com a mão diante da boca.

-De acordo -disse Ellie-, do que quer falar comigo?

-Da celebração do aniversário de Charles. Claire nos disse que queria organizar uma festa.

-Sim, claro. Me alegro que tenha lembrado. Temo que não poderei fazer muito, mas me vai bem dar ordens.

Judith riu.

-Não, eu ficarei no comando.

-Posso ser sua ajudante, então?

-Claro.

-Muito bem. Temos um trato -disse Ellie-. E, como não posso te dar a mão, teremos que fechá-lo com um beijo.

-Feito! -Judith se aproximou dela a quatro patas e lhe plantou um sonoro beijo na bochecha.

-Perfeito. Agora dou um eu e já podemos começar a fazer planos.

Judith esperou enquanto Ellie lhe dava um beijo na cabeça e disse:

-Acho que deveríamos pedir a monsieur Belmont que fizesse um bolo muito grande. Enorme! Com cobertura de manteiga.

-Enorme ou só gigantesco? -perguntou Ellie com um sorriso.

-Enorme! -gritou Judith, agitando os braços no ar para demonstrar-. E podemos...

-Ai! -Ellie gritou de dor quando uma das mãos da pequena a tocou a sua.

Judith saltou da cama imediatamente.

-Sinto muito. Sinto-o muito. foi um acidente. Juro-o.

-Sei -disse Ellie com os dentes apertados pela dor.

-Não há nenhum problema, tesouro. Pega a garrafa da mesa e me sirva um pouco no copo.

-Quanto? Assim? -assinalou com o dedo a metade pelo copo, que correspondia a meia dose.

-Não, a metade disso - respondeu Ellie. Um quarto de dose parecia a quantidade perfeita: suficiente para acalmar a dor, mas esperava que não o suficiente para deixá-la sonolenta e desorientada-. Mas não diga ao Charles.

-Por que não?

-Porque não - e em seguida disse entre dentes: Odeio quando tem razão.

-Como diz?

Ellie bebeu o líquido e disse:

-Nada. Temos que fazer muitos planos, não?

Passaram o quarto de hora seguinte discutindo seriamente sobre a cobertura do bolo, argumentando as vantagens do chocolate frente à baunilha.

Mais tarde, Charles apareceu pela porta que conectava seus quartos com uma folha de papel.

-Como se encontra? -perguntou.

-Muito melhor, obrigado. Embora custe um pouco passar as páginas do livro.

Ele arqueou a comissura dos lábios.

-O que está tentando ler?

-«Tentando» é a palavra chave -disse ela ironicamente.

Charles se aproximou de seu lado e passou uma página enquanto se fixava no título do livro.

-E o que faz esta tarde nossa encantadora senhorita Dashwood? perguntou-lhe.

Ela o olhou confusa até que descobriu que tinha visto que estava lendo Razão e sensibilidade.

-Muito bem -respondeu-. Acho que o senhor Ferrars se declarará a qualquer momento.

-Que emocionante -respondeu ele, e ela não pôde senão admirá-lo por manter a mesma expressão séria.

-Toma, deixa o livro -disse-. Já tive suficiente leitura Por esta tarde.

-Possivelmente necessita outro quarto de dose de láudano?

-Como o soube?

Ele arqueou uma sobrancelha.

-Sei tudo, querida.

-Imagino que o que sabe é como subornar Judith.

-Sim, de fato é um conhecimento muito útil.

Ela pôs os olhos em branco.

-Um quarto de dose me viria bem, obrigado.

Ele verteu o líquido e o deu, massageando o braço enquanto o fazia.

-É verdade -disse Ellie-. Tinha me esquecido por completo de seu braço. Como está?

-Nem a metade de mal que estão suas mãos. Não tem do que preocupar-se.

-Mas não vou poder tirar os pontos.

-Estou seguro que alguém poderá fazê-lo. Helen, certamente. passa-se o dia costurando e bordando.

-Imagino que sim. Espero que não esteja se fazendo de valente e não queira me dizer o muito que dói. Se descobrir que há...

-Pelo amor de Deus, Ellie, queimou as mãos. Deixa de preocupar-se por mim.

-É muito mais fácil me preocupar com ti que ficar aqui pensando em minhas mãos.

Ele desenhou um pormenorizado sorriso.

-Custa ficar sem fazer nada, não é?

-Muito.

-De acordo. por que não mantemos uma dessas conversas que me dizem que tem os maridos e as mulheres?

-Como diz?

-Você me diz algo como: «Querido, querido marido...»

-OH, por favor.

Ele a ignorou.

-«Meu querido marido, como foi o dia?»

Ellie soltou um longo suspiro.

-Ah, de acordo. Creio que posso jogar isso.

-Muito amável de sua parte -disse ele, assentindo.

Ela lhe lançou um desagradável olhar e lhe perguntou:

-Como ocupou seu dia, querido marido? O ouvi se mover no quarto do lado.

-Ia de um lado a outro.

-De um lado a outro? Parece algo sério.

Ele sorriu devagar.

-Estive fazendo uma nova lista.

-Uma lista nova? Morro de curiosidade. Como se intitula?

-«Sete formas de entreter Eleanor.»

-Só sete? Não sabia que era tão fácil de entreter.

-Asseguro que fiquei dando muitas voltas.

-Sei. E as marcas de pisadas que deixaste no tapete de seu quarto dão fé disso.

-Não te burle de meu pobre e velho tapete. Ir de um lado a outro é o menor de meus maus. Se nosso casamento for como estes quinze dias, terei o cabelo completamente grisalho quando cumprir os trinta.

Ellie sabia que aquela data tão assinalada era ao dia seguinte, mas não queria revelar a festa surpresa que tinha organizado com as Pallister, assim fingiu ignorância e disse:

-Estou certa de que nossas vidas serão muito mais tranquilas agora que fiz as pazes com Claire.

-Isso espero -disse ele em um tom próprio de um menino pequeno contrariado-. Mas, bom, quer ouvir a lista? Passei toda a tarde com ela.

-É obvio. Leio-a eu ou você em voz alta?

-OH, acho que será melhor que eu leia em voz alta -inclinou-se para frente e arqueou uma sobrancelha, formando uma expressão lobina-. Assim me asseguro de que cada palavra recebe a ênfase que merece.

Ellie não pôde conter a risada.

-Está bem. Começa. Ele clareou a garganta.

-«Número um: ler para que não tenha que passar as páginas.»

-Me deixe ver isso! está inventando isso. É impossível que soubesse que estava lendo. E menos que adivinhasse os problemas que estava tendo com as páginas.

-Só edito um pouco a informação - respondeu ele com altivez-. Posso fazê-lo.

-Sim, seguro, e mais tendo em conta que impõe as regras quando gosta.

-É um dos poucos benefícios de ser conde - admitiu-. Mas, se quer saber, o ponto número um era ler para você. Só o adaptei para incluir o assunto de passar as páginas. Posso continuar? -quando ela assentiu, acrescentou: "Número dois: lhe massagear os pés".

-Os pés?

-Mmm, sim. Alguma vez lhe deram uma massagem nos pés? -embora em seguida pensou onde achou ela e onde tinha recebido ele as massagens, e por parte de quem, e decidiu que a resposta devia ser negativa-. Asseguro que são deliciosos. Quer uma descrição? Ou prefere uma demonstração?

Ela limpou a garganta várias vezes.

-Qual é o seguinte ponto da lista?

-Covarde -acusou ele com um sorriso. Elevou a mão e, por cima da colcha, o guiou a forma da perna até que chegou ao pé. "Número três: -Trazer Judith ao menos duas vezes ao dia para falar."

-Essa me parece uma sugestão grandemente mais inocente que a anterior.

-Sei que desfrutava ficando com ela.

-Cada vez fico mais intrigada pela variedade da lista. Ele encolheu de ombros.

-Não a fiz seguindo nenhuma ordem em particular. fui escrevendo as coisas à medida que foram ocorrendo. Bom, exceto a última, claro. É o que me ocorreu primeiro, mas não queria te assustar.

-Quase me dá medo perguntar no que consiste o ponto número sete.

-Faz bem -sorriu-. É meu favorito. Ela ruborizou.

Charles clareou a garganta e tentou não rir diante da inocente agonia de Ellie.

-Posso seguir com o seguinte ponto?

-Por favor.

-«Número quatro: mantê-la informada dos progressos de Claire na estufa.»

-Supõe-se que isso é um entretenimento?

-Possivelmente não, mas pensei que você gostaria de sabê-lo.

-Como vai?

-Muito bem, na realidade. Mostrou-se muito diligente. Entretanto, a estufa está gelado. Abriu todas as portas para que areje. Espero que o aroma tenha desaparecido assim que esteja melhor para poder voltar para seu hobby pela jardinagem.

Ellie sorriu.

-Que mais?

Ele baixou a cabeça.

-A ver... Ah, sim. «Número cinco: trazer a costureira com tecidos e desenhos» -olhou-a-. Não posso acreditar que ainda não o tenhamos feito. Não está em condições para uma prova, mas, ao menos, podemos escolher vários estilos e cores. Começo a ficar cansado de te ver sempre de marrom.

-Faz dois anos, a modo de dízimo, deram a meu pai várias metros de tecido marrom. Após, não tive um vestido de outra cor.

-Parece um assunto da máxima gravidade.

-Tão perito em moda é?

-Mais que o bom reverendo, seu pai. Isso seguro.

-Nesse ponto, milord, estamos de acordo.

Ele se aproximou até que seus narizes se roçaram.

-De verdade sou seu lorde, Eleanor?

Ela desenhou um sorriso irônico.

-O protocolo parece indicar que assim é como devo te chamar.

Ele suspirou e segurou o peito em um fingido desespero.

-Se dançar com a agilidade que falas, predigo que será a sensação da cidade.

-Se não me comprar um ou dois vestidos novos, não. Não seria adequado ir a todos os atos sociais vestida de marrom.

-Ah, o sempre sutil aviso para que não mude de assunto -segurou o papel com as duas mãos, esticou os pulsos para estirá-lo e leu-: «Número seis: comentar com ela os termos de sua nova conta bancária».

O rosto de Ellie se iluminou.

-Interessa-te?

-É óbvio.

-Já, mas comparado com suas finanças, minhas trezentas libras são uma soma ridícula. Seguro que não é importante para ti.

Charles inclinou a cabeça e a olhou como se houvesse algo muito óbvio que ela não entendesse.

-Mas para ti o é.

Justo nesse instante, Ellie decidiu que o queria. Embora estava claro que não decidia essas coisas. Aquele descobrimento foi surpreendente e, em algum lugar de sua aturdida mente, disse-se que aquele sentimento se foi fundamentando desde dia que tinha proposto casamento. Havia algo muito... especial nele.

A forma que ria dele mesmo.

Em como fazia que ela risse dela mesma.

Em como se assegurava de dar um beijo de boa noite em Judith todo dia.

Mas, sobre tudo, em como respeitava o talento e antecipava suas necessidades, e em como seus olhos se encheram de tristeza quando se queimou, como se sentisse cada uma das pequenas bolhas em sua pele.

Era um homem muito melhor do que ela acreditava quando disse «Sim, quero».

Lhe deu uns tapinhas no ombro.

-Ellie? Ellie?

-O que? OH, sinto muito -ruborizou-se, apesar de que era consciente de que Charles não podia ler os pensamentos-. Tinha a cabeça em outro lugar.

-Carinho, no mínimo estava na lua.

Ela tragou saliva e tentou procurar uma desculpa razoável.

-Estava pensando em minha estratégia de investimento. O que te parece o café?

-Que eu gosto com leite.

-Como investimento -virtualmente espetou ela.

-Meu Deus, de repente ficamos muito irritáveis.

Ela pensou que, se ele acabasse de dar conta de que se colocou em um caminho de sentido único onde sabia que lhe romperiam o coração, também ficaria irritável. Estava apaixonada por um homem que não via nada mau na infidelidade. Tinha deixado muito claras suas opiniões sobre o casamento.

Ellie sabia que, por agora, seria fiel. Estava muito intrigado por ela e a novidade de seu casamento para recorrer a outras mulheres, mas, no fim, acabaria entediado e, então, ela ficaria em casa só e com o coração quebrado.

Maldito homem. Se tinha que ter um defeito fatal, por que não podia morder as unhas, ou jogar, ou ser baixo, gordo e feio? por que tinha que ser perfeito em todos os sentidos menos na te esmagadora falta de respeito para a santidade do matrimônio?

Ellie estava a ponto de chorar.

E o pior era que sabia que nunca poderia lhe pagar com a mesma moeda. Não poderia ser infiel, embora quisesse. Possivelmente era devido a sua estrita educação por parte de um homem de Deus, mas era impossível que ela rompesse um voto tão solene como o do matrimônio. Não era sua natureza.

-Ficou triste de repente -disse Charles lhe acariciando a rosto-. Meu Deus! Está chorando. Ellie, o que houve? São as mãos?

Ela assentiu. Parecia o mais fácil tendo em conta as circunstâncias.

-Vou te dar mais láudano. E não admitirei queixa de que acaba de tomar um pouco. Outro quarto de dose não te deixará inconsciente.

Ela bebeu o líquido enquanto pensava que não se importaria ficar inconsciente ali mesmo.

-Obrigado -disse, quando ele lhe secou os lábios. Estava olhando-a tão preocupado, e isso lhe quebrava o coração e...

E então se lembrou. Diziam que os libertinos eram os melhores maridos, não? por que diabos não podia reformá-lo? Nunca antes se intimidou diante de uma provocação. Com uma repentina inspiração, e possivelmente um pouco enjoada depois de ter dobrado a dose de láudano, virou-se para ele e disse:

-E quando saberei no que consiste o misterioso ponto número sete da lista?

Ele a olhou com preocupação.

-Não estou seguro de que esteja em condições.

-Bobagens -ela meneou a cabeça e lhe ofereceu um alegre sorriso-. Estou em condições para qualquer coisa.

Agora a olhava perplexo. Piscou várias vezes, segurou a garrafa de láudano e a olhou com curiosidade.

-Acreditava que isto te adormecia.

-Não sei se quero dormir -respondeu ela-, mas me sinto muito melhor.

Charles a olhou, olhou a garrafa e a cheirou com cuidado.

-Possivelmente deveria prová-lo.

-Eu poderia provar a ti -e riu.

-Agora sei que tomou muito láudano.

-Quero ouvir o ponto número sete.

Charles cruzou os braços e a observou bocejar. Começava a preocupá-lo. Parecia que estava bem, logo depois, de repente, tinham os olhos cheio de lágrimas e agora... Bom, se não a conhecesse, acreditaria que estava tentando seduzi-lo.

Coisa que ia muito bem com o que tinha escrito ao final da lista, embora de repente se mostrava reticente a revelar suas intenções amorosas enquanto ela estivesse naquele estado.

-O número sete, por favor -insistiu ela.

-Possivelmente amanhã.

Ela fez uma careta.

-Disse que queria me entreter. E te asseguro que não me entreterei enquanto não saiba o último ponto da lista.

Charles jamais teria acreditado, mas era incapaz de ler essas palavras em voz alta. Não quando ela estava se comportando de uma forma tão estranha. Simplesmente, não podia aproveitar dela nessas condições.

-Toma -disse, horrorizado pela vergonha que reconheceu em sua voz e um pouco zangado com ela por fazê-lo sentir como um... um... Santo Deus, o que lhe estava ocorrendo? Estava domesticado. Franziu o cenho-. Pode ler você mesma.

Colocou a folha frente a ela e a olhou enquanto seus olhos liam as palavras.

-Mãe... -gritou-. É possível? -Asseguro que sim.

-Inclusive em meu estado? -levantou as mãos-. OH. Creio que por isso menciona especificamente...

Charles se sentiu um tanto petulante quando ela ruborizou.

-Não pode dizer em voz alta, querida?

-Não sabia que podiam fazer essas coisas com a boca -balbuciou. Charles desenhava um lento sorriso quando o libertino que levava dentro despertou. Gostava. Era mais ele mesmo.

-Na realidade, há muito mais...

-Pode explicar isso depois -apressou-se a dizer.

Ele entreceitou os olhos.

-Ou possivelmente lhe demonstre isso.

Se não a conhecesse, teria jurado que a tinha visto tensionar os ombros quando disse, ou mas bem sussurrou:

-De acordo.

Ou possivelmente foi mais um grito que um sussurro. Em qualquer caso, estava aterrada.

E então bocejou, e Charles se deu conta de que pouco importava se estava aterrada ou não. A dose adicional de láudano começava a fazer efeito e Ellie estava a ponto de...

Roncar.

Ele suspirou e se afastou enquanto se perguntava quanto tempo passaria antes de que pudesse fazer amor com sua mulher. E em seguida se perguntou se viveria até então.

A garganta de Ellie emitiu um som curioso, um som com o que nenhum ser humano poderia dormir.

E então foi quando descobriu que tinha maiores preocupações e começou a pensar se roncaria cada noite.

CAPÍTULO 18

No dia seguinte, Ellie despertou sentindo-se muito mais fresca. Era incrível o que um pouco de coragem e determinação podiam fazer pelo estado de ânimo. O amor romântico

era algo muito estranho. Ela nunca o havia sentido e, embora lhe revolviasse um pouco o estômago, queria aferrar-se a ele com as duas mãos e não soltá-lo nunca.

Ou melhor, queria aferrar-se a Charles e não soltá-lo nunca, embora com as bandagens seria um pouco difícil. Supunha que isso seria o desejo, algo tão desconhecido para ela como o amor.

Não estava completamente certa de poder convencê-lo e que adotasse sua visão do amor, o casamento e a fidelidade, mas sabia que se não o tentasse, se reprovava toda a vida. Se não o conseguisse, certamente ficaria arrasada, mas ao menos não teria que chamar-se covarde.

E, portanto, esperou emocionada na sala de jantar informal com Helen e Judith enquanto Claire ia procurar Charles. A garota tinha ido a seu escritório com a desculpa de que a acompanhasse à estufa a revisar seu trabalho. A pequena sala de jantar ficava no caminho da estufa, assim Ellie, Judith e Helen estavam preparadas para saltar e gritar: «Surpresa!»

-O bolo é maravilhoso -disse Helen, contemplando a cobertura pálida. Aproximou-se um pouco mais-. Exceto, possivelmente, por esta marca que é exatamente da largura do dedo de menina de seis anos.

Judith, com o pretexto de que tinha visto um inseto, meteu-se debaixo da mesa.

Ellie sorriu com indulgência.

-Um bolo não seria um bolo sem estas marcas. Ao menos, não seria um bolo familiar. E são os melhores.

Helen baixou o olhar para assegurar de que Judith estava ocupada em outra coisa que não fosse escutar sua conversa e disse:

-Para ser sincera, até eu mesma estou tentada.

-Pois vá em frente. Não direi a ninguém. Eu também o faria, mas... -levantou as mãos enfaixadas.

O rosto de Helen em seguida refletiu preocupação.

-Seguro que está bem para a festa? As mãos...

-Já não me doem tanto, juro-o.

-Charles disse que ainda necessita láudano para a dor.

-Muito pouco. Um quarto de dose. E espero que amanhã já não tenha que tomar nada. As queimaduras estão curando e quase não restam bolhas.

-Que bom. Me alegro, eu... -Helen tragou saliva, fechou os olhos um momento, e levou Ellie ao outro lado da sala de jantar para que Judith não a ouvisse-. Não posso te agradecer o suficiente a compreensão que demonstraste com Claire. Eu...

Ellie levantou uma mão.

-Não foi nada, Helen. Não tem que dizer nada mais.

-Mas devo produzi-lo. A maioria das mulheres nos teriam jogado às três a chutes.

-Helen, esta é sua casa.

-Não -respondeu a mulher muito devagar-. Wycombe Abbey é sua casa. Nós só somos convidadas.

-Esta é sua casa -disse Ellie com um tom firme, embora com um sorriso-. E se voltar a ouvir dizer o contrário, a estrangularei.

Parecia que Helen ia dizer outra coisa, mas fechou a boca. Entretanto, ao cabo de alguns segundos, disse:

-Claire não me disse por que fez todas essas coisas, embora tenha uma ligeira idéia.

-Imagino que sim -disse Ellie.

-Agradeceu por não deixá-la em ridículo diante de Charles. -Não necessitava que rompessem o coração duas vezes.

Judith, que saiu de debaixo da mesa, salvou a sua mãe de seguir desculpando-se.

-Esmaguei o inseto! -anunciou-. Era enorme. E muito valente.

-Não havia nenhum inseto, tesouro, e sabe -disse Ellie.

-Sabia que os insetos gostam da cobertura dos bolos?

-E, por isso sei, às meninas pequenas também.

Judith apertou os lábios, desgostosa pela direção que tinha tomado a conversa.

-Parece que já os ouço! -sussurrou Helen-. Se calem.

As três se colocaram junto à porta, observando e escutando. Aos poucos segundos, ouviram a voz de Claire.

-Já verá o muito que avancei no estufa -disse.

-Sim - respondeu Charles, que cada vez estava mais perto-, mas não teria sido mais rápido ir pela ala leste?

-Estavam encerrando o chão -respondeu a jovem em seguida-. Seguro que estaria escorregadio.

-Garota preparada -sussurrou Ellie a Helen.

-Podemos cortar pelo salão de jantar informal -continuou Claire-. É quase tão rápido e... Começou a abrir a porta.

-Surpresa! -gritaram as quatro residentes de Wycombe Abbey.

E Charles ficou surpreso..., embora só um segundo. Em seguida se zangou bastante quando se virou para Ellie e lhe perguntou:

-Que demônios faz aqui?

-Vá, feliz aniversário -respondeu ela, mordaz.

-Suas mãos...

-... parece que não me impedem de caminhar -sorriu ironicamente-. Incrível, não é?

-Mas...

Helen, em um gesto impaciente pouco próprio dela, deu um golpezinho na cabeça de Charles e disse:

-Primo, se cale e desfrute da festa.

Charles olhou o grupo de mulheres que o observavam com rostos espectadores e se deu conta de que tinha sido muito grosseiro.

-Muito obrigado a todas -disse-. É uma honra que tenham tomado tantas moléstias para meu aniversário.

-Não podíamos deixá-lo passar sem ter, ao menos, um bolo -disse Ellie-. Judith e eu escolhemos a cobertura. De manteiga.

-Seriamente? -disse, assentindo-. Muito preparadas.

-Te fiz um desenho! -exclamou Judith-. Com as aquarelas.

-Sério, tesouro? -ajoelhou-se a seu lado-. É precioso. Mas se parecer... parece... -olhou a Helen, Claire e Ellie para que o ajudassem, mas elas encolheram de ombros.

-Os estábulos! -exclamou Judith muito emocionada.

-Exato!

-Passei uma hora inteira olhando-os enquanto pintava.

-Uma hora inteira? Que aplicada. Terei que lhe dar uma posição de honra em meu escritório.

-Tem que emoldurá-lo -ordenou ela-. Com um marco de ouro.

Ellie conteve uma gargalhada e sussurrou a Helen:

-Predigo um grande futuro para esta menina. Possivelmente rainha do universo.

Helen suspirou.

-O certo é que minha filha não sofre da incapacidade de saber o que quer.

-Mas isso é bom -disse Ellie-. É bom saber o que alguém quer. Eu mesma o descobri recentemente.

Charles cortou o bolo, sob a direção de Judith, claro, que tinha convicções muito firmes sobre como tinha que fazê-lo, e em seguida começou a abrir suas presentes.

Estava a aquarela de Judith, um travesseiro bordado de Claire e um pequeno relógio de Helen.

-Para sua escrivainha -disse-. Fixei-me que de noite, é difícil ver a hora no relógio de pé.

Ellie deu uma suave cotovelada a seu marido para obter sua atenção.

-Eu ainda não tenho seu presente -disse devagar-, mas tenho tudo planejado.

-De verdade?

-Darei dentro de uma semana.

-Tenho que esperar uma semana?

-Precisarei poder utilizar as mãos -disse com um olhar sedutor.

O sorriso de Charles se tornou selvagem.

-Estou impaciente.

Fiel a sua palavra, Charles trouxe a costureira para Wycombe Abbey para olhar tecidos e desenhos. Ellie teria que fazer o vestuário em Londres, mas Smithson de Canterbury era uma boa costureira e a senhora Smithson poderia lhe fazer uns quantos vestidos para que os usasse até que pudesse viajar à cidade.

Ellie estava emocionada por conhecer a costureira; sempre tinha tido que costurar seus próprios vestidos e uma consulta privada era todo um luxo.

Bom, não tão privada.

-Charles -disse Ellie pela quinta vez-, sou perfeitamente capaz de escolher meus vestidos.

-Claro, querida, mas nunca estive em Londres e... -viu os desenhos que a senhora Smithson tinha na mão-. Esse não. É muito decotado.

-Mas estes vestidos não são para Londres. São para o campo. E estive no campo -e, em um tom sarcástico, acrescentou-: De fato, agora estou no campo.

Se Charles a ouviu, não o demonstrou.

-Verde -disse, aparentemente falando com a senhora Smithson-. Fica linda de verde.

Ellie teria gostado de sentir-se adulada pelo comentário, mas tinha assuntos mais urgentes para solucionar.

-Charles -disse-, eu gostaria de muito ficar um momento a sós com a senhora Smithson.

Ele ficou atônito.

-Para que?

-Você não gostaria não saber como serão todos meus vestidos? -sorriu com doçura-. Você não gostaria que te surpreendesse?

Ele se encolheu de ombros.

-Não o tinha pensado.

-Pois pense -disse ela, cortante-. Preferivelmente em seu escritório.

-Quer que vá, não é?

Parecia doído e Ellie se arrependeu em seguida de ter falado assim.

-É que escolher vestidos é um entretenimento feminino.

-Ah, sim? Pois eu tinha muitas vontades de fazê-lo. Nunca tinha escolhido um vestido para nenhuma mulher.

-Nem sequer para su..? -Ellie mordeu o lábio. Tinha estado a ponto de dizer «amantes», mas não quis pronunciar essa palavra.

Aqueles dias estava muito positiva, e nem sequer queria recordar que tinha confraternizado com os baixos recursos-. Charles -continuou em um tom mais suave-, queria escolher algo que te surpreenda.

Ele resmungou, mas saiu do quarto.

-O conde é um marido muito envolvido, não? -disse a senhora Smithson quando fechou a porta.

Ellie ruborizou e murmurou algo sem sentido. Então deu-se conta de que tinha que ser rápida se quisesse encomendar algo enquanto Charles não estivesse. Conhecendo-o, mudaria de opinião e entraria correndo a qualquer momento.

-Senhora Smithson -disse-, os vestidos não preciso com tanta pressa, mas o que preciso é...

A costureira sorriu cúmplice.

-Um enxoval?

-Sim, algumas peças de lingerie.

-Isso pode se arrumar sem nenhuma prova.

Ellie suspirou aliviada.

-E o estilo?

-Qualquer. Eh... Qualquer que pareça adequado para um jovem casal de recém casados -tentou não enfatizar muito as duas últimas palavras, mas queria deixar claro que não queria escolher uma camisola dependendo de quão quente pudesse ser. E, então, a senhora Smithson assentiu daquele modo tão secreto dela e Ellie soube que lhe enviaria algo especial. Possivelmente inclusive algo um pouco atrevido. Seguro que era algo que Ellie nunca teria escolhido para ela.

Embora, tendo em conta sua inexperiência na arte da sedução, disse-se que assim era melhor.

Uma semana depois, as mãos de Ellie estavam curadas. A pele ainda estava tenra, mas já não doíam com cada movimento. Tinha chegado o momento de dar a Charles seu presente de aniversário. Estava apavorada.

Também estava emocionada, embora, ao ser uma total inocente, o engano foi maior.

Ellie tinha decidido que seu presente para o trigésimo aniversário de Charles seria ela. Queria que seu matrimônio fosse uma união real, de mente, alma e..., tragou saliva ao pensar..., corpo.

A senhora Smithson ficou à altura de suas promessas. Ellie não acreditava que a pessoa refletida no espelho fosse ela. A costureira tinha escolhido uma peça de seda de um verde muito pálido. O decote era recatado, mas o resto era mais atrevido do que Ellie poderia ter sonhado. Consistia em dois painéis de seda costurados unicamente nos ombros. Havia duas fitas na cintura, mas não ocultavam o perfil das pernas nem as curvas dos quadris.

Sentia-se virtualmente nua e, encantada, pós a bata combinando. Estremeceu; em parte pelo ar frio da noite e, em parte, porque ouvia Charles movimentando-se em seu quarto. Normalmente, entrava para lhe dar boa noite, mas Ellie disse a si mesma que morreria dos nervos se tivesse que sentar-se e esperá-lo. Nunca tinha sido muito paciente.

Respirou fundo, levantou a mão e bateu na porta que conectava os dois quartos.

Charles ficou imóvel no momento em que tirava a gravata.

Ellie nunca batia na porta. Sempre ia ele e, além disso, já tinha as mãos o suficientemente curadas para golpear a madeira? Não lhe parecia que tivesse os nódulos queimados, mas mesmo assim...

Acabou de tirar a gravata, jogou-a em cima de uma poltrona e cruzou o quarto até a porta. Não queria que Ellie tivesse que girar a maçaneta, assim, em lugar de dizer «Entre», abriu ele mesmo.

E quase desmaia.

-Ellie? -disse com a voz afogada.

Ela sorriu.

-O que usa?

-É... eh... parte de meu enxoval.

-Não tem enxoval.

-Pensei que ficaria bem ter um.

Charles estudou as ramificações dessa frase e notou como lhe acendia a pele.

-Posso entrar?

-Sim, sim. Claro -afastou-se e a deixou entrar, boquiaberto quando Ellie passou diante dele. Aquela coisa que usava estava atada à cintura e a seda se pegava a todas suas curvas.

Ela se virou.

-Creio que está se perguntando o que faço aqui.

Charles se recordou que tinha que fechar a boca.

-Eu também me pergunto isso -disse ela com uma risada nervosa.

-Ellie, eu...

Ela tirou a bata.

-Meu Deus -disse ele com voz rouca enquanto elevava o olhar ao céu-. Está me pondo a prova, não é? Está me pondo a prova.

-Charles?

-Volta a pôr isto -disse, nervoso, enquanto recolhia a bata do chão. Ainda conservava o calor de sua pele. Deixou-a e pegou uma manta de lã-. Não, melhor, ponha isto.

-Charles, basta! -levantou os braços para afastar a manta e ele viu que tinha os olhos cheios de lágrimas.

-Não chore -disse-. por que chora?

-Não me...? Não me...?

-Não o que?

-Não me deseja? -sussurrou-. Nem sequer um pouco? Na semana passada me desejava, mas não ia vestida assim e...

-Está louca? -gritou ele-. Desejo-te tanto que é mais que provável que caia morto aqui mesmo. Assim se cubra porque, senão, vai me matar.

Ellie colocou os braços em jarra, um pouco irritada pela direção da conversa.

-Cuidado com as mãos! -exclamou ele.

-Minhas mãos estão bem -espetou ela.

-Sim?

-Sempre que não me aproxime de uma roseira sem luvas.

-Seguro?

Ela assentiu.

Por um décimo de segundo, Charles não se moveu. Mas logo se equilibrou sobre ela com tanta força que a deixou sem respiração. Um momento estava de pé e, no seguinte, estava na cama, com ele em cima dela.

Entretanto, o mais surpreendente é que estava beijando-a. Beijando-a de verdade, com a força e a paixão com qual não a tinha beijado desde o acidente. Sim, tinha escrito coisas muito descaradas na lista, mas a tinha tratado como a uma flor delicada. E agora a estava beijando com todo seu corpo: com as mãos, que já tinham descoberto a abertura lateral da camisola e estavam aferradas a cálida curva de seu quadril; com os quadris, que se pegavam a ela de forma íntima; e com o coração, que pulsava a um ritmo sedutor contra seu seio.

-Não pare -gemeu Ellie-. Não pare nunca.

-Não poderia, mesmo que quisesse -respondeu ele, lhe acariciando a orelha delicadamente... com a boca-. E não quero. Parar.

-Perfeito -jogou a cabeça para trás e ele desceu da orelha à garganta.

-Esta camisola -grunhiu Charles, que parecia incapaz de formular frases inteiras-. Não a perca nunca.

Ela sorriu.

-Você gosta?

Ele respondeu desatando os laços dos lados.

-Deveria ser ilegal.

-Posso fazer uma de cada cor -brincou ela.

Ele a acariciou no ventre e seus longos dedos roçaram a parte inferior dos seios.

-Faz. me envie a fatura. Não, melhor. Os pagarei adiantado.

-Este eu paguei -disse ela com suavidade. Charles ficou imóvel e levantou a cabeça, porque percebeu algo distinto em sua voz.

-Por que? Sabe que pode utilizar meu dinheiro para o que queira.

-Sei. Mas este é meu presente de aniversário.

-A camisola?

Ela sorriu e lhe acariciou a bochecha. Os homens podiam chegar a ser tão obtusos.

-A camisola. Eu -pegou-lhe a mão e a aproximou do coração-. Isto. Quero que nosso casamento seja real.

Ele não disse nada, só lhe tomou o rosto entre as mãos e a olhou com devoção alguns segundos. E em seguida, com uma lentidão agonizante, baixou a cabeça para lhe dar o beijo mais terno que ela jamais teria sonhado.

-Ah, Ellie -suspriu contra sua boca-. Me faz tão feliz.

Não foi uma declaração de amor, mas conseguiu lhe estremecer o coração.

-Eu também sou feliz -sussurrou ela.

-Mmm -deslizou pelo pescoço, acariciando-lhe com o rosto. As mãos se meteram por debaixo da seda e deixaram um rastro de fogo em sua já cálida pele. Ellie notou suas mãos nos quadris, no estômago, nos seios... Pareciam estar em todas partes, e ela queria mais.

Tentou torpemente lhe desabotoar a camisa, porque desejava sentir o calor de sua pele. Mas tremia de desejo e as mãos ainda não tinham recuperado a mobilidade habitual.

-Chiss, já o farei -sussurrou ele, que se levantou para tirar a camisa. A desabotoou devagar e Ellie não sabia se queria que fosse ainda mais devagar, para prolongar aquela sedutora dança ou que a arrancasse de repente e voltasse para seu lado.

Ao final, Charles a tirou e voltou a colocar-se em cima dela, apoiado nos braços estirados.

-Me toque -ordenou, embora logo o suavizou com um apaixonado-. Por favor.

Ela elevou a mão dúbia. Nunca havia tocado o peito de um homem, nem sequer tinha visto nenhum. Ficou um pouco surpreendida pelo pêlo marrom avermelhado que tinha no peito. Era suave, embora não ocultasse o ardor de sua pele nem a tensão de seus músculos diante de suas carícias.

Ellie se lançou um pouco mais, emocionada e encorajada por como Charles continha o fôlego quando o tocava. Nem sequer tinha que lhe acariciar a pele para que estremecesse de desejo. De repente, sentiu-se a mulher mais bonita do mundo. Ao menos, aos olhos de Charles, e ao menos por esse instante, que era o importante.

Notou suas mãos em seu corpo, como a levantava e lhe tirava a peça de seda pela cabeça e a deixava no chão. Ellie já não se sentia nua; estava nua. E, sem saber como, pareceu-lhe o mais natural do mundo.

Ele se levantou e tirou as calças. Desta vez se despiu depressa, quase em excesso. Ellie abriu os olhos quando viu o membro excitado. Charles percebeu sua preocupação, tragou saliva e disse:

-Está assustada?

Ela meneou a cabeça.

-Bom, possivelmente um pouco. Mas sei que fará com que seja maravilhoso.

-Deus, Ellie -grunhiu ele enquanto voltava para a cama-. Tentarei. Prometo que o tentarei. Embora nunca estive com nenhuma virgem.

Isso a fez rir.

-E eu não fiz isto nunca, assim estamos empatados.

Ele a acariciou na bochecha.

-É muito valente.

-Valente não; é que confio em você.

-Sim, mas rir quando estou a ponto de...

-Por isso é que rio. Estou tão feliz que só posso pensar em rir.

Charles voltou a beijá-la, apaixonado. E enquanto a distraía com beijos, deslizou a mão pela suave pele do estômago até o arbusto de cachos que escondiam seu sexo. Ela se tensionou momentaneamente, embora em seguida relaxou com suas carícias. A princípio, ele não fez gesto de aprofundar a carícia; limitou-se a lhe fazer cócegas enquanto lhe beijava todos os cantos do rosto.

-Você gosta? -sussurrou.

Ela assentiu.

Deslizou a outra mão até o seio e o apertou até que o excitado mamilo cravou na mão.

-Você gosta disto? -voltou a sussurrar com voz rouca.

E ela assentiu, desta vez com os olhos fechados.

-Quer que volte a fazê-lo?

E, enquanto assentia pela terceira vez, Charles deslizou um dedo entre as dobras de seu sexo e começou a movê-lo.

Ela gritou, mas em seguida esqueceu de respirar. E, ao final, quando recordou onde estavam os pulmões, emitiu um sonoro «OH!» que fez com que Charles risse e empurrasse ainda mais com o dedo e alcançasse os cantos mais íntimos de seu corpo.

-Meu Deus, Ellie -grunhiu-. Deseja-me. Ela se aferrou desesperada a seus ombros.

-Acaba de se dar conta?

Desta vez, a risada saiu do fundo da garganta. Os dedos continuaram sua sensual tortura, movendo-se e acariciando-a, e então encontrou o ponto de carne mais sensível e Ellie ficou a ponto de saltar da cama.

-Não resista -disse ele, colocando seu membro excitado em seu estômago-. O melhor está por vir.

-Seguro?

Ele assentiu.

-Prometido.

Ellie voltou a relaxar as pernas e Charles aproveitou para separá-las e colocar-se entre suas coxas. Moveu a mão, e então seu membro a acariciou, pressionando ligeiramente contra a entrada de seu sexo.

-Isso -sussurrou-. Se abra para mim. Relaxe -empurrou um pouco, e se deteve-. Tudo bem? -perguntou com a voz afogada.

Ellie sabia que estava exercendo um controle extraordinário sobre si mesmo para não tomá-la de tudo nesse mesmo instante.

-É muito estranho -admitiu ela-. Mas eu gosto. É... OH! -gritou quando Charles avançou um pouco mais-. Me enganou.

-Disso se trata, querida.

-Charles, eu...

Ele ficou sério.

-Pode que isto doa um pouco.

-Não doerá -assegurou ela-. Contigo não.

-Ellie... Deus, não posso esperar mais -penetrou-a completamente-. É tão... Não posso... OH, Ellie, Ellie...

O corpo de Charles começou a mover-se com o ritmo primitivo e cada investida ia acompanhada de um som que ficava entre um grunhido e um suspiro. Era tão perfeita, tão ativa. Nunca até agora havia sentido um desejo com aquela total e absoluta urgência. Queria adorá-la e devorá-la ao mesmo tempo. Queria beijá-la, querê-la, envolvê-la. Queria toda dela, e queria lhe entregar até o último suspiro de seu ser.

Em algum lugar de sua mente, deu-se conta de que aquilo era amor, aquela escorregadia emoção que tinha conseguido esquivar durante tantos anos. Entretanto, as idéias e os pensamentos se viram ultrapassados pela potente necessidade de seu corpo, e perdeu toda capacidade de pensamento.

Ouviu que os gemidos de Ellie eram cada vez mais agudos, e soube que ela sentia o mesmo desespero e necessidade.

-Continue, Ellie -disse-. Faça-o.

E então ela se sacudiu debaixo de seu corpo, e seus músculos se tensionaram e o envolveram como uma luva de veludo, e Charles gritou quando deu a última investida e se derramou dentro dela.

Sacudiu-se várias vezes em consequência do orgasmo, e em seguida se deixou cair em cima dela e, embora se deu conta de que possivelmente pesava muito, não podia mover-se. Ao final, quando pareceu que voltava a controlar minimamente seu corpo, começou a separar dela.

-Não -disse ela-. Eu gosto de te sentir.

-Te esmagarei.

-Não. Quero...

Ele rodou sobre a cama até colocar de lado e a levou com ele.

-Vê? Não ficamos melhor assim?

Ela assentiu e fechou os olhos; parecia cansada, embora satisfeita.

Charles brincou com seu cabelo enquanto se perguntava como tinha acontecido aquilo, como se tinha apaixonado por sua mulher..., uma mulher que tinha escolhido de forma impulsiva e desesperada.

-Sabia que sonho com seu cabelo? -perguntou.

Ela abriu os olhos com uma agradada surpresa.

-De verdade?

-Mmm, sim. Estava acostumado a pensar que era da mesma cor que o sol do entardecer, mas agora me dou conta de que estava equivocado -pegou uma mecha e o aproximou dos lábios-. É mais brilhante. Mais brilhante que o sol. Igual a você.

Abraçou-a e assim adormeceram.

CAPÍTULO 19

A seguinte semana foi pura felicidade. Ellie e Charles passaram mais tempo na cama que fora, e quando desciam ao primeiro andar, parecia que a vida conspirava para lhes enviar só coisas boas. Ela teve a primeira prova de vestidos, Claire terminou de limpar a estufa e lhe disse que gostaria muito de ajudá-la a replantar, e Judith pintou quatro aquarelas mais, uma das quais realmente parecia um cavalo.

Mais tarde Ellie descobriu que supunha ser uma árvore, mas pelo visto não tinha ferido os sentimentos da menina.

De fato, o único teria para pôr a cereja da perfeição sua vida teria sido que Charles se prostrasse a seus pés, beijasse todos e cada um dos dedos e a declarasse seu amor eterno. Entretanto, Ellie tentava não pensar muito no fato de que ele ainda não havia dito que a queria.

E, para ser justos, ela tampouco tinha reunido a coragem suficiente para dizer a ele.

Embora era otimista. Sabia que Charles gostava de sua companhia e ninguém podia duvidar que eram extremamente compatíveis na cama. Só tinha que ganhar seu coração, e não deixava de repetir que jamais tinha fracassado em nada que realmente se propusesse conseguir.

E realmente queria conseguir isto. Inclusive tinha começado a redigir suas próprias listas, embora a mais ativa era: «Como conseguir que Charles se dê conta de que me quer».

Quando não estava pensando em que seu marido ainda não havia dito que a amava ou estava fazendo algo para conseguir que a amasse, dedicava o tempo a revisar as páginas financeiras do periódico. Pela primeira vez em sua vida, tinha o controle sobre suas economias e não queria meter os pés pelas mãos.

Pelo visto, Charles passava o dia procurando formas de levar Ellie à cama. Ela apresentava a resistência justa, e só o fazia porque ele seguia escrevendo listas para coagi-la, embora sempre fossem terrivelmente divertidas.

Uma noite, enquanto ela estava no escritório repassando seus investimentos, Charles lhe apresentou a que mais a frente ela declararia como sua favorita:

CINCO FORMAS PARA QUE Ellie POSSA IR DO ESCRITÓRIO AO QUARTO

1. Caminhar depressa.
2. Caminhar muito depressa.
3. Correr.
4. Sorrir com doçura e pedir a Charles que a leve.
5. Coxeando.

Ellie arqueou as sobrancelhas quando leu o último ponto. Charles se encolheu de ombros.

-Me acabaram as idéias.

-Dá-te conta de que agora terei que subir coxeando, não é?

-Eu adoraria te levar nos braços.

-Não, não. jogou a luva. Não tenho outra opção. Devo subir à coxeando ou perderei minha honra para sempre.

-Mmm, sim -disse ele esfregando o queixo pensativo. Entendo.

-Embora se vê que perco o equilíbrio, tome a liberdade de me ajudar a apoiar os pés.

-Melhor dizendo, o pé.

Ellie tentou assentir com elegância, mas o pícaro sorriso que desenhou arruinou o efeito. levantou-se, foi coxeando até a porta, virou-se para seu marido e perguntou:

-Fica permitido mudar de perna?

Ele meneou a cabeça.

-Não seria uma coxear decente.

-É obvio -murmurou ela-. Mmm. Pode ser que precise me apoiar em ti de vez em quando.

Ele cruzou o quarto e abriu a porta.

-Será um prazer te ajudar no que for.

-Pode que precise me apoiar muito em ti de vez em quando. A expressão de Charles ficava a meio caminho entre um sorriso e um olhar lascivo.

-Será um prazer ainda maior.

Ellie avançou pelo corredor, mudou de pé quando acreditava que Charles não a olhava e perdeu o equilíbrio quando passou do tapete ao chão nu. Agitou os braços no ar e gritou rindo enquanto tentava se manter de pé. Charles foi a seu lado e colocou seu braço em cima dos ombros.

-Assim é melhor? -perguntou muito sério.

-Muito melhor -ela seguiu avançando.

-É seu castigo por mudar de pé.

-Nunca faria algo assim -mentiu ela.

-Já-disse com uma expressão de «não pode me enganar»-. Tome cuidado ao virar a esquina.

-Nunca me ocorreria... OH! -gritou quando se golpeou contra a parede.

-Vá, vá. Isso tem um preço.

-Seriamente? -perguntou muito interessada-. Qual?

-Um beijo. Possivelmente dois.

-Só aceito se forem três.

Ele suspirou.

-Sabe como conseguir o que quer, milady.

Ela se levantou sobre a ponta do pé e lhe deu um beijo no nariz.

-Um.

-Parece que esse só conta como meio. Deu-lhe um beijo nos lábios, mostrando a língua para brincar com o canto de seus lábios.

-Dois.

-E o terceiro?

-Não haveria terceiro se não soubesse como conseguir o que quero -assinalou ela.

-Já, mas agora o espero, assim será melhor que seja bom.

Ellie desenhou um lento sorriso diante daquele desafio.

-É uma sorte -murmurou- que tenha aprendido tanto sobre beijos nesta semana.

-Uma sorte para mim -respondeu ele sorrindo enquanto lhe atraía a cabeça para baixo. O beijo foi quente e apaixonado, e ele o sentiu em cada nervo do corpo. Principalmente o sentiu entre as pernas, que começou a endurecer de tal forma que teve que separar-se dela e dizer-: Será melhor que suba depressa.

Ellie riu e avançaram mancando, saltaram, tropeçaram e correram pelo corredor. Quando chegaram à escada, riam com tanta vontade que ela tropeçou e caiu de costas sobre o último degrau.

-Ai! -exclamou.

-Está bem?

Ambos se voltaram envergonhados para Helen, que estava no salão com Cordelia, olhando-os intrigada.

-Ellie, parecia que estava coxa -disse-. E logo parecia que...-Bom, francamente, não sei o que parecia.

Ellie ruborizou.

-Ele... eh... eu... eh...

Charles nem se incomodou em tentar explicá-lo.

Helen sorriu.

-Entendo perfeitamente. Vamos, Cordelia. Acredito que nossos recém casados querem intimidade.

-Recém casados... uf! -espetou a mulher-. Se quer saber minha opinião, acho que se comportam como um casal de pássaros desenquadrados.

Ellie observou como a senhora mais velha saía do salão, seguida de Helen.

-Bom, ao menos não está gritando «fogo» cada cinco minutos.

Charles piscou.

-Tem razão. Acho que os incidentes da cozinha lhe tiraram o fogo da cabeça.

-Graças a Deus.

-Por desgrça, ou possivelmente por sorte, dependendo de como o olhe, não me aconteceu o mesmo.

-Não te entendo.

-Quero dizer -disse ele, arrastando as palavras-, que estou ardendo.

Os olhos e a boca de Ellie desenharam três oes perfeitos.

-Assim será melhor que suba seu corpo até o quarto antes de que te viole aqui mesmo.

Ela sorriu com picardia.

-Seria capaz?

Ele se inclinou para frente e, de repente, parecia o libertino que diziam que era.

-Eu não ofereceria nenhuma provocação, milady, a menos que esteja disposta a fazer frente às conseqüências.

Ellie se levantou e pôs-se a correr. Charles a seguiu, agradecido que sua mulher tivesse decidido deslocar-se com os dois pés.

Várias horas depois, Ellie e Charles estavam na cama, apoiados em várias almofadas enquanto saboreavam um delicioso jantar que tinham mandado subir ao quarto. Nenhum dos dois estava em condições de aparecer na cozinha.

-Codorna? -perguntou Charles, segurando uma peça.

Ellie comeu diretamente de seus dedos.

-Mmm. Deliciosa.

-Aspargos?

-Vou acabar ficando muito gorda.

-Seguirá sendo bela -colocou a ponta do aspargo entre os lábios.

Ellie mastigou e suspirou satisfeita.

-Monsieur Belmont é um gênio.

-Por isso o contratei. Toma, prova um pouco de pato assado. Prometo que você adorará.

-Não, não, basta. Não posso comer nada mais.

-Ah, é uma covarde -burlou-se Charles, com o prato e a colher na mão-. Não pode se deter agora. Tento te converter em uma pessoa licenciada. Além disso, monsieur Belmont lhe fará um manha de criança se não comer o creme. São sua obra mestra.

-Não sabia que os cozinheiros tivessem obra de arte.

Ele desenhou um sedutor sorriso.

-Confie em mim.

-De acordo, cedo. Provarei um pedacinho -abriu a boca e deixou que Charles lhe desse uma colherada de creme-. Mãe de Deus! -exclamou-. Estão divinas.

-Imagino que irá querer um pouco mais.

-Se não me der outra colherada, o matarei.

-E o diz com rosto séria -disse com admiração.

Ela lançou um olhar de relance.

-Não brinco.

-Toma, o prato inteiro. Odeio me interpor entre uma mulher e sua comida.

Ellie fez uma pausa em seu processo de devorar até a última gota de creme para dizer:

-Normalmente, ofenderia-me por esse comentário, mas estou em um estado muito sublime para fazê-lo agora mesmo.

-Não quero especular sobre se esse estado sublime se deve a minha destreza e resistência masculinas ou a uma singela bandeja de creme.

-Não penso te responder. Não quis ferir seus sentimentos. Ele pôs os olhos em branco.

-É muito amável.

-Por favor, diga a monsieur Belmont que faça creme mais freqüentemente.

-Cada semana. É minha sobremesa favorita.

Ellie fez uma pausa, com a colher na boca.

-OH -disse com uma expressão de culpabilidade-. Creio que deveria compartilhar contigo.

-Não se preocupe. Comerei- esta torta de morango -comeu um pedaço-. Diria que monsieur Belmont quer um aumento.

-Por que o diz?

-A torta de morango não é sua favorita? É incrivelmente amável de sua parte ter preparado nossas duas sobremesas preferidas. Ellie adotou uma expressão séria.

-Por que está tão séria, de repente? -perguntou Charles enquanto lambia um pouco de morango dos lábios.

-Estou frente a um dilema moral muito grave.

Ele olhou a seu redor.

-Eu não vejo nenhum.

-Será melhor que coma o resto do creme -disse Ellie enquanto lhe oferecia a bandeja, onde ficava um terço. Me sentirei culpada durante semanas se não as compartilhar.

Ele sorriu.

-Já sabia que me casar com a filha do vigário teria seus benefícios.

-Sei -suspirou ela-. Nunca fui capaz de ignorar alguém necessitado.

Charles meteu uma colherada de creme na boca com um entusiasmo considerável.

-Não sei se isto seria estar necessitado, mas pretendo pensar que o faço por seu bem.

-Os sacrifícios que alguém tem que fazer por sua mulher -disse ela entre dentes.

-Toma, acabe a torta de morango.

-Não poderia -respondeu ela com uma mão levantada-. Parece um sacrilégio depois do creme.

Ele se encolheu de ombros.

-Como queira.

-Além disso, sinto-me um pouco estranha.

Charles deixou o mingau e a olhou. Piscava muito depressa e tinha a pele de um estranho tom apagado.

-Não tem bom aspecto.

-OH, Meu Deus -queixou-se, aferrando-se ao estômago enquanto adotava uma postura fetal.

Ele retirou os pratos da cama.

-Ellie? Querida?

Ela não respondeu; só choramingou enquanto tentava formar uma bola com o corpo. Tinha as sobrancelhas empapadas em suor e respirava de forma entrecortada.

Charles entrou em pânico. Ellie, que fazia alguns segundos estava rindo e brincando, parecia como se estivesse..., como se... Deus Santo, parecia que estava morrendo.

Lhe fez um nó na garganta, cruzou o quarto e puxou o sino. Depois correu até a porta, a abriu e gritou:

-Cordelia!

Sua tia estava um pouco louca, mas sabia um par de coisas sobre enfermidades e como as curar, e a Charles não ocorria outra coisa a fazer.

-Ellie -disse, com urgência, enquanto corria a seu lado-. O que houve? Por favor, me diga algo.

-São como espadas ardendo -disse ela com os olhos fechados pela dor-. Espadas ardendo na tripa. meu Deus, Meu Deus. Faça-as desaparecer.

Charles tragou saliva, assustado, e aproximou uma mão do estômago, que também estava revoltado. Atribuiu ao terror; estava claro que não estava ocorrendo pela mesma agonia que sua mulher.

-Oooh! -gritou Ellie, que começou a ter convulsões.

Charles se levantou e correu para a porta.

-Que venha alguém agora mesmo! -gritou, justo quando Cordelia e Helen apareceram correndo pela esquina.

-O que está acontecendo? -perguntou Helen sem fôlego.

-É Ellie. Está doente. Não sei o que há . Estava bem e de repente...

Aproximaram-se da cama. Cordelia jogou uma olhada à patética postura de Ellie e disse:

-Envenenaram-na.

-O que? -perguntou Helen horrorizada.

-Isso é absurdo -disse Charles ao mesmo tempo.

-Já vi antes -disse Cordelia-. Envenenaram-na. Estou certa.

-O que podemos fazer? -perguntou Helen.

-Teremos que limpá-la. Charles, traga-a ao lavabo. Ele olhou sua tia com receio. Fazia bem confiando a saúde de sua mulher a uma anciã que estava um pouco senil? Mas não sabia que outra coisa fazer e, embora Ellie não estivesse envenenada, a sugestão de Cordelia tinha sentido. Estava claro que tinha que lhe tirar o que havia no estômago.

Pegou Ellie tentando que os gritos de agonia não lhe afetassem. Ela se revolveu com violência em seus braços e seus espasmos faziam Charles estremecer.

Olhou Cordelia.

-Creio que está piorando.

-Ande pressa!

Correu até o lavabo e afastou o cabelo de Ellie do rosto.

-Chisss, querida, tudo ficará bem -sussurrou.

Cordelia segurou uma pluma.

-Abra a boca.

-Que demônios vai fazer com isso?

-Faça o que te digo.

Charles abriu a boca de Ellie e observou horrorizado como Cordelia colocava a pluma pela garganta de sua mulher. Ellie teve várias ânsias antes de vomitar.

Por um instante, ele afastou o olhar. Não pôde evitá-lo.

-Já está?

Cordelia o ignorou.

-Uma vez mais, Eleanor -disse-. É uma garota muito forte. Pode fazê-lo. Helen, traz algo para que lave a boca quando tiver terminado.

Voltou a lhe colocar a pluma na garganta e Ellie expulsou os últimos restos de seu estômago.

-Isso -disse Cordelia. Pegou o copo de água que Helen tinha na mão e o aproximou da boca de Ellie-. Enxágüe e cospe-o.

A jovem quase não podia cuspir e deixou que a gravidade esvaziasse a água da boca.

-Não me obrigue a voltar a fazê-lo -suplicou.

-Ao menos fala -disse Cordelia-. É um bom sinal.

Charles esperava que tivesse razão, porque nunca tinha visto ninguém tão pálido como Ellie estava nesse instante. Deixou que Helen limpasse a boca com um pedaço de pano úmido e em seguida a devolveu à cama.

Sua prima pegou a bacia com mãos tremulas e disse: -Farei com que alguém se encarregue disto -e saiu correndo do quarto.

Charles pegou a mão de Ellie, virou-se para Cordelia e perguntou:

-Não pensa que a tenham envenenado, não é?

Sua tia assentiu com força.

-O que comeu? Algo que você não tenha provado?

-Não, exceto pelas...

-As o que?

-O creme, mas eu também o provei.

-Já. E como se encontra?

Charles ficou olhando alguns segundos enquanto aproximava a mão ao estômago.

-Não muito bem, na verdade.

-Vê?

-Mas o meu não se parece com os dores de Ellie. É uma dor suportável, como se tivesse comido algo em más condições. Nada mais.

-E só as provou?

Charles assentiu, e em seguida empalideceu.

-Ellie comeu quase toda a bandeja -sussurrou-. No mínimo, dois terços.

-Se tivesse comido tudo, certamente estaria morta -disse Cordelia-. Menos mal que decidiu compartilhá-lo.

Ele quase não podia acreditar na ausência de emoção em sua voz quando disse:

-Deve ser envenenamento da comida. É a única explicação.

Cordelia se encolheu de ombros.

-Apostaria todo meu dinheiro.

Ele a olhou com incredulidade.

-É impossível. Quem ia querer fazer algo assim?

-Se quer saber minha opinião, diria que foi Claire -respondeu Cordelia-. Todos sabem o que fez às mãos da condessa.

-Mas aquilo foi um acidente -disse Charles, que se negava a acreditar em sua tia. Claire podia ser travessa, mas nunca faria algo assim-. Além disso, Claire e Ellie fizeram as pazes.

Cordelia se encolheu de ombros outra vez.

-Sim?

Justo então, apareceu Helen, arrastando Claire, que estava chorando.

Charles se virou para sua prima, tentando manter seu olhar livre de qualquer tipo de acusação.

-Não fui eu -choramingou Claire-. Nunca o faria. E sabe. Agora quero Ellie. Nunca lhe faria mal.

Charles queria acreditar. De coração, mas a garota já tinha provocado muitos acidentes.

-Possivelmente é algo que pôs em marcha na semana passada, antes de que Ellie e você arrumassem suas diferenças -disse ele devagar-. Possivelmente esqueceu...

-Não! -gritou Claire-. Não fui eu. Juro.

Helen rodeou os ombros de sua filha com um braço.

-Eu acredito, Charles.

Ele olhou os olhos vermelhos de sua prima e se deu conta de que Helen tinha razão. A garota dizia a verdade e ele se sentia um canalha por ter duvidado dela, embora só fosse um segundo. Claire podia não ser perfeita, mas nunca envenenaria ninguém. Suspirou.

-Certamente, foi só um acidente. Possivelmente monsieur Belmont utilizou leite azedo para o creme.

-Azedo? -repetiu Cordelia-. Para lhe fazer tanto dano, teria que estar quase podre.

Charles sabia que tinha razão. Ellie se havia ficado doente de repente. Era possível que aquelas convulsões fossem consequência de algo tão benigno como o leite azedo? Mas que outra coisa podia ser? Quem ia querer envenenar sua mulher?

Helen deu um passo à frente e acariciou o braço de Charles com a mão.

-Quer que fique com ela?

Ele não respondeu em seguida, porque ainda seguia perdido em seus pensamentos.

-Perdoa, o que? Não. Não, ficarei eu.

Helen inclinou a cabeça.

-De acordo. Mas, se necessitar ajuda...

Charles ao final centrou o olhar em sua prima e lhe dedicou toda sua atenção.

-Agradeço isso, Helen. Pode ser que tome a palavra.

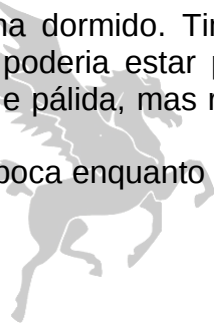
-Não duvide em despertar -disse. E em seguida levou sua filha pela mão e se dirigiu para a porta-. Vamos, Claire. Ellie não poderá descansar com tanta gente ao redor.

Cordelia também se dirigiu para a porta.

-Voltarei em uma hora para ver como está -disse-. Mas parece que superou o pior.

Charles olhou sua mulher, que tinha dormido. Tinha melhor aspecto que fazia dez minutos, mas isso não era muito; só poderia estar pior se tivesse começado a cuspir sangue. Ainda tinha a pele translúcida e pálida, mas respirava a um ritmo normal e, pelo visto, não tinha mais dores.

Pegou-lhe a mão e a aproximou da boca enquanto sussurrava uma oração. Ia ser uma noite muito longa.



CAPÍTULO 20

Ao meio dia do dia seguinte, Ellie já quase tinha recuperado a cor normal e para Charles ficou claro que seu percalço com a comida envenenada não lhe deixaria seqüelas. Cordelia estava de acordo, mas tinha ordenado que lhe desse pedaços de pão para absorver qualquer resto de veneno que pudesse ficar no estômago.

Charles seguiu o conselho a estritamente e, na hora do jantar, Ellie estava tão farta que suplicava que não a obrigasse a comer mais pão.

-Outro pedaço não -choramingou-. Revolve-me o estômago.

-Tudo te revolverá o estômago -respondeu ele com um tom de voz próprio de uma mãe. Fazia dias que tinha aprendido que Ellie respondia melhor a um discurso direto.

Ela gemeu.

-Então, não me faça comer. -Devo fazê-lo. Ajudará a absorver o veneno. -Mas se só foi leite em mal estado. Seguro que já não fica nenhuma gota no estômago.

-Leite em mal estado, ovos passados... Não há forma de saber o que provocou o ataque -olhou-a com um olhar estranho-. Só sei que ontem à noite parecia que ia morrer.

Ellie não disse nada. Ontem à noite sentiu que ia morrer.

-Está bem -disse devagar-. Me dê outro pedaço de pão.

Charles lhe deu uma fatia.

-Acho que Cordelia tinha razão. Parece mais ativa desde que começou a comer pão.

-E Cordelia parece grandemente mais lúcida desde meu desgraçado envenenamento. Ele a olhou pensativo.

-Acho que Cordelia só necessitava de alguém que a escutasse de vez em quando.

-E falando de pessoa que quiser que a escutem de vez em quando... -disse Ellie enquanto fazia um movimento com a cabeça para a porta.

-Boa noite, Ellie! -exclamou Judith, muito contente-. dormiu todo o dia.

-Sei. Sou uma preguiçosa, não acha?

A menina se encolheu de ombros.

-Te fiz um desenho.

-É maravilhoso! -exclamou Ellie-. É um delicado... delicado... -olhou Charles, que não lhe serviu de grande ajuda- coelho?

-Exato.

Ellie suspirou aliviada.

-Vi um no jardim. Pensei que você gostaria das orelhas.

-Eu adoro. Eu adoro as orelhas dos coelhos. São muito pontiagudas.

Judith ficou séria.

-Mamãe me disse que bebeu leite em mal estado.

-Sim, e temo que me caiu muito mal.

-Deve cheirar sempre o leite antes de beber. -disse a menina-. Sempre.

-A partir de agora o farei -Ellie acariciou a mão da pequena-. Agradeço o conselho.

Judith assentiu.

-Eu sempre dou bons conselhos. Ellie riu.

-Vêem aqui, tesouro, e me dê um abraço. Será o melhor remédio do dia.

Judith subiu à cama e abraçou Ellie.

-Quer que te dê um beijo?

-Claro.

-Ficará melhor -disse a menina enquanto lhe dava um sonoro beijo na bochecha-. Possivelmente não em seguida, mas já verá.

Ellie lhe acariciou o cabelo.

-Com certeza que sim, tesouro. É mais, já me sinto melhor.

Enquanto Charles ficava no canto, observando em silêncio sua mulher e a sua prima, lhe transbordou o coração. Ellie ainda estava se recuperando do pior ataque de comida envenenada que ele tinha visto na vida e lá estava, abraçando sua prima pequena.

Era incrível. Não havia outra forma de descrevê-la e, se isso não bastasse, estava claro que ia ser a melhor mãe que a Inglaterra tinha visto. Que diabos!, se já era a melhor esposa que jamais poderia imaginar.

Notou que seus olhos umedeciam suspeitamente e, de repente, descobriu que tinha que dizer que a amava. E tinha que fazê-lo agora, nesse preciso instante. Se não, estava seguro de que seu coração estalaria. Ou lhe ferveria o sangue. Ou possivelmente lhe cairia o cabelo. Só sabia que as palavras «Te amo» lhe subiam pela garganta e tinha que dizer em voz alta. Era algo que não podia seguir mantendo dentro dos limites do coração.

Não estava seguro se o sentimento seria correspondido, embora suspeitasse que, se não o amasse, sentia algo muito próximo ao amor por ele, e isso bastaria por agora. Tinha tempo de sobra para fazer que o amasse. Tinha toda uma vida.

Estava começando a agradecer a eternidade pelo laço do matrimônio.

-Judith -disse de repente-. Tenho que falar com Ellie agora mesmo.

A menina virou a cabeça sem renunciar a seu canto entre os braços de Ellie.

-Pois fala.

-Tenho que falar com ela em privado.

Judith riu de forma vagamente ofendida. Desceu da cama, olhou Charles com altivez e se virou para Ellie:

-Se me necessitar, estarei na sala de jogos.

-Recordarei -respondeu Ellie muito séria.

Judith se dirigiu para a porta, em seguida se virou, correu para Charles e lhe deu um beijo no reverso da mão.

-Porque é um amargurado -disse-, e deveria ser mais doce.

Ele a acariciou o cabelo.

-Obrigado, tesouro. Tentarei fazê-lo.

Judith sorriu e saiu correndo do quarto, cuja porta fechou de uma portada. Ellie olhou Charles.

-Parece muito sério.

-Estou -espetou com uma voz que, a seus próprios ouvidos, soou curiosa. Maldição, parecia um jovem inexperiente. Não sabia por que estava tão nervoso. Estava claro que ela sentia algum tipo de afeto por ele. Mas é que nunca havia dito «Te amo».

É mais, nunca teria imaginado que, de entre toda as pessoas, ia se apaixonar por sua mulher. Respirou fundo.

-Ellie... -começou a dizer.

-Alguém mais adoeceu? -perguntou ela com preocupação-. o creme...

-Não! Não é isso. É que tenho que te dizer algo e... -adotou uma expressão incrivelmente vergonhosa-... e não sei muito bem como fazê-lo.

Ellie mordeu o lábio inferior, com o coração encolhido de repente. Acreditava que seu casamento avançava bastante bem, e agora parecia que Charles ia pedir lhe o divórcio. Embora fosse absurdo, porque um homem na posição de Charles nunca pediria o divórcio, mas Ellie estava igualmente preocupada.

-Quando nos casamos -começou-, tinha certas noções sobre o que queria do casamento.

-Sei -interrompeu Ellie, cada vez mais assustada. As tinha deixado muito claras e, por um momento, seu coração deixou de pulsar-. Mas, se o pensar, verá que...

Charles elevou uma mão.

-Por favor, me deixe terminar. Isto é muito difícil para mim.

Para ela também, pensou com tristeza, e mais quando ele não a deixava expressar-se.

-O que tento dizer é... Maldição! -passou a mão pelo cabelo-. Isto é mais difícil do que pensava.

«Me alegre», pensou ela. Se ia quebrar o coração, preferia que não resultasse fácil.

-O que tento dizer é que estava equivocado. Não quero uma esposa que...

-Não quer uma esposa? -interrompeu ela.

-Não! -virtualmente gritou ele. E logo continuou em um tom mais normal-. Não quero uma esposa que afaste o olhar se a engano.

-Quer que o veja?

-Não, quero que se enfureça.

A estas alturas, Ellie já estava a beira das lágrimas.

-Quer, deliberadamente, que me zangue? me ferir?

-Não. Meu Deus, entendeu tudo errado. Não quero ser infiel. Não vou ser infiel. Só quero que me queira tanto que, se o fizesse, e repito que não vou fazer o, queria me pendurar na parede e me esquartejar.

Ellie o olhou enquanto digería suas palavras.

-Entendo.

-Entende-o? De verdade? Porque o que estou dizendo é que te amo, e embora espere que sinta o mesmo, é perfeitamente normal se ainda não o faz. Mas necessito que me diga que posso ter esperanças, que começa a sentir carinho por mim, que...

Ellie emitiu uma espécie de som afogado e se cobriu o rosto com as mãos. sacudia-se com tanta força que Charles não sabia o que pensar.

-Ellie? -perguntou com urgência-. Ellie, meu amor, me diga algo. fale, por favor.

-OH, Charles -conseguiu dizer por fim ela-. É idiota.

Ele retrocedeu, com o coração e a alma doloridas como jamais teria acreditado ser possível.

-Claro que te amo. Só me falta levar escrito na testa.

Ele ficou boquiaberto.

-Me ama?

-Sim -lhe custou entendê-la, porque respondeu entre risadas e lágrimas.

-Já imaginava -disse ele, adotando sua expressão de libertino preferida-. Na realidade, nunca tive problemas com as mulheres e...

-Se cale! -disse ela, e lhe lançou o travesseiro-. Não estrague este momento perfeito fingindo que tinha planejado tudo.

-Como? -arqueou uma sobrancelha-. E o que deveria fazer? fui um libertino toda a vida. Agora que me reformei não sei muito bem o que fazer.

-O que deveria fazer -disse Ellie com um sorriso invadindo seu ser é vir aqui e me dar um abraço. O maior que tenha dado na vida.

Ele se aproximou da cama e se sentou a seu lado.

-E em seguida -acrescentou ela com o sorriso agora desenhado no rosto, nos olhos, e inclusive no cabelo e os dedos dos pés-, deveria me dar um beijo.

Ele se inclinou para frente e lhe deu um suave beijo nos lábios.

-Assim?

Ela meneou a cabeça.

-Foi muito insosso, e se esqueceu que me abraçar primeiro.

Ele a tomou entre os braços e a sentou sobre seu regaço. -Se pudesse, a teria assim sempre -sussurrou.

-Mais perto.

Ele riu.

-Seu estômago... Não quero...

-Meu estômago está muito recuperado -suspirou ela-. Será o poder do amor.

-De verdade acha? -perguntou ele rindo.

Ela fez uma careta.

-É o mais sensível que disse alguma vez, não?

-Certamente, não faz tanto que te conheço para poder afirmá-lo, mas, tendo em conta seu discurso sincero, atrevera a dizer que sim.

-Bom, não me importa. É o que sinto -abraçou-o e o apertou com força-. Não sei como aconteceu, porque nunca pensei que me apaixonaria por ti, mas o fiz, e tenho o estômago melhor, assim bem-vindo seja o amor.

Em seus braços, Charles se sacudiu da risada.

-Supõe-se que o amor tem que ser tão divertido? -perguntou Ellie.

-Duvido-o, mas não penso em me queixar.

-Pensava que teria que me sentir torturada, e agonizar e tudo isso.

Ele pegou o rosto entre as mãos e a olhou muito sério:

-Desde que se converteu em minha esposa, queimou as mãos, a envenenaram e não penso começar com a lista dos ataques de Claire contra ti. Parece que já saldaste suas dívidas com o reino da tortura e a agonia.

-Na realidade, agonizei e me senti torturada em algum momento -admitiu.

-De verdade? Quando?

-Quando me dei conta de que te amava.

-Tão insuportável era a idéia? -burlou ele.

Ela olhou as mãos.

-Lembro aquela horrível lista que escreveu antes de que nos casássemos, onde dizia que queria uma esposa que olhasse ao outro lado quando a enganasse.

Ele grunhiu.

-Estava louco. Não, não estava louco. Era um estúpido. E não te conhecia.

-Só podia pensar que nunca poderia ser a esposa passiva e transigente que queria, e o muito que me doeria se fosse infiel -meneou a cabeça-. Juraria que ouvi como me partia o coração.

-Isso nunca acontecerá -assegurou. E em seguida adotou uma expressão suspeita-. Espera um segundo. Por que só agonizou um momento? Creio que a ideia de que te pudesse ser infiel mereceria, no mínimo, um dia inteiro de tristeza.

Ellie riu.

-Só agonizei até que lembrei quem era. Verá, sempre fui capaz de conseguir o que persegui com esforço. Assim decidi me esforçar por ti.

Aquelas palavras não eram poesia, mas o coração de Charles se elevou igualmente.

-Ah! -exclamou ela de repente-. Inclusive fiz uma lista.

-Tentando me vencer em meu próprio jogo, eh?

-Tentando as vontades de seu coração em seu próprio jogo. Está na primeira gaveta de minha mesa. vá procurar para que eu leia isso.

Charles saltou da cama, estranhamente emocionado de que ela tivesse feito seu o costume de escrever listas.

-A leio para mim ou quer lê-la em voz alta? -perguntou ele.

-Não, já posso... -de repente, ficou imóvel e se ruborizou-. De fato, pode lê-la você sozinho. Em silêncio.

Charles encontrou a lista e voltou a seu lado. Se tinha escrito algo tão atrevido que lhe dava vergonha lê-lo em voz alta, a coisa prometia. Olhou sua delicada letra e as frases numeradas e decidiu torturá-la. Deu-lhe a lista e disse:

-Creio que deveria lê-la você. Ao fim e ao cabo, é sua primeira lista.

Ela ruborizou ainda mais, algo que Charles acreditava impensável, embora lhe resultou entretido.

-Mas não ria de mim.

-Não faço promessas que não posso cumprir.

-Desconsiderado.

Charles se reclinou nos travesseiros, dobrou os braços e apoiou a cabeça nas mãos.

-Começa.

Ellie clareou a garganta.

-A lista se titula: «Como conseguir que Charles se dê conta de que me quer».

-Embora pareça surpreendente, o muito imbecil se deu conta ele mesmo.

-Sim -disse Ellie-, o imbecil o fez.

Charles conteve uma risada.

-Não voltarei a te interromper.

-Acreditava que havia dito que não fazia promessas que não podia cumprir.

-Tentarei não voltar a te interromper -corrigiu.

Ela o olhou com incredulidade e leu:

-«Número um: impressioná-lo com minha visão para os negócios.»

-Impressionou-me desde o começo.

-«Número dois: lhe demonstrar quão bem posso levar a casa.»

Ele coçou a cabeça.

-Embora aprecio muito os aspectos mais práticos de sua personalidade, estas sugestões não são muito românticas.

-Ainda estava esquentando -explicou ela-. Demorei um pouco em descobrir o verdadeiro espírito da lista. Sigamos. «Número três: que a senhora Smithson me envie mais lingerie.»

-Essa sugestão a aprovo sem reservas.

Ela o olhou de esguelha, sem quase não mover a cabeça da direção da lista que tinha nas mãos.

-Acreditava que não fosse me interromper.

-Disse que tentaria, e isso não pode considerar uma interrupção. Já tinha terminado a frase.

-Sua habilidade verbal me maravilha.

-Estou encantado de ouvi-lo.

-«Número quatro: me assegurar de que se dá conta de quão boa sou com Judith para que pense que serei uma boa mãe» -virou-se para ele com o rosto de preocupação-. Não quero que pense que é a única razão pela qual passo tempo com Judith. Amo-a muito.

Ele colocou a mão em cima da sua.

-Sei disso. E sei que será uma mãe soberba. Só de pensar me derrete o coração.

Ela sorriu, sentindo uma ridícula satisfação diante de tal adulação.

-Você também será um pai excelente. Estou convencida.

-Devo confessar que nunca tinha pensado mais à frente do singelo fato de que necessitaria um herdeiro, mas agora... -lhe borrou ligeiramente a vista-. Agora sei que há algo mais. Algo incrível e maravilhoso.

Ela se encostou nele.

-OH, Charles. Estou tão contente de que caísse daquela árvore.

Ele sorriu.

-E eu estou feliz de que estivesse debaixo. Está claro que tenho boa pontaria.

-E muita modéstia.

-Leia o último ponto da lista, por favor. As bochechas de Ellie ficaram rosadas.

-Ah, não é nada. Além disso dá igual, posto que já não necessito que te dê conta de que me quer. Como disse, descobriu você mesmo.

-Leia, mulher, ou te atarei à cama.

Ela ficou boquiaberta e emitiu um estranho som afogado.

-Não me olhe assim. Não te ataria muito forte.

-Charles!

Ele pôs os olhos em branco.

-Imagino que não sabe destas coisas.

-Não, não é isso. Eu... eh... possivelmente deveria lê-lo você -lançou o papel.

Ele baixou o olhar e leu:

-“Número cinco: atá-lo à...” -pôs-se a rir de forma escandalosa antes de nem sequer chegar ao c de cama.

-Não é o que pensa!

-Querida, se souber o que penso, é que não é tão inocente como imaginava.

-Bom, certamente não é ao que se referia quando disse... Disse que pares de rir!

Pode ser que lhe tivesse respondido, mas era complicado adivinhá-lo entre tantas gargalhadas.

-Só queria dizer -resmungou ela- que parece bastante apaixonado por mim quando estamos... já sabe... e pensava que se pudesse te manter aqui...

Charles lhe ofereceu seus pulsos.

-Sou teu para que me ate, milady.

-Falava metaforicamente!

-Sei -disse ele com um suspiro-. Uma lástima.

Ela tentou não rir.

-Deveria proibir estas conversas...

-Mas se o digo com carinho -disse ele com um sorriso de libertino.

-Charles?

-Me diga.

-O estômago...

Ele ficou sério de repente.

-O que?

-Parece que já está bastante bem.

Ele falou muito devagar.

-E com isso quer dizer...?

Ela sorriu devagar e sedutora.

-Exatamente o que pensa. E esta vez, sim sei o que está pensando. Sou muito menos inocente que faz uma semana. Ele se inclinou e a beijou com paixão.

-Graças a Deus.

Ellie o abraçou, encantada de sentir o calor de seu corpo.

-Ontem à noite senti sua falta -disse entre dentes.

-Ontem à noite nem sequer estava consciente -respondeu ele enquanto se separava dela-. E vai ter que ter saudades um pouco mais.

-O que?

Ele se afastou e ficou de pé junto à cama.

-De verdade acha que sou tão animal para me aproveitar de ti nestas condições?

-Na realidade, tinha pensado que eu poderia me aproveitar de ti -disse ela muito devagar.

-Tinha medo de que falhasse como marido porque não poderia controlar meus instintos mais básicos -explicou ele-. Se isto não supuser uma excelente demonstração de controle, não sei o que tenho que fazer.

-Mas não tem que controlá-los comigo.

-Dá igual. Terá que esperar alguns dias.

-É um insensível.

-Só está frustrada, Ellie. Superará. Ela cruzou os braços e o olhou.

-Diga o Judith que volte. Acho que preferia sua companhia.

Ele riu.

-Amo-te.

-Eu também. E agora vá, antes de que te atire algo.

CAPÍTULO 21

O temporário voto de abstinência de Charles só foi isso, temporário, e cedo Ellie e ele voltaram para seus hábitos de recém casados.

Entretanto, também tinham suas tarefas independentes e um dia, enquanto ela olhava as páginas de economia do periódico, Charles decidiu dar uma volta a cavalo pela propriedade. Fazia um dia extraordinariamente quente e quis aproveitar a luz do sol antes que começasse a fazer muito frio para os longos passeios. Teria gostado de levar Ellie, mas ela não sabia montar e se negava terminantemente a começar as aulas até a primavera, quando faria mais calor e o chão não estaria tão duro.

-É certo que cairei várias vezes -explicou-, assim prefiro fazê-lo com o chão verde e macio.

Enquanto montava, Charles recordou a conversa, riu e saiu ao trote. Sua mulher era muito prática. Era uma das coisas que mais gostava nela.

Pelo visto, aqueles dias sua mente estava constantemente ocupada com Ellie. Começava a dar vergonha a frequência com que tinham que estalar os dedos frente a seu rosto porque tinha o olhar perdido. Não podia evitá-lo. Se começasse a pensar nela, lhe desenhava um estúpido sorriso na cara e suspirava como um idiota.

Se perguntou se a felicidade do amor verdadeiro desaparecia algum dia. Esperava que não.

Quando chegou ao final do caminho, tinha recordado três comentários graciosos que Ellie fez a noite anterior, tinha recordado quando ela havia dado um abraço em Judith e tinha fantasiado com o que ia fazer aquela noite na cama.

Aquela última forma de sonhar acordado fazia arder o sangue e deixou seus reflexos um pouco adormecidos, e por isso provavelmente não notou em seguida que seu cavalo estava nervoso.

-Tranquilo, Whistler. Tranquilo, menino -disse enquanto esticava as rédeas. Entretanto, o animal não lhe fez caso e soprou de medo e dor-. O que ocorre? -inclinou-se para lhe acariciar o pescoço. Não funcionou e, em poucos instantes, Charles estava lutando por manter-se sentado-. Whistler! Whistler! Tranquilo, menino.

Nada. Charles tinha as rédeas na mão e, após um segundo, estava voando pelos ares sem nem mesmo ter tempo para dizer «Maldição» antes de cair, com um golpe seco, sobre o tornozelo direito, o mesmo que havia machucado no dia que havia conhecido Ellie.

E logo repetiu «Maldição!» várias vezes mais. O impropério não lhe ajudou a acalmar a dor que subia pela perna, nem a apaziguar seu aborrecimento, mas seguiu gritando de todas formas.

Whistler relinchou uma última vez e saiu a galope para Wycombe Abbey, deixando Charles para trás, com um tornozelo que suspeitava que não poderia suportar nenhum peso.

Murmurando uma surpreendente variedade de impropérios, ficou de quatro e engatinhou até a base de uma árvore próxima, onde se sentou apoiado no tronco e continuou amaldiçoando. Tocou o tornozelo por cima da bota e não se surpreendeu descobrir que estava inchando a toda velocidade. Tentou tirar a bota, mas doía muito. Teria que cortá-la. Outro par de botas boas ao lixo.

Grunhiu, agarrou um pau que poderia servir de bengala e começou a coxear para casa. O tornozelo doía horrores, mas não sabia que outra coisa fazer. Havia dito a Ellie que ficaria fora várias horas, de modo que ninguém notaria sua ausência durante um tempo.

Avançava muito devagar e a um ritmo não muito estável, mas conseguiu chegar ao final do caminho e viu Wycombe Abbey.

E, por sorte, também Ellie, que corria para ele a toda velocidade enquanto gritava seu nome.

-Charles! -exclamou-. Graças a Deus! O que aconteceu? Whistler retornou, está sangrando e... -assim que o alcançou, interrompeu-se para poder buscar ar.

-Whistler está sangrando? -perguntou ele.

-Sim. O moço não está seguro do por que, e eu não sabia o que havia acontecido e... O que te aconteceu?

-Whistler me jogou ao chão. Torci o tornozelo.

-Outra vez?

Ele baixou o olhar, zangado, para seu pé direito.

-O mesmo. Imagino que ainda estava fraco pela lesão anterior.

-Dói?

Olhou-a como se fosse tola.

-Muitíssimo.

-Ah, sim, creio que sim. Venha, se apóie em mim e voltaremos para casa juntos.

Charles a rodeou nos ombros com o braço e serviu de seu peso para apoiar-se e caminhar até sua casa.

-Por que tenho a sensação de estar revivendo um pesadelo? -perguntou-se em voz alta.

Ellie riu.

-Sim, já o fizemos antes, não? Mas não sei se lembrar que se não tivesse torcido o tornozelo a primeira vez nos não teríamos nos conhecido. No mínimo, não teria me pedido que se casasse contigo se não tivesse lhe curado com tanto amor e ternura.

-Amor e ternura? -riu ele, irônico-. Se praticamente jogava fogo pelas ventas.

-Sim, bom, não podíamos permitir que o paciente sentisse lástima por si mesmo, não é?

Quando se aproximaram da casa, Charles disse:

-Quero ir aos estábulos para ver por que Whistler está sangrando.

-Poderá ir quando te curar.

-Me cure nos estábulos. Estou seguro de que alguém terá uma faca para cortar a bota.

Ellie grunhiu e se deteve em seco.

-Insisto em que vá à casa, onde posso te atender em condições e ver se quebrou algum osso.

-Não quebrei nada.

-Como sabe?

-Já quebrei ossos antes. Sei o que se sente -tentou puxá-la para dirigir-se aos estábulos, mas não conseguiu movê-la-. Ellie, vamos -grunhiu.

-Descobrirá que sou mais teimosa do que pensa.

-Se for verdade, vou ter problemas -disse ele entre dentes.

-E isso o que significa?

-Significa que diria que é mais teimosa que uma mula, mas estaria insultando à mula.

Ellie se tornou para trás e o deixou cair no chão.

-Como se atreve?

-OH, pelo amor de Deus -resmungou ele enquanto esfregava o cotovelo sobre o qual tinha aterrissado-. vai me ajudar a chegar aos estábulos ou terei que me arrastar?

A resposta de Ellie foi dar meia volta e dirigir-se para Wycombe Abbey.

-Maldita mulher, teimosa como uma mula -disse entre dentes. Por sorte, ainda tinha a bengala e, após alguns minutos, deixou-se cair em um banco dos estábulos-. Que alguém me traga uma faca! -gritou. Se não tirasse a bota, o pé ia explodir.

Um moço chamado James foi a seu lado e lhe deu uma faca.

-Whistler está sangrando, milord -disse.

-Já sei. -Charles fez uma careta de dor enquanto começava a cortar a pele de seu segundo melhor par de botas. As melhores já haviam sido destruídas por Ellie-. O que lhe aconteceu?

Thomas Leavey, que era o encarregado dos estábulos e, segundo Charles, um dos maiores entendidos em cavalos do país, deu um passo à frente e disse:

-Encontramos isto sob sua cadeira.

O conde conteve a respiração. Na mão, Leavey tinha um prego dobrado e oxidado. Não era muito comprido, mas o peso de Charles na cadeira tinha sido o suficiente para cravá-lo nas costas do animal, lhe provocando uma horrível agonia.

-Quem o selou? -perguntou.

-Eu -respondeu Leavey.

Charles o olhou uns segundos. Sabia que Leavey seria incapaz de fazer dano a um animal, e muito menos a uma pessoa.

-Tem alguma ideia de como pôde acontecer?

-Deixei Whistler sozinho em seu compartimento um ou dois minutos antes de que você viesse. Só me ocorre que alguém entrou e colocou o prego debaixo da cadeira.

-Quem diabos faria algo assim? -perguntou Charles.

Ninguém lhe ofereceu uma resposta.

-Não foi um acidente -disse Leavey ao final-. Isso com certeza. Algo assim não acontece por acidente.

Charles sabia que dizia a verdade. Alguém tinha tentado feri-lo de forma deliberada. Seu sangue gelou. Possivelmente, alguém queria vê-lo morto.

Enquanto digeriria aquela terrível informação, Ellie entrou correndo nos estábulos.

-Sou muito boa pessoa -anunciou a todos em geral.

Os rapazes a olharam sem saber o que responder.

Se aproximou de Charles.

-Me dê a faca -disse-. Me encarrego da bota. Ele a deu sem dizer nada, porque ainda estava consternado pela recente tentativa de assassinato.

Ela se sentou sem muito decoro a seus pés e começou a cortar a bota.

-Da próxima vez que me comparar com uma mula -sussurrou -será melhor que defina com que mula.

Ele nem sequer riu.

-Por que Whistler estava sangrando? -perguntou.

Charles olhou a Leavey e ao James. Não queria que Ellie soubesse que tinham tentado matá-lo. Teria que falar com os dois meninos assim que ela se fosse porque, se dissessem a alguém, sua mulher se inteiraria antes de acabar o dia. No campo, os falatórios voavam.

-Só era um arranhão -disse-. Deve ter se enganchado com alguma galho no caminho de casa.

-Não sei muito de cavalos -disse ela sem levantar a cabeça da bota-, mas me parece estranho. Whistler teve que golpear muito forte para sangrar.

-Eh... Sim, creio que sim.

Ellie tirou a bota.

-Não entendo como pôde enganchar-se com um galho correndo pelo caminho principal ou a entrada da casa. Ambos os caminhos estão muito limpos.

Nessa o pegou. Charles olhou a Leavey para que o ajudasse, mas o responsável pelos estábulos se encolheu de ombros.

Ellie tocou o tornozelo com delicadeza, comprovando o inchaço.

-Além disso -disse-, tem mais sentido que fizesse a ferida antes de te atirar ao chão. Ao fim e ao cabo, sua angústia deve ter alguma explicação. Nunca tinha caído, não?

-Não -respondeu Charles.

Girou o tornozelo para um lado.

-Dói?

-Não.

-E isto? -o girou para o outro lado.

-Não.

-Perfeito -deixou o pé no chão e o olhou-. Acho que está mentindo.

Charles se deu conta de que, por sorte, Leavey e James tinham partido.

-O que aconteceu a Whistler realmente, Charles? -como ele não respondeu em seguida, olhou-o fixamente e acrescentou-: E recorde que sou teimosa como uma mula, assim não ache que vai a algum lugar até que me diga a verdade.

Charles soltou um longo suspiro. Ter uma mulher tão inteligente tinha suas desvantagens. Ellie acabaria descobrindo a história ela mesma. Assim era melhor que a escutasse de seus próprios lábios. Disse a verdade e terminou lhe mostrando o prego que Leavey havia deixado a seu lado no banco.

Ellie retorceu as luvas nas mãos. As tinha tirado antes de começar a cortar a bota, e agora estavam totalmente enrugadas. Depois de uma longa pausa, disse:

-E o que esperava ganhar ocultando isso.

-Só queria te proteger.

-Da verdade? -perguntou com voz aguda.

-Não queria que se preocupasse.

-Não queria me preocupar -desta vez disse com um tom neutro pouco natural-. Não queria me preocupar? -agora lhe pareceu que o tom era um pouco mais estridente-. -Não queria me preocupar? -agora Charles estava seguro de que a metade do pessoal de Wycombe Abbey podia ouvir seus gritos.

-Ellie, meu amor...

-Não tente escapulir me chamando «meu amor» -disse ela, furiosa-. Como se sentiria se eu mentisse a respeito de um algo tão importante? me diga. Como se sentiria?

Charles abriu a boca, mas, antes de que pudesse dizer algo, ela gritou:

-Eu lhe direi isso. Ficaria tão zangado que iria querer me estrangular. Charles disse a si mesmo que, certamente, tinha razão, mas não via que sentido tinha admiti-lo nesse momento.

Ela respirou fundo e pressionou as têmporas com as pontas dos dedos.

-Tranquila, Ellie, tranquila -disse a si mesmo-. se acalme. Matá-lo agora seria contraproducente -levantou o olhar. Vou me controlar porque se trata de uma situação muito grave e séria. Mas não pense que não estou furiosa contigo.

-Tranquila, sei disso.

-Não se faça de gracioso -espetou-. Alguém tentou te matar, e se não averiguar quem é e por que o tem fez, pode acabar morto.

-Sei disso também -respondeu ele com suavidade-, e por isso vou contratar proteção adicional para Helen, para as meninas e para ti.

-Nós não necessitamos proteção! Quem está em perigo é você.

-Eu também tomarei precauções adicionais -assegurou-lhe.

-Meu Deus, isto é horrível. Por que alguém iria querer te matar?

-Não sei, Ellie.

Voltou a esfregar têmporas.

-Dói-me a cabeça.

Ele a puxou pela mão.

-Por que não voltamos para casa?

-Agora não. Estou pensando -disse afastando a mão.

Charles desistiu em sua intenção em seguir os vaivens do processo mental de sua mulher.

Ela virou a cabeça e o olhou.

-Aposto que queriam envenenar você.

-Como diz?

-O creme. Não foi pelo leite estragado. Monsieur Belmont está dias feito uma fúria pelo simples fato de que nos atrevêssemos a mencionar essa possibilidade. Alguém

envenenou o creme, porque queria matar você, não a mim. Todos sabem que é sua sobremesa favorita. Você mesmo me disse isso.

Charles a olhou, aniquilado. -Tem razão.

-Sim, e não me surpreenderia que o acidente que tivemos com a carruagem antes de nos casar também fosse um... Charles? Charles? -Ellie tragou saliva-. Está pálido.

Ele sentiu uma raiva que jamais tinha sentido em sua vida. O fato de que alguém tivesse tentado matá-lo já era muito grave. Mas que Ellie se visse implicada na linha de fogo o fazia ter vontades de esfolar alguém.

Olhou-a como se quisesse gravar-se seus traços na mente.

-Não deixarei que te aconteça nada -prometeu.

-Quer se esquecer de mim por um instante? É a ti que tentam matar.

Transbordado pela emoção, levantou-se e a atraiu para ele, esquecendo-se por completo do tornozelo ferido.

-Ellie, eu... Aaah!

-Charles?

-Maldito tornozelo -murmurou entre dentes-. Nem sequer tenho condições para te beijar. É... Não ria. Ela meneou a cabeça.

-Não me diga que não ria. Alguém tenta te matar. Devo aproveitar as ocasiões que tenha para rir.

-Creio que se o expuser assim...

Ela ofereceu a mão.

-Voltemos para casa. Necessitará algo frio para que o inchaço do tornozelo diminua.

-Como diabos se supõe que devo encontrar o assassino quando nem sequer posso caminhar?

Ellie ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. Sabia como era horrível sentir-se inútil, mas só podia tranquilizá-lo.

-Não pode -disse, simplesmente-. Terá que esperar alguns dias. Enquanto isso, nos concentraremos em manter todo mundo a salvo.

-Não vou ficar olhando enquanto...

-Não ficará olhando -assegurou ela-. Temos que reforçar nossa proteção. Quando tivermos prontas as defesas, o tornozelo estará quase curado. E então poderá... -não pôde evitar estremecer- procurar seu inimigo. Embora oxalá pudesse esperar que ele viesse por ti.

-Como diz?

Deu-lhe várias cotoveladas até que Charles começou a caminhar para a casa.

-Não temos nem a menor ideia de quem é. O melhor é ficar em Wycombe Abbey, onde ficará a salvo, até que ele faça algo.

-Você estava em Wycombe Abbey quando te envenenaram -recordou ele.

-Sei disso. Teremos que reforçar a segurança. Mas a casa é muito mais segura que qualquer outro lugar.

Charles sabia que tinha razão, mas lhe dava raiva ter que ficar sentado sem fazer nada. E, com o tornozelo tão inchado, só poderia sentar-se e não fazer nada. Resmungou algo que se supunha que transmitisse seu assentimento e seguiu coxeando até a casa.

-Por que não vamos pela entrada lateral? -sugeriu Ellie-. Vejamos se a senhora Stubbs pode nos dar um bom pedaço de carne.

-Não tenho fome -grunhiu ele.

-Para o tornozelo.

Ele não disse nada. Odiava se sentir um estúpido.

Ao meio-dia do dia seguinte, Charles se sentiu com um pouco mais de controle sobre a situação. Podia ser que ainda não estivesse bem para perseguir seu inimigo, mas ao menos tinha levado a cabo um trabalho investigativo.

Um interrogatório ao pessoal de cozinha tinha revelado que a última criada que contratada tinha desaparecido misteriosamente na noite do envenenamento de Ellie. Mal fazia uma semana que trabalhava na casa. Ninguém sabia se foi ela quem levou o creme ao quarto de matrimônio, mas ninguém recordava tê-lo feito, assim Charles deu por certo que a garota desaparecida tinha tido tempo de sobra para envenenar a comida.

Mandou seus homens a procurar pela região, mas não se surpreendeu que não encontrassem nem rastro dela. Certamente, devia estar a caminho da Escócia com o ouro que sem dúvida tinham lhe dado para envenená-los.

Charles também estabeleceu novas medidas para proteger sua família. Proibiu expressamente que Judith e Claire saíssem de casa e, se tivesse imaginado que teria êxito, faria o mesmo com Ellie e Helen. Felizmente, as duas mulheres pareciam querer ficar em casa, embora só fosse para entreter Judith e que não se queixasse de que não a deixavam sair para montar seu poney.

Entretanto, não tinham avançado nada na busca da pessoa que havia colocado o prego sob a cadeira de montar de Charles. Aquilo o frustrava bastante e decidiu inspecionar os estábulos ele mesmo para procurar provas. Não disse nada a Ellie, porque só conseguiria preocupá-la. Assim, enquanto estava ocupava tomando o chá com Helen, Claire e Judith, ele pegou seu casaco, o chapéu e a bengala e saiu.

Quando chegou, os estábulos estavam muito tranquilos. Leavey estava fora exercitando um dos garanhões de Charles suspeitava que os rapazes estariam comendo. A solidão veio bem; poderia fazer uma inspeção mais rigorosa sem ninguém observando-o.

Entretanto, e para maior frustração, sua busca não deu novos frutos. Não estava certo do que procurava, mas soube que não havia encontrado nada. Estava se preparando para retornar à casa quando ouviu que alguém entrava pela porta de trás dos estábulos. Certamente, seria Leavey. Charles quis lhe dizer que havia estado dando uma olhada. Havia dado ordens de que vigiasse qualquer coisa que parecesse estar fora de seu lugar, e se ele tinha movido algo, com certeza que o responsável pelos estábulos o veria e se preocuparia.

-Leavey! -gritou-. Sou Billington. vim A... Ouviu um ruído atrás dele. Deu meia volta, mas não viu nada. -Leavey?

Não obteve resposta. Começou a doer o tornozelo, como se quisesse lhe recordar que estava ferido e não podia correr. Outro ruído.

Virou-se, e esta vez viu a culatra de um rifle que se dirigia para sua cabeça.

E em seguida já não viu nada.

CAPÍTULO 22

Ellie não estava segura do que a fez começar a preocupar-se. Nunca tinha se considerado uma pessoa supersticiosa, mas não gostava da forma que o céu começou a ficar nublado. Um medo irracional a arrepiou e, de repente, teve a intensa necessidade de ver Charles.

Entretanto, quando desceu a seu escritório, não o encontrou. Seu o coração parou, mas então viu que a bengala tampouco estava. Se tivessem seqüestrado-o, com certeza não teria pensado em levar também a bengala.

O muito estúpido devia ter saído para investigar.

Mas quando se deu conta de que haviam passado mais de três horas desde a última vez que o tinha visto, começou a ter uma estranha sensação na boca do estômago.

Começou a procurar por toda a casa, mas ninguém da criadagem o tinha visto. Tampouco Helen nem Claire. De fato, a única pessoa que parecia ter uma ligeira idéia de onde podia estar era Judith.

-O vi pela janela -disse a menina.

-De verdade? -perguntou Ellie, que quase se deixou cair de alívio-. E aonde ia?

-Aos estábulos. Ia coxeando.

-OH, obrigado, Judith -disse Ellie enquanto lhe dava um abraço. Saiu do salão e desceu as escadas. Certamente, tinha ido aos estábulos para tentar descobrir quem havia posto o prego na cela.

Oxalá lhe tivesse deixado uma nota, mas estava tão aliviada por saber onde estava que não ficou zangada pelo descuido.

Entretanto, quando chegou a seu destino não viu nem rastro de seu marido. Leavey estava fiscalizando os vários rapazes que estavam trabalhando nos compartimentos, mas nenhum deles parecia conhecer o paradeiro do conde.

-Seguro que não o viram? -perguntou Ellie pela terceira vez-. A senhorita Judith insiste em que o viu entrar nos estábulos.

-Deve ter sido enquanto estávamos exercitando aos cavalos - respondeu Leavey.

-E quanto tempo faz disso?

-Várias horas.

Ellie suspirou com impaciência. Onde estava Charles? E então viu algo estranho. Algo vermelho.

-O que é isto? -sussurrou enquanto se ajoelhava. Pegou um punhado de palha.

-O que acontece, milady? -perguntou Leavey.

-É sangue - respondeu ela com a voz tremente. Na palha.

-Está certa?

Ela a cheirou e assentiu.

-Meu Deus -olhou Leavey, pálida como o papel-. O levaram. meu Deus, alguém o levou.

O primeiro pensamento de Charles quando recuperou a consciência foi que não voltaria a beber nunca mais. Já tinha tido outras ressacas, mas nunca havia sentido aquela agonia tão dolorosa. Mas então disse a si mesmo que era de dia e que não tinha bebido e...

Grunhiu à medida que ia recuperando porções de lembranças. Alguém tinha o golpeado na cabeça com a culatra de um rifle.

Abriu os olhos e olhou a seu redor. Pareceu estar em um dormitório de uma casa abandonada. Os móveis eram velhos e estavam cheios de pó e o ambiente cheirava a mofo. Tinha os pés e as mãos atadas, coisa que não o surpreendeu.

Sinceramente, o que sim o surpreendeu foi não estar morto. Estava claro que alguém queria matá-lo. Que sentido tinha seqüestrá-lo antes? A menos, claro, que seu inimigo tivesse intenção de revelar sua identidade antes do golpe de graça.

Entretanto, ao fazê-lo, o assassino tinha dado mais tempo a Charles para pensar e planejar, e jurou escapar e levar seu inimigo diante da justiça. Não sabia como ia fazer, amarrado e com um tornozelo torcido, mas não tinha nenhuma intenção de abandonar este mundo às poucas semanas de ter encontrado o amor verdadeiro.

O primeiro que tinha que fazer era desatar as mãos, de modo que localizou uma cadeira quebrada que estava em um canto. As partes quebradas pareciam afiadas e começou a esfregar as cordas contra um ângulo estilhaçado. Ia demorar bastante em

cortar as grossas cordas, mas seu coração dava um salto cada vez que notava como uma fibra cedia sob a fricção.

Depois de cinco minutos de esfregar, Charles ouviu como uma porta se fechava no outro quarto e em seguida colocou as mãos junto ao corpo. Começou a mover-se para o centro do quarto, onde o tinham deixado inconsciente, mas em seguida decidiu ficar onde estava. Podia fingir que tinha cruzado o quarto para apoiar-se na parede.

Ouviu várias vozes, embora não podia distinguir o que diziam os captores. Reconheceu o tom de voz próprio dos bairros baixos de Londres e deduziu que teria que se ver com valentões assalariados. Não tinha sentido que seu inimigo procedesse do obscuro de Londres.

Após um minuto ou dois, ficou claro que os captores não tinham nenhuma intenção de comprovar seu estado. Charles decidiu que deviam estar esperando à pessoa que os havia pago, assim seguiu esfregando a corda.

Não sabia quanto tempo havia ficado ali, movendo as mãos de um lado a outro contra a madeira quebrada, mas quase não havia conseguido um terço de seu objetivo quando ouviu outra portada, que desta vez veio seguido de uma voz claramente refinada.

Charles colocou as mãos ao corpo e afastou a cadeira com o ombro. Se não se equivocava, o inimigo iria querer vê-lo imediatamente e...

A porta do quarto abriu. Conteve o fôlego. Uma silhueta se desenhava sob a soleira.

-Bom dia, Charles.

-Cecil?

-Em pessoa.

Cecil? Seu primo que não sabia falar? que sempre se dedurava quando eram pequenos? que sempre tinha experimentado um prazer exagerado pisando em insetos?

-É duro de cortar -disse Cecil-. Ao final, dei-me conta de que vou ter que fazer eu mesmo.

O conde supôs que teria que ter prestado mais atenção à fixação de seu primo com os insetos mortos.

-Que diabos acha que está fazendo, Cecil? -perguntou.

-Me assegurando meu lugar como seguinte conde de Billington.

Charles ficou olhando.

-Mas se nem sequer é o seguinte na linha de sucessão. Se me matar, o título vai parar à mãos de Phillip.

-Phillip está morto.

Charles ficou gelado. Phillip nunca tinha caído bem, mas tampouco tinha lhe desejado algum mal.

-O que lhe fez? -perguntou, com voz rouca.

-Eu? Não lhe fiz nada. As dívidas de jogo de nosso querido primo acabaram com ele. Acho que ao final um de seus credores perdeu a paciência. Ontem mesmo o atiraram do Támesis.

-E, claro, suponho que você não teve nada com suas dívidas.

Cecil se encolheu de ombros.

-Pode ser que indicasse onde jogar uma ou duas vezes, mas sempre por petição dele.

Charles amaldiçoou em voz baixa. Deveria ter vigiado a seu primo, deveria ter se dado conta de que o jogo estava se convertendo em um problema perigoso. Possivelmente poderia ter rebatido a influência de Cecil.

-Phillip deveria ter ido a mim -disse-. O teria ajudado.

-Não se martirize, primo -disse Cecil estalando a língua-. Pouco poderia fazer por nosso querido Phillip. Tenho a sensação de que aqueles credores teriam ido a ele independentemente de quão depressa pagasse suas dívidas.

Quando Charles compreendeu o que Cecil estava dizendo, enfureceu-se.

-Você o matou -sussurrou-. Lançou-o ao Támesis e em seguida arrumou para que parecesse que tinham sido os credores.

-Um bom plano, não parece? demorei mais de um ano em executá-lo; ao fim e ao cabo, tinha que me assegurar de que as conexões de Phillip com o submundo de Londres eram públicas e notórias. Tinha tudo perfeitamente planejado -enfureceu-se-, mas então você arruinou tudo.

-Como? Nascendo? -perguntou Charles, perplexo.

-Se casando com aquela estúpida filha do vigário. Não ia te matar, sabe? O título nunca me importou; só queria o dinheiro. Estava contando as horas até seu trigésimo aniversário. Estive me regozijando com o testamento de seu pai desde instante em que foi lido. Ninguém pensava que acabaria obedecendo suas ordens. Toda sua vida levaste ao contrário.

-E então me casei com Ellie -disse Charles com a voz neutra.

-E então me dei conta de que tinha que te matar. Assim de singelo. O vi quando começou a cortejá-la, assim que o tentei afrouxando a rosca da roda da carruagem, mas só saiu machucado. E em seguida organizei a queda da escada. Isso foi difícil, te digo isso. Tive que trabalhar depressa. E não teria podido fazê-lo se a escada não estivesse estado em tão más condições.

Charles recordou a intensa dor que havia sentido quando a madeira da escada tinha aberto a pele e se sacudiu de raiva.

-Houve bastante sangue -continuou Cecil-. Estava olhando do bosque. Pensei que tinha conseguido, até que vi que só tinha talhado o braço. Esperava uma ferida no peito.

-Lamento muito não ter te agradado -disse Charles muito seco.

-Ah, sim, a famosa acuidade dos Billington. Vejo que não perde o estoicismo.

-Está claro que o necessito em momentos como este.

Cecil meneou lentamente a cabeça.

-A acuidade não te salvará desta vez, primo.

Charles o olhou fixamente.

-Como pensa fazê-lo?

-Rápido e sem dor. Nunca quis te fazer sofrer.

-Pois o veneno que deu a minha mulher não sentou muito bem.

Cecil soltou um longo suspiro.

-É que sempre se intromete. Embora provocou o bonito incêndio da cozinha. Se tivesse feito mais vento, faria o trabalho por mim. Me disseram que você mesmo apagou as chamas.

-Deixa Ellie fora de tudo isto.

-Em qualquer caso, desculpo-me pela virulência do veneno. Disseram-me que seria indolor. Obviamente, enganaram-me.

Charles separou os lábios, incrédulo.

-Não posso me acreditar que esteja pedindo desculpas.

-Não perdi as maneiras... só os escrúpulos.

-Seu plano vai fracassar -disse Charles-. Pode me matar, mas não herdará minha fortuna.

Cecil tamborilou os dedos contra sua bochecha.

-Me deixe pensar. Não tem filhos. Se morrer, o conde passa a ser eu -encolheu-se de ombros e riu-. Parece-me bastante singelo.

-Será conde, mas não conseguirá o dinheiro. Só herdará a propriedade. Wycombe Abbey vale dinheiro, mas, como conde, não poderá vendê-la, e a manutenção custa uma

fortuna. Terá os bolsos mais vazios que agora. Por que diabos acha que estava tão desesperado por me casar?

As sobranceiras de Cecil se encheram de gotas de suor.

-Do que está falando?

-Minha fortuna será para minha mulher.

-Ninguém deixa uma fortuna assim a uma mulher.

-Eu o fiz -disse Charles com um sorriso.

-Mente.

Tinha razão, mas Charles não considerou indicado dizer-lhe. Na realidade, havia planejado modificar o testamento para deixar toda a fortuna a Ellie; mas ainda não o havia feito. Encolheu os ombros e disse:

-É um risco que terá que correr.

-Aí é onde se equivoca, primo. Também posso matar sua mulher.

Charles sabia que diria isso, mas sabê-lo não evitou que lhe fervesse o sangue.

-De verdade acha -perguntou arrastando as palavras- que pode matar o conde e à condessa de Billington, herdar o título e a fortuna e não ser suspeito dos assassinatos?

-Claro..., se não forem assassinatos.

Charles entrecerrou os olhos.

-Um acidente -fantasiou Cecil-. Um terrível e trágico acidente, que lhes afaste para sempre de seus seres queridos. Sentiremos muito. Ficarei de luto um ano inteiro.

-Muito amável.

-Maldita seja, mas agora vou ter que enviar aqueles idiotas por sua mulher -disse assinalando com a cabeça para a porta.

Charles começou a brigar com as cordas das mãos.

-Se tocar um fio de cabelo da cabeça...

-Charles, acabo de dizer que vou matá-la - disse Cecil rindo-. Eu não me preocuparia muito por seu cabelo, não acha?

-Arderá no inferno por isso.

-Sem dúvida, mas antes passarei bem na terra - esfregou o queixo-. Não confio neles. É incrível que tenha conseguido te trazer aqui sem contratempos.

-O galo que tenho na cabeça demonstra que não foi «sem contratempos».

-Já sei! Escreverá uma nota. Tirá-la da segurança da casa. Percebi que ultimamente estão como dois pombinhos. Faça acreditar que organizou um encontro íntimo. Virá correndo. As mulheres sempre o fazem.

Charles começou a pensar muito depressa. Cecil não sabia que Ellie e ele já tinham adivinhado que alguém queria lhes fazer mal. Ela nunca acreditaria que tivesse organizado um encontro em meio daquela situação. Em seguida suspeitaria que acontecia algo. Estava seguro.

Entretanto, não queria levantar suspeitas mostrando-se muito disposto a escrever a nota. Virou a cara e cuspiu.

-Não farei nada para atrair Ellie à morte.

Cecil se aproximou e o colocou de pé.

-Vai morrer de todas formas, assim será melhor que o faça contigo.

-Terá que me desatar as mãos -disse Charles com voz neutra.

-Não sou tão estúpido como pensa.

-Nem eu sou tão hábil como pensa -respondeu Charles-. Quer que minha letra pareça a de um menino pequeno? Ellie não é tola. Se receber uma nota com uma letra que não é a minha, suspeitará.

-Está bem. Mas não tente nenhum heroísmo. -Cecil tirou uma faca e uma pistola. Utilizou a faca para lhe cortar a corda das mãos e manteve a pistola apontada para cabeça.

-Tem papel? -perguntou Charles com sarcasmo-. Uma pluma? Tinta, possivelmente?

-Se cale. -Cecil passeou pelo quarto, sem deixar de apontar a seu primo, que tampouco poderia ter ido muito longe com os pés atados-. Maldição.

Charles se pôs a rir.

-Se cale! -gritou Cecil. Virou-se para a porta e gritou: Baxter!

Apareceu um homem corpulento.

-O que?

-Me traga papel. E tinta.

-E uma pluma - acrescentou Charles.

-Não creio que haja nada disso por aqui - disse Baxter.

-Pois vá comprar! -gritou Cecil sacudindo todo o corpo de raiva.

Baxter cruzou os braços.

-Ainda não me pagou por seqüestrar o conde.

-Pelo amor de Deus - disse Cecil entre dentes-. Trabalho com idiotas.

Charles observou com grande interesse como Baxter obscurecia a expressão. Possivelmente pudesse convencê-lo para que traísse seu primo.

Cecil lhe lançou uma moeda. O fornido homem se ajoelhou para recolhê-la, mas não sem antes olhá-lo com ódio. Deu meia volta, mas se deteve quando seu chefe gritou:

-Espera!

-E agora o que? -perguntou Baxter.

Cecil assinalou Charles com a cabeça.

-Volte a atá-lo.

-Por que o desatou?

-Não é da sua conta.

Charles suspirou e ofereceu os pulsos a Baxter. Embora gostaria de brigar por sua liberdade, agora não era o momento. Nunca poderia com aquele tipo e com Cecil, que ainda ia provido da faca e a pistola. Sem mencionar que tinha os tornozelos atados e um deles torcido.

Charles suspirou quando Baxter lhe atou as mãos com uma corda nova. Todo o trabalho tentando gastar a corda para nada. Ao menos, esta vez não apertou tanto o nó e o sangue podia circular com normalidade.

O tipo saiu do quarto, e Cecil o seguiu até a porta, de onde agitou a pistola na direção de Charles e disse muito seco:

-Não se mova.

-Como se pudesse -disse o conde entre dentes enquanto tentava mover os pés dentro das botas para que o sangue circulasse. Ouviu que seu primo falava com o amigo de Baxter, ao que ainda não havia visto, mas não pôde escutar o que diziam. Ao cabo de um ou dois minutos, Cecil retornou e se sentou em uma cadeira desmantelada.

-E agora o que? -perguntou Charles.

-Agora, é esperar.

Entretanto, ao cabo de alguns momentos, Cecil começou a mover as pernas. Charles se alegrou de seu desconforto.

-Aborrecido? -perguntou.

-Impaciente.

-Ah, claro. Quer me matar e acabar com tudo isto.

-Exato. -Cecil começou a tamborilar os dedos contra a coxa e a estalar a língua seguindo o ritmo.

-Vai me deixar louco - disse Charles.

-Não é algo que me tire o sono.

O conde fechou os olhos. Estava claro que já tinha morrido e estava no inferno. O que podia ser pior que ficar várias horas encerrado com um inquieto Cecil que, por certo, planejava matá-lo e a sua mulher?

Abriu os olhos.

Seu primo estava segurando um baralho de cartas.

-Quer jogar? -perguntou.

-Não - respondeu Charles-. Sempre foi um trapaceiro.

Cecil se encolheu de ombros.

-Dá igual. Não posso tirar o dinheiro a um morto. Uy perdoa, sim que posso. De fato, tirarei tudo o que possui.

Charles voltou a fechar os olhos. Tinha flertado com o diabo quando se perguntou o que podia ser pior que ficar apanhado com Cecil.

Agora sabia. Ia ter que jogar a cartas com esse desgraçado. O mundo não era justo. Para nada.

As mãos de Ellie tremiam enquanto desdobrava a nota que acabava de receber do mordomo. Leu em silêncio as linhas e conteve a respiração.

“Minha querida Eleanor:

Passei todo o dia organizando uma saída romântica para nos dois sozinhos. Se reúna comigo no balanço dentro de uma hora.

“Seu devoto marido, Charles.”

Ellie olhou Helen, que não se moveu de seu lado na última hora.

-É uma armadilha - sussurrou enquanto lhe dava a nota.

A prima de Charles a leu e levantou o olhar.

-Como está tão certa?

-Nunca me chamaria Eleanor em uma nota pessoal como esta. E menos se estivesse planejando algo romântico. Chamaria-me Ellie. Com certeza.

-Não sei - disse Helen. Estou de acordo em que há algo que não encaixa, mas tiram todas essas conclusões pelo simples fato de que não tenha te chamado por seu apelido?

Ellie ignorou a pergunta.

-Além disso, desde que alguém pôs o prego debaixo da cela de montar estabeleceu medidas de segurança draconianas. De verdade acha que me enviaria uma nota me pedindo que fosse sozinha a uma área deserta?

-Tem razão - disse Helen com firmeza-. O que pensa fazer?

-Terei que ir.

-Não pode!

-Como, se não, vou descobrir onde está?

-Mas, Ellie, farão-lhe mal. Seguro que quem levou Charles também quer te matar.

-Terá que procurar ajuda. Pode esperar no balanço e ver o que acontece. E quando me pegarem segue-os.

-Ellie, parece muito perigoso.

-Não há outra forma - respondeu ela, com firmeza-. Não podemos salvar Charles se não soubermos onde está.

Helen meneou a cabeça.

-Não temos tempo para ir pedir ajuda. Tem que estar no balanço dentro de uma hora.

-Tem razão. -Ellie suspirou nervosa-. Então teremos que salvá-lo nós mesmas.

-Está louca?

-Sabe disparar?

-Sim -respondeu Helen-. Meu marido me ensinou.

-Perfeito. Espero que não tenha que fazê-lo. Irá com Leavey até o balanço. É o criado em quem Charles confia mais -de repente enrugou o gesto-. OH, Helen, no que estou pensando? Não posso te pedir que faça isto.

-Se você for eu vou - disse a mulher, decidida.

-Charles me salvou quando meu marido morreu e não tinha aonde ir. Agora chegou o momento de lhe devolver o favor.

Ellie juntou as mãos frente ao peito.

-OH, Helen, Charles tem sorte de que seja sua prima.

-Não - corrigiu ela. Tem sorte de que você seja sua mulher.

CAPÍTULO 23

Ellie não contava com que a golpeassem na cabeça, mas, além disso, tudo estava saindo conforme o planejado. Tinha esperado junto ao balanço, comportou-se como uma estúpida e, com voz aguda, tinha gritado «Charles?» quando tinha ouvido passos a suas costas, e se tinha resistido, embora não muito, quando tinha notado que alguém a agarrava por trás.

Mas estava claro que resistiu mais do que o atacante esperava, porque o homem tinha amaldiçoado em voz baixa e a tinha golpeado na cabeça com algo que parecia um híbrido entre uma rocha enorme e um relógio de pé. O golpe não a deixou inconsciente, mas sim enjoada e nauseabunda, estado que piorou quando o captor a meteu em um saco e a pendurou pelo ombro.

Entretanto, não a havia revistado, e não tinha encontrado as duas diminutas pistolas que havia escondido nas meias.

Grunhiu enquanto ia dando tombos e tentava, com todas suas forças, não esvaziar o conteúdo de seu estômago. Após uns trinta segundos, deixaram-na sobre uma superfície dura, e logo compreendeu que estava na parte traseira de um coche.

Também ficou claro que seu captor não fez nada para evitar os buracos pelo caminho. Se saísse viva daquilo, ia ter todo o corpo machucado.

Viajaram uns vinte minutos. Ellie sabia que Helen e Leavey iam a cavalo, de modo que poderiam segui-la com facilidade. Só rezava para que pudessem fazê-lo sem que os vissem.

Finalmente, o coche se deteve e Ellie notou que a levantavam no ar sem nenhuma delicadeza. Carregaram-na durante um instante e logo ouviu que abria uma porta.

-Tenho-a! -gritou seu captor.

-Excelente - aquela nova voz era refinada, muito refinada. Traga-a aqui dentro.

Ellie ouviu como se abria outra porta e em seguida, alguém começou a desatar o saco. Alguém o segurou por baixo e a deixou rodar pelo chão em um matagal de braços e pernas.

Ela piscou, porque seus olhos necessitavam um tempo para acostumar-se à nova luz.

-Ellie? -era a voz de Charles.

-Charles? -levantou-se e ficou de pedra diante do que viram seus olhos-. Está jogando a cartas? -se não tivesse uma boa explicação para tudo aquilo, ela mesma o mataria.

-Na realidade, é bastante complicado - respondeu ele, ao tempo que levantava as mãos, para que visse que as tinha atadas.

-Não o entendo - disse Ellie. A cena era absolutamente surrealista-. O que está fazendo?

-Eu viro as cartas - disse o outro homem. Jogamos vinte-e-um.

-E você quem é? -perguntou ela.

-Cecil Wycombe.

Ellie se virou para Charles.

-Seu primo?

-O próprio - respondeu ele-. Não é a pura imagem da devoção filial? Também trapaceia nas cartas.

-O que acha que pode ganhar com isto? -perguntou Ellie a Cecil. Colocou os braços em jarra, com a esperança de que não se desse conta de que não haviam amarrado-a-. Nem sequer é o seguinte na linha de sucessão.

-Matou Phillip -respondeu Charles com voz neutra.

-Você. Condessa - ladrou Cecil-. Sente-se na cama até que terminemos esta mão.

Ellie abriu a boca. Queria continuar jogando a cartas? Movida basicamente pela surpresa, dirigiu-se docilmente até a cama e se sentou. Cecil repartiu uma carta a Charles e levantou um canto para que este pudesse vê-la.

-Quer outra? -perguntou.

O conde assentiu.

Ellie aproveitou o tempo para analisar a situação. Obviamente, Cecil não a considerava uma ameaça, porque nem sequer havia se incomodado em atar suas mãos antes de mandá-la sentar-se. É obvio, tinha uma pistola em uma mão, e ela tinha a impressão de que não duvidaria em utilizá-la contra ela se fizesse algum movimento em falso. E logo ficavam os dois tipos corpulentos, que estavam na porta com os braços cruzados enquanto observavam a partida de cartas com expressões de irritação.

Entretanto, os homens podiam ser uns idiotas. Sempre subestimavam às mulheres.

Em um momento em que Cecil estava ocupado com as cartas, os olhares de Ellie e Charles se cruzaram, e ela o dirigiu para a janela, tentando lhe fazer saber que tinha trago reforços.

Embora em seguida não pudesse evitar perguntar:

-Por que estão jogando cartas?

-Estava aborrecido - respondeu Cecil. E demorou mais em chegar do que pensava.

-E agora temos que seguir jogando - explicou Charles-, porque se nega a parar enquanto eu ganhe.

-Não havia dito que fazia trapaças?

-Sim, mas não sabe.

-Ignorarei o comentário - disse Cecil-, posto que vou te matar mais tarde. Parece-me justo. Quer outra carta? Charles meneou a cabeça. -Planto.

Cecil girou suas cartas, e logo as do Charles. -Maldição! -amaldiçoou.

-Volto a ganhar - disse Charles com um sorriso despreocupado.

Ellie notou em que um dos homens da porta punha os olhos em branco.

-Vejamos - fantasiou Charles-. Quanto deveria a estas alturas? Se não fosse me matar, claro.

-Para sua desgraça, isso não é discutível -disse Cecil em um tom malicioso-. E agora se cale enquanto embaralho as cartas.

-Podemos terminar com isto? -perguntou um dos homens fornidos-. Só nos paga um dia.

-Se cale! -gritou Cecil sacudindo todo o corpo com a força da ordem.

-Estou jogando cartas.

-Nunca me ganhou em nada - informou Charles ao homem enquanto se encolhia de ombros.

-Jogos, caça, cartas, mulheres. Imagino que quer fazê-lo uma vez antes que eu morra.

Ellie mordeu o lábio inferior, tentando decidir como tirar proveito da situação. Podia tratar de disparar contra Cecil, mas duvidava que pudesse tirar uma das pistolas antes que seus capangas a detiveram. Nunca havia sido muito atlética e fazia tempo que tinha aprendido a confiar mais em seu engenho que em sua força ou sua velocidade.

Olhou os dois tipos, que agora pareciam muito irritados com Cecil. Perguntou-se quanto teria pagado. Seguro que muito, para convencê-los daquela estupidez.

Mas ela podia lhes pagar mais.

-Tenho que ir ao toalete! -gritou.

-Agüente -ordenou Cecil ao tempo que virava as cartas-. Maldita seja!

-Voltei a ganhar -disse Charles.

-Deixa de dizer isso!

-Mas é verdade.

-Disse que se cale! -Cecil agitou a pistola no ar. Charles, Ellie e os dois homens se agacharam, mas, por sorte, não disparou nenhuma bala. Um dos tipos murmurou algo que parecia ofensivo para seu chefe.

-Realmente necessito um momento de privacidade -repetiu Ellie com uma voz estridente.

-Já disse que agüente, Cachorra!

Ela conteve a respiração.

-Não fale assim com minha mulher -espetou Charles.

-Senhor -disse Ellie, desejando não ficar tentando muito à sorte-, está claro que não tem mulher porque, se fosse assim, daria-te contas de que as mulheres são um pouco mais... delicadas... que os homens em alguns aspectos, e de que sou incapaz de fazer o que me pede.

-Eu a deixaria ir -aconselhou Charles.

-Pelo amor de Deus - disse seu primo entre dentes-. Baxter! Leve-a para que faça suas coisas.

Ellie ficou de pé e seguiu Baxter para fora. Assim que ficaram longe de Cecil, sussurrou:

-Quanto o paga?

Ele lhe lançou um ardiloso olhar.

-Quanto? -insistiu ela-. Dobrarei. Não, triplicarei. Olhou para a porta e gritou:

-Depressa! -mas, com a cabeça, indicou que o seguisse para fora.

Ellie o seguiu enquanto sussurrava:

-Cecil é idiota. Aposto a que os enganará quando nos matarem. Além disso, dobro a oferta por ter que me seqüestrar? Não? Pois isso não é justo.

-Tem razão - disse Baxter. Deveria haver me dado o dobro. Só prometeu me pagar pelo seqüestro do conde.

-Darei cinquenta libras se ficar do meu lado e me ajuda a liberar o conde.

-E se não o fizer?

-Então, terá que se arriscar a descobrir se Cecil te paga ou não. Mas, pelo que vi nessa mesa, vais terminar com os bolsos vazios.

-De acordo - assentiu Baxter-, mas primeiro quero ver o dinheiro.

-Não tenho aqui.

Ele fez um gesto ameaçador.

-Não esperava que me seqüestrassem - disse Ellie falando muito depressa. Por que ia trazer tanto dinheiro comigo?

Baxter a olhou fixamente.

-Tem minha palavra - disse ela.

-De acordo, mas, se me enganar, juro que cortarei seu cangote enquanto dorme.

Ellie estremeceu, porque não tinha nenhuma dúvida de que o faria. Levantou uma mão, um gesto que havia combinado com Helen e Leavey para lhes dizer que tudo estava bem. Não os via, mas acreditava que a tinham seguido. Não queria que entrassem na casa e atacassem Baxter.

-O que faz? -perguntou o homem.

-Nada. Afasto o cabelo da cara. Venta muito.

-Temos que voltar.

-Sim, claro. Não queremos que Cecil suspeite - disse Ellie. Mas o que vai fazer? Qual é seu plano?

-Não posso fazer nada até que não fale com Riley. Tem que saber que nos mudamos de lado. Baxter entrecerrou os olhos. Também dará cinquenta libras, não é?

-É obvio - acrescentou Ellie em seguida, dando por certo que Riley era o outro valentão que vigiava a porta.

-Muito bem. Falarei com ele assim que possamos ficar a sós e depois entraremos em ação.

-Sim, mas... -Ellie queria lhe dizer que necessitavam uma estratégia, um plano, mas Baxter já estava arrastando-a para a casa. Meteu-a no quarto de um empurrão e ela cambaleou até a cama. Agora já me encontro muito melhor - anunciou.

Cecil grunhiu algo a respeito de que lhe dava igual, mas Charles a olhou com doçura. Ellie lhe ofereceu um rápido sorriso antes de olhar Baxter, enquanto tentava lembrá-lo que tinha que falar Riley.

Entretanto, este tinha outros planos.

-Eu também tenho que ir - anunciou, e saiu. Ellie olhou Baxter, mas este não seguiu seu amigo. Possivelmente pensava que parecia muito suspeito que saísse após pouco tempo de ter retornado com Ellie.

Entretanto, após um ou dois minutos, ouviram uns golpes muito fortes fora da casa. Todos se levantaram, exceto Charles, que seguia amarrado, e Baxter, que já estava de pé.

-Que demônios foi isso? -perguntou Cecil.

Baxter encolheu de ombros.

Ellie cobriu a boca com a mão. OH, Deus, Riley não sabia que agora trabalhava para ela, e se tinha encontrado a Helen ou a Leavey fora...

-Riley! -gritou Cecil.

Os piores temores de Ellie se tornaram realidade quando Riley entrou com Helen colada a seu corpo e uma faca na garganta.

-Olhem o que encontrei lá fora! -riu torpemente.

-Helen? -disse Cecil, divertido.

-Cecil? -disse a mulher, que não parecia nada divertida.

-Baxter! -gritou Ellie com a voz presa pelo pânico.

Tinha que comunicar a Riley a mudança de planos agora mesmo. Contemplou horrorizada como Cecil se aproximava de Helen e a agarrava. Estava de costas para Ellie, de modo que ela aproveitou o descuido para pegar uma das pistolas que estava nas meias e escondê-la entre as dobras da saia.

-Helen, não deveria ter vindo - disse Cecil com voz suave.

-Baxter, diga agora! - gritou Ellie.

Cecil deu meia volta e a olhou.

-Dizer o que a quem?

Ellie nem sequer parou para pensar. Levantou a pistola, tirou a trava e apertou o gatilho. A explosão estremeceu todo seu braço e a jogou para trás, sobre a cama.

O rosto de Cecil era a imagem da surpresa quando se segurou o peito, perto do pescoço. O sangue saía a fervuras entre os dedos.

-Cachorra - disse entre dentes. Levantou a arma.

-Nãooo! -gritou Charles, que se levantou da cadeira e se equilibrou sobre Cecil. Não conseguiu derrubá-lo, mas ao menos conseguiu o golpear nas pernas e seu primo levantou o braço antes de apertar o gatilho.

Ellie sentiu uma explosão de dor no braço enquanto ouvia como Helen gritava seu nome.

-OH, Meu Deus - sussurrou atônita. Disparou.

-Mas então a surpresa se converteu em raiva. Disparou contra mim! -exclamou.

Levantou o olhar bem a tempo de ver que Cecil estava apontando Charles. Antes de nem sequer ter tempo para pensar, elevou a mão boa, pegou a outra pistola e disparou.

O quarto ficou em silêncio, e esta vez não ficou nenhuma duvida de que estava morto.

Riley ainda tinha uma faca junto ao pescoço de Helen, mas agora parecia que já não sabia o que fazer com ela. Ao final, Baxter disse:

-Solta-a, Riley.

-O que?

-Disse que a solte.

O tipo soltou a faca e Helen correu para o lado do Ellie.

-OH, Ellie - gritou-. É grave?

Ela a ignorou e olhou Baxter.

-Muita ajuda foste.

-Disse a Riley que a soltasse, não?

Ela fez uma careta.

-Se quer ganhar o salário, ao menos desata meu marido.

-Ellie - disse Helen-, deixa que dê uma olhada em seu braço.

Ela baixou o olhar até onde a mão boa cobria a ferida.

-Não posso - sussurrou. Se a tirar o sangue começaria a fluir.

Helen tentou afastar os dedos.

-Por favor, Ellie. Tenho que ver se é muito grave.

Ela choramingou e disse:

-Não, não posso. Verá, quando vejo meu sangue...

Entretanto, Helen já lhe tinha afastado os dedos.

-Já está - disse. Não é tão grave. Ellie? Ellie?

Mas Ellie já havia desmaiado.

-Quem teria dito que Ellie nos sairia tão apreensiva? -disse Helen, várias horas depois, quando a jovem condessa estava comodamente recostada em sua cama.

-Eu não, com certeza -respondeu Charles enquanto amorosamente afastava uma mecha de cabelo da testa de sua mulher-. Ao fim e ao cabo, custou-me uma fileira de pontos no braço que seriam a inveja de qualquer costureira.

-Não têm que falar como se não ouvisse -disse Ellie de má maneira-. Cecil disparou em meu braço, não na orelha.

Diante da menção de seu primo, Charles sentiu uma onda de raiva que começava a lhe resultar familiar. Teria que passar algum tempo antes de que pudesse lembrar os acontecimentos deste dia sem sacudir de raiva.

Tinha enviado alguém para recolher o corpo de Cecil, embora ainda não tinha decidido o que queria fazer com ele. Tinha claro que não ia permitir que o enterrassem com o resto dos Wycombe.

Havia pagado a Baxter e a Riley e os havia soltado depois de que este último lhes mostrasse onde havia deixado o pobre Leavey, que nem sequer havia podido gritar antes de que o golpeasse na cabeça e se levassem Helen.

E agora estava totalmente concentrado em Ellie, e em assegurar de que a ferida de bala não fosse mais grave do que ela dizia. Ao que parecia, a bala não havia afetado nenhum osso nem veia importante, embora Charles houvesse levado o susto de sua vida quando sua mulher havia desmaiado.

Deu-lhe uns tapinhas no braço bom.

-Quão único importa é que está bem. O doutor Summers diz que, com alguns dias de repouso, ficará como nova. E também disse que é muito normal desmaiar quando vê sangue.

-Eu não me desmaio diante do sangue de outros -disse Ellie entre dentes-. Só diante do meu.

-É curioso - brincou Charles-. Ao fim e ao cabo, meu sangue é da mesma cor que o teu. Parecem-me iguais.

Ela lhe fez uma careta.

-Se não vai ser amável, me deixe com a Helen.

A julgar por seu tom, Charles sabia que ela também brincava, assim que se inclinou e lhe deu um beijo no nariz.

De repente, Helen se levantou e disse:

-Irei procurar um pouco de chá.

Charles observou como sua prima saía do quarto e fechava a porta.

-Sempre sabe quando queremos ficar sozinhos, não acha?

-Helen é muito mais perspicaz que nós -disse Ellie. -Possivelmente por isso encaixamos tão bem.

Ela sorriu.

-É verdade.

Charles se sentou a seu lado e a rodeou com o braço.

-Dá-te conta de que, por fim, podemos ter um casamento normal?

-Ao não ter estado casada antes, não havia percebido que o nosso fosse anormal.

-Possivelmente não é anormal, mas duvido que muitos recém casados tenham que suportar envenenamentos e feridas de bala.

-Não se esqueça dos acidentes de carruagem e as explosões de geléia - disse Ellie rindo.

-Sem mencionar os pontos de meu braço, os animais mortos na estufa e os incêndios da cozinha.

-Minha mãe, foi um mês muito movimentado.

-Não sei você, mas eu poderia passar sem tantas emoções.

-Não sei. Não me importam as emoções, embora prefira que sejam de outro tipo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

-A que se refere?

-A que possivelmente Judith gostaria de ter um Wycombe pequeno em quem mandar.

Charles notou que o coração descia aos pés, algo incrível tendo em conta que estava em posição horizontal.

-Está...? -disse, incapaz de dizer uma frase inteira-. Está...?

-Claro que não -disse ela o acariciando no ombro-. Vá, imagino que poderia estar, mas tendo em conta que faz tão pouco que começamos A... já sabe... Nem sequer tive a possibilidade de saber se o estamos ou não e...

-Então, a que se refere?

Ela sorriu com um coquete acanhamento.

-A que não há nenhum motivo pelo qual não possamos começar a tornar realidade esse sonho em concreto.

-Helen voltará com o chá a qualquer momento.

-Baterá na porta.

-Mas seu braço...

-Confio em que irá com muito cuidado. Charles desenhava um lento sorriso.

-Tenho dito ultimamente que te amo?

Ellie assentiu.

-E eu?

-Ele assentiu

-Por que não tiramos essa camisola e tentamos tornar realidade seus sonhos?

EPÍLOGO

Nove meses e um dia depois, Ellie era a mulher mais feliz pelo mundo. E não é que não o fosse no dia anterior, ou o anterior, mas esse dia era especial.

Estava por fim certa de que Charles e ela iriam ter um filho.

Seu casamento, que havia começado quase como um acidente, havia se convertido em algo verdadeiramente mágico. Seus dias eram cheios de risadas, as noites eram cheias de paixão, e seus sonhos, cheios de esperança e desejos.

Sem mencionar sua estufa, que estava cheia de laranjas, graças aos diligentes esforços que Claire e ela tinham dedicado.

Ellie olhou seu abdômen maravilhada. Era muito estranho que uma nova vida estivesse crescendo ali dentro, que uma pessoa que poderia caminhar, andar e teria seu nome e suas idéias próprias estivesse em seu interior.

Sorriu. Já imaginava que seria uma menina. Não sabia por que, mas estava certa de que seria uma menina. Queria chamá-la Mary, como sua mãe. Não acreditava que Charles se importaria.

Ellie cruzou o corredor, procurando seu marido. Maldição, onde estava quando o necessitava? Levava meses esperando aquele momento, lhe dar a maravilhosa notícia, e agora não o encontrava em nenhum lugar. Ao final, abandonou qualquer tipo de decoro e o chamou aos gritos.

-Charles? Charles?

Ele apareceu do outro lado do corredor, segurando uma laranja entre as mãos.

-Boa tarde, Ellie. Por que está tão nervosa?

Ela sorriu.

-Charles, por fim conseguimos.

Ele piscou.

-O que?

-Um filho, Charles. Vamos ter um filho.

-Bom, já era hora. Estou me dedicando a isso em corpo e alma nos últimos nove meses.

Ela ficou boquiaberta.

-Essa é sua reação?

-Bom, se o pensar, se tivéssemos começado desde o começo, agora estaria tendo, em lugar de anunciando-o.

-Charles! -pegou-o no ombro.

Ele estalou a língua e a abraçou.

-Vêem aqui. Sabe que o digo de brincadeira.

-Então, é feliz? Deu-lhe um tenro beijo.

-Mais do que poderia expressar.

Ellie o olhou e sorriu.

-Nunca imaginei que poderia querer a alguém tanto como a ti, mas me equivocava - colocou as mãos em cima do estômago plano. Já amo a nossa filha, muitíssimo, e nem sequer nasceu.

-Filha?

-É uma menina. Estou certa.

-Se você estiver certa, então estou seguro de que tem razão.

-Seriamente?

-Faz tempo que aprendi a não ir contra você.

-Não sabia que tinha te domesticado tão bem.

Charles sorriu.

-Sou um bom marido, não?

-O melhor. E também será um pai excelente.

Emocionou- se quando lhe tocou a barriga.

-Eu também a amo - sussurrou.

-Sim?

Ele assentiu.

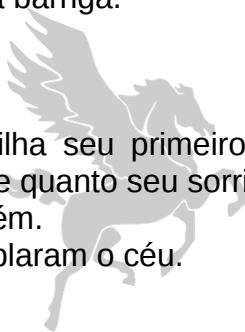
-Quer que mostremos a nossa filha seu primeiro entardecer? Acabo de olhar pela janela. O céu está quase tão brilhante quanto seu sorriso.

-Creio que gostará. E a mim também.

De mãos dadas, saíram e contemplaram o céu.

Uma garota de língua mordaz.

-Sei



FIM